

**Sidney Marlon de Azevedo**

**CONCEPÇÕES DA IDENTIDADE PROFISSIONAL  
DE ESTUDANTES E EGRESSOS DO CURSO DE JORNALISMO  
DA ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA BOM  
JESUS/IELUSC**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, na linha de pesquisa “Jornalismo, Cultura e Sociedade”, do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do grau de mestre em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Kanehide Ijuim

**Florianópolis  
2019**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Azevedo, Sidney Marlon de  
Concepções da identidade profissional de  
estudantes e egressos do curso de jornalismo da  
Associação Educacional Luterana Bom Jesus/Ielusc /  
Sidney Marlon de Azevedo ; orientador, Jorge  
Kanehide Ijuim, 2019.  
166 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de  
Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão,  
Programa de Pós-Graduação em Jornalismo,  
Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Jornalismo e Sociedade. 3.  
Identidade Profissional. 4. Curso de Jornalismo. I.  
Ijuim, Jorge Kanehide. II. Universidade Federal de  
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em  
Jornalismo. III. Título.

**Sidney Marlon de Azevedo**

**CONCEPÇÕES DA IDENTIDADE PROFISSIONAL  
DE ESTUDANTES E EGRESSOS DO CURSO DE JORNALISMO  
DA ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA BOM  
JESUS/IELUSC**

Essa dissertação foi julgada adequada para obtenção do título de Mestre em Jornalismo e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 17 de dezembro de 2018



---

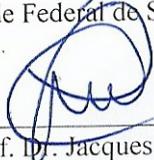
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Carlida Emerim Jacinto Pereira  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo

**Banca examinadora:**



---

Prof. Dr. Jorge Kanehide Ijuim (Orientador)  
Universidade Federal de Santa Catarina



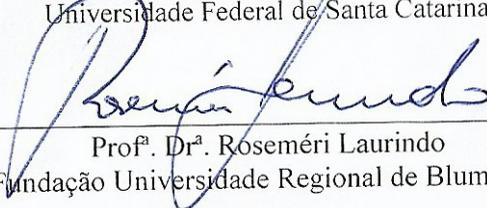
---

Prof. Dr. Jacques Mick  
Universidade Federal de Santa Catarina



---

Prof. Dr. Eduardo Barreto Vianna Meditsch  
Universidade Federal de Santa Catarina



---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Roseméri Laurindo  
Fundação Universidade Regional de Blumenau





Para Sebastião.  
Para Guiomar.  
Para Ernestina.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu o dom da vida e todas as faculdades necessárias para o desenvolvimento deste trabalho.

A meus pais, que me deram suporte contínuo e amoroso, não medindo esforços nos momentos em que mais precisei do apoio deles.

À minha companheira e namorada Luana, parceira de todas as horas, especialmente nos momentos de maior tensão, e a quem agradeço de modo especial os estímulos para o retorno ao universo acadêmico. Acima de tudo, pela compreensão que teve comigo nos momentos de crise.

A meu orientador, Jorge, sereno e tranquilizador, que nunca desistiu de mim e sempre me incentivou a continuar na caminhada.

Aos membros da “família Ijuim” Cândida, Rafael, Criselli e Géssica, que me ajudaram com dicas, sugestões e apoios inesperados.

Ao coordenador do curso de Jornalismo do Bom Jesus/Ielusc e antigo professor Sílvio Melatti, por abrir as portas da instituição para a realização deste trabalho e por ensinar que não se faz jornalismo sem “sujar os sapatos” e a ver beleza informativa até mesmo no Diário Oficial.

Aos professores do Ielusc que me permitiram interromper aulas e que me ajudaram a viabilizar a realização da pesquisa com os estudantes.

Aos colegas de trabalho que sobreviveram à minha ausência durante os dias em que eu estava em aula.

Aos entrevistados que aceitaram participar da atividade e com os quais pude aprender muito e perceber mais do universo jornalístico da cidade em que me fiz homem e jornalista.

Por fim, à Democracia, tão combalida nestes últimos tempos.

Gratidão.

Paz e bem!

## **Resumo**

Este estudo de caso coleta e analisa as concepções da identidade profissional de jornalistas e estudantes de jornalismo da Associação Educacional Luterana Bom Jesus/Ielusc, de Joinville. Os dados para a análise são obtidos por meio de entrevistas. A análise leva em consideração uma perspectiva que vê o jornalista como um profissional que passa por um momento de complexificação das suas condições de trabalho, o que acarreta mudanças no *habitus* (BOURDIEU, 1996) e, de forma substancial, na identidade profissional (DUBAR, 2005 e 2009; LIMA LOPES, 2013). Constatou-se a existência de duas concepções principais de ser jornalista. Uma de vertente técnica, mais preocupada com a qualidade do trabalho e da informação, e outra vinculada a um caráter mais editorial, de produção de discursos, com visão de participar de modo mais incisivo na sociedade.

Palavras-chave: Jornalismo e sociedade; Identidade profissional; Curso de Jornalismo; Bom Jesus/Ielusc.

## **Abstract**

This case study collects and analyzes the conceptions of professional identity of journalists and journalism students of the Bom Jesus / Ielusc Lutheran Educational Association, Joinville. The data for the analysis was collected through interviews. The analysis takes into account a perspective that sees the journalist as a professional who goes through a time of complexity of his working conditions, which leads to changes in the habitus (BOURDIEU, 1996) and, substantially, in the professional identity (DUBAR, 2005 and 2009, LIMA LOPES, 2013). Two main conceptions of journalism were found. One of the technical aspects, more concerned with the quality of work and information, and another linked to a more editorial, speech-producing character, with a view to participate more incisively in society.

**Keywords:** Journalism and society; Professional identity; Journalism course; Bom Jesus / Ielusc.

## **Lista de gráficos**

<b>Gráfico 1</b> – Formados pelo Ielusc conforme as gerações entre 2002-2018	99
<b>Gráfico 2</b> – Localização atual dos egressos do Ielusc	107

## **Lista de tabelas**

<b>Tabela 1</b> – Cinco palavras para caracterizar o Jornalismo – Calouros	108
<b>Tabela 2</b> - Cinco palavras para caracterizar o Jornalismo – Formandos	119
<b>Tabela 3</b> - Cinco palavras para caracterizar o Jornalismo – Egressos	129

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>15</b>
<b>1.</b>	<b>CAPÍTULO I - IDENTIDADE PROFISSIONAL DO JORNALISTA</b>	<b>28</b>
1.1	Noções e pensamentos sobre identidade	28
1.2	Identidade e profissão	37
1.3	Socialização, <i>habitus</i> e identidade	47
1.4	Jornalismo e identidade profissional	53
<b>2.</b>	<b>CAPÍTULO II - JORNALISMO, ENSINO SUPERIOR, IELUSC</b>	<b>71</b>
2.1	Observações sobre o jornalismo na universidade	71
2.2	Graduação em Jornalismo em Santa Catarina	81
2.3	Mercado jornalístico em Joinville	85
2.4	Breve panorama das pesquisas com estudantes de jornalismo	88
<b>3.</b>	<b>CAPÍTULO III - CONCEPÇÕES DA IDENTIDADE PROFISSIONAL</b>	<b>93</b>
3.1	Observações metodológicas	93
3.1.1	Perfis de egressos	96
3.1.2	“Gerações” de egressos	103

<b>3.2</b>	<b>Percepção da identidade profissional por estudantes e egressos</b>	<b>109</b>
<b>3.2.1</b>	<b>Calouros 2018</b>	<b>109</b>
<b>3.2.2</b>	<b>Formandos 2018</b>	<b>119</b>
<b>3.2.3</b>	<b>Egressos</b>	<b>129</b>
<b>3.3</b>	<b>Observações</b>	<b>149</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>154</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>160</b>
	<b>Anexos</b>	<b>167</b>



## INTRODUÇÃO

Apresento esta dissertação num momento triste. Há sob as tintas destas páginas um acúmulo tal de tensões que eu jamais imaginei que um dia viveria. Sombras nebulosas de um passado distante repentinamente se puseram como palpáveis nevoeiros presentificados por diversas manchetes, ou linhas-feitas-para-parecerem-ser-manchetes, de notícias-que-não-tão-notícias-assim, em *smartphones* e aplicativos de mídias sociais as mais diversas. Milhões de brasileiros parecem ter aceitado a brutalização da política, ainda que isso conduza a um possível fim da democracia e da vida em sociedade para a qual o Jornalismo busca propiciar ou deveria buscar propiciar, pelo menos. O roubo sistemático de elementos de linguagem jornalística para o uso em notícias falsas talvez ainda precise ser melhor entendido para compreender o que se pode fazer para melhorar as condições do exercício do Jornalismo de modo a recuperar credibilidade para reabrir o espaço público para a convivência pacífica do contraditório. Não sei em que medida estas minhas páginas serão úteis para isso, e mesmo se o serão, mas acredito que elas podem fornecer elementos de reflexão sobre o como a formação dos jornalistas pode ser pensada para os próximos anos. Parcela do trabalho, preciso delinear desde já, foi significativamente afetada pelo ambiente das eleições recentes, tanto nas palavras escritas quanto em parcela das entrevistas coletadas. Trago este elemento logo neste extenso *lead* do trabalho, se assim posso chamar, porque entendo que é um sentimento que o perpassa de forma intensa. E peço que me perdoem desde já o tom algo sentimental deste início do texto.

A proposta para esta pesquisa nasceu de minhas inquietações sobre como estudantes de jornalismo se tornam, de fato, jornalistas. Não meramente num grau estatutário. Isso poderia ser facilmente simbolizado por um marco temporal como um registro na carteira de trabalho, um vínculo com uma empresa jornalística ou, simplesmente, a conclusão do curso de nível superior em Jornalismo. Refiro-me antes a um grau identitário, de quando o indivíduo que começa o curso de Jornalismo vai se dando conta de que é jornalista. Talvez essa questão, um tanto difícil de definir, pudesse se traduzir em uma pergunta de resposta igualmente difícil: “O que faz com que alguém tome consciência de ser um jornalista?”

Não há como negar o peso de observações pessoais nessa questão. Expressar um pouco delas pode ajudar a definir melhor o objeto em estudo neste trabalho. Uma das principais formas de identificar um jornalista parece se dar pela sua ligação a uma empresa jornalística.

Jornalistas, presumo que o senso comum mais básico não hesitaria em dizer, são aqueles que apresentam e comentam notícias ou conduzem entrevistas em e para meios de comunicação. Um segundo nível de senso comum talvez incluísse todos os profissionais envolvidos na elaboração de um produto jornalístico, como repórteres, editores, fotógrafos, diagramadores, cinegrafistas, colunistas, produtores, chargistas, entre outros. Mas, de alguma forma, todos vinculados a uma empresa jornalística. Seria isso mesmo?

Minha experiência pessoal em uma empresa jornalística foi breve. Atuei por pouco mais de seis meses como estagiário no jornal A Notícia, de Joinville, em 2010. Na época o próprio jornal passava por uma remodelação completa de princípios, após sua aquisição pelo grupo RBS, sendo a principal mudança o foco em uma cobertura extremamente regionalizada. Anteriormente, o mesmo jornal era expoente estadual e ainda havia na redação algo dessa aura. Ter conseguido entrar nesse estágio poderia ser o ápice de aproximação ao jornalismo para um estudante de graduação naquela cidade do norte de Santa Catarina. Era a experiência mais próxima a um emprego formal na profissão. O encanto, porém, acabou com o desligamento do estágio, no momento em que eu estava para concluir o curso. E as dificuldades para conseguir um emprego no jornalismo logo se tornaram evidentes. De imediato, vinham as redações de jornais impressos à mente. Depois as rádios, as TVs, as agências de comunicação e, por último, a possibilidade da assessoria de imprensa. A dúvida, quando eu começava a pensar da possibilidade de agências em diante, era se eu tinha como ser jornalista fora de uma redação. Eu não me sentia preparado para pensar nessa ideia. O que eu tinha eram conhecimentos para a elaboração de planos de comunicação, de releases, do que era mais importante para pensar a disseminação de valores de uma empresa ou instituição na sociedade. Mas isso não resolvia o dilema ontológico que surgia. Sim, para além do dilema ético, talvez mais fácil de se perceber e até de considerar respostas, há também uma questão ontológica. É-se jornalista em assessoria? É-se jornalista trabalhando em outros aspectos da comunicação pública? É-se jornalista simplesmente sendo formado na área? Em que medida essa profissão está ligada à institucionalidade de uma obra jornalística? E como tais questões se apresentam para os alunos de graduação em Jornalismo?

Ainda que esses questionamentos possam parecer algo vinculado a uma circunstância pontual, é difícil não os considerar como oriundos de um fenômeno ampliado. O número de graduados em jornalismo é cada vez maior. No estado de Santa Catarina há, conforme levantamento de

2016, 15 cursos de jornalismo em operação (LAURINDO e KORTE, 2016). Em 2000 eram seis os cursos no estado. Considerando o contingente de jornalistas em formação e um mercado de empresas jornalísticas que têm fechado vagas, pelo menos as formais, sem, aparentemente, ter a pretensão de reabri-las, entendo ser legítimo perguntar o que pode ocorrer com aqueles formandos que não exerceram até o momento e que talvez nunca venham a exercer o jornalismo numa redação. Levantamento da pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro, a mais abrangente até o momento sobre a população jornalística no país, cuja coleta de dados foi em 2012, aponta que 54,5% dos jornalistas tem seu trabalho predominante na mídia (redações, sejam de empresas jornalísticas - jornais e agências de notícias), 40,3% dos jornalistas tem seu principal trabalho fora da mídia, sendo a principal função desse grupo a de assessoria de imprensa; enquanto os demais 5,2% trabalham de forma majoritária na docência (MICK e LIMA, 2013, p. 51). Porém, esses dados remetem a uma situação nacional generalizada e que, conforme os autores, essa classificação do tipo do trabalho é “algo imperfeita, pois há variados graus de sobreposição entre o que seriam as atividades típicas de jornalistas em mídia e em assessoria de imprensa, por exemplo” (*id.*, p. 49). Uma das questões a serem delineadas para pensar esses dados de abrangência nacional é a geográfica. Apontam os autores que em São Paulo, onde a concentração de empresas jornalísticas é maior, também tendem a se aglutinar os jornalistas com trabalho predominante na mídia (*ibid.* p. 53). O que não ocorre, todavia, em estados como Santa Catarina, em que a tendência de redução das vagas é crescente.

Basta observar que ainda antes do desenvolvimento deste texto de dissertação, no final de 2016 um dos diários impressos de Joinville, o Notícias do Dia, do Grupo RIC/Record, deixou de circular. No final de 2017, o quase centenário A Notícia, passada quase uma década da aquisição pelo grupo RBS e posterior aquisição pelo grupo NSC, demitiu metade dos repórteres de sua equipe, passando a contar, então, com seis repórteres e sete editores. Em 2010, eram 65 os jornalistas na redação. Seis anos depois, quando, uma redução de 65%, passando o jornal a ter 23 profissionais, entre repórteres, editores, columnistas, fotógrafos e diagramadores (MICK e KAMRADT, 2017). Da mesma forma, em meados de 2018, a redação do jornal foi transferida para o mesmo local da redação de TV e o imóvel onde ficavam redação e parque gráfico (este atualmente desativado) está à venda.

Pode-se argumentar que os jornalistas desvinculados de empresas, bem como os estudantes, poderão encontrar seu espaço no mercado de assessoria, à medida que essa função tem sido incorporada a empresas dos

mais variados segmentos e que a formação em jornalismo tem dado maior atenção a essa possibilidade de trabalho. Porém, isso implicaria alguma espécie de mudança no ser jornalista?

Neste ponto, retomo mais uma vez minha situação pessoal para refletir sobre o objeto e buscar sua delimitação. Desde minha saída do jornal no início de 2011 até o início de 2014, não exerci nenhuma função que pudesse ser chamada de jornalística. Já formado e sem saber como encontrar emprego na área, inclusive intrigado sem saber como alguns colegas conseguiam trabalhos de *freelance*, cogitei me formar em outra graduação. Nessa época, a única opção de entrada plausível no jornalismo para mim eram os concursos públicos. Por meio de um deles, acabei por tornar-me jornalista em um Poder Legislativo municipal e me deparei com uma situação curiosa. O meu cargo na instituição é o de jornalista - tendo, aliás, o claríssimo nome de jornalista. O grupo de jornalistas da instituição se propõe a fazer jornalismo, num ambiente que pouco muda em relação a uma redação de jornal, mas, em muitos momentos, o trabalho dessa equipe é tratado como assessoria de imprensa, contradição que conduz a dúvidas constantes sobre como ser um jornalista dentro da estrutura do Estado. Isso é tão contraditório assim?

Vinham então outras perguntas: O que eu faço é jornalismo mesmo? Encaixa-se antes em algum tipo específico de jornalismo (um jornalismo público ou jornalismo institucional)? Para que o jornalismo seja jornalismo ele depende necessariamente de uma disposição de “cão de guarda da democracia”? Como seria possível fazer isso dentro de um dos espaços que o jornalismo deveria olhar de longe para o vigiar? Esse estado de ânimo, por assim dizer, não seria apenas mais condizente a uma configuração histórica contingente do jornalismo do que o seu desenho definitivo? O jornalismo depende do vínculo a um produto jornalístico? Notícias em um site de câmara de vereadores são um produto jornalístico? E as notícias e até reportagens que produzo são menos jornalismo que as de um jornal? E isso mesmo que jornais locais acabem dependendo — e não pouco — de verba pública para manter suas operações? E essa tal de assessoria de imprensa que dizem que eu faço é jornalismo ou é apenas um trabalho que pode ser feito por jornalistas?

Essas perguntas trazem possibilidades interessantes de reflexão sobre quais são os limites de categorias como Jornalismo e jornalista. O que define o jornalista talvez não seja necessariamente o local em que trabalha, nem tanto sua função ou estado de espírito, ainda que esses aspectos possam ser importantes em uma caracterização “mitológica”, se assim podemos dizer, da atividade. Mas os movimentos mais recentes no

universo da atividade conduzem a um caminho no qual é possível pensar no jornalista como detentor de um saber que pode ser exercido em diferentes situações. Isso permitiria que a atividade jornalística fosse mais facilmente categorizável como profissão dentro de parâmetros “clássicos” considerados pela sociologia das profissões. Isso permitiria ainda que o jornalismo em si não se caracterize de forma simples como o resultado de um trabalho coletivo, uma obra coletiva, que busca representar uma face contingente do mundo, mas antes um fazer-saber e saber-fazer que permite a existência de tais obras coletivas. Diante desse pequeno mundo de dúvidas e reflexões com as quais me deparei na transição da academia para o mercado, construo o objeto de pesquisa aqui apresentado, pensando de modo particular nos estudantes que atravessam, no momento atual, esse caminho e também nos egressos que por ele já transitaram e podem, hoje, demonstrar uma visão distinta do campo jornalístico.

Isso porque uma carreira estável em uma redação convencional parece hoje algo pouco provável para um jovem saído de um curso de jornalismo no interior de Santa Catarina. Já em 2003, os cursos de jornalismo do Estado formavam cerca de 300 profissionais anualmente, número capaz de gerar um contingente de reserva que fazia com que a política de recursos humanos das empresas jornalísticas do estado conduzisse a uma juvenilização das redações, a ponto de os profissionais que nela ingressam terem um contato reduzido ou até mesmo não terem contato com as gerações mais antigas de trabalhadores do jornalismo (BALDESSAR, 2003). Em nível nacional, a pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro indica que 59% dos jornalistas brasileiros têm até 30 anos. Em termos de tempo de carreira, 11,4% são os jornalistas com mais de duas décadas de profissão. Motivo pelo qual buscamos compreender também como os fenômenos de modificação das condições de trabalho da categoria podem ter afetado egressos.

A juvenilização da categoria é resultado, como se verá, do crescimento acelerado na oferta de vagas e cursos superiores de jornalismo. Parcela expressiva dos estudantes se engaja desde cedo na vida profissional, como estagiários ou em funções de baixa remuneração, com ou sem carteira assinada: esta é a principal dinâmica de acesso ao mercado de trabalho (MICK e LIMA, 2013, p. 33).

Além dessa juvenilização, é preciso considerar a permanência no emprego. Refletindo sobre pesquisa realizada em São Paulo no ano de

1972, Marques de Melo registra um período no qual a carreira jornalística, assim como outras em sua época, possuía característica estável, na qual a maioria dos 2,1 mil pesquisados tinha pelo menos 15 anos de exercício na mesma empresa e um terço dos entrevistados a exercia há 30 anos (MELO, 2013, p. 102). Retomando resultados da pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro, há uma observação importante de Mick e Lima de que, em 2012, ano de realização da pesquisa, jornalistas em vínculos trabalhistas que tivessem mais de dez anos eram 18,5% da categoria (MICK e LIMA, 2013, p. 53). A questão dos vínculos também pode ser analisada como resultado de uma mudança de perspectiva em relação ao trabalho, que passou a ter uma compreensão mais flexibilizada a partir da década de 1990. Esse cenário nos remete a uma situação na qual a própria ideia de trabalhar como jornalista, ou, pelo menos, em redação, passa a ser uma espécie de fase inicial da carreira profissional daqueles que estão estudando jornalismo hoje. Ainda que não tenha sido foco da pesquisa, Mick e Lima cogitam a possibilidade de se tratar de um trabalho que enseja carreiras curtas, em que “parcela talvez expressiva dos graduados abandone a profissão depois de alguns anos” (id., p. 90). O baixo percentual, entendem os autores, poderia estar relacionado a uma forma mais intensa à profusão de cursos de Jornalismo a partir dos anos 2000.

Para pensar as formas pelas quais o ser jornalista pode estar se transformando me aproximei do conceito de identidade profissional, tendo como base autores como Dubar (2005 e 2009), Fidalgo (2008), Hall (2011) e Lima Lopes (2013). Este trabalho constrói instrumentos para entender como as relações entre os diversos atores sociais envolvidos de alguma forma com o campo do jornalismo contribuem para alterações na identidade profissional do jornalista.

Um exemplo relativamente recente de evento impactante sobre a identidade profissional foi a decisão, em 2009, do Supremo Tribunal Federal pela não obrigatoriedade do diploma para exercício do jornalismo. A respeito dessa situação, é preciso observar, com Lima Lopes (2012), que a discussão em torno da exigência de ensino superior específico em Jornalismo para o exercício da atividade já era um debate bastante antigo, cujo primeiro momento de intensidade se dá ainda na década de 1950, partindo de imposição governamental que atendia a pressões dos sindicatos e associações de jornalistas às quais os proprietários de empresas jornalísticas resistiam.

Sobre os debates realizados nessa época, Cremilda Medina observa que os principais argumentos se davam em torno da identificação ou não dos jornalistas com o conceito de profissional liberal.

Confunde-se, à época, o conceito de "profissional liberal" com total autonomia do jornalista. Enquanto os defensores da definição profissional dão a este conceito a conotação de status universitário, os opositores ridicularizam o "liberal" na condição de trabalhador assalariado. (...) só permanece um ponto de apoio comum a todos os debatedores das tribunas de imprensa: o simples aumento salarial e o saneamento da invasão nos registros profissionais (MEDINA, 1982, p. 46).

A ideia de uma “total autonomia do jornalista” é rebatida principalmente pelos proprietários de jornais, que tinham a seu lado os jornalistas autodidatas, ou, como diz Medina, “improvisados”, que temiam a perda de seus postos para jovens recém-saídos das universidades. Esses jornalistas se pautavam por uma lógica de que o Jornalismo dependeria de uma “vocação inata”, assim não requerendo formação, e aderiam firmemente às posições já defendidas então pelos barões da imprensa. É preciso observar que, naquele período, ainda era relativamente comum a presenç a de jornalistas que tiveram origens em outras formações, tais como o Direito, (embora essa presenç a já apresentasse declínio com a presenç a dos jornalistas formados a partir da década de 1940) ou que compartilhavam de funções têm em na administração pública. Isso pode explicar a “ridicularização” feita então da noção do jornalista como profissional liberal enquanto seu vínculo   de assalariado.

A mobilização da categoria culminou na edição do Decreto-Lei 972, em 1969.   um momento significativo, tensionado por muitos discursos concorrentes entre si e de forma substancial nos órgãos representativos da categoria. Um dos pontos de crítica era a própria limitação do sistema de ensino superior voltado ao jornalismo. No período, eram 18 os cursos específicos em jornalismo no país, situação que levou o governo a criar a figura polêmica do provisionado (havia a possibilidade de admissão de jornalistas sem diploma de forma

provisória, até o limite de um terço dos registros de trabalho de jornalistas diplomados<sup>1</sup>).

Esse cenário apresentava-se ambíguo e desafiador para as entidades de classe, pois tomar posição a favor da exigência do diploma para o registro profissional (como fizeram anos mais tarde), seria ter que lidar com o desgosto de inúmeros jornalistas sem formação superior, até mesmo os sindicalizados. Por outro lado, a defesa da obrigatoriedade significava valorizar a formação superior e isso, por sua vez, apontava para o fortalecimento da identidade profissional (LIMA LOPES, 2012, p. 90).

As ambiguidades se desmancharam em pouco tempo. Já em 1973, a Fenaj defendia a obrigatoriedade do diploma para o exercício do jornalismo. Os cursos de Jornalismo no país se espalharam de forma mais acelerada a partir da década de 1980. A situação parecia tranquila até 2002, quando o tema novamente se tornou dominante na esfera do jornalismo brasileiro pelo julgamento favorável ao fim da exigência, pela juíza substituta da 16ª vara cível de São Paulo, Carla Abrantkoski Rister. A decisão posterior pelo STF em 2009 de retirar a exigência do diploma acabou baseada, entre outras questões, em dúvidas sobre a existência de um saber propriamente jornalístico. Esse fator acabou mobilizando a construção de um discurso contrário pela Fenaj. A instituição disponibiliza em seu *site* dois livros<sup>2</sup> dedicados à defesa da obrigatoriedade da formação. O primeiro, de 2002, veio um ano após a

---

<sup>1</sup>A figura do jornalista provisionado também estava prevista para cidades em que não houvesse curso superior em Jornalismo (MEDITSCH, 2012, p. 74). Era o caso de Joinville antes de 1998, ano de criação do curso do Ielusc.

<sup>2</sup>Ambos os livros possuem o mesmo título: “Formação Superior em Jornalismo: Uma exigência que interessa à sociedade”, mas se tratam de obras diferentes, editadas em momentos diferentes e com preocupações distintas. Enquanto o primeiro livro, de 2002, se tratava de uma resposta da Fenaj à decisão de Rister, contendo artigos apenas de estudiosos do Jornalismo organizados por José Francisco Karam, o segundo livro, de 2008, busca apresentar um fortalecimento da discussão junto à sociedade civil, antecipando-se a uma definição do STF naquele momento. Um exemplo de fortalecimento da discussão é a existência de uma seção inteira que reúne artigos de juristas que concordam com a obrigatoriedade da formação superior.

decisão de Rister acolher pedido para que a exigência fosse extinta. Já o segundo, de 2008, veio quando o processo ainda estava a caminho da decisão do STF. Como a própria instituição registra:

As publicações, assim como outras iniciativas da FENAJ e dos Sindicatos de Jornalistas de todo o país em defesa da obrigatoriedade do diploma, fazem parte de lutas maiores da categoria, especialmente pela qualidade do ensino, do próprio jornalismo oferecido à sociedade brasileira e pela democracia na comunicação (FENAJ, 2008, p. 10).

Qual o impacto de uma decisão como essa em um conjunto de trabalhadores dedicados à área jornalística que reivindicam o estatuto de profissionais? Eles se tornaram menos profissionais por não terem o diploma como algo reconhecidamente obrigatório pelo Estado para o exercício da atividade? É em meio a essas reflexões e dúvidas sobre identidade profissional que trago para o Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC esta dissertação, que tem como tema a identidade profissional dos jornalistas. O objeto de estudo trabalhado são *as concepções da identidade profissional dos jornalistas considerada nas tensões sobre o jornalismo e o ser jornalista percebidas por discentes e egressos do curso de graduação do curso de jornalismo do Bom Jesus/Ielusc*. Para pensar esse objeto coletei dados de aspectos identitários da profissão, com atenção especial a valores ético-profissionais, por meio de entrevistas feitas com questionário semiestruturado a estudantes dos períodos iniciais e finais de curso da Associação Educacional Luterana Bom Jesus/Ielusc, além de egressos do curso desde a primeira turma, formada em 2002, que estejam atuando no mercado de trabalho jornalístico ou do campo ampliado da comunicação. Dessa forma, pretendemos observar quais são as características dos jornalistas formados pela instituição e como esses trabalhadores percebem o Jornalismo. A análise desses dados deve levar em conta transformações que estão em curso no mercado de trabalho jornalístico.

Considerando todas as questões até aqui levantadas, o **problema** que pesquiso é: *Como se dão as concepções da identidade profissional dos jornalistas, considerada nas tensões sobre o jornalismo e o ser jornalista, percebidas por discentes e egressos do curso de graduação do curso de jornalismo do Bom Jesus/Ielusc?*

Já mencionei as razões que, pessoalmente, me conduziram a esta pesquisa, porém, há outros aspectos pelos quais é importante justificá-la.

O primeiro deles é oferecer informações que possam auxiliar os cursos de graduação em jornalismo a pensar meios de valorização da identidade profissional do jornalista, tendo em vista as variadas modalidades de exercício da atividade que vêm sendo criadas. Isso se torna particularmente importante depois de um momento no qual o Brasil reconstruiu suas diretrizes de formação para jornalistas. O artigo 5º da Resolução nº 1 de 27 de setembro de 2013, do Ministério da Educação, que instituiu as novas diretrizes curriculares nacionais para os cursos de jornalismo, prevê o seguinte perfil de egresso:

O concluinte do curso de Jornalismo deve estar apto para o desempenho profissional de jornalista, com formação acadêmica generalista, humanista, crítica, ética e reflexiva, capacitando-o, dessa forma, a atuar como produtor intelectual e agente da cidadania, capaz de responder, por um lado, à complexidade e ao pluralismo característicos da sociedade e da cultura contemporâneas, e, por outro, possuir os fundamentos teóricos e técnicos especializados, o que lhe proporcionará clareza e segurança para o exercício de sua função social específica, de *identidade profissional* singular e diferenciada em relação ao campo maior da comunicação social (p. 2, grifo meu).

O fortalecimento dessa identidade profissional é necessário porque muitos fenômenos evidenciam uma ruptura da estrutura da atividade jornalística do modo como ela ficou conhecida no assim chamado período industrial:

— o encolhimento das empresas propriamente jornalísticas e sua incorporação por grandes grupos de mídia cuja principal renda vem de outros focos comerciais, o que poderia conduzir a um assujeitamento do Jornalismo por perder-se como referência de possibilidade produtiva dada sua baixa rentabilidade (ANDERSON, BELL e SHIRKY, 2013);

— a reconfiguração do espaço público e da democracia decorrente dessa situação, uma vez que a produção jornalística passa a sofrer influência de outros campos de poder, como o econômico, no seu fazer, conduzindo a uma produção mais próxima do infotimento e menos comprometida com o cidadão (KOVACH e ROSENSTIEL, 2004);

— o mercado de trabalho cada vez mais restrito e reconfigurado, à medida que os postos de trabalho vão sendo fechados em razão da

produção multimidiática, que confere ao mesmo jornalista uma série de funções (MICK e KAMRADT, 2017), bem como a queda de qualidade da produção de matérias em razão de novas configurações de jornada de trabalho, como as jornadas dos webjornalistas, ditadas pelo tempo real, em que entre o fato e sua publicação há um intervalo de quatro a cinco minutos, e no qual a notícia vai se construindo simultaneamente à apuração (ADGHIRNI, 2017);

— o questionamento do papel do jornalista como mediador (FAUSTO NETO, 2013);

— a possibilidade do uso de robôs e algoritmos para a elaboração de notícias mais básicas como as de previsão do tempo (MAGALHÃES, 2017);

— e o surgimento do conceito jurídico de “atos de jornalismo”, que vem sendo utilizado pela justiça estadunidense para classificar produções informativas feitas por pessoas que não trabalham com jornalismo mas que, devido à relevância dos dados para o interesse público, não poderiam ser feitas sem o aval que é dado ao profissional do jornalismo (STEARNS, 2013).

No caso específico brasileiro, ainda é preciso destacar a ocorrência do fenômeno de ocupação do espaço de assessoria de imprensa em empresas, sindicatos, associações, organizações não governamentais e órgãos públicos e a reivindicação desse espaço como um local próprio de trabalho do jornalista. É necessário pontuar isso porque a situação gera algum impasse entre jornalistas e profissionais de relações-públicas quanto à definição jurídica da ocupação desse espaço de trabalho, ainda que o predomínio de pessoas formadas em jornalismo na função no Brasil seja muito maior e praticamente indiscutível<sup>3</sup>.

Partimos também do pressuposto, acompanhando Kovach e Rosenstiel (2004), de o Jornalismo ser uma atividade vital para o fortalecimento da democracia. O enfraquecimento do Jornalismo,

---

<sup>3</sup>Nos Estados Unidos, a prática é exclusiva dos relações-públicas, ainda que a atividade tenha se iniciado pelo trabalho de um jornalista, Ivy Lee, contratado pelo publicitário George Parker em 1904. Schmitz (2011) observa que a função também é vista dessa forma na Europa, ainda que, nos dois lados do Atlântico, seja cada vez mais comum a presença de jornalistas na função. Em Portugal, especialmente, pontua o pesquisador, o jornalista que exerce funções de assessoria de imprensa fica com o registro suspenso até que retorne às redações (*id.*, p. 48). Em sua pesquisa, Schmitz descobriu que 83% dos jornalistas na função de assessoria entendem que permanecem jornalistas e que 45% consideram a atividade como atribuição exclusiva de jornalistas.

consequentemente, resultará no enfraquecimento dos controles sociais sobre as instituições, podendo servir de mecanismo para o estabelecimento de ordens de poder ditatoriais e pouco republicanas.

Nosso estudo também se justifica pela escassez de trabalhos que correlacionem as noções de discentes e trabalhadores do jornalismo quanto ao seu relacionamento com a identidade profissional.

O **objetivo** desta pesquisa consiste em compreender como se dão as concepções da identidade profissional dos jornalistas, considerada nas tensões sobre o Jornalismo e o ser jornalista, percebidas por discentes e egressos do curso de graduação do curso de jornalismo do Bom Jesus/Ielusc, e temos por **objetivos específicos** problematizar o conceito de identidade profissional do jornalista; mapear as concepções da identidade profissional de estudantes e egressos do curso; e analisar as relações entre valores profissionais desses estudantes e egressos.

No primeiro capítulo deste trabalho nos atemos de maneira geral à compreensão da noção de identidade profissional do jornalista, decompondo-a também para a elaboração de um quadro mais preciso de seu entendimento. Para isso problematizamos noções a ela adjacentes, como as de identidade, profissão, jornalista e Jornalismo. Outros termos e concepções fecundos para a elaboração dos conceitos que devem estruturar os mecanismos de pesquisa também serão analisados no primeiro capítulo, como socialização, *habitus* e ideologia profissional.

O segundo capítulo da dissertação dedicou-se a compreender a estruturação do ensino superior de jornalismo do curso de graduação em jornalismo do Bom Jesus/Ielusc. Num primeiro momento, serão estudadas as bases da implantação desse ensino no Brasil, indo das primeiras experiências na década de 1940 até o surgimento de um campo de pesquisa em comunicação na estrutura universitária brasileira e os impactos da noção de comunicação e comunicador na profissionalização dos jornalistas, bem como a recente desvinculação dos cursos de graduação em Jornalismo do campo da comunicação e o estabelecimento de novas diretrizes curriculares nacionais em 2013. Avançando para a realidade do estado de Santa Catarina, onde o curso do Ielusc se desenvolve, vamos abordar a estruturação do ensino superior no estado e a caracterizar a distribuição desses cursos. Também faremos uma caracterização contextual do mercado de trabalho jornalístico em Joinville, bem como a relação desse mercado com o ensino superior.

No terceiro capítulo, a dissertação vai se dedicar ao objeto de estudo, apresentando a metodologia e os conceitos-guia para a realização das entrevistas com estudantes e egressos do curso de graduação em

jornalismo do Bom Jesus/Ielusc. O capítulo contará com uma análise das respostas obtidas nos questionários, bem como terá um desenho das concepções da identidade profissional do jornalista do curso.

## **CAPÍTULO I**

### **IDENTIDADE PROFISSIONAL DO JORNALISTA**

#### **1.1 Noções e pensamentos sobre identidade**

Como já mencionei anteriormente, neste primeiro capítulo vou tratar de concepções e termos que nos levem à melhor compreensão da noção de identidade profissional. Começamos pela noção mais geral de identidade. O ser humano é um universo extremamente complexo e por vezes parece ser impossível de se compreender por meio da linguagem. Podemos ainda olhar por outro viés e pensar que talvez a linguagem, ou pelo menos formas não usuais de se a utilizar, possa nos abrir novas perspectivas sobre o ser humano. Porém, há termos que podem se aplicar a contextos humanos tão diversos entre si que apresentam um grau de polissemia amplo a ponto de parecerem pouco significativos por agregarem conotações das variadas situações às quais se aplicam. Um desses termos é “identidade”, que pode se referir a noções tão diversas entre si como nação, cultura, etnia, raça, classe social e a noção que interessa particularmente a esta pesquisa, profissão. O que é inevitavelmente presente em todas as ocasiões que se faz uso do termo identidade é a caracterização de um grupo de distintos indivíduos particulares a partir de elementos que os tornam iguais ou semelhantes entre si. Isso é o que depreendemos do senso comum, sem maior dificuldade. Porém, identidade não é apenas algo dado externamente ao sujeito. Ela constitui também um fator importante na visão do sujeito sobre si mesmo. Podemos quiçá pensar que da dinâmica entre o reconhecer-se e o ser reconhecido nasce a identidade, ou pelo menos os elementos fundamentais que nos permitem compreender uma identidade. Sobre esses pontos é necessária uma reflexão em grau filosófico, uma vez que a identidade parece ter relação substancial com a noção de ser, objeto de estudo da ontologia.

A ontologia tem raízes bastante antigas, calcadas ainda no início do que chamamos de filosofia. Em dois filósofos gregos, particularmente, subsistia uma rivalidade na qual alguns pesquisadores entendem nascer a raiz do pensamento sobre identidade (DUBAR, 2009; LIMA LOPES, 2012). Parmênides de Eleia costuma ser citado, dentre os pré-socráticos, a partir da seguinte formulação: “o ser é e o não ser não é”. O ser, portanto, deve possuir uma natureza imóvel, sendo algo absoluto. Um Ser, com maiúscula, se assim podemos dizer ao qual é impossível escapar (BOCAYUVA, 2010). Essa concepção pode ser chamada de essencialista,

por supor uma essência, uma *mesmidade*, uma unidade interna e inamovível do objeto tratado (DUBAR, 2009, p. 12). Por outro lado, Heráclito de Éfeso é lembrado principalmente pela concepção de que tudo é mudança, e que, uma vez que tudo é mudança, só há faces contingentes do ser, que nunca vai ser o mesmo do instante passado. A única coisa que é permanente é a própria mudança, ou o devir. Essa permanência, que é o devir, porém, não é o simples ser de algo, o ser que é um ente, porque esse ser se refere a uma situação contingente. O ser de Heráclito está no devir, como uma consciência coesa, mas plena de atravessamentos conflitantes das diversas contingências pelas quais passa. Essa concepção de Heráclito pode ser chamada de nominalista (ligada à capacidade de perceber a contingência e classificá-la) ou de existencialista (referindo-se à existência e sua experiência contingente). As perspectivas essencialista e nominalista indicam duas formas distintas de se pensar a identidade. Enquanto a primeira pressupõe uma identidade vinculada à singularidade de cada indivíduo particular, até mesmo numa perspectiva totalizante, a segunda entende que a identidade é resultado de um processo contingente (DUBAR, 2009, p. 14-15).

Essa dupla dimensão da identidade nos permite abrir a perspectiva de múltiplas identidades do sujeito e, nesse ponto, trazemos um pouco do pensamento de Stuart Hall (2011), elaborada em ensaio tardio na carreira do pesquisador, sobre o desenvolvimento da noção de identidade. Essa noção teve, segundo o autor, pelo menos três fases distintas, avançando de uma representação uniforme e estável do indivíduo particular — indissociável desse indivíduo no período moderno e iluminista —, para uma identidade que é capaz de “descentrar-se” do sujeito. Na concepção do autor, é como se o indivíduo passasse a lidar com uma multiplicidade de identidades intercambiáveis, quase como se fossem roupas, cada uma plena de valores diferentes e portando distintas possibilidades de compreensão de mundo.

Vale demorar-se um pouco em repassar brevemente essa história das noções de identidade desenhada por Hall. A primeira fase de compreensão da identidade remete à filosofia Iluminista, entre os séculos XVIII e XIX, ainda que suas raízes sejam mais antigas. A identidade era então pensada como algo intrínseco ao indivíduo particular, sendo constante, coerente, centrada e inalienável. Nessa identidade, não há alterações ou quase não se as têm. É uma forma de pensar que entende que o indivíduo é dotado de razão e autonomia plenas, sendo capaz de dialogar com o mundo e com os outros de forma igual a partir de seus direitos fundamentais. Essa identidade, porém, está baseada em uma posição que, realça Hall, corresponde à dos homens europeus com um

mínimo de condições financeiras para fazerem parte da pequena burguesia da época. Trata-se de uma concepção basicamente essencialista, assim como aquela de Parmênides que vimos anteriormente, e marca grande parte da compreensão sobre o sujeito moderno.

Por sua vez, a segunda compreensão da identidade abordada por Hall não terá raiz na filosofia, mas no desenvolvimento da sociologia na primeira metade do século XX. Ao considerar os dados empíricos, a sociologia vai permitir que se admita maior complexidade na estruturação da identidade, considerando-a como algo que vai sendo formado no contato com o outro e com as diversas instituições sociais pelas quais o indivíduo passa. Nessa concepção, a identidade ainda é vista como tendo relação íntima com o sujeito ou algo que está sob seu domínio e controle de forma, por assim dizer, inata. Esta concepção, por sua vez, parece reconhecer a essencialidade da identidade em relação ao indivíduo como si mesmo, mas entende, simultaneamente e de forma nominalista, que esse indivíduo possui uma identidade sujeita às forças exteriores de socialização.

Já a terceira compreensão da identidade estaria ligada a uma compreensão de sujeito pós-moderna e possui um caráter bastante diverso. Aqui a identidade já não é algo intrínseco ao sujeito particular, sendo antes uma espécie de face momentânea e contingente dele que, todavia, não lhe pertence de todo. E isso mesmo que suas ações individuais possam promover alterações superficiais com a impressão de sua individualidade na identidade coletiva partilhada por todos aqueles que vivem em condições similares ou que reivindicuem, de alguma forma, tal vivência. Nesse sentido, Hall afirma que as identidades são intercambiáveis, podendo um mesmo sujeito passar por várias delas ao longo da vida ou posicionar-se ante as identidades e considerar qual delas é mais adequada para aquele momento, tais como se fossem papéis teatrais. A origem dessa compreensão está nas reivindicações políticas de movimentos sociais e culturais que ganham força da década de 1960 em diante e que abrem caminho ao contexto dito pós-moderno. A identidade passa a ser, ela própria, um objeto de reivindicação visando o seu fortalecimento pela capacidade que ela tem de reunir os anseios de um grupo social. Isso porque se torna mais aceitável a ideia de que o sujeito não possui uma única identidade, usando em verdade de várias identidades conforme os locais e as situações pelas quais atravessa. O que indica que as identidades são construções sociais elaboradas e reelaboradas continuamente e a muitas mãos, mas tendo um certo caráter

contínuo e resistente precisamente por serem algo externo aos sujeitos. Essa concepção reconhece uma certa essencialidade às identidades em si, mas não propriamente aos sujeitos que as partilham, estes compreendidos como em um existencialismo, ao sabor da contingência do momento, como na concepção de Heráclito.

A compreensão de Hall é bastante fértil para se pensar como essa identidade pode ser concebida de formas distintas e considerando que nosso interesse é a identidade profissional precisamos ter em conta que essa identidade não é a única que um indivíduo possui (afinal, a identidade profissional divide ainda espaço com as identidades étnico-racial, religiosa, familiar, nacional, de gênero, entre outras). Todavia, aquela que talvez siga sendo a mais densa de todas as identidades que podem fazer parte do cabedal de identidades de um sujeito seja precisamente a profissional, dado o peso que o trabalho exerce na socialização de um ser humano. No caso específico dos jornalistas isso é particularmente presente se consideramos que existe uma dedicação quase integral do tempo do indivíduo que é jornalista à atividade, acompanhada, via de regra, de uma postura, um *modo de ser* de missão (TRAVANCAS, 2011). Mas a sobrevalorização do trabalho não é uma exclusividade do Jornalismo. Isso porque

(...) o trabalho coloca-se como expectativa social às pessoas desde o nascimento, na medida em que se espera delas que, no momento oportuno, ocupem um lugar no mundo do trabalho e contribuam para a manutenção do processo produtivo. Essa compreensão do trabalho permite considerá-lo como uma instituição social, instituída e instituinte, à qual é inerente o seu caráter transformador, na perspectiva de que, ao trabalhar, o ser humano transforma algo e, do mesmo modo, é transformado como resultado desse ato, que se justifica não apenas a partir da dimensão econômica, mas considerando-se também dimensões outras, de caráter subjetivo, muito embora o parâmetro de ordem econômica, no atual arranjo societário, esteja inevitavelmente tramado nas demais dimensões.

Desse modo, a identidade profissional resulta, predominantemente, da vinculação do ser humano a uma atividade laborativa, considerados o contexto e as características dessa atividade, bem

como seus reflexos nesse sistema identitário (KRAWULSKI, 2004, p. 30).

A perspectiva de Krawulski nos reforça a importância de se pensar na dimensão subjetiva da identidade, ainda que tenhamos uma tendência maior a considerar a identidade de uma forma necessariamente externa aos indivíduos. Também considerando o caráter contingente das formações identitárias, o sociólogo francês Claude Dubar apresenta uma noção na qual a formação de uma identidade se dá em uma tensão fundamental e necessária entre a dimensão subjetiva ou individual e a dimensão social ou coletiva. O autor desenvolve essa concepção a partir de pesquisas que realizou com trabalhadores que passaram por experiências como a perda de emprego ou que sofrem com o resultado de políticas que, na França, conduziram a modelos mais desregulamentados de trabalho, sem a noção orientadora do emprego e que levaria a percepção do indivíduo sobre si mesmo como uma experiência marcada pela frustração e pela derrota ou, pelo menos, pela transitoriedade do mundo. Essa situação, observa o autor, conduziu aqueles, dentre esses trabalhadores que tinham condições de permanecer estudando, a uma busca ainda maior por formação ou ao incentivo a seus filhos para que permanecessem nos estudos, como meio de se manterem competitivos no mercado de trabalho.

Entre as múltiplas dimensões da identidade dos indivíduos, a dimensão profissional adquiriu uma importância particular. Por ter se tornado um bem raro, o **emprego** condiciona a construção das identidades sociais; por passar por mudanças impressionantes, o trabalho obriga transformações identitárias delicadas; por acompanhar cada vez mais todas as modificações do trabalho e do emprego, a **formação** intervém nas dinâmicas identitárias por muito tempo além do período escolar (DUBAR, 2005, p. xxvi, grifos do autor).

Essa perspectiva de Dubar nos abre espaço também para pensar como essa identidade pode ser formada em cursos de graduação que qualificam pessoas para assumirem postos de trabalho. Ainda que o estudo do pesquisador presuma o longo percurso de formação que se inicia na infância com a socialização escolar e tenha uma maior ênfase nos cursos de cunho técnico, e não tanto no ensino superior, creio que essa

concepção pode ser retomada para este trabalho, considerando o peso que a formação pode ter na compreensão dessa identidade jornalística.

Comentando a distinção filosófica entre o pensamento sobre o ser em Parmênides e Heráclito, o pesquisador se detém sobre as formas de pensar a identidade vindas do mundo constantemente fluido do segundo filósofo. Isso porque, segundo Dubar, esse caráter transitório evidenciaria a existência de *modos de identificação*, que se dariam conforme as condições existentes em cada ocasião, algo mais verificável em termos científicos.

A posição “nominalista”, que também se pode chamar de “existencialista” (não essências, mas existências contingentes), recusa considerar que existem pertencimentos “essenciais” (em si) e, portanto, diferenças específicas *a priori* e permanentes entre os indivíduos. O que existe são modos de identificação, variáveis no decorrer da história coletiva e da vida pessoal, destinações a categorias diversas que dependem do contexto. Essas maneiras de identificar são de dois tipos: as identificações atribuídas pelos outros (o que chamo “*identidade para outrem*”) e as identificações reivindicadas por si mesmo (“*identidades para si*”). Pode-se sempre, com efeito, aceitar ou recusar as identidades que lhe são atribuídas. Pode-se identificar-se de modo diferente daquele que é praticado pelos outros. É a relação entre esses dois processos de identificação que está no fundamento da noção de formas identitárias (DUBAR, 2009, p. 14, grifos do autor).

É possível que essa forma de pensar tenha conferido a Dubar uma certa resistência à ideia de “identidade”, que poderia estar relacionada a uma compreensão que tende a uma visão mais essencialista do fenômeno. Em vez de “identidade”, Dubar utiliza a concepção de “configuração identitária” ou “forma identitária”, que seriam expressões mais capazes de evidenciar o caráter contingente do fenômeno. Algo que, todavia, não é tão possível de se notar na conceituação de Hall sobre a configuração histórica da identidade contemporânea, como vimos acima. Por esse motivo nossa pesquisa busca compreender *concepções de identidade*, dado que partimos do entendimento de que essa identidade possui contornos contingentes, em especial no mundo em transformação do

Jornalismo, entre indivíduos que façam parte do mesmo ecossistema jornalístico, mas porque entendemos também que pode haver elementos fundamentais, essenciais, que interligam ou dão coerência a essas configurações, fazendo com que elas não sejam completamente soltas, ainda que porosas ou em diálogo com outras identidades.

Para os objetivos de nossa pesquisa um conceito de identidade que alia a experiência subjetiva do indivíduo à experiência partilhada de um conjunto de atores sociais que com ele partilham a mesma cultura é particularmente fecunda. Ainda que os estudantes de Jornalismo, bem como parcela dos egressos pesquisados possam não ter uma experiência laboral extensa ou mesmo uma incorporação de valores profissionais, essa perspectiva possibilita pensar os pontos de contato entre a vida estudantil e a de jornalista, configurada pela experiência real ou ainda projetada pela imaginação.

Mas como podemos pensar conceitualmente essa identidade em relação a esse conjunto de atores sociais que partilham concepções do mesmo grupo? Uma forma de operacionalizar esses conceitos está em nos aproximarmos a um autor que nos parece propor uma solução sobre como pensar a questão do ser sob uma leitura sociológica: Pierre Bourdieu. Sua formação inicial filosófica pesa de modo especial na panóplia complexa de conceitos que desenvolveu. É difícil trabalhar com um deles sem contextualizá-lo em relação a todos os demais presentes em seu pensamento. Não pretendemos, neste trabalho, porém, exaurir todas as compreensões possíveis sobre Bourdieu, mas também não queremos pinçar alguns poucos aspectos que possam dar conta de nosso objeto sem uma mínima contextualização.

Bourdieu não tem em seu horizonte uma particular preocupação com a ideia de identidade. Mas entendo que é possível ampliar a lente de aumento sobre a identidade a partir da noção de *habitus* elaborada pelo autor:

"O *habitus* como sentido prático que é o produto da incorporação das estruturas do mundo social – e, em particular, de suas tendências imanentes e de seus ritmos temporais – engendra pressupostos (assumptions) e antecipações que, sendo ordinariamente confirmados pelo curso das coisas, fundam uma relação de familiaridade imediata ou de cumplicidade ontológica, totalmente irredutível à relação entre um sujeito e um objeto, com o mundo familiar. Em suma, o *habitus* é o princípio

da estruturação social da existência temporal, de todas as antecipações e pressuposições através das quais construímos praticamente o sentido do mundo, isto é, sua significação, mas também, inseparavelmente, sua orientação para o por-vir" (BOURDIEU, 1996, p. 364).

O *habitus* é, por assim dizer, aquilo que permite a nós, enquanto indivíduos, a realização de atividades cotidianas de forma quase instintiva, especialmente quando nos encontramos em contextos de familiaridade imediata. Envolve uma capacidade de agir de forma espontânea, quase “sem pensar”, mediante esquemas estruturados de compreensão do mundo. Essa noção de *habitus* é-nos interessante para pensar a noção de identidade. Como traçar um perfil de identidade profissional sem considerar a existência de uma resposta estruturada, quicá quase irrefletida, por grande parte dos atores de um mesmo campo, uma vez que eles compartilham uma noção aproximada sobre o que são e sobre o que fazem? Podemos pressupor que o *habitus* enseja os discursos de um campo. Ao buscarmos compreender como os jornalistas formados em um mesmo curso de Jornalismo e que vivem em um mesmo ecossistema jornalístico entendem hoje o Jornalismo é inevitável considerar que suas respostas contenham um elemento de espontaneidade que seja conduzido por esse *habitus*.

E aqui chegamos à noção de campo. Não há como não se pensar em *campo* ao se falar de *habitus*. Campo possui uma noção bastante clara em Bourdieu e aqui entramos em uma seara que possui linhas até certo ponto extensas dedicadas ao Jornalismo. Em artigo sobre a relação mútua entre os campos do Jornalismo, da Política e das Ciências Sociais, Bourdieu delinea uma definição que é conveniente, mas ao mesmo tempo inadequada:

Um campo é um campo de forças dentro do qual os agentes ocupam posições que determinam estatisticamente as posições que assumem em relação ao campo, sendo essas tomadas de posição destinadas a conservar ou transformar a estrutura das relações de forças constitutivas do campo (BOURDIEU, 2005, p. 30, tradução livre<sup>4</sup>).

---

<sup>4</sup>No original: “A field is a field of forces within which the agents occupy positions that statistically determine the positions they take with respect to the field, these

O campo, principalmente como o autor nos evidencia nesse artigo, diz respeito a uma determinada área de ação social a qual possui regras próprias, estamentos e lutas internas e externas. Num primeiro momento, podemos nos ater a observar as lutas externas. Bourdieu observa o campo do Jornalismo como sendo um campo de baixo grau de autonomia. Isso significa que ele pode ser altamente influenciado por decisões de outros campos. O principal exemplo é a subordinação ao campo econômico. A análise de Bourdieu sobre o campo jornalístico começa com observações sobre a televisão francesa pouco tempo após os canais de TV do país serem privatizados. As pressões por maiores resultados econômicos vão se refletir na linha editorial de um jornal, por exemplo, ao se evitar conflitos com anunciantes. Mas ao mesmo tempo que sofre coerção do campo econômico, o campo jornalístico também exerce coerção sobre outros campos, como o das ciências sociais, à medida que molda a visão desse campo para o restante da sociedade (BOURDIEU, 2005).

Porém, essa não é a única tensão do campo. Em nível interno, há disputas bastante emblemáticas, que podem ser indicadas pelo grupo que, no interior do campo, é dominante. Benson e Neveu observam, ao analisar as aproximações entre o neoinstitucionalismo norte-americano com a teoria dos campos de Bourdieu que

Se há alguma evidência de que as características burocráticas da redação variam, as diferenças mais significativas parecem ser transnacionais. Assim, embora as dinâmicas organizacionais sejam importantes, elas provavelmente exercem seus efeitos semiautônomos mais poderosos não no nível das organizações individuais, mas no mezanino do “campo” interorganizacional, que tende a ser nacional. Esse conceito de campo também incorporaria influências advindas das características dos jornalistas como indivíduos (formação social e educacional) e como um grupo corporativo que defende (e luta para definir) uma identidade profissional. Em suma, o “campo” abre uma nova *unidade de análise* para a pesquisa de mídia: todo o universo de jornalistas e organizações de mídia agindo e reagindo uns aos

---

position-takings being aimed either at conserving or transforming the structure of relations of forces that is constitutive of the field”.

outros (BENSON & NEVEU, 2005, p. 11, tradução livre<sup>5</sup>, grifo do autor).

Os pesquisadores parecem considerar uma unidade mais homogênea de campo e em grau nacional. Porém, é preciso observar que a noção de campo se refere a um instrumento de análise sociológica. Nesse sentido, creio que podemos tomar essa noção para o nosso trabalho, aplicando a noção de campo para pensar o Jornalismo em um contexto bastante modesto: uma cidade de 500 mil habitantes, que possui uma relação com o jornalismo que, se outrora já foi bastante vivaz, atualmente caminha em direções bastante inesperadas, em que os agentes parecem tatear às escuras, buscando compreender o melhor caminho.

## 1.2 Identidade e profissão

O estudo das profissões é consideravelmente marcado por características nacionais e linguísticas, que não podem ser desprezadas uma vez que podem determinar a linha de raciocínio de um grande grupo de intelectuais, acadêmicos e pensadores da questão. Para o universo anglófono, por exemplo, *professions* são facilmente distinguíveis de *occupations*. Nessa concepção uma ocupação é uma atividade realizada com um fim quase que exclusivamente remuneratório, para a qual se exige baixo grau de preparação. Possui um prestígio inferior em relação a profissões estabelecidas e reconhecidas como tal. Por sua vez, as profissões são em geral conduzidas por corporações de ofício que também zelam pelo próprio saber relacionado às suas atividades. Profissões, assim, acabam possuindo maior grau de autonomia e são pouco passíveis de rotinização (KUNCZIK, 2001; TRAQUINA, 2008a, p. 93-104). No universo francófono e das línguas latinas em geral, por sua vez, profissões e ocupações não são tão simples de se distinguir. Ainda que haja uma

---

<sup>5</sup>No original: “If there is some evidence that bureaucratic characteristics of newsroom vary, the most significant differences seem to be cross-national. Thus, while organizational dynamics are important, they probably exert their most powerful semiautonomous effects not at the level of individual organizations, but at the mezzolevel of the interorganizational “field”, which tends to be national. This concept of the field would also incorporate influences arising from characteristics of journalists as individuals (social and educational background) and as a corporate group defending (and struggling to define) a professional identity. In short, the “field” opens up a new *unit of analysis* for media research: the entire universe of journalists and media organizations acting and reacting in relation to one another”.

facilidade quase inequívoca em se reconhecer como profissões as de médico e advogado, mais próximas da figura clássica do profissional liberal, o estatuto de profissão não é tido como exclusivo dessas atividades ou de outras que cumpram requisitos similares, podendo também corresponder, em geral, àquelas atividades que o Estado venha a reconhecer como tal. A compreensão francófona guarda consideráveis similaridades com a lusófona (FIDALGO, 2008, p. 13; TRAQUINA, 2008a, p. 96).

Pesquisas já realizadas sobre os trabalhadores do jornalismo renderam grandes levantamentos quanto às teorias das profissões (KUNCZIK, 2001; FIDALGO, 2008; TRAQUINA, 2008a), que têm origem em estudos relacionados à Sociologia das Profissões. Pensadores do jornalismo buscaram nesses estudos ou em conceitos oriundos delas subsídios para suas reflexões sobre a atividade e aqui retomamos parte desses levantamentos para pensar em conceitos e elementos de contextualização que possam ser úteis à nossa reflexão.

Há pelo menos três visões fundamentais das profissões conforme Fidalgo (2008). Essas visões correspondem a diferentes perspectivas sociológicas. As maiores e mais conhecidas delas são o funcionalismo e o interacionismo. Em tempos recentes, ainda que não categorizável de forma simples, surge também uma série de estudos que poderia ser nomeada como “teorias críticas do poder das profissões”.

A visão funcionalista teria três tradições com raízes nacionais, ainda que não difiram fundamentalmente entre si. Essas tradições são a britânica, a francesa e a estadunidense. De maneira geral a perspectiva funcionalista busca responder à seguinte pergunta: “O que são profissões?”; “Quais são as características gerais das profissões?”; e “Quais ocupações se encaixam nessas características?”. De maneira geral, as características que compõem o desenho básico das profissões seriam correspondentes àquelas encontradas em ocupações como as de médico e advogado, que formam o arquétipo das profissões liberais. É inegável a influência desse arquétipo em todos os estudos das profissões, mas ele parece ser particularmente mais denso nos estudos funcionalistas, servindo a um propósito classificatório das ocupações (KUNCZIK, 2001; FIDALGO, 2008). A perspectiva funcionalista está relacionada à visão de Émile Durkheim, para quem as profissões eram mecanismos de coesão social em virtude do caráter de ligação que proporcionam entre o indivíduo e o Estado, algo que na visão do autor se teria perdido na sociedade moderna a partir do século XIX com a extinção do modelo de corporações de ofício ou guildas que existiram até então. Não se pode

perder de vista que o pensamento do autor está fortemente vinculado ao seu tempo e que uma simples transposição de seus conceitos poderia conduzir a anacronismos. Por exemplo, Durkheim presumia que existiam sociedades primitivas em contraposição às modernas e que aquelas passariam por um processo de evolução para chegar ao estado destas, uma forma de pensar há muito superada. Mas, em razão desses pressupostos, Durkheim, para evitar uma situação de ausência de regras, de “anomia”, como diz, estava mais preocupado em conseguir restabelecer a moralidade que havia nas sociedades primitivas. Era o que ele chamava de solidariedade “mecânica”, porque ocorria de forma natural. O laço comunitário mínimo que havia com as corporações poderia ser recuperado pela via da institucionalização das profissões, conforme o pensamento de Durkheim. Isso permitiria o fortalecimento da solidariedade “orgânica”, que ele entende que surgiria da necessidade de todos os indivíduos trabalharem, ainda que de forma isolada e egoísta, servindo inconscientemente a um conjunto social (DURKHEIM, 1999). A sociologia das profissões, que se organiza na Inglaterra a partir também de ideias de Durkheim, teria operado com valores similares, porém, com o dualismo próprio do mundo anglófono entre profissão e ocupação, abordado há pouco.

A preocupação fundamental da perspectiva funcionalista da sociologia das profissões é categorizar as atividades econômicas mediante o papel que desempenham na sociedade. Por esse motivo, essa perspectiva se concentra em desenvolver pesquisas que tratem de identificar quais são as características fundamentais de uma profissão. Isto é, a preocupação é estabelecer requisitos que permitam a pesquisadores responder se uma atividade econômica é ou não uma profissão. Em 1930 surge um trabalho que delinea assim o ideal-tipo das profissões, prevendo

[...] a especialização de serviços que permitam satisfazer uma clientela, a criação de associações profissionais que protejam este grupo da ‘invasão’ de pessoas não qualificadas e que fixem códigos de ética para os qualificados, e o estabelecimento de uma formação específica, baseada num corpo teórico e num conjunto de técnicas, permitindo a aquisição e o desenvolvimento de uma cultura profissional própria (CARR-SAUNDERS & WILSON, *apud* FIDALGO, 2008, p. 18).

Outra característica importante apontada nesses estudos é a lógica de *service-making* em lugar da de *profit-making*, isto é, às profissões não é apenas o lucro que importa, mas a lógica de serviço, ainda que a especialização lhes dê retorno pecuniário considerável se comparado ao de outras atividades. Essa característica faria derivar ainda a ideia de que as profissões tendam a ser, em essência, mais liberais (no sentido que essa expressão possui nos Estados Unidos), à medida que aproximam o saber técnico-científico, o mundo cotidiano, e o mundo dos negócios à democracia (FIDALGO, 2008, p. 18). Para o jornalismo, por exemplo, não é difícil pensar que essa lógica se traduziria na ideia de uma missão de serviço ao fortalecimento da democracia, que marca de forma densa o discurso da categoria, como ainda veremos (TRAQUINA, 2008a, p. 102).

Uma segunda corrente de estudos da sociologia das profissões está relacionada à perspectiva interacionista. A corrente fugiria da lógica de estabelecimento de um *modelo de profissionalização*, própria do funcionalismo, e recorreria mais a uma noção segundo a qual há *processos de profissionalização*. Para essa perspectiva seria mais importante considerar

(...) a existência de uma autorização legal e de um mandato sobre certos saberes “sagrados”, a existência de instituições que protejam o diploma dos profissionais e mantenham esse seu mandato, a existência de carreiras, enquanto espaços de diferenciação/hierarquização, mas também enquanto espaços de socialização (*pois ao mandato se associam uma filosofia e uma visão de mundo*) (FIDALGO, 2008, p. 22, grifo nosso).

Autores da perspectiva interacionista preferem falar de processos de aprendizagem, que comportam, por assim dizer, fases de iniciação e conversão, uma impregnação cultural, que é parte da construção da identidade. A conversão identitária consiste em uma mudança de si mesmo e em uma incorporação de valores que conduziria a uma mudança profunda de visão do mundo. Esse processo estaria baseado em questões relativas à ocupação tais como: “o que é o trabalho?”, “qual o papel dele?”, “quais as carreiras que ele proporciona?”, e “o que se é enquanto profissional?”. É um processo que conduziria a uma mudança profunda de visão de mundo. É preciso observar que para essa perspectiva há, também, alguns conceitos-chave como os de *licença*, a autorização legal para um grupo ocupacional exercer uma determinada atividade; o de

*mandato*, o dever de prestar a atividade à sociedade como uma missão mediante regras de conduta rigorosas; o de *carreira*, que revela a dinâmica própria das profissões; e, por fim, o de *conflito interno*, que surge da constatação de que os profissionais não formam um amontoado homogêneo de integrantes, existindo grupos segmentados, com diversas visões sobre a própria profissão, disputando a hegemonia sobre ela. Traquina parece estar particularmente afeito a esta visão, à medida que analisa o processo histórico de profissionalização do Jornalismo em diferentes países, e busca desenvolver uma resposta positiva ao questionamento quanto ao Jornalismo ser uma profissão:

Com base em conhecimentos sobre a evolução histórica das profissões em geral e com base numa análise histórica do jornalismo nalguns países do chamado mundo ocidental, em particular os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a França, a resposta é indubitável, inquestionável, irrevogavelmente SIM. Na linha contínua das profissões, o jornalismo afasta-se do polo identificado com um simples "trabalhador por conta de outrem" e aproxima-se do polo identificado com as chamadas profissões liberais. Quem defende o contrário mantém a cabeça enterrada na areia, ignorante da corrente da história (TRAQUINA, 2008a, p. 125).

Há vários elementos presentes na corrente interacionista que abrem caminhos interessantes para pensar nosso objeto porque essa perspectiva contempla o processo de incorporação de valores nas fases de iniciação à profissão. Os elementos evidentemente compartilhados pelo interacionismo e a antropologia contam inclusive com categorias simbólicas bastante fortes tais como “conversão” e “credo”. Podemos considerar paralelos, por exemplo, com o processo de “adesão” localizado em profissionais jornalistas de gerações bastante diversas que trabalhavam no Rio de Janeiro por Isabel Travancas (2011, p. 81) em trabalho da pesquisadora desenvolvido no campo da antropologia, mesclando etnografia e entrevistas em profundidade. Entendemos que é válido demorar-nos um pouco mais neste conceito. A ideia de adesão é proposta pela autora em complementação à noção “nativa” (isto é, surgida durante nas falas dos pesquisados) de “paixão”. A paixão está diretamente relacionada a questões emocionais, mas em si mesma é uma noção que não ajuda muito a refletir sobre o envolvimento do indivíduo com a

profissão. A ideia de adesão diz respeito ao envolvimento da profissão na vida do indivíduo, esteja ele ligado a aspectos emocionais como o amor à atividade ou não. A principal característica dessa adesão é que ela leva outros aspectos da vida do indivíduo a serem subordinados à carreira, dando origem a uma *visão de mundo* particular. Retornaremos posteriormente ao texto de Travancas.

Novas teorias, que buscam criticar as perspectivas abertas pelos estudos funcionalistas e interacionistas, surgem a partir da década de 1970, contando com influência maior do pensamento de Max Weber e de Karl Marx. Em comum, elas possuem conceitos mais gerais de monopolização econômica, fechamento social e legitimidade política, em torno dos quais se explicaria o surgimento de uma *ideologia do profissionalismo*. Essa ideologia corresponderia ao desenvolvimento de um poderoso *status* das profissões que explicaria também a luta de várias ocupações para se enquadrarem dentro da noção de profissão, tanto em termos jurídicos, obtendo o reconhecimento do Estado e as proteções legais que vêm desse reconhecimento, quanto sociais, como o prestígio que possuem profissões paradigmáticas como as de médico e advogado. Dessa perspectiva crítica, algumas noções que o levantamento de Fidalgo (2008) destaca são a de que as profissões são também uma forma de poder do Estado e de que seu poder está centrado sobretudo no domínio e controle do saber<sup>6</sup>. Isso ocorreria porque, se outrora as profissões possuíam um poder autônomo, simplesmente reconhecido pelo Estado, a situação muda à medida que o controle da profissão passa a ser exercido de forma partilhada com o Estado, de forma a criar uma situação benéfica para ambos os lados, isto é, o Estado passa a delegar algumas funções fiscalizatórias às profissões e seus conselhos, podendo dedicar-se a outras tarefas, enquanto as profissões recebem reconhecimento e poder. Para essa perspectiva, o poder das profissões está no trinômio *autonomia, expertise e credenciamento*, o que explicita a noção de que o poder está ligado de modo especial ao saber e, principalmente, ao controle do acesso ao *saber*. Essa convicção sobre a relação entre poder e saber foi se amadurecendo gradativamente ao longo do estudo das profissões. Sob essa perspectiva, considera-se que não há um simples objetivo econômico que conduz o grupo profissional à luta para poder determinar o campo

---

<sup>6</sup>As proposições estudadas por Fidalgo estão relacionadas a autores como Terence Johnson, no que diz respeito às relações entre profissões e Estado; Eliot Freidson quanto ao trinômio do poder profissional; e a Magali Larson, que identifica o desejo por poder econômico e simbólico nas lutas pelo monopólio do saber, fonte de poder profissional.

profissional, mas também um desejo pelo prestígio que grupos profissionais bem alicerçados alcançam. Em resumo, há duplicidade na busca que os grupos ocupacionais têm pela restrição do mercado: há motivações econômicas mas também há motivações culturais. Isso se concretiza de forma particular quando os profissionais passam a definir os limites da própria *expertise* e a cultivar uma ideologia meritocrática e uma espécie de credo ou ideologia profissional.

Uma abordagem distinta, porém, mas mais abrangente em suas pretensões é a de Andrew Abbott. Para estudar as profissões, o pesquisador busca integrar elementos das três perspectivas anteriores, tendo como objetivo oferecer uma visão capaz de se aplicar universalmente às análises sobre as atividades profissionais. Uma das características dessa abordagem é a centralidade da noção de *jurisdição*. Os grupos profissionais reivindicam controle sobre uma dada jurisdição do saber, que não seja nem abrangente demais a ponto de deslegitimar a reivindicação, nem estreita demais a ponto de levantar dúvidas sobre a necessidade social de se conceder o mandato ao grupo profissional. O aspecto social ganha relevância especial porque o autor parte do entendimento de que deixa de fazer sentido a pretensão do grupo profissional quanto ao domínio sobre a jurisdição se ela não tiver respaldo do reconhecimento social, não sendo simplesmente um reconhecimento do Estado. A grande questão, todavia, é “como se afirma a jurisdição?” Para Abbott, há um trio de operações-base entre as profissões, que consiste em *diagnosticar* (classificar o problema), *inferir* (analisar e compreender o problema) e *tratar* (atuar) o problema. O poder profissional estaria, sobretudo, na operação da *inferência*, onde reina a indeterminação, o que faz com que o trabalho do profissional não se resume a uma atividade simples passível de rotinização e automatização. Mais passíveis desse processo são os passos de diagnosticar e tratar, porém, é na inferência que mora a pretensão de reivindicação de jurisdição das profissões, conforme Abbott. E, por reconhecer a possibilidade de rotinização e automatização, não é difícil, a partir de Abbott, pensar na possibilidade de desprofissionalização ou mesmo de proletarianização de alguns grupos profissionais, situação que se desenha de forma significativa nos períodos atuais (ABBOTT, *apud* FIDALGO, 2008).

No caso dos jornalistas, por exemplo, é possível observar que parcela significativa do processo de coleta e compilação de dados pode ser realizado hoje sem a necessidade de grandes deslocamentos, com poucos cliques, desde que haja acesso razoavelmente aberto à internet. O desenvolvimento tecnológico viabilizou, entre outros fatores,

mecanismos que resultaram no desaparecimento ou quase desaparecimento de algumas funções profissionais que, há alguns anos, seriam impensáveis. A possibilidade de revisão aperfeiçoada continuamente por corretores ortográficos, por exemplo, tornou o trabalho de revisores e copidesques, que trabalhavam exclusivamente dessa forma, cada vez menos necessários. Da mesma forma, novas técnicas de impressão tornaram desnecessários os trabalhos de tipógrafos e linotipistas, outrora fundamentais à produção jornalística. Porém, o trabalho editorial de definição das notícias segue sendo prerrogativa fundamental de jornalistas, sendo inclusive o cerne de muitas das novas iniciativas jornalísticas e seu principal diferencial (ANDERSON, BELL e SHIRKY, 2013).

Diante de tudo isso, o que pode ser entendido como a inferência específica do jornalista? Traquina, uma vez mais, nos apresenta uma via de resposta:

O conhecimento de uma profissão é tanto prático como teórico e, na essência do jornalismo, para além do conhecimento técnico, existe o conhecimento teórico associado a um papel ou função central dos jornalistas, algo que eles devem supostamente conhecer: *saber o que é notícia* (grifo meu, TRAQUINA, 2008a, p. 119).

Ainda que haja teorias explicando como se dá a seleção de notícias, e que haja listas contínuas de critérios definidores dos acontecimentos que merecem tornar-se notícia, trata-se de uma atividade sobre a qual reina a indeterminação. O cenário social, que possui caráter mutável, pode também indicar qual tema é mais necessário de ser compreendido pela esfera pública. Jornalistas que lidam no cotidiano com a decisão de qual será a manchete principal da próxima edição podem dizer que nem sempre se valem dessas listas de critérios. Mesmo o assessor de imprensa pode encarar dificuldades na hora de explicar a seu cliente porque determinado fato não possui a mesma relevância de outros. Trata-se de um saber quiçá não padronizável, ao que tudo nos indica, incorporável por meio de um *habitus* jornalístico.

Retornando ao levantamento das teorias das profissões realizado por Fidalgo, observamos que o autor também apresenta literatura que conjectura o que deve ocorrer com as profissões nas próximas décadas. Duas teses se destacam. A primeira entende que existe uma perda de poder das profissões. A outra é a de que esse poder se mantém, mas em

novos moldes, a partir de adaptações que as profissões fazem às novas condições de realização do seu ofício. Essas duas linhas de pensamento se referem a dois tipos de posicionamentos políticos quanto às profissões, as quais são, a saber: o entendimento de que as profissões constituem um empecilho à democratização do saber e à participação popular na política; e o entendimento de que as organizações profissionais constituem uma forma legítima de participação política.

Essas duas tendências de pensamento correspondem mais ou menos a dois fenômenos: a *desqualificação* e a *proletarização*, que são leituras da desprofissionalização das profissões. Quatro perdas seriam determinantes nesse processo: a perda do *monopólio de conhecimento*; a perda da crença pública no *ethos de serviço*; a perda das expectativas de *autonomia no trabalho*; e a perda da *autoridade sobre o cliente*. As razões para essas perdas estariam, entre outros fatores, na evolução tecnológica que dissemina o conhecimento não somente aos iniciados em uma profissão, mas também aos leigos; na revalorização dos saberes empíricos (sobre os quais é difícil haver monopólio); na especialização das profissões (o que as segmenta e as torna cada vez menos homogêneas); na crítica ao “elitismo”, à “impunidade” e à “mercantilização”; e, por fim, na reivindicação dos clientes de participar em decisões profissionais.

A desprofissionalização, todavia, não levaria ao desaparecimento da figura do profissional, mas faria com que ele se aproximasse cada vez mais de um *expert*. O *expert* conhece muito do seu domínio de conhecimento, e isso faria com que ele fosse ouvido pelo seu cliente. Porém, caberia ao cliente a decisão sobre o que fazer. O que era diferente na relação do cliente com o profissional é que o cliente deixava na mão do profissional o cuidado quanto à resolução do problema, pouco ou nada interferindo nas decisões do profissional. Isso poderia estar se desenvolvendo entre os jornalistas? O crescimento expressivo do ramo de assessoria de comunicação como um espaço de trabalho para jornalistas pode nos indicar que é possível responder que sim.

Há contestações à tese da desprofissionalização. A tese de Pierre Bourdieu, por exemplo, aponta que a popularização do conhecimento não significa uma reapropriação dele pelos leigos em detrimento ao saber profissional nem propriamente seria capaz de deslocar a fronteira entre leigos e profissionais. Uma das tendências, nesse caso, é o reforço da cientificidade das pesquisas e do conhecimento do grupo profissional. Outros autores observam, ainda, que não se pode pensar numa pura desprofissionalização, mas até mesmo em esforços de reprofissionalização (BOURDIEU *apud* FIDALGO, 2008, p. 54). É nessa linha, por exemplo, que surge a leitura de que é preciso uma

responsabilização dos profissionais, que devem dizer, por exemplo, a quem efetivamente servem, revitalizando a ideia de *accountability* ou, na até aqui melhor tradução em português, “prestação de contas”. Os mecanismos de prestação de contas permitiriam aos profissionais retomar valores que compuseram a base da atividade ao longo do tempo em novas bases, possibilitando a criação de novos laços com o público (FIDALGO, 2008, p. 64).

A proletarização, por outro lado, nada mais é que a tendência de as profissões estarem cada vez mais próximas do trabalho assalariado. O fenômeno também acarreta precarização de condições de trabalho. Fidalgo sugere a ligação dessa noção a Martin Oppenheimer, em trabalho de 1973. As diferenças entre os proletários “normais” e os profissionais está na discricionariedade e julgamento (conceitos próximos à noção de inferência de Abbott), o que leva a atividade a não ser facilmente padronizável, requerendo altos índices de formação. Uma das contestações à tese da proletarização é o entendimento de que há um espaço “logocrático”, isto é, espaços nas empresas nos quais o profissional possui um mínimo de autonomia, algo que o afasta dos demais trabalhadores. O uso do radical “logos” aqui se dá exatamente por esse poder ligado ao conhecimento que os profissionais têm.

Ao se observar esses conceitos e teorias podemos nos deparar com a tentação quase imediata de tentar enquadrar o jornalismo como profissão ou não. Muitas são as possibilidades abertas com essas noções. Para Fidalgo, por exemplo, as teorias que apontam tendências de desprofissionalização e proletarização seriam particularmente interessantes para se estudar o caso dos jornalistas. Primeiro porque jornalistas são de há muito tempo profissionais que trabalham na condição de assalariados (FIDALGO, 2008, p. 60-61). Isso porque já vão quase dois séculos do período em que a imprensa deixou de ser uma atividade de um ou dois homens que possuíam uma prensa e que atuavam prioritariamente na difusão de ideias políticas para ser uma atividade empresarial de grande porte, à medida que as prensas deixavam de ser baratas.

Para pensar a identidade profissional em nosso objeto, as configurações de identidade profissional existentes entre estudantes e egressos do curso de Jornalismo do Bom Jesus/Ielusc, entendemos que as noções adjacentes ao modelo interacionista são bastante adequadas. Em primeiro lugar, essa perspectiva nos permite considerar que as ocupações passam por processos de profissionalização em graus distintos, todas caminhando em grau maior ou menor ao estatuto de profissão. Além

disso, essa perspectiva permite dialogar com noções pertinentes à formação dos estudantes, em particular a noção de incorporação de valores profissionais. Entendemos que a visão interacionista também encontra pontos de diálogo com noções das teorias mais recentes sobre o poder (ou perda de poder) das profissões. Esses pontos de diálogo podem nos enriquecer ao considerarmos a posição do Jornalismo em relação aos demais campos de poder, bem como no ajudar a visualizar o desenvolvimento de um ânimo positivo ou negativo de indivíduos em relação às condições do mercado, por exemplo. Concordamos com Fidalgo sobre essas leituras do mundo do trabalho serem relevantes para compreender o cenário jornalístico, dado o cenário de profundas transformações que a atividade vive, mas entendemos que elas atuam num papel de suporte para a análise do cenário. Considerando a noção de adesão de Travancas, oriunda de matriz interacionista é pertinente considerarmos o papel que a socialização pelo curso de Jornalismo pode exercer em uma preparação para a adesão à profissão. Ao considerar os jornalistas de uma geração mais jovem, a autora percebe, por exemplo, que a adesão entre esses jornalistas advém de uma concepção de opção em relação à profissão, enquanto entre os da geração mais velha há uma percepção de que o acaso os conduziu para a atividade (TRAVANCAS, 2011, p. 149).

### **1.3 Socialização, *habitus* e identidade**

Agora que delineamos algumas noções gerais sobre identidade e profissão, buscamos articulá-las. Retomemos Dubar, que traz considerações muito ricas sobre como ocorre o processo de socialização de um indivíduo em uma profissão. Sua visão é de que o trabalho é uma faceta mais determinante para a identidade de um indivíduo que a da família ou de outras relações que ele possa ter. Porém, essa socialização não ocorre de maneira linear com a entrada do indivíduo naquele universo de trabalho, ela vem acompanhada de uma complexa trajetória de formação, a qual se desenvolve entre dois processos essenciais: a *identidade para o outro* e a *identidade para si*, sendo que este segundo se constrói em duas dimensões, uma referente ao tempo, de caráter *biográfico*, e outra referente ao espaço, que considera o estabelecimento de relações sociais, ou *relacional*. Ter esses conceitos em vista, considera o autor, viabiliza a elaboração de um método de análise para entrevistas em profundidade, capazes de revelar noções mais internas daquilo que ele chama de forma identitária. As pesquisas de Dubar levam em consideração o desenvolvimento da identidade desde a mais tenra idade.

Em nosso trabalho, todavia, não pretendemos algo tão profundo. Focamos apenas no aspecto profissional. Mas as noções de identidade subjacentes a esse método podem nos ser úteis para analisarmos as respostas de nossos entrevistados sobre como se autotransformam perante os outros e perante si próprios.

A identidade para o outro se constitui em um processo que

[...] concerne à **atribuição** da identidade pelas instituições e pelos agentes que estão em interação direta com os indivíduos. Só pode ser analisado no interior dos **sistemas de ação** nos quais o indivíduo está implicado, e resulta de “relações de força” entre todos os atores envolvidos e da legitimidade - sempre contingente - das categorias utilizadas (DUBAR, 2005, p. 139, grifos do autor).

Nesse sentido, estaríamos nos referindo às formas como as instituições ou outras pessoas classificam cada indivíduo. Para ter maior clareza, suponhamos que um certo trabalhador seja contratado como radialista, mas exerça funções mais amplas e clássicas de um repórter. A forma de classificação externa, pela empresa, não poderia ser determinante sobre ele porque o sistema de ação (noção aproximada, de alguma forma, à ideia bourdieusiana de campo) indica uma realidade diferente. Vamos supor, ainda, que esse mesmo trabalhador esteja entre os nomes que diariamente os ouvintes reconhecem no noticiário. Imaginemos que ele, à medida que progride na carreira em importância e fama, poderá questionar a legitimidade da categoria a ele aplicada no momento da contratação. Nesse momento podemos visualizar o processo que constitui a dimensão da identidade para si, que

[...] concerne à interiorização ativa, à **incorporação** da identidade pelos próprios indivíduos. Ela só pode ser analisada no interior das **trajetórias** sociais pelas e nas quais os indivíduos constroem “identidades para si” que nada mais são que “a história que eles se encontram sobre o que são” (DUBAR, 2005, p. 139, grifos do autor).

Essas categorias partem do seguinte conceito de identidade: “a identidade nada mais é que o resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos

diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições” (DUBAR, 2005, p. 136). Essa definição foi elaborada para que o conceito de identidade na sociologia possa considerar uma dimensão subjetiva em geral negligenciada pela disciplina, conforme o autor.

Parece inevitável não correlacionar a ideia de uma “incorporação da identidade” ao conceito de *habitus*, de Bourdieu. Dubar critica a noção de *habitus* porque a entende como mecanicista ao observar, por exemplo, que ela é elaborada exatamente a partir da concepção de que o ser humano não tem todas as suas atitudes elaboradas racionalmente e que boa parte do seu fazer e agir está condicionado a práticas desenvolvidas e estruturadas anteriormente ao indivíduo tendendo a permanecer desta forma até que as condições de sua reprodução sofram um abalo (seja por ação de um indivíduo descontente até a ineficácia econômica de uma dessas ações).

Todavia, tanto o *habitus* quanto a ideia de *identidade para si* são categorias de análise e talvez, a olhos mais puristas das ciências sociais, possam parecer noções inconciliáveis. Todavia, entendemos que são categorias que podem ser úteis para nosso trabalho em sentidos diferentes. Os conceitos de Dubar, por exemplo, podem ser particularmente interessantes para a análise mais focada das entrevistas, enquanto a noção de *habitus* pode nos subsidiar durante a análise de aspectos revelados pelas entrevistas, considerando o cenário ampliado do campo jornalístico em Joinville, ou do sistema de ação, como o chamaria Dubar.

Se pensarmos no caso específico do jornalismo, as tensões que ocorrem em função das possibilidades abertas pela internet têm gerado alterações substanciais no *habitus* jornalístico. Vale-nos conhecer um exemplo dessa alteração. A mudança da forma de produção de notícias dos jornalistas da versão digital do Correio Brasiliense (o CorreioWeb), foi estudada por Fabio Henrique Pereira (2004). Ele observou a atuação deles mais como compiladores de informação (ou editores) do que como repórteres. A partir de conceituação vinda do sociólogo francês Eric Neveu, Pereira indica a existência de dois tipos de jornalista: o “sentado”, que tende a realizar um trabalho de compilação do material que recebe, próximo, como se pode notar, à figura do editor, e o “em pé”, ativo na apuração, que busca desenvolver o seu próprio entendimento, mais próximo à figura clássica do repórter. Dentre esses dois perfis, classifica os jornalistas do portal do Correio como sentados (2004, p. 96). Nesse tópico pode ser interessante observar mais atentamente a noção de *hexis*, de Bourdieu, que diz respeito a uma postura que se manifesta corporalmente oriunda de um *ethos*, que corresponde aos princípios de

uma moral prática. Ambos os conceitos são subjacentes à ideia de um *habitus* (TRIGO, 1998). O que nos é interessante, nesse ponto, é pensar que as novas condições de trabalho podem gerar posturas que indiquem novas formas de autoidentificação dos jornalistas em relação aos seus trabalhos.

Algo que poderia talvez ser observado pelo próprio senso comum, mas que cabe ressaltar com a observação científica é que podemos considerar que a identidade profissional não está vinculada a apenas uma função específica, mas se relaciona com posições próximas, ainda que todas possam estar de alguma forma subordinadas à égide de uma forma de trabalho mais conceituada no campo. No caso dos jornalistas, esta reside principalmente nos papéis de editores e repórteres, mas também a fotógrafos, colunistas, apresentadores, diagramadores, assessores de imprensa, entre outras funções que trabalham em atividades consideradas ou classificadas jornalísticas, seja em meios impressos, digitais, televisivos ou radiofônicos. Todavia, em geral, são os editores e repórteres que exercem as funções mais prestigiadas internamente pela categoria. Porém, a identidade profissional, pelo menos no contexto específico, não se resume à função. Observa o autor em sua conclusão que a ideia do jornal como obra ainda exerce um poderoso papel na definição de características do profissional em relação ao âmbito externo ao campo jornalístico:

O processo de legitimação do ‘jornalista sentado’ junto ao leitor é frágil: ele não se estabelece a partir de uma interatividade construída pela Rede, nem pelo compromisso público do jornalista, mas pela credibilidade de marcas construídas no decorrer do tempo. O leitor só concede ao funcionário do CorreioWEB o status de jornalista porque o *site* é ligado ao Correio Braziliense, o jornal de maior circulação em Brasília, parte de um grupo de mídia tradicional. Nesse sentido, a conquista da internet como um mercado de trabalho pelo jornalista apresenta uma lamentável contradição (PEREIRA, 2004, p. 107).

A maneira pela qual os estudantes são iniciados na atividade, a visão presente nos documentos que guiam a formação, como diretrizes curriculares nacionais, os limites que surgem nas disputas de campo (casos comunicação vs. jornalismo; academia vs. mercado; redação vs. assessoria; entre outros conflitos), tudo isto deve ser considerado. Uma

hipótese que pode ser lançada é de que os profissionais são formados atualmente para ter um *ethos* iluminista, defensor da democracia e que trabalha tendo uma visão de mundo na qual o público é capaz de absorver informações e atuar na esfera pública a partir delas, algo não muito difícil de se encontrar no discurso jornalístico. Esse *ethos* é muito poderoso considerando-se que é reforçado de modo particular com as referências jornalísticas - caso, por exemplo, do The New York Times, que, dirão Anderson, Bell e Shirky (2013), merece mais o nome de “instituição jornalística” do que de jornal - ou com as produções que possuem a chancela de bom jornalismo como as marcadas por prêmios como o Pulitzer, nos Estados Unidos, ou o Esso, no Brasil, que definem, ao menos dentro do universo da categoria, parâmetros do que é o bom jornalismo (FACCIN e FERREIRA, 2013).

Porém, o *habitus* atual da profissão talvez não favoreça uma plena coerência com esse *ethos*, principalmente para estudantes em regiões onde o mercado profissional não possua uma instituição de referência que permita o exercício desse *ethos* em plenitude. Isso pode ocorrer pela ausência de postos de trabalho em redações jornalísticas, conduzindo os formados a uma necessária adaptação ou transformação desse *ethos* a uma atividade diversa daquela em relação ao qual ele foi elaborado.

O caso mais patente disso é a assessoria de imprensa. O trabalho fora da mídia absorve 44% dos profissionais formados no país (MICK e LIMA, 2013). O *ethos* do jornalista assessor de imprensa é fundamentalmente diverso do jornalista de redação. Se o do jornalista de redação é o *ethos* de raiz iluminista, o dos jornalistas em assessoria é um *ethos* comunicacional, pautado por uma dupla relação de respeito ao público, mas também à empresa para a qual trabalha. Quanto ao *habitus*, é preciso observar ainda que há grandes alterações mesmo dentro das redações. Ao analisar a implantação dos computadores em substituição às máquinas de escrever nas redações de jornais catarinenses, Baldessar (2003) relata uma importante alteração que visava incorporar até mesmo a manutenção da limpeza, do silêncio e da agilidade no *habitus*, mobilizando novas disposições em nome de uma eficiência que acompanhava a novidade dos computadores.

É preciso ter em vista que os processos de socialização, bem como os constituintes do *habitus* e, conseqüentemente, da própria identidade profissional, podem ter sido alterados com as novas configurações. Ainda que não tenham sido uma situação exclusiva do jornalismo.

## 1.4 Jornalismo e identidade profissional

Há muitos caminhos para pensar a questão da identidade profissional dos jornalistas, e ter um panorama geral do que já foi estudado sobre a questão é um dos melhores caminhos para ter clareza sobre o objeto que pesquisamos aqui. Assim fizemos uma triagem da produção científica sobre o tema. Algo que pode ser observado é que o interesse acadêmico pela identidade profissional entre pesquisadores brasileiros é bastante recente e tem aumento substancial a partir de 2009. Isso foi constatado em busca de artigos publicados em revistas voltadas ao jornalismo. Uma possível explicação para o vigor desse interesse recente da academia brasileira pode ser o fato de esse período possuir pelo menos dois eventos significativos que ajudaram a redesenhar a visão e os discursos que diversos agentes envolvidos com o jornalismo produzem de si próprios. O primeiro é a derrubada, em 2009, da obrigatoriedade do diploma de graduação em Jornalismo para o exercício da atividade; e o segundo é o estabelecimento das novas diretrizes nacionais curriculares para os cursos de graduação em Jornalismo em todo o país, que passaram a ser exigidas em 2013<sup>7</sup>, agora distanciada da égide dos cursos gerais de comunicação social. Trata-se de um período bastante fértil para os debates sobre a posição do jornalismo no contexto social do Brasil contemporâneo. Porém, os trabalhos que possuem a noção de identidade profissional a partir de 2009 não possuem relação tão evidente com esses dois momentos e, em geral, apontam para outro fator de impacto: a disseminação do acesso à internet banda larga no país, que teve início a partir de 2000, intensificando-se ao final da década. A maior parte dos trabalhos que toca de algum modo na noção de identidade profissional, ainda que de forma meramente descritiva (não propriamente como objeto ou conceito relevante para esta pesquisa), parece ter raiz na ideia de que as possibilidades abertas pelas novas tecnologias da informação e da

---

<sup>7</sup>A pesquisadora Fernanda Lima Lopes (2012), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), traça em minúcia o desenvolvimento dos debates em torno desses dois eventos, estudando-os a partir da análise da retórica dos discursos de diferentes atores envolvidos no processo conflitivo, como as instâncias sindicais (Fenaj principalmente), o movimento dos professores de jornalismo (FNPJ e SBPJor), as empresas jornalísticas (principalmente o Grupo Folha), o Poder Judiciário, os estudantes de graduação em Jornalismo, entre outros grupos da sociedade civil como a Igreja Católica (CNBB) e outras entidades de representação profissional (como a OAB).

comunicação sejam as principais responsáveis pelas mudanças substanciais do cenário da atividade jornalística. Muitos desses artigos aparecem em um dossiê da revista *Brazilian Journalism Research*, de 2013, que tinha o tema “Jornalismo e Identidade Profissional”. Interessamos observar que o editorial daquela edição nos aponta para uma problemática mais profunda, ligada aos modos de fazer jornalismo:

O interesse renovado da comunidade acadêmica pelo tema Identidade dos jornalistas parte, em alguns casos, da percepção de que houve uma reconfiguração dos processos de produção da notícia – sobretudo com a introdução das mídias digitais – o que explicaria a circulação de um número expressivo de trabalhos que problematizam o perfil desse profissional em tempos de convergência tecnológica (PEREIRA et al., 2013, p. 5).

Todos os nove artigos que integram o dossiê analisam, sob pontos de vista distintos, a remodelação que a atividade jornalística vem tendo por conta da convergência de meios possibilitada pelas recentes inovações tecnológicas. As mudanças ocorrem nas rotinas produtivas das redações. Renault (2013) apresenta a seguinte situação das redações em Brasília:

(...) um mesmo profissional se encarrega de apurar, redigir e transmitir em plataformas diversas as informações para manter os sites atualizados, no menor espaço de tempo possível entre o acontecimento e sua disponibilização, além de oferecer em seguida complementos. E ao final da jornada diária, o jornalista ainda precisa assegurar a sua contribuição para o impresso que circula no dia seguinte (p. 32).

Em termos de identidade, a mudança ocorreria porque o jornalista não é mais um elo de uma cadeia de produção, como ocorria em outros tempos, quando havia um apurador, um redator e um editor, cada um com sua função bem definida, e quando o tempo de referência era o do horário de fechamento para a publicação no dia seguinte no caso dos impressos. Modificações tecnológicas, todavia, não são propriamente novidade para o jornalismo, especialmente para o impresso. Falou-se de fim dos

impressos quando a rádio surgiu e de fim dos impressos e da rádio quando a televisão surgiu. Fala-se, por vezes, até em fim da televisão.

Isso não é visto, porém, como algo necessariamente negativo por alguns autores. Para Jenkins (2008, p. 35), o erro que vinha sendo cometido por analistas de mercado e estudiosos da comunicação ao considerar a convergência era analisá-la apenas do ponto de vista tecnológico, o que lhe conferia o ar de uma perene possibilidade a se concretizar, sem que, no entanto, se observasse a cultura que se ia estabelecendo ao redor da tecnologia. O autor analisa exemplos de como a integração entre o público e os produtores de conteúdo influencia decisões destes por meio das relações possibilitadas pela convergência. Antes, eles observavam nesse público uma massa amorfa da qual não era necessário considerar as vontades e os desejos. Extrapolando o pensamento do autor, que considera produções televisivas e cinematográficas populares, pode-se vislumbrar o como essa cultura em torno da tecnologia poderia conduzir a formas diferentes de jornalismo.

Uma compreensão bastante presente na maioria dos artigos que encontramos é de que a identidade profissional do jornalista está sob intensa reformulação à medida que o controle da disseminação da informação não é mais uma exclusividade dos jornalistas (ou de seus empregadores). Isso porque agora é possível ter acesso, a preço razoavelmente acessível, a meios de publicação de conteúdos com novos equipamentos de captação de imagem, vídeo e áudio, unidos à melhoria do serviço de internet. Tudo isso teria dado ao público — até então sempre considerado como cumpridor do simples papel de consumidor de informação — e a instituições como sindicatos, associações diversas, ONGs, órgãos públicos, entre outros — instituições que até então eram simplesmente cumpridoras do papel de fontes, ainda que já pudessem publicar seus próprios jornais e radiojornais, por exemplo —, uma, por assim dizer, independência editorial, que levaria à queda do modelo de empresa jornalística existente hoje e a um ceticismo quanto à validade do jornalista como mediador. Talvez seja oportuno considerar que a questão da publicação por parte do leitor não era algo impossível antes da disseminação da internet, havendo espaço em jornais nas chamadas cartas do leitor, bem como também órgãos públicos e sindicatos possuísem as suas próprias publicações. Ocorre que essa situação, todavia, não seria tão determinante para o cenário profissional porque a possibilidade de interação por esses meios era limitada, estando sob domínio de corporações empresariais e sendo exercida por jornalistas, de forma que

oferecia baixo risco à categoria profissional (via edição de opinião nos impressos, nos primeiros casos, e a propriedade das gráficas, no segundo).

Uma consequência dessa compreensão está presente na ideia de Fausto Neto (2009, p. 18) de que a “força de trabalho autoral do jornalista” está se diluindo gradativamente porque sua principal face é a mediação técnico-simbólica, agora passível de realização por qualquer pessoa com um *smartphone*. O autor parte da seguinte hipótese:

(...) o processo intenso e crescente da midiatização sobre a sociedade e suas práticas sociais, afeta de modo peculiar a cultura jornalística, seu ambiente produtivo, suas rotinas e a própria identidade dos seus atores. Seus efeitos transformam as fontes e leitores em instâncias de co-produção da notícia. *Se não podemos falar do desaparecimento do jornalista como estrutura mediadora, muitas consequências põem em jogo seu atual status e sua identidade* (FAUSTO NETO, 2009, p. 19, grifo nosso).

A compreensão do autor tem como pano de fundo a ideia de um, por assim dizer, ecossistema jornalístico em que atuam três instâncias principais: os jornalistas, o público e as fontes. E os jornalistas, observa, são integrantes de uma comunidade interpretativa que está ameaçada por esses abalos à mediação técnico-simbólica.

A ideia de uma “comunidade interpretativa” dos jornalistas tem origem no pensamento da pesquisadora estadunidense Barbie Zelizer e foi popularizada no universo lusófono por Nelson Traquina (2008b), que prefere falar de uma “tribo jornalística” pelo aspecto metafórico da palavra. Sobre essa noção repousam também perspectivas interessantes para esta pesquisa, em especial se considerarmos que

Os jornalistas lutaram para ganhar um estatuto social comparado ao das profissões liberais, e nos mais de 150 anos de luta (ainda em continuação) constituíram-se uma “comunidade interpretativa” em que os novos “agentes especializados” encontram uma legitimidade social num processo circular entre os jornalistas e a sociedade, na aura da teoria democrática. Têm uma vasta cultura rica em valores, símbolos e cultos, e ganharam uma dimensão mitológica dentro e fora da “tribo” e de uma panóplia de ideologias justificáveis em que é

claramente esboçada uma identidade profissional, isto é, um *ethos*, uma definição da maneira como se deve ser (jornalista)/estar (no jornalismo) (TRAQUINA, 2008b, p. 36-37).

Essa comunidade partilha, como afirma o autor, uma cultura profissional, cujo valor (noção a ser distinguida de valor-notícia, que se refere aos valores utilizados para determinar quais eventos são dignos de serem noticiados) fundamental seria o *tempo*, expresso na paisagem imaginária de Novaslândia, país desenhado por Traquina (2008b), pelos relógios onipresentes nas cidades. O povo desse país falaria uma língua própria, o “jornalês”, baseado na preocupação de tornar compreensíveis os acontecimentos, e também seria caracterizado pela postura pragmática, isso tudo realçado por uma mitologia própria da profissão

A mitologia jornalística coloca os membros desta comunidade profissional no papel de servidores do público que procuram saber o que aconteceu, no papel de “cães de guarda” que protegem os cidadãos contra os abusos do poder, no papel de “Quarto Poder” que vigia os outros poderes, atuando do a quem doer, no papel mesmo de herói do sistema democrático, tão bem projetado e, por diversas formas, no imaginário coletivo do espaço público democrático, e sobretudo em diversos filmes em que a magia do cinema oferece uma constelação de símbolos e representações da mitologia jornalística (TRAQUINA, 2008b, p. 51).

O trabalho de Traquina acrescentou ao conceito uma dimensão de transnacionalidade ao constatar que determinados valores são, de maneira geral, comuns em países tão diversos quanto Alemanha, Brasil, Espanha, Itália, Estados Unidos, Portugal, Reino Unido e Suécia, aos quais o principal traço comum talvez seja o de todos serem facilmente identificados com o Ocidente.

Considerando uma comunidade interpretativa dos jornalistas ou uma tribo jornalística, é preciso observar que esse não é o único ponto chave para o qual aqueles que se dedicam ao jornalismo podem recorrer para afirmar a sua profissão. Retornando ao entendimento de Fausto Neto, é preciso observar que seu pensamento possui ecos da teoria de Andrew Abbott sobre as profissões, conforme observamos em seção anterior deste capítulo (FIDALGO, 2008), em que a reivindicação de um grupo

ocupacional ocorre sobre uma determinada jurisdição do saber. Se considerarmos, a partir dessa concepção, que a jurisdição do jornalismo consiste em uma *força autoral*, algo talvez equivalente à decisão médica ou à hermenêutica jurídica, nos deparamos com uma situação bastante fecunda para pôr em perspectiva a identidade profissional dos jornalistas. Antes de tudo seria preciso entender melhor o que seria essa força autoral. Fausto Neto afirma que essa força autoral reside na capacidade de *mediação do espaço público*. E essa capacidade de mediação se encontra em risco à medida que o próprio cenário que permite essa mediação (o principal componente desse cenário é o controle das ações informativas por empresas jornalísticas) já não se configura da forma que permitiu aos jornalistas ter essa função mediadora. O problema de entender que a força autoral reside na mediação obscurece o fato de que a capacidade de mediação é, antes, do jornal, da obra jornalística, e não do jornalista em si, o que faz do jornalista antes um rosto dessa mediação do que o portador dela em si. Em tese, poder-se-ia afirmar que o jornalista está, no momento atual, mais próximo de se firmar como um profissional liberal, no sentido mais conhecido do termo, uma vez que a possibilidade de publicação autônoma para um público grande e diversificado é maior com a internet (ainda que dependente, em última instância, da contratação de serviços de gigantes do ramo como a Google). Isso permitiria pensar em um duplo movimento de desproletarização e reprofissionalização com a saída do jornalista das empresas jornalísticas para um trabalho realizado de forma autônoma, se adotarmos de forma acrítica o conceito de profissão do mundo anglófono, mas não explica exatamente em quê consiste a força autoral do jornalista, uma vez que a capacidade de mediação, por si só, está mais para um elemento necessário ao trabalho do jornalista do que propriamente a fonte de sua força autoral.

Se tomarmos um exemplo do campo artístico, que possui uma relação talvez ainda mais intensa com a noção de autoria, é possível observar paralelos quanto às dúvidas sobre a identidade profissional. Para debater o tema, Carpentier (2011) parte de uma reflexão sobre a ideia de morte do autor, de Roland Barthes (1987), e propõe um desdobramento dela nas teorias da arte: a ideia de uma dupla morte do autor. A primeira, delineada por Barthes, ocorre com a perda do controle da geração de interpretação pelo produtor do texto. Se antes o autor (ou as “elites culturais”) era a fonte de e a explicação para todas as interpretações, o novo cenário indica que está em poder do leitor a interpretação. Já a segunda morte do autor seria uma constatação mais recente e se refere à coparticipação, na própria obra, entre produtores culturais e público. É o segundo movimento que vai promover alterações efetivas no modo como

se recebe e interpreta a arte<sup>8</sup>, uma vez que a produção artística, tal como podemos pensar sobre a jornalística, já não está rodeada por mistérios, por uma “aura própria”, sendo acessível. É possível notar que há significativas semelhanças com a expectativa que se observa nos artigos que tratam da possibilidade de atuação de cidadãos no jornalismo, como é o caso do texto de Fausto Neto.

Carpentier (2011) observa, porém, em relação ao campo artístico, que há um problema nessa análise: o alto grau de individualização que ela tem, no sentido de desconsiderar o ambiente que envolve a noção de autor, ligando-a não à casta completa das elites culturais, mas apenas ao indivíduo isolado que, espera-se, seja o autor. Nas palavras de Carpentier:

Este tipo de argumento tem diversos problemas. Em primeiro lugar, ele tende a uma interpretação individualizada do social, que acaba por subestimar as estruturas societais, inclusive a importância das estruturas organizacionais em fornecer um porto seguro para as elites culturais, e a importância das estruturas discursivas como as *identidades profissionais* e *identidades do público*. Obviamente essas estruturas são interdependentes, já que as instituições funcionam como maquinário discursivo, *produzindo identidades*, e as identidades profissionais são forças motrizes para o funcionamento e legitimação das instituições culturais. (...) Em outras palavras, as identidades dos profissionais de cultura permanecem coladas aos discursos hegemônicos, por exemplo, do gerenciamento, da autonomia e da expertise (CARPENTIER, 2011, p. 184, grifos meus).

As observações de Carpentier contribuem com a ideia de que a identidade profissional é um fenômeno que, para ser compreendido, deve ser considerado em relação ao todo social. Outra noção que se pode

---

<sup>8</sup>Um exemplo desse tipo de situação é descrito por Jenkins (2008), quando menciona o modo pelo qual os fãs da série de TV Survivor se organizaram para descobrir informações até então guardadas em segredo pela equipe de produção do programa. Isso mobiliza a própria equipe de produção a desenvolver estratégias para evitar o vazamento de informações, mas também a de deixar pistas, como que possibilitando uma situação de jogo, na qual fãs e produtores interagem, reformulando o produto final, que passa a ser resultante desses tensionamentos.

extrair da concepção do autor é a ideia de identidade profissional como um discurso ou como um recurso discursivo, na qual, todavia, não pretendemos adentrar em razão de ser uma abordagem, que não é prioridade nesta pesquisa.

Retornando ao trabalho de Fausto Neto, podemos também resgatar a noção de um ecossistema jornalístico, que nos parece muito fecunda para o desenvolvimento desta pesquisa à medida que permite considerar os diversos fatores que podem, de alguma forma, participar do processo de vivência do graduando de Jornalismo e do jornalista formado e que atua no mercado. Porém, não há como não notar que na tipologia de Fausto Neto estão ausentes a academia e o sistema empresarial. É possível imaginar, a partir dessa concepção, uma distribuição dos jornalistas que não trabalham em mídia estando no grupo do público e, fundamentalmente, no das fontes, seja em assessorias de imprensa ou em outras funções correlatas. Eles não são jornalistas? A tipologia de Fausto Neto parece subentender que jornalismo é apenas o praticado em redação, mas isso se explica em razão de o artigo do autor ser de caráter teórico focando em um sistema ideal para o desenvolvimento de sua linha de argumentação. Além do mais, o artigo foi produzido em um período no qual, no Brasil, ainda não era tão visível a queda do sistema de financiamento via publicidade, que tem resultado em uma redução contínua de empregos como meio de cortar custos.

A novidade promovida pela convergência reside, entre outras coisas, na ressignificação da profissão de jornalista e, conseqüentemente, de sua identidade. Como já vimos, alguns autores (Brambilla, 2005; Fausto Neto, 2009; e Bezerra e Accioly, 2011) observam que a popularização do acesso à internet tem feito com que pessoas até então consideradas passivas no processo comunicacional possam se sentir participantes da atividade jornalística. Seja por publicações num blog pessoal, por interagir sugerindo pautas por meio de uma plataforma destinada a isso no portal do jornal, por fazer seleção de conteúdos e disseminar informações por meio das redes sociais. Ainda considerando o peso que a participação do público pode ter na identidade do jornalista, Bezerra e Accioly (2011), por exemplo, observam que na produção jornalística digital em televisão surge a figura do *prosumer* (*producer* e *consumer*). Essa nova figura, entendem os autores, levaria a uma reconfiguração da identidade não apenas do jornalista, mas também do seu público. Movimento similar é assinalado por Brambilla (2005) com relação ao funcionamento do portal de informações sulcoreano

OhmyNews<sup>9</sup>, pensado para ser uma plataforma de jornalismo *open source* (código aberto). No caso particular do portal, isso se traduz na proposta de uma assimilação da função jornalística pela população, uma vez que os índices de confiança na imprensa no país são bastante baixos em razão da vinculação entre as empresas jornalísticas e o governo, além de uma sistemática de pré-edições, o que contribuiu para a desconfiança na figura do jornalista e o surgimento do conceito, atraente do ponto de vista democrático, de *cidadão-repórter*, baseado em uma ideia de engajamento para resolução dos problemas por meio da informação (BRAMBILLA, 2005, p. 109).

Ou seja, um outro entendimento que surge na produção científica parece apontar na direção de que os cidadãos vão assumir a posição dos jornalistas na produção noticiosa. Todavia, esse fenômeno parece não se confirmar de modo completo em contextos distintos, como o de Joinville, conforme relatório parcial do projeto GPSJor - Governança, Produção e Sustentabilidade para um Jornalismo de Novo Tipo<sup>10</sup>. O trabalho, realizado em Joinville com 542 entrevistas colhidas em perfil representativo formado a partir dos dados do eleitorado da cidade, indica que, ainda que 49,7% utilizem a internet como primeira fonte de informação jornalística, o interesse em gerir instituições jornalísticas ou em produzir notícias e reportagens é baixo (13% gostariam de editar e revisar a produção; 17%, de escrever texto informativo; 14%, na gestão; e 13%, no financiamento). O que se observa é um interesse em participar

---

<sup>9</sup>O OhmyNews começou suas operações em 2000, e aparentemente desativou suas operações em inglês em 2013, embora mantenha um fluxo contínuo de publicações em coreano até hoje. O texto de Brambilla, de 2005, é, ao que tudo indica, a única produção em português sobre o portal noticioso e produções de outros países parecem se concentrar mais ou menos em torno do mesmo período, o que dificulta saber até que ponto a proposta de um “jornalismo dos cidadãos” se manteve e quais poderiam ser seus impactos sobre a identidade profissional dos jornalistas naquele país e contexto.

<sup>10</sup>O projeto, ainda em andamento, tem como objetivo pensar meios para o desenvolvimento de uma iniciativa jornalística, se não o fortalecimento de uma já existente, de forma que seja sustentável financeiramente e independente em termos editoriais na cidade de Joinville. O trabalho está sendo desenvolvido por uma equipe formada por 23 pesquisadores, a maioria da UFSC e do Bom Jesus/Ielusc. Os coordenadores da pesquisa são os professores Ângelo Augusto Ribeiro (MPSC/Iscom); Carlos Castilho, Frederico Carvalho, Iohanna Roeder, Jacques Mick, Rogério Christofolletti e Samuel Lima (Posjor/UFSC); Luisa Tavares (PGSP/UFSC); e Marília Maciel (Bom Jesus/Ielusc).

na sugestão de pautas e na produção de textos opinativos. Porém, ele cai consideravelmente quando se entra na seara que os jornalistas efetivamente requerem como seu campo jurisdicional.

Quase todos observam um déficit de participação quanto às possibilidades de relação mídias-público asseguradas pelas tecnologias. Grande parte tem simpatia com a possibilidade de participar (...): sugerir temas, avaliar as edições, atuar como fonte ou contribuir financeiramente foram mencionados pela maior parte dos respondentes; atuar na gestão ou em aspectos técnicos da produção jornalística (produzir conteúdo, apurar ou editar) não motivaram muitos entrevistados (GPSJOR, 2017, p. 25).

Considerando a escassez de dados sobre o interesse da população em produzir conteúdo informativo isso pode significar que, de modo geral, a população não pretenda ocupar o lugar de produção de informação do jornalista, tal como alguns autores mais pessimistas previam quando a internet surgiu possibilitando maior participação do público no trabalho jornalístico. Essas visões poderiam ser mais catastróficas, do ponto de vista da regulamentação profissional, ou mais otimistas, considerando a democratização da informação.

Outra forma de abordar a questão de uma transformação da identidade profissional nesse quadro é considerar o modo como as representações artísticas ajudam a constituir a imagem do jornalista. No caso do cinema, as observações de Lopes, Duarte e Vieira (2017) indicam que houve uma continuidade na forma de se representar o jornalista investigativo entre os filmes *Todos os Homens do Presidente* e *Spotlight*, realizados, respectivamente, em 1976 e 2015. Os dois filmes foram lançados em dois momentos bastante distintos do jornalismo, o primeiro no período chamado industrial e o segundo no pós-industrial, porém, tendem a usar uma série de elementos estéticos que conduzem a representações bastante similares do jornalista como um sujeito heroico, incansável na busca por suas fontes:

(...) em *Spotlight*, as imagens da redação do Boston Globe remetem a configurações dos anos 1970 ou 1980, e até a fotografia do filme parece remeter à de *Todos os homens do presidente*. Quase não se percebe a interferência da internet

no universo jornalístico, sobretudo nas imagens da infraestrutura da redação. Aliás, se não fosse por terminais de computador em vez de máquinas de escrever sobre as estações de trabalho, as redações mostradas em ambos os filmes seriam praticamente idênticas (LOPES, DUARTE e VIEIRA, 2017).

Isso abre questionamentos quanto às representações sociais do jornalista. Um exemplo disso são os apontamentos ácidos do pesquisador Michael Kunczik, quando se refere ao cenário do jornalismo na Alemanha:

A essência da ilusão da ‘profissão livre’ consiste no seguinte: como os jornalistas participam continuamente dos últimos acontecimentos, tendem a adquirir um senso de superioridade. Seu contato com as pessoas importantes intensifica essa tendência. Acredita-se que ele é independente em relação aos temas e às opiniões e que suas horas de trabalho não são rígidas. Muitos jornalistas distorcem a realidade. Negam-se a aceitar o seu trabalho pelo que ele realmente é: um trabalho assalariado. Gostam, ao contrário, de pensar que são um tipo de intelectual socialmente independente, uma espécie de gênio jornalístico livre de preocupações materiais (KUNCZIK, 2001, p. 154).

As características anotadas na descrição do pesquisador são importantes na identidade socialmente construída sobre os jornalistas. Por conta desses aspectos, afirma o pesquisador, é possível que um jornalista considere viver num estrato distinto em relação ao das demais classes trabalhadoras pela natureza intelectual da sua ocupação, embora seja, geralmente, funcionário de uma empresa jornalística ou integre a equipe de uma assessoria de comunicação. É preciso ainda observar que Kunczik busca enquadrar o jornalismo em um conceito de profissão numa perspectiva marcadamente funcionalista, por ter em mente uma preocupação de caráter mais classificatório. Não se pode perder de vista, também, que há características bastante distintas entre o jornalismo feito no Brasil e o feito na Alemanha. A crítica de Kunczik, todavia, se centra no aspecto puramente organizacional do grupo ocupacional,

desconsiderando, aparentemente, a cultura desenvolvida por esses mesmos jornalistas ao longo de pouco mais de 170 anos de um processo de profissionalização.

Visão bem diferente da que Traquina desenvolve:

Se os jornalistas não foram capazes de fechar o seu “território” de trabalho, foram capazes de forjar uma forte identidade profissional, isto é, uma resposta bem clara à pergunta “o que é ser jornalista”, parte de toda uma cultura é constituída por uma constelação de crenças, mitos, valores, símbolos e representações que constituem o ar que marca a produção das notícias. A vasta cultura profissional dos jornalistas fornece um modo de ser/estar, um modo de agir, um modo de falar, e um modo de ver o mundo (TRAQUINA, 2008b, p. 36).

Essa resposta clara, porém, em geral associada à ideia de um “cão de guarda” da democracia aparece fortemente associada à figura do *repórter*, uma atividade bastante específica dos jornais que ganhou relevância, em particular, no jornalismo estadunidense, entre as décadas de 1880 e 1900, após a firme vinculação do jornalismo ao trabalho de reportagem, que consistia em ser preciso e fiel aos fatos e ágil para os narrar àqueles que não estavam próximos ao cenário dos acontecimentos. O repórter é, historicamente, a figura simbólica mais fácil de se reconhecer no jornalismo, assim como a redação se constitui no principal espaço do jornalismo.

O repórter surge quase simultaneamente com o jornalismo industrial. Observa o autor que até o jornalismo industrial talvez nem fosse possível se falar em jornalistas, pelo menos no sentido que conhecemos hoje. Traquina localiza o marco para o surgimento em larga escala desse novo Jornalismo entre as décadas de 1830 e 1840: a difusão da *penny press*. Até então, o Jornalismo primava essencialmente pela opinião, sendo muito ligado ao universo político. O novo modelo, porém, primava pela informação, uma vez que buscava atingir parcelas mais largas da população, não podendo se restringir a artigos focados na defesa de determinadas posições políticas. Os novos jornais, então, precisavam ser úteis, trazendo informações que iam de mercadorias recém-chegadas no porto até fatos sobre acontecimentos do cotidiano.

O autor observa ainda que o nascimento desse jornalismo não estava desvinculado de todo seu entorno social, o que explica algumas das características que ainda hoje marcam a produção jornalística:

É no século XIX, em que o positivismo é reinante, que todo o esforço intelectual, tanto na ciência como na filosofia como ainda, mais tarde, na sociologia e outras disciplinas, ambiciona atingir a perfeição de um novo invento, invento esse que parecia ser o espelho há muito desejado, cujas imagens eram reproduzíveis, cuja autoridade era incontestável - a máquina fotográfica (TRAQUINA, 2008a, p. 51).

É nesse terreno fértil que surge o repórter, embora ainda tivesse pouco prestígio dentro do campo jornalístico. Será por meio principalmente do correspondente de guerra que essa categoria se tornará fundamental no Jornalismo, tornando-se praticamente seu sinônimo.

Todavia, o desenvolvimento desse modelo de jornalismo no Brasil se dá de forma tardia. Ao falar sobre o jornalismo no Brasil, considerando as técnicas de trabalho desenvolvidas pelo jornalismo brasileiro, Cremilda Medina enumera um grupo de vícios daquilo que chama de jornalismo romântico, que corresponde ao jornalismo realizado antes do período industrial. No país, corresponde a um período anterior à década de 1940 em que os repórteres não raro eram bachareis de Direito que visavam carreira posterior no poder público ou um lugar ao sol na Literatura. O primeiro vício diz respeito a um comportamento diante da realidade. O repórter desse tempo olhava para a realidade com os olhos de um "autor". Com isso, diante da fonte, o repórter tenderia a reforçar o posicionamento que já possui. Assim, manteria uma atitude apriorística sem se esforçar por buscar possíveis contradições e expô-las em seu relatório. Um terceiro vício diz respeito à dificuldade de lidar com linguagens que não sejam verbais. O quarto vício diz respeito a velocidade: o jornalista com pensamento de "autor" tende a trabalhar em um ritmo lento. E o quinto vício respeito à especialização, que fixa um jornalista a um determinado campo de cobertura (MEDINA, 1982, P. 132-134). A maior parte destas observações é dirigida de forma crítica a uma postura que a autora identifica com alguns estudantes de jornalismo na década de 80. Medina parte de uma ideia segundo a qual o jornalista deve atuar como um "vaso comunicante", humilde, aberto aos fatos e sem a pretensão de ter domínio sobre eles. Essa visão coaduna com a função que enxerga para o profissional: "À imperfeição se justapõe uma virtude do jornalista, enquanto ser investido de um papel social: sua função é estabelecer pontes na realidade dividida, estratificada em grupos de

interesse, classe sociais, estratos culturais e faixas até mesmo etárias” (MEDINA, 1982, p. 22).

Essa diferença geral entre os profissionais também pode ser percebida em pesquisa desenvolvida por Lima Lopes. A autora indica que a figura do repórter surge no Brasil no início do século XX. Esse surgimento se dá por conta das transformações tecnológicas e do aumento da verba publicitária que passa a irrigar os jornais. Explica que esses fatores aumentaram a relevância do "furo", marco importante ligado ao repórter, mas que continha importante papel na circulação dos jornais:

[Com o furo] a figura do repórter ganha prestígio e passa a abrigar grande parte do imaginário sobre o trabalho jornalístico. O homem (ou mulher) de imprensa não era apenas aquele sujeito culto, de óculos, com ar de intelectual, que ficava atrás da máquina de escrever, mas também passava a ser aquele que estava na rua, próximo dos fatos (p. 73).

Lima Lopes observa também que a identidade do jornalista possui uma relação complexa com a instituição jornalística. A simples mercantilização da notícia não basta para explicar como esse fenômeno ocorreu. Nas décadas de 1920 e 1930 não se via o jornalismo como profissão no Brasil. Em grande medida isso se deve a fatores como a não existência de uma formação superior específica, o exercício concomitante a outras profissões, o uso do jornalismo como trampolim para atividades políticas, entre outros aspectos. Nesse cenário era comum que à figura do jornalista se colassem imagens como a do literato, do boêmio, do escritor, do político, ou do bacharel em direito. A profissionalização afasta essas figuras do cenário geral da profissão. Passam então a fazer parte da história do jornalismo.

Explica a autora que "várias características e caracterizações do jornalismo e dos jornalistas continuaram a se fazer presentes após as reformas dos anos 1950, como as ligações do jornalismo com a literatura e o comportamento boêmio" (LIMA LOPES, 2013, p.75). As reformas de 1950 mencionadas por Lima Lopes possuem inspiração no modelo norte-americano de fazer jornalismo, focado principalmente na informação e menos na opinião, mais na direção de um modesto mediador, ou "vaso comunicante" mencionado por Medina, e menos na direção de um intelectual requintado. A maior parte dessas reformas ocorre em grandes impressos diários do Rio de Janeiro, capital federal à época. A primeira delas a ocorrer foi a do jornal Diário Carioca, a partir de onde se tornam

referência para o resto do país. Essas mudanças resultaram principalmente na inclusão de uma preocupação constante com o bem comum e com o interesse público na atuação dos jornalistas, ajudando a compor a mítica de um profissional isento como referência para a atividade.

A obediência às mudanças implantadas pela empresa, todavia, ainda que tenham sido recebidas com resistência principalmente por parte dos jornalistas boêmios, acabaram sendo recebidas e administradas em uma direção positiva na luta pelo reconhecimento profissional. A figura isenta e preocupada com o bem comum favorecia os jornalistas à medida que lhes dava força ao argumento de prestar serviço à sociedade, ao passo que servia à empresa como um distintivo social. Não se deve esquecer que neste período (já ao final da década de 1980) o Brasil passava por um momento de redemocratização e de reabertura à livre atividade de imprensa.

As mudanças de perfil profissional podem ser observadas em diferentes meios profissionais. Refletindo sobre o exercício dos jornalistas em rádio, Meditsch observa a existência pelo menos três perfis profissionais de jornalistas, de alguma forma correspondentes a perfis existentes na imprensa. O primeiro deles é a identidade do jornalista que é artista e boêmio. Esse perfil existia principalmente na primeira fase do rádio. Num segundo momento, o jornalismo é visto como "instrumento de luta política", na qual se vê cumprindo um tipo de "missão" ou "sacerdócio". Esse modelo em particular vai conduzir a um desejo por profissionalização, com a defesa de uma formação superior de caráter humanístico. O terceiro perfil corresponde ao jornalista que se enxerga como um técnico, desejando despojamento político tendo em vista um ideal de objetividade (MEDITSCH, 2007, p. 76-77).

O perfil político do jornalista corresponderia, na imprensa, a uma imagem (talvez até mais autoimagem, na internalidade do campo) existente no período autoritário da ditadura civil-militar, em que a imprensa alternativa demonstrava um aspecto de resistência e irreverência em razão de sua postura contestatória (LIMA LOPES, 2013, p. 103).

Talvez seja dentro desse espectro que Cremilda Medina defende, em 1982, de modo especial que os jornalistas formados possuam um perfil prioritariamente técnico. A autora observa que a ojeriza ao mercado conduzia muitos dos estudantes de Jornalismo a terem aquilo que ela chama de posição de "autor", tendendo a um desejo de posicionamento político antissistema que atinge inclusive a relação entre alunos e professores nos cursos de Jornalismo. O perfil político poderia assim estar

de forma mais presente entre os estudantes do que entre os profissionais da mídia. A autora advertia para o risco que essa postura tem:

O resultado desse lamentável equívoco é que os jovens profissionais mais uma vez se jogam numa empresa jornalística, quando chega a hora da sobrevivência no mercado. No afã de se integrarem na vaga ocupacional, aprendem aos trancos e barrancos as fórmulas mais primárias da linguagem profissional, fixam-se nelas, ingressam numa mediocridade inconsciente e se rotinizam, no mínimo sem nunca aspirar - nem por curiosidade - a dinâmica da inovação (MEDINA, 1982, p. 111).

Essa profunda responsabilidade ética que marca o discurso dos jornalistas é um traço fundamental da cultura profissional dos jornalistas. Retomando o pensamento de Traquina (2008a; 2008b), é preciso observar que a trajetória da organização profissional lutando por condições mais dignas de trabalho, bem como por maior autonomia se vincula à densa cultura profissional formada pela profissão, capaz de gerar imperativos éticos. Ocorre que as condições que permitiram essa configuração da identidade profissional parecem estar se modificando e, com elas, modificando-se também os objetivos da categoria como um todo:

(...) essa estranha profissão que outrora excitava o imaginário popular atravessa uma crise em todos os sentidos. E a culpa não seria do jornalista. Sem identidade profissional definida, pressionado pelo mercado em condições de trabalho cada vez mais precárias e responsabilidades sociais cada vez mais fortes, os jornalistas estão cansados. Eles jogaram fora o papel de herói. Ninguém mais quer ser super-homem. Os jornalistas querem apenas ser profissionais respeitados em seus direitos no mercado de trabalho da informação (ADGHIRNI, 2017, p. 96).

Porém, uma simples classificação do jornalismo como profissão não está na visão de nossa pesquisa. Para compreender como essa ocupação passa a estar presente na vida de uma pessoa, de um estudante, aprofundar-se em concepções sobre um processo de socialização da ocupação é inevitável. Nesse sentido, entendemos importante retomar a leitura de Travancas sobre a adesão, que mencionamos anteriormente,

porque esse trabalho pode enriquecer profundamente a análise que vamos realizar. Começamos contextualizando o estudo da pesquisadora, feito nos primeiros anos da década de 1990. Travancas acompanhou o cotidiano de trabalho de alguns jornalistas na cidade do Rio de Janeiro por meio de uma etnografia. A atividade etnográfica cobriu também o trabalho dos profissionais no seu ambiente mais típico, o da redação. Os pesquisados eram preferencialmente repórteres porque essa é a função mais paradigmática da atividade, conforme a autora (TRAVANCAS, 2011, p. 44). O método foi aliado a entrevistas em profundidade conduzidas com cerca de 50 profissionais de dois grupos geracionais. O primeiro grupo é o dos jornalistas mais velhos e era composto por profissionais em geral com mais de 30 anos de profissão e reconhecidos por cobrirem temas que marcaram de alguma forma a vida nacional, que não se veem como jornalistas “típicos”, e cuja entrada na profissão, na leitura deles mesmos, seria mais obra do acaso do que propriamente da vontade de atuarem como jornalistas. Apenas um desses jornalistas teve alguma formação universitária na área do Jornalismo e não chegou a concluí-la. Esses profissionais viveram um período de maior profissionalização da atividade, tendo acompanhado o declínio do modelo de jornalismo romântico e a ascensão de um jornalismo de característica mais informativa. O grupo dos jornalistas mais jovens, todavia, era composto por profissionais que tivessem até 15 anos de profissão, muitos ainda em fase de consolidação de carreira, de diversos meios, como impresso, rádio e TV (na época da TV ainda não se podia considerar a internet). Em geral esses jornalistas olham a entrada na profissão como resultado de uma opção e todos passaram pelos bancos escolares das faculdades de Jornalismo.

Travancas salienta que, apesar das diferenças de características, há muitos pontos de contato entre os profissionais das duas gerações, como a evidência de um individualismo característico da profissão (que mescla um aspecto competitivo no campo da produção com um aspecto que reivindica uma originalidade ou o reconhecimento de que a própria existência é única); na noção de que o jornalista é um “homem público”, no sentido mais amplo de que é um profissional que precisa ter facilidade de se comunicar em espaços os mais variados; mas de modo particular pela *visão de mundo* e pelo *estilo de vida*, que podem gerar por exemplo uma atitude *blasé*, em virtude das constantes mudanças pelas quais um jornalista passa num mesmo dia, sendo um candidato a manter uma postura do gênero diante dos fatos.

Um aspecto que evidencia a diferença de visão de mundo quanto a outros grupos é a noção de espaço do jornalista, que Travancas traça como tripartida. Outros antropólogos como Roberto Da Matta (1997), por exemplo, categorizam a percepção do espaço pelos brasileiros em dois universos, o da *casa*, da intimidade e da família, e o da *rua*, do mundo do trabalho, da esfera pública. O que Travancas vai notar entre os jornalistas pesquisados, todavia, é a existência de três categorias de espaço: a *casa*, a *rua* e a *redação*. E o mais curioso, nesse sentido, é que o espaço da redação não raro se torna o espaço principal de intimidade para o jornalista, chegando a rivalizar e até mesmo a vencer o espaço da casa, o que resultaria em situações como dificuldades dos jornalistas para conduzir uma vida conjugal, por exemplo, resultando em separações ou longos períodos de solteirice ou celibato. Entendemos que essa visão de mundo é constituinte de um modo de ser jornalista que, porém, talvez esteja se extinguindo e que pode dar espaço a novos modos de se ser jornalista. Como pontuamos anteriormente neste trabalho, na realidade joinvilense, por exemplo, quase não há mais espaços como redações e é possível coletar evidências de que esse cenário não é uma exclusividade da cidade, mas que pode ser percebido em vários outros locais com um ecossistema jornalístico pequeno para a quantidade de profissionais formados nos últimos anos.

## **CAPÍTULO 2**

### **JORNALISMO, ENSINO SUPERIOR, IELUSC**

Neste segundo capítulo dedico-me a compreender a estruturação do ensino superior em jornalismo do Bom Jesus/Ielusc. Num primeiro momento, serão estudadas as bases da implantação desse ensino no Brasil, desde as primeiras experiências na década de 1940 até o surgimento de um campo de pesquisa em comunicação na estrutura universitária brasileira e os impactos da noção de comunicação e comunicador na profissionalização dos jornalistas. Assim também tratamos da recente alteração prevista pelas diretrizes curriculares nacionais em 2013 de conceber os cursos de Jornalismo como não mais sendo uma habilitação do curso maior de comunicação social. Avançando para a realidade do estado de Santa Catarina, onde nasce o curso do Ielusc, vamos abordar a estruturação do ensino superior no estado e a caracterizar a distribuição desses cursos. Também faremos uma caracterização contextual do mercado de trabalho jornalístico em Joinville, bem como a relação desse mercado com o ensino superior.

#### **2.1 Observações sobre o jornalismo na universidade**

Conforme sublinha José Marques de Melo, a legitimação do jornalismo nas universidades reflete o processo de reconhecimento social da profissão. Parece-nos consensual ao observar a bibliografia sobre a implantação dos cursos no Brasil que há um entrelaçamento muito denso entre o desenvolvimento da graduação em Jornalismo e o avanço no estabelecimento de marcos legais que asseguravam aos jornalistas algumas conquistas trabalhistas importantes, mesmo em cenários contrários ao desenvolvimento, como as ditaduras. Essa literatura pode apontar para uma decisiva presença estatal nesse processo, porém, é equivocado, conforme a maioria dos autores, não reconhecer, para além das ações do estado, os movimentos de jornalistas organizados em associações e sindicatos para a melhoria das condições da profissão.

Antes de avançar para o cenário no Brasil, é válido pontuar alguns aspectos sobre a discussão envolvendo o desenvolvimento do ensino de Jornalismo em outras partes do mundo. Ainda que algumas iniciativas localizadas de ensinar jornalismo como cadeiras específicas em cursos de outras áreas ou pequenos cursos temporários de caráter técnico já tivessem ocorrido antes, as primeiras tentativas de ensino de jornalismo em nível de graduação ocorrem na virada do século XIX para o século

XX, de maneira simultânea na Europa e nos Estados Unidos, sob processos extremamente diferentes. No caso da Europa, em especial, o desenvolvimento da graduação em jornalismo ocorre a partir de uma consciência corporativa. Congressos de jornalistas realizados nessa época apontavam para a necessidade de um curso que não ensinasse apenas as técnicas, mas também a visão de mundo necessária para um jornalista (MELO, 2012, p. 107). Sobre o contexto europeu dessa época, Traquina localiza na França o movimento mais adiantado para a criação de uma escola de Jornalismo. O Reino Unido desenvolveria suas escolas tardiamente. Mas observa a existência de tensões que parecem se replicar em todos os países em que o processo de profissionalização do jornalismo tomou forma. Vozes contrárias à existência de um curso na França, por exemplo, afirmavam que o Jornalismo se aprendia na prática (TRAQUINA, 2012a, p. 87).

Nos Estados Unidos, todavia, o processo foi um pouco mais traumático pela resistência da categoria. No país, proprietários de jornais entendiam que essa formação era desnecessária, enquanto profissionais defendiam uma visão segundo a qual o exercício do jornalismo era definido por talento, não tendo, portanto, como ser ensinado. O cenário teria mudado radicalmente com a publicação, em 1906, de um ensaio de Joseph Pulitzer, um dos principais *publishers* da época, que defendia a formação de jornalistas. Conforme alguns contemporâneos, Pulitzer estaria tentando minimizar os efeitos do desenvolvimento de um jornalismo sensacionalista no qual seu jornal, o *New York World*, teve participação no final do século XIX (MELO, 2012, p. 111). Na argumentação de Pulitzer é visível uma certeza motivada pela crença em um contínuo desenvolvimento das atividades humanas pautado por uma ideia de progresso e uma preocupação com o tratamento dado à atividade que é a “crítica e mestre” das demais:

Não há uma única ocupação, por modesta que seja, que não esteja aperfeiçoando suas competências através da educação progressiva. Nas profissões mais intelectualizadas, como direito, medicina, artes, arquitetura, música e todos os ramos da engenharia, os anos de preparação necessários estão se estendendo muito além dos que já eram exigidos.

Será que a profissão mais exigente entre todas - aquela que requer o mais amplo e profundo conhecimento e o alicerce mais firme de caráter - deve ser deixada inteiramente aos azares da auto-

educação? Será que aquele que é o crítico e o mestre de todos é o único que se faz sozinho e não precisa ser ensinado? (PULITZER, 2009, p. 34-35).

Os atritos deram origem a diferentes formas de pensar o ensino jornalístico e o país acabou desenvolvendo um duplo sistema de formação. O primeiro, conduzido por escolas de graduação específicas em Jornalismo, que era mais voltado à formação de repórteres, enquanto o segundo, em caráter de especialização, era mais voltado à formação de analistas, sendo os seus alunos estudantes oriundos de outras graduações que desejavam fazer carreira no Jornalismo.

Os primeiros vislumbres de formação profissional para jornalistas no Brasil se dão ainda no começo do século XX. Essa escola, todavia, não prosperou. Marques de Melo credita o início dessa defesa a Gustavo de Lacerda, um dos fundadores da Associação Brasileira de Imprensa, que tinha por intuito desenvolver uma formação para os repórteres, que nessa época possuíam *status* inferior ao dos redatores. Geralmente os postos de redator eram ocupados por bacharéis de direito que ainda não tinham se destacado na política ou nos tribunais e que ficavam, simultaneamente, em postos nos jornais e em cargos da administração pública. Lacerda desejava uma formação intelectual que permitisse aos repórteres, aqueles que viviam na rua à caça de informações, o direito a melhores condições de trabalho.

Foi justamente com a intenção de neutralizar esse conflito profissional que Lacerda concebeu sua *Casa do Jornalista*, abrigando não apenas um *Clube de Repórteres*, mas, principalmente, uma *Escola de Jornalismo*, com a finalidade precípua de oferecer oportunidades de crescimento intelectual aos jovens que labutavam nas antessalas das repartições públicas ou nos becos e periferias urbanas à cata de fatos noticiáveis, que tomavam forma jornalística através da pena aristocrática dos bacharéis-redatores. Ele pretendia solucionar o descompasso entre as duas equipes - a do gabinete e a das ruas -, assegurando aos repórteres um lugar onde pudessem crescer educacionalmente (MELO, 2012, p. 114).

Esse cenário indica apenas a fase inicial de um debate que chegou ao Brasil de forma quase simultânea à industrialização rudimentar da imprensa, e de forma muito concentrada ainda na capital do país, o Rio de Janeiro, o local privilegiado do Jornalismo naquele período. Porém, evidencia simultaneamente a ausência de condições para a criação de um curso nessa época inicial, o que não impediu aos profissionais envolvidos na ABI de realizarem o 1º Congresso Brasileiro de Jornalistas em 1918. Chama-nos atenção em particular que um dos grupos de discussão desse congresso, há exatamente um século, possuía como temas “identidade profissional e escola de jornalismo”. O curso proposto na conclusão dos debates deveria ter cinco anos “de Escola e de jornal de aplicação” (SILVEIRA, 1932, *apud* LIMA LOPES, 2013, p. 55), isto é, uma formação conjunta entre elementos teóricos e prática profissional. Além disso, o curso ainda vislumbrava assegurar o desenvolvimento de uma cultura profissional, com a finalidade de “aproximar os jornalistas entre si e cuidar esclarecidamente dos problemas da imprensa” (*id.*, p. 55). Algumas aulas, sugeriam ainda os congressistas, deveriam ser fiscalizadas e autorizadas pela ABI. Estes elementos nos indicam a existência de uma poderosa e definida identidade jornalística, que se evidenciava de modo particular entre os repórteres.

Três décadas depois, em 1937, na Universidade do Distrito Federal, de caráter municipal e desvinculada do governo federal, teve início uma nova tentativa de criar um curso, sob uma perspectiva menos voltada à prática e orientada para uma perspectiva centrada na crítica de mídia, em caráter de pesquisa. O curso de *jornalismo e publicidade*, tocado por Pedro da Costa Rego, porém, teria menos de um ano de vida, quando o projeto universitário concebido por Anísio Teixeira é desmantelado no momento mais pesado da ditadura de Getúlio Vargas (MELO, 2012, p. 344). Todavia, é justamente nesse período que o Decreto-Lei 910, de 1938, é editado. Com ele passa a ser requerido o registro dos jornalistas no Ministério do Trabalho, o que representaria para os trabalhadores uma série de benefícios assegurados, como a jornada de cinco horas, descanso semanal e, com o passar dos anos, outras benesses como a isenção no imposto de renda e descontos em bilhetes de transporte os mais diversos. O objetivo dessa medida era obter o apoio dos jornalistas ao mesmo tempo em que se viabilizavam formas de punição de empresas não alinhadas com o regime (ROXO, 2016, p. 100). Mas, além desse ponto, o decreto ainda obrigava o governo federal a criar cursos de Jornalismo, algo que só se consolidaria no final da década seguinte.

As primeiras faculdades de Jornalismo do Brasil só serão formadas nos anos finais da década de 1940. Em 1947 a Fundação Cásper Líbero, ligada ao grupo *A Gazeta*, de São Paulo, deu origem ao primeiro curso em caráter de graduação de Jornalismo do país, a partir de testamento do diretor do periódico. A instituição formou o curso em colaboração com a PUC de São Paulo. Em 1948, no Rio de Janeiro, surge o segundo curso contínuo do país, na Universidade do Brasil (futura UFRJ). Ao longo da década de 1950, outros cursos vão surgir em cidades como Porto Alegre, Curitiba e Salvador e também em cidades que não eram capitais, como Santos, Pelotas e Uberaba, ainda que a ausência de um mercado jornalístico estabelecido nestas cidades tenha resultado no fechamento de alguns deles (ROXO, 2016, p. 106-107).

Os cursos desse período, observa o pesquisador Eduardo Meditsch, possuem em geral uma tendência beletrista, ou clássico-humanista, que também era a inspiração do curso da Universidade do Distrito Federal de Anísio Teixeira. Estes possuíam esse formato por serem resultado de um *lobby* dos redatores. Como já vimos, os redatores possuíam significativa proximidade com o poder público e tinham um estatuto social mais elevado que o dos repórteres em uma sociedade que sobrevalorizava o letramento e a escolaridade. A visão beletrista seria oficializada em 1962, durante o governo de João Goulart, quando é elaborado o primeiro currículo mínimo oficial para os cursos de Jornalismo pelo recém-criado Conselho Federal de Educação. Até então, não existia uma norma geral para os cursos e alguns deles tinham entre suas finalidades atender demandas mais específicas do mercado. Exemplo desse modelo é o curso da faculdade Cásper Líbero, criado em 1947, que possuía tendência mais preocupada com uma formação técnica (MEDITSCH, 2012, p. 50). Lima Lopes (2013) indica, todavia, que mesmo nesse curso havia uma forte presença para disciplinas mais aproximadas às humanidades. O fato teria desagradado nomes como José Hamilton Ribeiro, então vice-presidente do centro acadêmico da Cásper Líbero, no qual os alunos decidiram em assembleia que queriam “simplesmente trocar todos os professores e o diretor e botar jornalista para dar aula” (RIBEIRO *apud* LIMA LOPES, 2013, p. 64), fato pelo qual acabou expulso do curso no segundo ano.

A leitura que Roxo faz do currículo mínimo de 1962 aponta ainda para outros fatores: a existência de uma noção multimidiática do jornalista, que previa o ensino de práticas de rádio e TV, bem como uma ideia inicial, ainda que não plenamente elaborada, de que comunicação e jornalismo são praticamente sinônimos. Esse último aspecto vai ser fortalecido nos anos seguintes pela ação de diretrizes externas e vai reger

parte significativa da regulamentação da atividade jornalística, bem como de seu ensino.

Avaliando a presença do Estado nas decisões sobre a categoria até esse período, Roxo observa que ela teve um caráter diferente no regime civil-militar e que não havia consenso na categoria sobre a formação:

A política populista não impôs o diploma como fator determinante para o reconhecimento do estatuto do jornalista profissional. Ela conservou, em maior ou menor grau, certa margem de negociação com os agentes, de forma que a regulação das atividades no interior do jornalismo tivesse um caráter acordado e não de imposto. Muito embora acordos entre Estado, empresas e jornalistas esbarrassem nas próprias polêmicas envolvendo os jornalistas em torno da sua identidade. Não havia um posicionamento claro no interior do campo jornalístico a respeito do que deveria prevalecer como critério em termos de formação profissional: a experiência e o autodidatismo ou a formação universitária específica (ROXO, 2016, p. 109).

Nessa direção, creio ser válido observar, com Lima Lopes, que a partir dos currículos mínimos já cabe falar de um campo jornalístico, conforme a noção bourdieusiana. Para a autora, isso se torna possível quando o jornalismo no Brasil “deixa de ser uma mera atividade ou ocupação e passa a ser reconhecido como profissão, algo que só se torna mais concreto depois dos anos 1950” (LIMA LOPES, 2013, p. 57). As palavras da autora deixam transparecer a ideia de que o reconhecimento legal de 1938 ainda não seria suficiente para considerar a conformação de um campo. Isso se deve ao fato de que até então o jornalismo ainda era visto como uma atividade de passagem. Vai ser com as reformas de 1950 que o jornalismo brasileiro vai ganhar um rosto de menor dependência de outros campos, como o político e o literário, se tornando uma atividade em si mesma. Nesse sentido, a influência do modelo norte-americano, ancorado em noções como objetividade e encontrando formas de financiamento distantes dos partidos e do governo, exerce um importante papel (*id.* p. 70).

Nessa direção, cabe compreender como a mão estatal pesa sobre a regulamentação do Jornalismo e do ensino da atividade no período militar. A criação do CFE é um fator que vai transformar radicalmente a

orientação dos cursos. Como já mencionamos, esse evento ocorre em 1962, durante o governo de João Goulart, e afeta todo o sistema de ensino superior brasileiro, que agora passa a estar sob análise de um único órgão. No caso do Jornalismo, isso se reflete num currículo mínimo de caráter beletrista, algo que vai se redesenhar completamente com a chegada dos militares ao poder. Seguindo análise de Meditsch em trabalho apresentado em 1990, em 1965 será estabelecido um segundo currículo mínimo, marcado por uma visão funcionalista, positivista e tecnicista do ensino. Esse currículo foi elaborado por Celso Kelly, um dos acadêmicos formados no Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo para a América Latina, o Ciespal. Esse segundo currículo mínimo é o responsável pela introdução, no Brasil, dá ideia de um "jornalista polivalente", ou de um comunicador social. Conceito que era proposto pelo Ciespal. Com sede no Equador e financiado pela Unesco, entidade então amplamente dominada pelos Estados Unidos e pelo espírito da Guerra Fria, o Ciespal partia de alguns pressupostos direcionados para a modernização dos cursos de graduação como "controle centralizado, prioridade ao ensino técnico e profissional, tecnificação do ensino de humanidades e ciências sociais e uma despolitização das relações educacionais" (MEDITSCH, 2012, p. 53).

Roxo observa que a visão de Kelly, eleito presidente da ABI em 1964, crítico de arte, membro da Comissão Nacional de Teatro e professor de Jornalismo na Universidade do Brasil, enxergava o jornalista para além da produção de diários impressos, o que justificaria a caminhada na direção de um comunicador polivalente. Esse aspecto multimidiático parecia estar alinhado a perspectivas do Ciespal para a comunicação. Kelly, que estudava há algum tempo no Ciespal, entendia que o jornalista era o comunicador por excelência, cabendo a ele o exercício também de funções de relações públicas e de publicidade, inclusive porque a tendência do mercado da época era a absorção de jornalistas para essas funções (ROXO, 2016, p. 114).

Poucos anos depois, em 1969, um terceiro currículo mínimo, elaborado também por Celso Kelly, alia o Brasil à linguagem de identificação dos cursos em toda a América Latina. É então que surge no país o curso de Comunicação Social. Se a ideia de um comunicador social se tornou particularmente forte em outros países da América Latina, essa ideia não chegou a se desenvolver muito no Brasil. Isso estaria relacionado a um maior desenvolvimento da indústria jornalística no país e a um cenário de dificuldades da própria estrutura universitária para dar conta de algumas exigências de matriz tecnológica desse currículo

(MEDITSCH, 2012, p. 59). O Decreto 972 daquele mesmo ano reconhece que o exercício do jornalismo deve ser autorizado aos portadores de diploma e em segundo lugar, e conforme situações bastante específicas, a pessoas que não o portassem, caso dos provisionados. Nesse período também surgem leis que reconhecem e definem as atividades de publicidade e de relações públicas. Ou seja, enquanto havia esforço para que no ensino se desenvolvesse uma base comum em comunicação, a regulamentação profissional indicava a tendência à especialização.

Dez anos depois, houve um quarto currículo mínimo, lançado em 1979. Nesse período, o Ciespal passava a ter uma orientação de matriz própria, independente, em relação aos Estados Unidos. O mesmo acontecia em nível global com a Unesco, a tal ponto que o governo norte-americano cortou o financiamento da entidade. Porém, o quarto currículo acabou sendo muito mal recebido pelas escolas de comunicação por ter sido elaborado com “falta de seriedade”, havendo incoerências internas grandes como a existência de uma justificativa vinda de uma proposta radicalmente diferente do currículo em questão. Conforme Meditsch, esse currículo foi implantado em poucas escolas, mas ainda assim deixou algumas importantes marcas, como a extinção da ideia de um comunicador polivalente (MEDITSCH, 2012, p. 58-59).

Sobre a formação de uma mentalidade própria dos pesquisadores do Ciespal, um depoimento de Cremilda Medina é revelador:

Embora os cursos de aperfeiçoamento, os seminários, as visitas de pesquisadores itinerantes tenham dependido, na América Latina, das teorias de países mais avançados, gradativamente o conhecimento latino-americano vai se configurando. No início, por exemplo, o CIESPAL contava apenas com professores e teóricos norte-americanos, europeus e um ou outro latino-americano especializado, em geral, nos Estados Unidos. Hoje, o quadro de recursos humanos mudou: ao mesmo tempo em que aperfeiçoa profissionais chamados por bolsas de estudo a Quito, vai captando também os rarefeitos teóricos que se voltam para a comunicação. Pode-se dizer, com relativa tranquilidade, que existe atualmente uma geração já formada nesta nova mentalidade. É a geração que, com ou sem recursos materiais, está levantando realidades latino-americanas em pesquisas que se ressentem de inúmeras

dificuldades de base; é a geração que com mais ou menos liberdade, está promovendo a renovação nos meios de comunicação de massa; é, por fim, a geração que lutou e luta pela regulamentação profissional, por melhores condições de trabalho e por um jornalismo mais maduro, consciente e assumido na perspectiva da história contemporânea da indústria cultural (MEDINA, 1982, p. 35-36).

Todo esse período, entre as edições dos quatro currículos, fez a comunidade acadêmica, entre professores, pesquisadores e alunos, acumularem experiências e observações que resultaram em produção científica e definição de desejos sobre os cursos e ensino de comunicação. Não se pode desconsiderar o quanto, nesse período, o campo jornalístico e o campo acadêmico sofriram severamente com as agruras da ditadura civil-militar. Às universidades e aos sindicatos de jornalistas ficava evidente a intenção da imposição de um currículo mínimo sem debate, situação que desencadeia questionamentos contínuos, principalmente da classe acadêmica. Isso se reverte em uma luta política conjunta de professores, alunos e profissionais, que faz, principalmente, com que o currículo mínimo de 1979 acabe se tornando "politicamente insustentável", nas palavras de Meditsch, e o Conselho Federal de Educação lance então um novo currículo mínimo em 1984, que incorporou reivindicações apresentadas nos anos anteriores. Uma das principais exigências era para a implantação de instalações adequadas e laboratórios que permitissem uma práxis e não simplesmente uma emulação da prática, em que o exercício e a reflexão se fortalecessem um à outra (MEDITSCH, 2012, p. 34-36). Porém, o pesquisador ainda salienta um problema nesse currículo apresentado em 1984. Entre suas características está uma preocupação com a práxis, simbolizada na exigência de equipamentos efetivos para prática laboratorial. Porém, o currículo manteve premissas que davam base àquela noção de comunicador:

Nestes dois campos de luta, o ensino crítico da comunicação têm acumulado derrotas. Foi derrotado pela estrutura herdada da reforma do ensino, que o condenou à fragmentação e assim o impediu de resistir a segunda derrota, a do condicionamento: Quando rechaçou o jornalista polivalente, a profissão de comunicador da receita do Ciespal, esqueceu de rechaçar junto o arcabouço

teórico que os justificava (MEDITSCH, 2012, p. 70).

Em projeto de pesquisa sobre a graduação em Jornalismo da UFSC, Meditsch demonstra que, no início da década de 1980, era unânime entre os alunos de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina a constatação de uma profunda dissociação entre teoria e prática, de tal forma que soava impossível encontrar uma conciliação entre as duas:

Aos alunos parece restar uma escolha binária entre Ciência e Jornalismo, que acabará por ser decidida pela necessidade de venda de sua força de trabalho. E, nesse caso, qualquer que seja a alternativa de sobrevivência encontrada, a escolha terá sido feita, assegurando-se assim produção de teóricos e de práticos (MEDITSCH, 2012, p. 31).

O currículo mínimo de 1984 acabou servindo de base para a elaboração das diretrizes curriculares nacionais, validadas para o curso de comunicação social e suas habilitações, em 2002. Nesse período de 15 anos, é importante destacar o papel da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que estabelecia agora não mais currículos mínimos, propriamente falando, mas diretrizes gerais a serem seguidas pelas instituições de ensino. O relatório da comissão de especialistas instituída pelo Ministério da Educação para revisão das DCN para o curso de jornalismo observa que as diretrizes validadas em 2002 constituíam um caso único de diretrizes voltadas para toda uma área de pesquisa, quando, pela LDB, essas diretrizes deveriam ser voltadas para cursos (MEDITSCH, 2012, p. 230; LIMA LOPES, 2013, p. 228). Comunicação social é uma área que reúne diversas categorias profissionais, sendo uma delas a dos jornalistas. Como vimos anteriormente, a confusão se deve principalmente à elaboração dos currículos mínimos no período da ditadura civil-militar, sob influência da linha de pensamento do Ciespal, que almejava a formação de um jornalista polivalente ou um comunicador social, que dominasse técnicas diversas que fossem do jornalismo à publicidade e possuísse, ainda, uma grande carga de conteúdos teóricos diárias das ciências humanas. Essa situação conduziu a um contínuo descompasso entre academia e mercado de mídia, à medida que existia grande dificuldade, da parte dos formados, de aliar teoria e prática com o intuito de oferecer novas soluções para a atividade cotidiana. Isso também

era resultado do próprio modo previsto para o ensino das disciplinas, que ocorria em fases distintas, dificultando a articulação entre o fazer e o pensar.

Conforme Lima Lopes, até a década de 1980 foram criados no Brasil 63 cursos de jornalismo, sendo a maioria deles na década de 1970. O que pode ser explicado pela decisão firmada pelo decreto-lei 972/69 de tornar obrigatória a apresentação do diploma para o exercício do jornalismo. Porém, após a redemocratização e a promulgação da Constituição, que o número de cursos subiu exponencialmente. Apenas na década de 1990 foram criados 74, 11 a mais do que em todo o período anterior. Esse aumento pode ser explicado pela maior facilidade da abertura de cursos para instituições privadas, consoante à política neoliberal adotada de 1990 em diante. Mas o maior aumento no número de cursos se deu entre 2000 e 2008, quando foram criados 228 cursos de jornalismo em todo o país (LIMA LOPES, 2012, p. 137).

## **2.2 Graduação em Jornalismo em Santa Catarina**

O curso de Jornalismo da UFSC foi o primeiro a entrar em funcionamento no estado, em 1979, e sua característica principal em relação a cursos já existentes em outros estados era que o curso de Comunicação Social possuía apenas a habilitação em Jornalismo. Em outros locais, era comum a existência de habilitações em Publicidade e Propaganda ou em Relações Públicas. Outros cursos criados no estado já previam mais habilitações, como é o caso do curso da Univali, criado em 1991 em Itajaí, com habilitações em Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Rádio e TV. O próprio curso do Ielusc foi criado em 1998 com duas habilitações: Jornalismo e Publicidade e Propaganda. Voltando ao curso da UFSC, esse cenário bastante específico viabilizou a geração de um pensamento específico sobre Jornalismo, estimulado pela presença de professores que possuíam uma visão altamente crítica das graduações que tinham feito, um histórico de militância política e alguma experiência profissional na área (MEDITSCH, 2012, p. 45-46). Iniciado em 1979, exatamente sob o currículo que extinguiu formalmente a habilitação de comunicador social, mas sem extinguir as concepções teóricas que o embasavam. O início teve como ponto de partida uma certa urgência para assegurar a criação do curso, conforme depoimentos coletados por Frighetto (2016, p. 60). O curso era visto como inovador e, em alguma medida, como "alternativo". Um dos principais motivos para isso era que, nas decisões, professores e alunos desenvolveram um sistema paritário de

participação, em que o poder de voto dos alunos era o mesmo dos professores. Ante a estrutura universitária, havia um colegiado que, todavia, apenas homologava as decisões vindas do Conselho Paritário. Até esse momento, o mercado jornalístico de Florianópolis buscava profissionais em outras regiões do país e os profissionais locais demandavam a criação de um curso já há uma década. Os estudantes de Jornalismo da UFSC participavam ativamente na vida política da cidade e, por consequência, do estado. Mas as condições de realização do curso, nos anos iniciais, eram ainda bastante precárias, melhorando nos anos seguintes.

É importante observar o desenvolvimento do modelo do curso de Jornalismo da UFSC, uma vez que é a partir dessa experiência de ensino que nascem as concepções a partir das quais é criado o primeiro mestrado específico em Jornalismo no país em 2007. Dessa pós-graduação são originários parcela significativa dos docentes que atualmente lecionam no Ielusc.

O curso da UFSC continuou o único no estado até a década de 1990. Os primeiros fora de Florianópolis foram formados em 1991, em Itajaí, pela Universidade do Vale do Itajaí (Univali), e 1992, em Tubarão, pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). Esse cenário reflete uma forte concentração da produção informativa no litoral do estado. No final dessa mesma década, em 1997, a Unisul ainda abriu um curso de Jornalismo na unidade da instituição localizada em Palhoça, município da região metropolitana de Florianópolis. No ano seguinte, as cidades de Joinville (Ielusc) e Chapecó (Unochapecó) passaram a fazer parte da geografia do ensino de Jornalismo no estado. Diferentemente da UFSC, praticamente todos estes nasceram com uma habilitação irmã (em geral publicidade e propaganda ou rádio e TV). Além disso, à exceção do Ielusc, todas as demais instituições integram o sistema Acafe, organização corporativa da maior parte das instituições de ensino superior de Santa Catarina, que busca integrar e planejar ações dessas universidades. De 2000 em diante, ocorreu uma pulverização de cursos de Jornalismo pelo estado, chegando em 2016 com 15 escolas funcionando regularmente (LAURINDO e KORTE, 2016). Apesar do número elevado, o Ielusc continuava sendo a escola de referência para Joinville. Os cursos mais próximos eram o da Univali, de Itajaí, e os da Furb e da Unisociesc, de Blumenau, estes últimos ainda muito recentes (criados em 2013 e 2004, respectivamente). No mercado das instituições em Joinville, o curso de Jornalismo da Unisociesc teve início em 2016, sendo que ainda não formou sua primeira turma; e a Univille manifestou pretensões de iniciar um curso de jornalismo em 2019.

Vale analisar com um pouco mais de calma o cenário do ensino superior em Santa Catarina para compreender em que espaço o curso do Ielusc foi possível. Originalmente, os núcleos dessas universidades eram fundações municipais de ensino superior, a maioria criada ainda nos anos 1960. Em meados da década de 1970 essas instituições tiveram seu estatuto jurídico alterado, passando a ser fundações públicas com personalidade jurídica de direito privado<sup>11</sup>. Há outras instituições historicamente mantidas desta forma, mas o sistema de ensino superior do estado ser mantido dessa forma é algo bastante particular (TABALIPA, 2015, p. 38). Até 1990 as instituições vinculadas à Acafe, já há algum tempo identificadas pelo nome de comunitárias, encontravam um cenário de quase exclusividade sobre o ensino superior no estado. A ascensão de uma visão neoliberal nesse período levou o Conselho Nacional de Educação a autorizar de forma mais fácil o credenciamento de instituições de ensino superior privadas (id. p. 14). É nesse cenário que observamos o início do movimento da comunidade luterana de Joinville para o futuro lançamento de cursos de ensino superior que, via de regra, ainda não eram oferecidos por outras instituições da cidade, como a Udesc e a Univille. É o caso dos cursos de Jornalismo, de Publicidade e Propaganda, de Nutrição, de Enfermagem e, mais tarde, de Turismo. O Ielusc surgiu formalmente em 1995, atrelado ao nome do Colégio Bom Jesus. A instituição foi acompanhada na aventura pelo ensino superior por outras escolas particulares de referência da cidade, como a Escola Técnica Tupy, que iniciou atividades de graduação com a Sociesc em 1998, e o Colégio Cenecista Elias Moreira que deu origem à Faculdade Cenecista de Joinville em 2001.

Não existem muitos materiais elaborados em nível científico sobre o curso de Jornalismo do Ielusc. De forma a suprir essa lacuna, buscamos materiais de apoio e documentos produzidos pela própria instituição sobre o curso. Para comemorar as oito décadas da instituição, o Bom Jesus/Ielusc lançou um livro que não teria tanta função historiográfica, mas que servia como um “memorial” da instituição. Nesse sentido, o texto, ladeado por depoimentos que enaltecem a importância da instituição na vida de seus estudantes, dedicou pouco mais de quatro páginas ao curso de comunicação social, dividido então em duas habilitações em seu início: a de Jornalismo e a de Publicidade e Propaganda. No ano de publicação, o curso completava nove anos.

---

<sup>11</sup>Uma exceção a esse modelo é a Furb, que permanece como uma instituição de ensino superior de direito público em âmbito municipal.

Escreve Borges que “os cursos superiores indicavam a abertura da fechada comunidade luterana ao mundo da cidade que se formava ao seu redor” (2007, p. 104). O sentimento de “fechada comunidade” se explica se olharmos para o fato de que a instituição reconta sua história remontando para o século XIX, com a criação da *Deutsche Schule* (Escola Alemã, em português) vendo a si mesma como parte da história de educação germânica em Joinville. A instituição é confessional, sendo vinculada à Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil (IECLB), e o principal marco de presença religiosa é o sesquicentenário templo luterano que fica no centro do terreno do complexo educacional onde se dá o curso de Jornalismo, na região central da cidade.

A comunidade luterana mantém, financeiramente, a Associação Educacional Luterana Bom Jesus/Ielusc. O cordão umbilical entre a comunidade luterana e a instituição explica as constantes referências à *Deutsche Schule* ao longo do livro, o que indica a relação orgulhosa da comunidade luterana com esse passado. O Bom Jesus em si, como colégio, foi fundado em 1926, por iniciativa da professora Anna Maria Harger. Todavia, os passos em direção ao ensino superior são muito mais recentes e resultam de um esforço pessoal do então reitor, o pastor luterano Tito Lívio Lermen, que defendia a criação de um curso de nível superior (BORGES, 2007, p. 97). Em 1997 teve início o primeiro curso do Instituto Educacional Luterano de Santa Catarina (Ielusc), o de Enfermagem. No ano seguinte se iniciariam as primeiras aulas do curso de Comunicação Social, com 50 estudantes de Jornalismo e outros 50 de Publicidade e Propaganda.

A motivação para a criação do curso estaria expressa em uma demanda teológica da comunidade luterana que elegeu os anos 1990 como a década da comunicação, conforme texto escrito por Tito em 2010 em comunicado divulgado para os alunos do Ielusc pela direção da instituição (ZAROCINSKI, 2011, p. 40).

Em 2006, para manter a classificação como entidade filantrópica, a instituição precisou mudar de pessoa jurídica de instituição para associação. Foi a última grande mudança assinalada no livro de Borges. Quanto ao curso em si, o livro destaca o alto grau de empregabilidade, afirmando que “acima de 90% saem da instituição com emprego garantido na área de comunicação” e ressaltando o pioneirismo da instituição em firmar contrato de estágio com o jornal *A Notícia*. Coordenador do curso à época, Samuel Pantoja Lima, explicava que em 2007 os estudantes que faziam estágio na empresa eram efetivados assim que concluíam o curso (BORGES, 2007, p. 132).

### 2.3 Mercado jornalístico em Joinville

Entendemos que também é necessário desenvolver, ainda que de forma breve, algumas linhas sobre o desenvolvimento do jornalismo em Joinville. Não localizamos trabalhos dedicados de forma exclusiva à compreensão do processo de profissionalização dos jornalistas na cidade, o que dificulta nossa caminhada para escrever sobre este ecossistema jornalístico. Há elementos dispersos em trabalhos variados, mas não está entre as nossas prioridades, neste estudo, desenvolver um relatório minucioso desse processo. Porém, tendo em vista a já analisada observação de Lima Lopes sobre a impossibilidade de se falar de um campo jornalístico no Brasil, no sentido bourdieusiano, antes de 1950, podemos ter aqui uma pista para considerar o desenvolvimento jornalístico na cidade. Nosso objeto de estudo envolve os formandos do Ielusc, que só passou a existir em 1998.

O envolvimento da cidade com jornais é algo bastante antigo. Não é difícil encontrar referências, por exemplo, a publicações realizadas pouco após a chegada dos imigrantes germânicos nas margens do rio Cachoeira. Porém, essas primeiras folhas que circularam na cidade, em 1852, eram manuscritas. Só seria possível falar de um periódico, efetivamente, a partir da chegada da primeira prensa, o que só aconteceu dez anos depois (HERKENHOFF, 1998, p. 31). A imprensa dessa época na cidade não foge ao padrão artesanal, de aspiração algo literária e eivada de questões pessoais entre tipógrafos, políticos e personalidades locais que pode ser observado em outras cidades do Brasil Imperial.

O principal jornal da cidade desde a década de 1930 é o jornal A Notícia. É um impresso diário que passou por várias fases, tendo sido semanário em seus anos iniciais, período no qual também sofreu interrupções em sua circulação. Foi ligado a diferentes proprietários ou grupos de proprietários ao longo de sua existência, diferentemente de outros impressos de grande porte, geralmente vinculados a uma família específica (Frias e Folha de São Paulo, por exemplo). A Notícia é um diário que chegou à tiragem de 31 mil exemplares, tendo 400 funcionários e desenvolvendo ambições de cobertura estadual principalmente entre as décadas de 1970 e os anos 2000. Em 2007, o jornal foi vendido para o grupo RBS, que conduziu uma política de enxugamento do impresso e vinculou grande parte de sua produção à do Diário Catarinense, um antigo rival, em Florianópolis (MICK e KAMRADT, 2017, p. 164). A partir de então, a produção do AN também passou a servir de fonte para outros veículos de comunicação do grupo, como a TV e a recém inaugurada

rádio Globo. Ainda durante a produção desta dissertação, o grupo foi novamente vendido, agora para dois empresários de fora do ramo da comunicação e agora atende pelo nome de NSC. Além do A Notícia, a cidade conta com um semanário de distribuição gratuita, o Jornal da Cidade, financiado principalmente por um empresário do ramo imobiliário e que é próximo editorialmente claro em suas posições políticas. É um veículo tocado por profissionais de longa trajetória em outros meios de comunicação da cidade. Ainda no campo dos impressos, é preciso observar a presença de um grupo de jornais de bairro, como o Correio do Bairro (bairro Paranaguamirim), Nosso Bairro (bairro Costa e Silva), Jornal do Iriú e Jornal de Pirabeiraba, que cobrem parcelas da cidade. Esses jornais são financiados por comerciantes locais e possuem, em geral, periodicidade mensal ou quinzenal. Apenas um deles, o Nosso Bairro, já cresceu a ponto de empregar outros jornalistas. Além disso, há uma série de jornais digitais ou iniciativas jornalísticas digitais. As de sobrevivência mais prolongada têm sido os portais de notícias O Mirante, Fazer Aqui e Agora Joinville (vinculado ao impresso Nosso Bairro). Ainda há uma parcela importante de veículos especializados como Replay Joinville (esportes), Orelhada (cultura) e Metranca (produção cultural, especialmente do mercado alternativo de música), apenas para citar alguns. No campo digital ainda é preciso destacar a presença de veículos como o site do jornal jaraguense O Correio do Povo, o *OCP News*, que enxergou a queda da produção jornalística em Joinville e tem investido na produção de notícias digitais voltadas a Joinville.

Emissoras de rádio começaram a dar seus primeiros passos na década de 1940. Apesar de algumas iniciativas pontuais ao longo das décadas, todavia, ainda hoje não se pode falar de um radiojornalismo consistente na cidade. A produção de reportagens para rádio é praticamente inexistente, sendo o espaço aberto principalmente à atuação de radialistas e comunicadores que mantêm programas nos quais comentam notícias e notas dos jornais e veículos digitais. Talvez o rádio seja o meio mais interessante para se observar a dificuldade de um processo de profissionalização do jornalismo em Joinville. Hipótese que deixamos para outras pesquisas, uma vez que não se trata de nossa prioridade aqui.

A chegada da TV, porém, foi relativamente tardia. A primeira emissora estabelecida na cidade foi a RBS em 1979. Até então, o município contava apenas com retransmissoras. O jornalismo na TV, porém, parece ter, desde seu início, um ar mais profissional, que pode ser derivado das orientações da empresa gaúcha. Atualmente, assim como o jornal A Notícia, a emissora é mantida pelo grupo NSC. A rival da NSC

TV em Joinville é a RIC Record, de caráter mais popular e com índices de audiência ligeiramente mais altos em seus programas telejornalísticos locais. Durante algum tempo, o grupo RIC manteve na cidade o jornal impresso Notícias do Dia, que ficou em circulação por dez anos. O jornal foi fechado enquanto nossa pesquisa estava em andamento.

O cenário indica um afinilamento das oportunidades de trabalho como jornalista em mídia em Joinville. Uma pesquisa monográfica de 2011, que buscava confirmar a hipótese desse estreitamento na época ao verificar a presença de jornalistas em assessoria de imprensa, pode nos ajudar a visualizar de que maneira os jornalistas formados no Ielusc se acomodaram no mercado de trabalho. Entre 90 egressos pesquisados, formados entre 2005 e 2010 – correspondente, portanto, ao segundo grupo de egressos que vamos analisar mais de perto no próximo capítulo – 64 entendiam realizar atividades fortemente relacionadas ao jornalismo. É interessante, para se pensar a identidade profissional, que essa mesma pesquisa indica que apenas 26 trabalhavam diretamente em funções relacionadas a reportagem e edição, enquanto 32 atuavam em assessorias de comunicação ou de imprensa. Os dados indicam que já em 2011 a maioria dos profissionais formados pelo Ielusc trabalhava como assessor ou em funções correlatas. Vale observar que a maioria trabalhava entre 40 e 44 horas semanais, estava satisfeita com o trabalho e entendia que sua remuneração estava na média do mercado ou mesmo acima (ZAROCINSKI, 2011).

Ao considerar os efeitos da regulamentação estatal sobre a identidade profissional dos jornalistas, ainda na confusão dos currículos mínimos durante a Ditadura Civil-Militar, Roxo observa um duplo fenômeno:

Se de um lado ela [a interferência estatal] regulamentou as atividades e definiu quem poderia ter o estatuto de jornalista profissional, por outro, o incremento da formação universitária fomentou a sindicalização dos novos jornalistas e o papel dos sindicatos na luta pela demarcação do território profissional. O jornalista adquiria a imagem de um comunicador polivalente e isto facilitava a sua empregabilidade no interior do mercado. Por outro lado, ser um comunicador implicava mexer com certas representações enraizadas até então responsáveis pelos sentidos que os profissionais atribuíam às suas atividades como jornalista (ROXO, 2016, p. 122).

Podemos notar, imaginando uma linha do tempo, que o curso de jornalismo do Ielusc nasceu sob as diretrizes curriculares estabelecidas em 2002. Esse é um aspecto bastante relevante que pode se refletir de modo significativo em nossa pesquisa. As novas diretrizes curriculares serviram para a elaboração de um Programa Político Pedagógico em 2015. Na afirmação do PPP, o perfil de egresso delineado nas novas diretrizes “representa a melhor elaboração já produzida sobre o campo” (IELUSC, 2015, p. 88). Ou seja, apenas alunos em fase inicial do curso podem nos dar pistas sobre efeitos das novas diretrizes. De alguma forma, talvez o espírito das novas diretrizes possa perpassar também concluintes do curso.

#### **2.4 Breve panorama das pesquisas com estudantes de jornalismo**

Não localizamos estudos que estabelecem alguma forma de comparação entre o pensamento de estudantes de jornalismo e de jornalistas que já atuam de alguma forma em um mesmo mercado de trabalho, cercados pelo mesmo ambiente social, e que se detenham sobre a forma como esses atores sociais concebem o Jornalismo e o ser jornalista. Os estudos encontrados que tocam de alguma forma nessa questão, ainda que possam estabelecer breves reflexões sobre a relação entre estudante e jornalista, não se aprofundam sobre essa transição, em razão de seu olhar mais voltado a outros objetos de pesquisa, sendo pautados na análise mais exclusiva sobre os estudantes ou sobre os trabalhadores do Jornalismo.

Um exemplo de estudo que foca de forma mais exclusiva os estudantes é o de Victor Folquening sobre a existência de uma concepção humanista entre os acadêmicos de Jornalismo da UEPG. O pesquisador descobre elementos de concepção da humanista nas representações sociais entre os acadêmicos, tais como a associação do Jornalismo a um “espírito livre, autônomo e intelectual”, ou o “idealismo persistente” mesmo em situações claramente adversas ao exercício da profissão (FOLQUENING, 2001, p. 111). Porém, a análise de alguns desses elementos, ainda que tenha em vista a relação futura dos estudantes com o mercado de trabalho, nos aponta para questões relevantes sobre como eles veem o Jornalismo:

Um elemento torna o discurso dos entrevistados uniforme: A incerteza quanto ao papel do jornalista

na sociedade. (...) A geração representada pelos acadêmicos entrevistados para essa pesquisa é confusa quanto às próprias referências éticas. Visivelmente foi pouco requisitada discutir seu papel na sociedade, tanto que se surpreende, muitas vezes, com perguntas relativamente comuns nos trabalhos acadêmicos: para que serve o Jornalismo? (FOLQUENING, 2001, p. 101).

Cabe observar que os entrevistados de Folquening estavam saindo do curso sob a influência do currículo mínimo de 1984, o que nos indica um elemento importante a ser considerado na análise das entrevistas das gerações do Ielusc que tenham se formado sob esse mesmo prisma geral.

A mais recente e extensa pesquisa realizada com estudantes de jornalismo em nível global é a *Journalism Students Across the Globe*. A proposta, ambiciosa, foi inicialmente planejada para coletar respostas de estudantes de jornalismo em mais de 40 países. O trabalho ainda está em andamento, embora alguns artigos já publicados permitam vislumbrar algumas tendências gerais dos estudantes.

Os líderes do trabalho, a pesquisadora chilena Claudia Mellado e o estudioso australiano Folker Hanusch, apresentaram artigo em 2014 com os dados compilados e interpretados de oito países: África do Sul, Austrália, Brasil, Chile, Espanha, Estados Unidos, México e Suíça. Uma das principais descobertas do trabalho, referente aos estudantes desses países, é que a visão de jornalismo que os estudantes apresentaram constitui um indicativo de seus desejos para a carreira após a conclusão do curso. Isto é, os estudantes que desejam uma carreira no jornalismo mais vinculada ao *hard news*, ao noticiário cotidiano, em quaisquer meios, tendem a defender uma visão de jornalismo orientada à noção de que o jornalismo deve desafiar o governo, fiscalizá-lo como um quarto poder, próxima também da ideia de que o jornalismo deve dar ao público o que ele *precisa saber*, tendo em vista o público como *cidadão*. Já aqueles que aderem mais a uma carreira de jornalismo *soft news*, encaram a atividade jornalística como uma produção de conteúdos e, com isso, ficam mais próximas da lógica de dar ao público o que ele *quer saber*, numa visão do público como *consumidor* (MELLADO e HANUSCH, 2014).

Outra constatação do estudo que precisa ser destacada é que os estudantes consolidariam, à medida que avançam para as fases finais, a noção de que o jornalismo com disposição *watchdog*, se assim podemos chamar, é o ideal. Os pesquisadores atribuem essa tendência à presença

de professores que trabalharam em redação. Isso valorizaria o fascínio da parte dos estudantes por esse modelo de jornalismo, que é visto como o modelo arquetípico do campo, se pensarmos em uma disputa de formatos do tipo “jornalismo informativo” vs. “produção de conteúdo”.

Devemos considerar ainda, de modo especial, os dados mais específicos dessa pesquisa em relação ao Brasil. O levantamento, porém, não possui uma amostra representativa de estudantes. Entre os pesquisados brasileiros, a maioria é de mulheres (59,7%). Eles têm em média 22,3 anos (sendo o segundo grupo mais velho de estudantes dentre os países pesquisados). Estudam em cursos públicos 71,5% desses estudantes. Mais de dois terços (68,3%) apontam motivação por *hard news*, perdendo apenas em percentual para os entrevistados na Espanha e na Suíça. E, por fim, 29,8% dos estudantes estavam na fase inicial de seus cursos, enquanto 21,1% estavam em sua fase conclusiva.

Para efeitos de comparação, entendemos que uma pesquisa com amostra representativa é a realizada no Chile por Mellado & Schermann (2017), que abrange quase um quarto dos estudantes de jornalismo do país. De pouco mais de oito mil estudantes, os questionários foram aplicados a 1,9 mil. A qualidade da amostra permitiu aos pesquisadores chegarem a conclusões, ainda mais avançadas em relação ao estudo anterior, como as de que há correlação entre os desejos de carreira dos estudantes e os desejos manifestados por eles ao entrarem na universidade.

Outra conclusão do estudo, esta algo contraditória à pesquisa com o dos oito países, é de que os estudantes chilenos, à medida que avançam no curso, demonstram menor interesse em trabalhar nas funções clássicas de jornalistas de mídia e tendem a considerar exercer atividades no campo das relações públicas (isso porque no Chile há uma concepção aproximada da que se tem nos Estados Unidos em relação a funções como assessoria de imprensa). A pesquisa indica que 52% dos estudantes na fase conclusiva do curso tem desejo de encontrar um trabalho nas funções mais clássicas do jornalismo, número que cai mais de duas dezenas em relação aos encontrados entre os estudantes que estão nas fases iniciais (73%). Os pesquisadores parecem espantados com essa descoberta e parecem também relacionar esse interesse ao simples desenvolvimento do curso - talvez considerando a arquitetura dos cursos de jornalismo no Chile, vinculados à área ampliada da comunicação, aspecto a que dedicam importante parte do texto. O artigo não menciona correlações possíveis com fatores de percepção do mercado de trabalho na análise dessa conclusão.

Observamos que ambos os estudos se dedicam exclusivamente a pensar como os estudantes de jornalismo compreendem o Jornalismo, mas não abordam egressos, nem fazem correlação como a que propomos neste trabalho.

No caso brasileiro, conforme os dados da pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro são maiores as possibilidades de salário na assessoria de imprensa que nas redações jornalísticas, ainda que o trabalho fora da mídia, em geral, seja menos estável em termos de vínculos empregatícios (MICK e LIMA, 2013).

Uma terceira publicação que é resultado direto da *Journalism Students around the World* é o artigo que analisa como os estudantes espanhóis avaliam a própria formação. Lá, a pesquisa foi aplicada a um grupo de 1,5 mil estudantes e, como observam os autores, a amostra não é representativa, uma vez que poderia não refletir tendências regionais (HUMANES e ROSES, 2014). Cursos de Jornalismo existem há mais de 40 anos na Espanha e mais de 80% dos jornalistas do país possuem ensino superior completo. Os pesquisadores indicam que dos anos 2000 em diante o ensino do país passou a aplicar as diretrizes do Espaço Europeu de Educação Superior para os cursos de jornalismo. Os pesquisadores espanhóis elencam também diferentes perfis dos cursos de jornalismo no país ao longo de 40 anos, que avançou de um caráter basicamente teórico para um modelo baseado intensamente em atividades práticas. Dos anos 2000 em diante, com as diretrizes europeias em andamento, os cursos passaram a ter um modelo de caráter misto.

Chama-nos atenção nesse estudo o apontamento de que as aspirações quanto ao que fazer depois da faculdade mexe na valoração dos cursos. Os que desejam seguir para a docência ou para a produção de conteúdo, por exemplo, acabam por entender que a formação é pior do que aqueles que preferem seguir para os meios informativos. Aqueles estudantes que contam com algum grau de experiência profissional também tendem a ser mais críticos da formação. Já aqueles com inclinações mais teóricas avaliam como positivos os cursos, ao contrário daqueles com tendências mais práticas. Ainda na conclusão do artigo, os estudiosos apontam, com alguma surpresa, que 25% dos estudantes espanhóis acham desnecessário completar a titulação em jornalismo para exercer a atividade.

Uma pesquisa realizada no país também como desdobramento de uma pesquisa internacional com estudantes de jornalismo foi desenvolvida por Maia e Silva (2011) no Rio Grande do Norte, especialmente na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e

evidencia a inexistência de uma distinção clara entre as noções de jornalismo, entretenimento e comunicação organizacional. Porém, como os autores apontam no artigo, esse trabalho ainda não possuía caráter final (MAIA & SILVA, 2011).

## CAPÍTULO 3 CONCEPÇÕES DA IDENTIDADE PROFISSIONAL

### 3.1 Observações metodológicas

Nosso trabalho é um estudo de caso único, conforme a tipologia proposta por Robert K. Yin (2001), uma vez que esse tipo de metodologia é mais adequada para perguntas que tentem compreender o *como* ou o *porquê* de um fenômeno, abrindo espaço para a utilização de variados documentos ou fontes de informação para a melhor compreensão de um objeto que seja contemporâneo e sobre o qual o pesquisador tenha baixo controle. O estudo de caso possui, em razão dessa configuração, uma tendência a ter um caráter mais explanatório, que concorre com o seu necessário caráter descritivo ou exploratório. Uma proposta de Yin para fortalecer o estudo de caso é que apresente modelo de interpretação do fenômeno (YIN, 2001, p. 23). Entendo que essa visão é interessante para nosso estudo uma vez que nosso problema de pesquisa, retomamos aqui, é compreender *como* se dão as concepções de identidade profissional do jornalista, nas tensões entre o Jornalismo e o ser jornalista, na forma como são percebidas por estudantes e egressos do curso de Jornalismo da Associação Educacional Luterana Bom Jesus/Ielusc.

Dessa forma, busco pensar como se desenvolveu a noção de Jornalismo em Joinville, na percepção dos acadêmicos do curso, que completou 20 anos em 2018. A instituição formou, até agosto deste ano, um conjunto de 433 jornalistas. Neste momento, o Bom Jesus enfrenta a concorrência de outros dois cursos de Jornalismo abertos recentemente por instituições de ensino superior de maiores recursos, a Unisociesc e a Univille. Até então, o Ielusc era o único que oferecia formação para o contingente de trabalhadores do jornalismo e das assessorias de imprensa e comunicação da cidade, bem como de outras funções que veremos ao longo deste trabalho. Além do Ielusc, os estudantes de outros cursos da região, como Univali, de Itajaí e da UFSC, de Florianópolis, também disputavam espaço no mercado do município. Os novos cursos, aparentemente, não surgem num contexto de ampliação do mercado jornalístico em si. Joinville, polo econômico do norte do estado de Santa Catarina, é marcada por um desenvolvimento industrial súbito entre as décadas de 1960 e 1980, que demandou um crescimento exponencial de mão de obra e gerou uma expansão urbana que multiplicou por sete a área urbana. Os reflexos disso também podem ser observados no desenvolvimento da imprensa local, que teve durante muito tempo como

exponente um jornal diário com pretensão de cobertura estadual como o A Notícia. Esse jornal exerceu especial importância também na forma de se pensar o Jornalismo na cidade. A partir de 2007, ano de sua aquisição pelo Grupo RBS, há uma diminuição, em importância e potencial produtivo que reflete uma reconfiguração do ecossistema jornalístico que, ainda que acompanhe tendências mais gerais da produção jornalística que já pudemos abordar neste trabalho, possui uma intensidade que não se observa em regiões vizinhas.

Buscamos compreender como se dá o desenvolvimento da identidade profissional de estudantes e egressos do curso de Jornalismo do Bom Jesus/Ielusc nesse ambiente. Um tal estudo ainda não foi aplicado a estudantes desse curso ou mesmo dessa região, e a abrangência do período permite vislumbrar um cenário do desenvolvimento das noções sobre o Jornalismo de um grupo variado de jornalistas que atuam no cenário descrito. Entendo que é um modelo de estudo que pode vir a ser replicado em outras situações, inclusive considerando as novas condições de ensino de Jornalismo na cidade, como os novos cursos, e as futuras condições do mercado jornalístico local. Retomando Yin, um estudo de caso único também é indicado para as pesquisas que se dediquem a revelar situações ainda não abordadas por estudos mais generalistas (2001, p. 64). Nesse sentido, os estudos de caso podem ser “reveladores”, à medida que jogam luz sobre questões que os estudos mais gerais não foram capazes de detectar em um primeiro momento. Nossa pesquisa busca também possuir um caráter revelador, à medida que explora as possibilidades de existência de múltiplas identidades jornalísticas no universo de uma cidade como Joinville e até mesmo se mercado e academia na cidade viabilizam a existência de mais de uma identidade profissional.

Tendo em vista essas condições, esta é uma pesquisa qualitativa, realizada por meio de entrevistas individuais semiestruturadas. Isso porque entendemos, acompanhando Bauer e Gaskell, que

(...) o mundo social não é um dado natural, sem problemas: ele é ativamente construído por pessoas em suas vidas cotidianas, mas não sob condições que elas mesmas estabeleceram. assume-se que essas construções constituem a realidade essencial das pessoas, seu mundo vivencial. O emprego de entrevista qualitativa para mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes é o ponto de entrada para o cientista social (...). A entrevista qualitativa, pois, fornece os

dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e a sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças atitudes valores e motivações em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos (BAUER & GASKELL, 2008, p. 65).

Podemos ainda reforçar essa compreensão com Gerhardt e Silveira, que ressaltam as diferenças existentes entre o modelo qualitativo e quantitativo de pesquisa.

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens. Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 32).

É importante, considerando esse aspecto de proximidade entre pesquisador e objeto, que eu faça uma breve reflexão, uma vez que também sou egresso do Ielusc e partilho desse mercado com parcela significativa desses mesmos jornalistas. Uma primeira preocupação diz respeito à observação pautada por entendimentos construídos anteriormente, enquanto ex-acadêmico, ao olhar para o curso nos dias de hoje. Entendo que é necessário construir meios para evitar que ecos dessa experiência anterior possam levar a enviesamentos neste processo de pesquisa. Da mesma forma, é preciso considerar os impactos que a compreensão já formada do mercado jornalístico, tanto o de trabalho quanto o de oferta de Jornalismo, leve a tal enviesamento. Creio que a principal forma de evitar eventuais desvios seja a preocupação, principalmente no momento da análise das entrevistas, de manter-se atento ao objeto de pesquisa, fazendo sua leitura conforme o referencial teórico e mantendo abertura para ouvir o que os dados colhidos indicam. Tendo isso em vista, nos aproximamos, para a análise das entrevistas, de preceitos da análise de conteúdo,

A tendência atual da análise de conteúdo desfavorece a dicotomia entre o quantitativo e o qualitativo, promovendo uma integração entre as duas visões de forma que os conteúdos manifesto (visível) e latente (oculto, subentendido) sejam incluídos em um mesmo estudo para que se compreenda não somente o significado aparente de um texto, mas também o significado implícito, o contexto onde ele ocorre, o meio de comunicação que o produz e o público ao qual ele é dirigido (HERSCOVITZ, 2008, p. 126).

Como é possível observar, via de regra a análise de conteúdo trabalha a partir de alguns pressupostos de matriz funcionalista clássicos da comunicação, usualmente utilizados na interpretação de textos oriundos dos meios de comunicação. A nós, porém, interessa aqui, de modo particular, a integração entre os elementos manifestos e latentes, guiados por perguntas base, capazes de revelar elementos mais profundos na entrevista.

Análise de conteúdo pode ser empregada em estudos exploratórios, descritivos ou explanatórios. Os pesquisadores que utilizam análise de conteúdo são como detetives em busca de pistas que desvendem os significados aparentes e/ou implícitos dos signos e das narrativas jornalísticas, expondo tendências, conflitos, interesses, ambiguidades ou ideologias presentes nos materiais analisados (id., p. 127).

Nesse sentido, buscamos compreender de forma mais específica como se manifesta em nossas entrevistas a concepção de identidade profissional dos jornalistas, tendo em vista essa identidade como a ligação entre o indivíduo à categoria dos jornalistas tanto por meio de seu trabalho como pela transição entre academia e mercado ou, no caso mais específico dos estudantes, a visão de como será essa transição.

### **3.1.1 Perfis de egressos**

Como se trata de uma pesquisa qualitativa, não busquei neste trabalho obter uma amostra numericamente expressiva na seleção dos

entrevistados, mas a construção de um *corpus* capaz de cobrir perfis distintos de “gerações” ielusquianas, dos estudantes que estão hoje no curso aos egressos distribuídos em ofícios variados do Jornalismo ou assessorias de imprensa e comunicação.

Retomando a formulação do *corpus* de pesquisa, observamos que Bauer e Gaskell recomendam particular atenção à variedade de estratos e funções, isto é, antes de uma preocupação com um estabelecimento de estratos representativos da população estudada, o pesquisador deve se preocupar com o desenho de funções ocupadas por essa população e buscar cobrir a sua diversidade. Isso acontece porque

O principal interesse dos pesquisadores qualitativos é na tipificação da variedade de representações das pessoas no seu mundo vivencial. As maneiras como as pessoas se relacionam com os objetos no seu mundo vivencial, sua relação sujeito-objeto, é observada através de conceitos tais como opiniões, atitudes, sentimentos, explicações, estereótipos, crenças, identidades, ideologias, discurso, cosmovisões, hábitos e práticas. (...) esta variedade é desconhecida e merece ser investigada (BAUER & GASKELL, 2008, p. 57).

Nesse sentido, pode ocorrer de uma seleção vir a acarretar uma sobrevalorização de um dos grupos representativos da população estudada, uma vez que “a pesquisa qualitativa tende a maximizar a variedade do fenômeno desconhecido” (2008, p. 58). Assim, nossa seleção também foi orientada para colher depoimentos dispersos entre diferentes gerações de ielusquianos que, de alguma forma, cubram diferentes perspectivas de trabalho.

Esses perfis de egressos foram percebidos em levantamento prévio de dados disponibilizados por eles próprios em perfis pessoais de redes sociais como Facebook, Twitter e LinkedIn, com especial atenção para esta última, voltada para relações de trabalho. Foi possível observar na busca diferentes padrões de preenchimento desses dados. Eles são mais completos e detalhados entre os jornalistas que atuam no campo da assessoria de imprensa de empresas de grande porte, bem como entre os ligados a atividades como a produção de conteúdo para plataformas digitais para outras empresas (caso dos *social media*). Egressos que rumaram para atividades de palestra, coaching, entre outros, também

possuem uma expressiva utilização dessa plataforma, mas não foram considerados por atuarem em áreas que, ainda que possam utilizar ferramentas de comunicação ou do texto jornalístico, situam-se além da “fronteira” profissional. Para a elaboração desse levantamento também foram consultadas informações da Plataforma Lattes para aqueles que possuíam alguma pós-graduação (situação mais presente entre os que são docentes e os que estão em programas de pesquisa) e dados disponíveis em portais da transparência de órgãos públicos, dada a substancial presença desses jornalistas no serviço público, seja em funções de comunicação ou não.

É preciso observar, ainda quanto ao levantamento, que parcela significativa dos dados poderia estar desatualizada no momento da coleta, realizada em agosto de 2018, bem como havia percentual significativo de informações indisponíveis, de forma que esses dados não podem ser tomados como plenamente confiáveis para afirmações exatas quanto à representação total dos egressos. Eles podem, ainda assim, serem considerados para contextualização do grupo geral de formados, uma vez que, dos 433, só não foi possível encontrar nenhuma informação de 44 deles, sendo a maioria desse grupo da primeira geração (formados entre 2002 e 2006). Podemos interpretar isso como resultado de esse grupo de egressos ter desenvolvido uma relação com a Internet possivelmente menos mediada por aplicativos, redes e mídias sociais.

A partir desse levantamento, observamos a existência de ao menos sete áreas gerais de atuação desses egressos em Joinville:

- a) **Mídia**, abrangendo profissionais que atuam em jornais, emissoras de TV e rádio, sites noticiosos e outros produtos jornalísticos, tem 39 ielusquianos;
- a) **Assessoria de imprensa ou de comunicação**, considerando neste caso os profissionais diretamente ligados a um empregador único e de forma contínua, conta com 55 ielusquianos;
- b) **Digital**, que abrange os jornalistas que passaram a se dedicar a atividades mais nativas do universo digital, definindo sua atividade como *social media* ou como produtores de conteúdo, é um campo no qual trabalham 12 ielusquianos;
- c) **Marketing**, é uma área para o qual um grupo de 11 egressos se direcionou; trata-se de um campo que reivindica espaço na comunicação, embora não seja reconhecido dessa

forma pelos demais membros da comunidade comunicacional;

d) **Empreendedorismo**, abrangendo os jornalistas que buscaram criar seus próprios jornais ou empresas de comunicação, caminho pelo qual optaram 12 dos formados;

e) **Freelancer**, que inclui os jornalistas que executam trabalho sob demanda de clientes sem necessariamente ser algo contínuo; alguns possuem CNPJ e marca já existente há algum tempo, enquanto outros fazem trabalhos esporádicos para jornais, embora o mais comum seja a contratação por empresas para campanhas de curto período; neste perfil estão 16 egressos; e, por fim

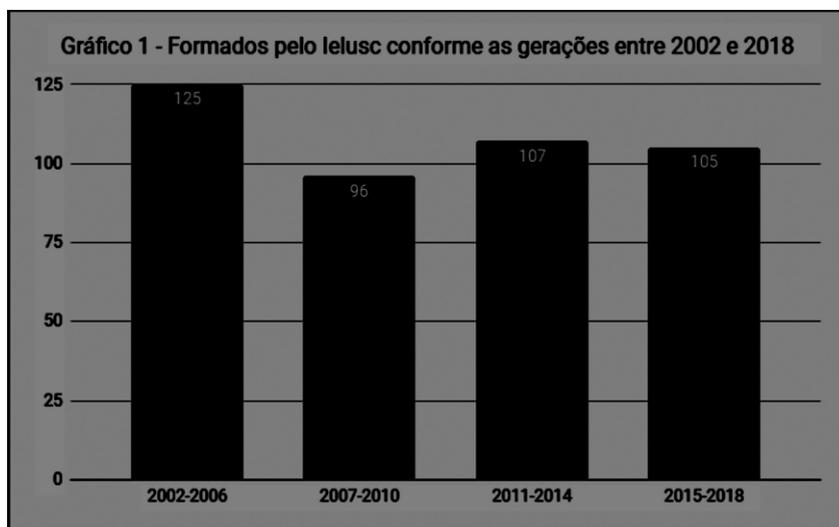
f) **Docência e pesquisa**, abrangendo os egressos que passaram a lecionar em cursos de Jornalismo ou mesmo no campo ampliado da comunicação, em que estão 13 egressos.

Dessas áreas, descartamos o do marketing porque se trata de uma instrumentalização da comunicação para fins comerciais, não sendo exatamente uma subárea da comunicação. Na decisão final do recorte do *corpus*, decidimos ouvir quatro profissionais de mídia (dois de rádio, e dois de jornal), um empreendedor, um docente, um assessor de imprensa e dois profissionais do que chamamos genericamente aqui de “digital”. Esses profissionais devem estar distribuídos pelas gerações do curso.

Nossa metodologia busca contemplar também as variadas gerações de estudantes e profissionais que passaram pelo curso. Para os atuais estudantes, escolhemos entrevistar cinco estudantes da fase final e outros quatro estudantes das primeiras fases. Parto do pressuposto de que há um choque inicial na entrada do curso, e que ao final desse período os estudantes amadurecem suas concepções, embasados em teoria e prática, à medida que realizam estágios e ganham experiência. Busco compreender se existem diferenças substanciais entre as visões da profissão entre quem inicia o curso e quem o completa. Entendo que, para viabilidade do trabalho, não há necessidade de entrevistar os estudantes dos períodos intermediários.

Para detalhar melhor nossa metodologia em relação à distribuição dos egressos, começo explicando que buscamos entrevistados de diferentes “gerações” de estudantes que passaram pelo curso. Os selecionados para as entrevistas deveriam atender a pelo menos dois critérios: o primeiro, definido duplamente por razões de viabilidade e de adequação ao objeto de estudo, é que o formado deveria morar ou

trabalhar em Joinville, o que permitiria compreender de que forma o campo jornalístico se desenvolve na cidade; e o segundo, estabelecido em razão do objeto de estudo, é que os escolhidos para entrevista devem trabalhar em jornalismo, assessoria de imprensa ou alguma outra área do campo ampliado da comunicação. Isso porque temos em vista também compreender como se dá a identidade profissional no contexto de transição entre academia e mercado. Entre os egressos, os entrevistados deveriam ser distribuídos, conforme os anos de formação, em dois para cada um dos seguintes períodos: 2002-2006, 2007-2010, 2011-2014, 2015-2018 (conferir gráfico 1). O primeiro período abrange cinco anos porque em 2002 foram apenas cinco os estudantes que receberam diploma pela instituição.



Os egressos entrevistados foram selecionados a partir dos resultados do levantamento inicial já mencionado. Dentre os dados disponíveis, um dos primeiros aspectos que definimos para o recorte era a necessidade de morar na cidade. Conforme esse levantamento, quase dois terços (62,1%, ou 269 egressos) seguem vivendo na cidade. Os outros grupos principais moram em outros municípios da região norte de Santa Catarina (8,5%, ou 37); na região da Grande Florianópolis (6,9%, 30); em outras regiões do estado e do país (8,5%, 38), com destaque para a cidade de São Paulo, onde 13 egressos vivem e trabalham atualmente, sendo 11 em veículos mais tradicionais de imprensa como rádio, TV e jornal impresso. Fora do país estão 15 egressos, ainda que muito poucos

deles exerçam funções jornalísticas ou relacionadas à comunicação em geral. Também há um contingente de 44 egressos dos quais não foi possível confirmar localização de moradia ou mesmo de trabalho.

O segundo critério determinante para a seleção desses egressos foi que os selecionados devem trabalhar em mídia, em assessoria de imprensa ou comunicação, além de outros espaços de trabalho do campo ampliado da comunicação, além da docência do Jornalismo. Aplicados os critérios, o grupo de egressos restante ficou em 158. Buscou-se então distribuir os selecionados entre as quatro gerações de egressos, visando equilibrar alguns aspectos gerais conforme as características mais marcantes de cada geração, conforme descritas na próxima seção.

Apenas para observar algumas das diferenças entre os quatro grupos, é possível constatar que a segunda geração tem um número menor de formandos (96) que pode ser explicado por vários motivos. Um possível fator de explicação reside no debate sobre a obrigatoriedade do diploma de Jornalismo para o exercício da atividade. No período, as discussões estavam chegando ao auge no Supremo Tribunal Federal e podem ter resultado em uma queda tanto na procura pelo curso quanto pelo seu desejo de permanência. Na primeira geração, o curso demonstrava uma alta taxa de inscrições no vestibular, tendo entre quatro e cinco estudantes por vaga. A decisão que derrubou a obrigatoriedade do diploma resultou em uma queda drástica para dois estudantes por vaga. Havia certo desânimo entre os estudantes, conforme foi possível perceber em entrevistas de contextualização com professores que trabalhavam no curso na época. Todavia, não está entre as pretensões desta pesquisa responder se houve correlação direta entre a derrubada da obrigatoriedade do diploma e a queda em número de inscritos no vestibular e na manutenção de egressos.

Outro fator a ser considerado no período é a dificuldade financeira para os estudantes que entravam no curso então. Ao contrário dos alunos da primeira geração, em que havia parcela expressiva de trabalhadores com atuação de pelo menos uma década na imprensa local, tendo algum aporte financeiro para bancar a formação, os estudantes da segunda geração eram mais jovens, mais dependentes de pais e familiares, em uma cidade que ainda tinha um mercado de comunicação em desenvolvimento, o que diminuía as portas para estágios e atividades correlacionadas à área. Esse fator, conjugado com as perspectivas do fim da obrigatoriedade do diploma, poderia ter sido os principais para a queda da primeira geração para a segunda.

Antes de prosseguir, é preciso pontuar algumas observações sobre o contexto das entrevistas. As entrevistas para este trabalho foram coletadas entre setembro e outubro de 2018. Não houve muitas dificuldades de contato com os entrevistados, em sua maioria bastante solícitos em participar do estudo. Houve apenas uma negativa e o contato mais difícil foi com os estudantes da primeira geração, com os quais eu tinha baixo grau de contato prévio. Entre os entrevistados, escolhi aqueles que eram mais viáveis e cuidei de selecionar entrevistados com os quais eu possuía algum contato, mas não um contato tão próximo que pudesse prejudicar de alguma forma a manutenção de um grau mínimo de afastamento em relação ao objeto. No caso dos estudantes, encontrei-os no próprio Ielusc, em período de aula, com autorização da coordenação do curso e dos professores das disciplinas. As entrevistas com os formandos foram conduzidas a maior parte em uma sala separada sem utilização no momento, o que constituiu um ambiente mais neutro e no qual entrevistado e entrevistadores puderam conversar de forma mais tranquila. Os calouros, porém, foram entrevistados em outro dia, no átrio da instituição, ao ar livre. Já as conversas com os egressos foram, em sua maioria, nos seus respectivos locais de trabalho, o que fez variar bastante os locais de entrevista entre estudos de rádio, salas de reunião e salas de direção. Não tivemos nenhum impedimento à realização das entrevistas por parte de empregadores ou chefes, sendo a única limitação não realizar a entrevista no ambiente de redação em uma das empresas. Apenas dois dos entrevistados não puderam ser entrevistados em ambiente de trabalho: o empreendedor, com quem conversamos em um café e uma radiorepórter entrevistada em uma biblioteca. Quase todas as entrevistas duraram entre 20 e 40 minutos, à exceção da entrevista com o egresso da primeira geração, que durou pouco mais de uma hora. Não houve uma ordem quanto a entrevistar primeiramente um grupo e depois outro. As entrevistas ocorreram à medida que foram sendo agendadas e confirmadas. Cabe salientar que algumas diferenças entre as entrevistas podem se dever à confiança desenvolvida em relação ao questionário semiestruturado. Isso porque as primeiras entrevistas eram mais centradas em um seguimento mais firme do questionário; posteriormente, houve um desenvolvimento mais fluido das conversas posteriores, como a inclusão de perguntas novas, a retomada de aspectos mencionados pelos próprios entrevistados e até a eliminação de algumas perguntas então presentes no questionário. Devido ao período em que foram realizadas as entrevistas, algumas referências ao período eleitoral se tornaram inevitáveis e puderam ser consideradas para análise na medida que refletiam uma forma de relação com a atividade jornalística.

Quanto aos entrevistados, cabe pontuar algumas observações gerais. Há uma preponderância de mulheres, sendo elas 13 do grupo de entrevistados, enquanto os homens entrevistados são cinco. O número indica uma proporcionalidade ligeiramente mais elevada em relação aos 433 egressos, mas ainda assim compatível com o predomínio feminino presente no curso, que se torna progressivamente mais elevado com o passar dos anos. Todos os entrevistados se encontram entre os 18 e os 40 anos e possuem condições materiais de vida que permite que sejam classificados no grupo da classe média, em sua maioria com ganhos entre três e sete salários mínimos. Apenas dois entrevistados afirmaram ganhar menos ou mais que esse valor. É preciso pontuar também que todos os entrevistados se autoidentificaram como brancos e que, mesmo que não tenhamos coletado dados específicos de autodeclaração racial no grupo ampliado dos egressos, restou-nos bastante evidente que o número de negros formados pela instituição é bastante baixo e o aumento em seu número também se relaciona com a ampliação de acesso a vagas por meio de programas de incentivo como Fies e Prouni.

### 3.1.2 “Gerações” de egressos

Antes de continuar é importante aclarar desde já que quando falamos de *geração* não estamos recorrendo a algum conceito teórico específico, mas apenas a um nome para identificar os quatro grupos de egressos entrevistados. Temos consciência de que há todo um debate sobre o conceito de geração que atravessa campos científicos como os da sociologia, da antropologia e da psicologia, mas não temos pretensão de entrar nesse debate. Para essa finalidade, nos cabe recordar a própria distinção entre gerações feita por Travancas em seu estudo, delimitando duas gerações distintas no Rio de Janeiro no início dos anos 1990 (TRAVANCAS, 2011). Entre os dois grupos de profissionais estudados pela pesquisadora havia diferenças substanciais de origens, formas de compreender a carreira e o futuro e de estilos de vida que justificavam a distinção entre gerações para além da simples diferença de idade, ainda que o exercício da atividade jornalística as aproximasse, muito em razão do *habitus* profissional. Diferentes condições de vida, no campo do trabalho, da política, da cultura etc., estaleceram situações bem diferentes nas quatro décadas que separavam os pesquisados de Travancas. Entre os estudantes e egressos desta pesquisa, porém, não creio haver diferenças substanciais nessa mesma direção que justifiquem a utilização de um conceito mais complexo de geração, considerando que, por exemplo, a

existência de um espaço inferior a três décadas se passou entre o momento que os primeiros estudantes do Ielusc ingressou no curso e que os atuais calouros se matricularam.

As considerações feitas até aqui nos permitem de antemão traçar alguns elementos gerais dessas gerações de egressos. Na primeira, como já foi dito, havia uma parcela expressiva de estudantes que já trabalhavam em jornais, rádios e TVs, alguns com experiência relativamente extensa no campo, mas que ainda não possuíam formação universitária porque ainda não havia um curso de Jornalismo na cidade. Parcela significativa desses egressos permaneceu por um longo tempo em funções clássicas do jornalismo, como as de repórter, apresentador e produtor e alguns saíram de funções historicamente menos prestigiadas para outras, como diagramadores que passaram a atuar como repórteres ou editores. Parte desses formados circulou por funções clássicas do jornalismo por períodos variados, entre seis e dez anos. Entre os nove que ainda atuam nessas funções, apenas uma jornalista é de jornal impresso. Todos os demais trabalham em veículos como rádio e TV, o que explicita o enxugamento da mídia impressa na cidade.

Os dados do levantamento indicam que houve alguma mobilidade da parte dos jornalistas da primeira geração entre trabalhos na mídia e fora dela. Há casos esporádicos de jornalistas que saíram de campos como o da assessoria de imprensa e foram para jornal ou TV, mas o caminho inverso é preponderante. A maioria dos jornalistas dessa geração trabalha atualmente em atividades de assessoria de imprensa e comunicação, estando principalmente em funções de liderança de equipes. Trata-se de um grupo que acumulou algum capital cultural durante seus trabalhos na mídia.

Há uma parcela importante dessa geração que se encaminhou para o serviço público, principalmente em cargos concursados, ainda que seus trabalhos não tenham relação imediata com o Jornalismo ou mesmo com o campo ampliado da comunicação. Um em cada cinco dos formados dessa geração atua no serviço público. A maioria como assessores de imprensa ou comunicação, mas alguns entraram em funções de caráter mais administrativo ou em atividades diferentes, como a de professor de ensino fundamental. Todavia, isso não necessariamente implicou para eles um distanciamento completo do Jornalismo. Como exemplo, um desses servidores manteve um projeto paralelo ao trabalho na Prefeitura com um blog informativo sobre o bairro em que mora.

Esse grupo também é o único que possui políticos com cargo eletivo, tendo no momento da redação desta dissertação um deputado estadual e um vereador. Outro grupo importante da primeira geração é o

dos jornalistas *freelancers*, que também construíram carreira mais extensa em funções clássicas do jornalismo e atualmente fazem trabalhos como *social media* de algumas empresas ou produzem matérias para veículos maiores e de fora da cidade. Há ainda os jornalistas que mudaram substancialmente de ramo, havendo entre eles corretor de imóveis, bancário, consultor de recursos humanos, cuidador de idosos, analista de sistemas, gerente de spa e ator.

Desse grupo selecionamos para entrevista uma gerente de comunicação. O perfil de gestão é compatível com o dos profissionais predominantes atualmente nessa geração. Outras entrevistas ficaram inviabilizadas. Por outro lado, os profissionais mais acessíveis poderiam representar saturação de um perfil profissional mais vinculado às mídias.

A segunda geração apresenta alguns traços substanciais de diferença em relação à primeira. Um dos mais evidentes é que entre os egressos desse grupo, de formados entre 2007 e 2010, pelos dados que pudemos obter, há um número substancialmente maior de pós-graduados. Também se pode perceber um número ligeiramente menor de profissionais que trabalharam em jornais, rádios e TVs, em relação à primeira geração, se considerarmos o período dos primeiros cinco anos de carreira desses profissionais. Pode-se considerar duas explicações para esses números. A primeira é que para muitos dos formados desse grupo a formação de capital cultural não se deu com a incorporação de um saber fazer de caráter eminentemente midiático, mas com o desenvolvimento intelectual obtido em cursos de pós-graduação em áreas como o marketing ou a comunicação via internet, razão pela qual a segunda geração está mais presente em trabalhos do campo ampliado da comunicação. Parte da explicação para esse fenômeno pode estar no fato de que parcela expressiva desses mesmos egressos pós-graduados atuarem em empresas de grande porte de Joinville que têm atuação em mercados estrangeiros. Isso justificaria a busca por maior formação ou mesmo que essas empresas banquem, ainda que parcialmente, os estudos desses egressos em cursos de pós-graduação. Outra explicação está relacionada a uma transformação significativa do mercado tradicional de mídia em Joinville, com indícios de uma redução drástica no número de postos de trabalho para jornalistas. Em meados de 2006 houve uma série de baques no ecossistema jornalístico da cidade. O primeiro foi a aquisição do jornal A Notícia pelo Grupo RBS e o segundo o lançamento do jornal diário rival Notícias do Dia, com características mais populares, usando de táticas sensacionalistas para venda e uma estratégia de aposta em conteúdos marcadamente locais. Após a aquisição pela RBS, em

poucos anos o A Notícia passaria a contar com menos da metade das vagas que possuía no momento da compra, uma redução de 437 funcionários para 200, conforme estimativas de Mick e Kamradt (2017) a partir de depoimentos de ex-trabalhadores do jornal.

No segundo grupo também há uma presença mais expressiva de egressos que passaram a se dedicar à docência em Jornalismo. Há mestres e doutores nesse grupo, tanto em Jornalismo quanto em áreas como Sociologia Política, Literatura e Antropologia. Enquanto a primeira geração produziu três jornalistas que trabalham atualmente como docentes, sendo que apenas um atuando em Joinville, a segunda produziu seis. A ampliação recente na oferta de cursos de Jornalismo abriu portas para esse grupo de maior capacitação acadêmica.

O serviço público também absorveu parcela dos egressos dessa geração (16, dos quais metade atua em funções de comunicação ou jornalismo). Entre outros tipos de funções presentes nesse grupo pode-se contar o de egressos empreendedores que tentam criar suas próprias empresas e o dos que passam a trabalhar como palestrantes e *coaches*. Outro grupo é o dos profissionais mais próximos ao documentário e à produção artística. Há poucos egressos dessa geração que mudaram completamente de ramo, além dos palestrantes. Há representantes comerciais, assistentes administrativos de empresas e órgãos públicos, profissionais de recursos humanos e até psicanalista.

Da segunda geração selecionamos para entrevista um docente, uma gerente de mídias sociais e uma repórter de jornal. Essa escolha se justifica porque é um grupo bastante heterogêneo em sua composição.

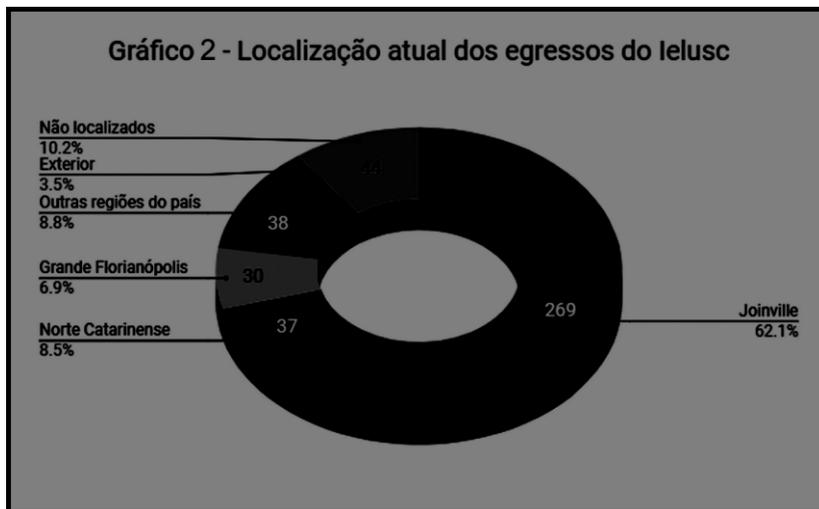
A terceira geração, dos formados entre 2011 e 2014, é um grupo que ainda está em consolidação de carreira. Nesse grupo há um volume maior de trajetórias que podemos classificar como “puras”, conforme o levantamento. Isto é, os egressos dessa geração, quando estão na mídia ou quando trabalham em assessoria de imprensa ou comunicação, parecem tender a permanecer em funções similares ao longo da carreira. Nas duas primeiras gerações há mais casos de mobilidade dentro do campo da comunicação. Talvez o próprio tempo de carreira, inferior a dez anos, possa explicar esse fenômeno. Mas a tendência a uma estratificação ou uma especialização do trabalho em comunicação também pode ser pensada como condutora dessa tendência. Há um número significativo de egressos dessa geração que têm ou está buscando pós-graduação, como especializações em áreas distintas do campo ampliado da comunicação.

Também é uma geração bastante diversificada em tipos de trabalho em comunicação, na qual há um número maior, em relação às demais gerações, de profissionais que trabalham com atividades nativas do

universo digital, como *social media*, analista de mídias sociais e produtor ou gestor de conteúdo. Analisando cargos e cursos de pós-graduação feitos por esses egressos pode-se observar uma aproximação com o marketing ou com a publicidade nessas turmas, que entendemos também ser resultado da saturação do concorrido mercado de mídia em Joinville. Esta também possui uma presença significativa no serviço público, mas há um indicativo de que, à medida que avançam os anos, a presença dessa geração vai diminuindo nesse campo. Se dos formados em 2012 há sete egressos no setor público, em 2014 são apenas dois, e um deles atuando em outra cidade.

O aspecto geográfico indica um elemento importante para esta geração. Poderíamos chamar a uma parcela dos egressos da terceira geração de “grupo da estrada”, uma vez que havia um grupo significativo de estudantes vindos de cidades próximas a Joinville que se deslocavam diariamente para estudar à noite. Vindos majoritariamente de Jaraguá do Sul (cidade com quase 180 mil habitantes onde ainda não há curso de Jornalismo), mas também de cidades como Guarimirim, São Francisco do Sul, Garuva e Itapoá, esses estudantes podiam levar um tempo em geral maior que os demais estudantes para concluir a graduação, mas em geral já possuíam algum tipo de vínculo empregatício no campo da comunicação ou do Jornalismo nas cidades de origem. Conforme a decisão metodológica de abordar os egressos do Ielusc que trabalhem em Joinville, os egressos desse grupo não foram cobertos pelas entrevistas, ainda que tenhamos encontrado estudantes com esse perfil entre as entrevistas. As demais gerações não possuem tantos egressos com esse perfil. A maioria dos egressos dos outros grupos que moram atualmente fora da cidade vivia em Joinville quando faziam o curso. A terceira geração é a que tem o maior número de formados que mora ou atua em outros municípios (são 36 desta geração contra 25 da segunda e 34 da primeira). A presença maior do grupo da estrada nessa geração pode estar relacionada a uma maior facilidade econômica de deslocamento, aliada a políticas de expansão da educação universitária que começaram a dar resultado. Entre os egressos, por exemplo, estão os primeiros bolsistas do Proni. O Ielusc começou a receber estudantes do programa em 2007.

Da terceira geração selecionamos um repórter de jornal, um coordenador de rádio e um empreendedor.



A quarta geração, dos formados entre 2015 e 2018 ainda está Tateando, buscando seu espaço no mercado de trabalho. Os indícios do levantamento realizado dão conta de que pelo menos 21 dos 105 formados desse grupo não possuem, neste momento, uma ocupação definida. Entre os que possuem trabalho, a maioria mora em Joinville (três em cada quatro) e trabalha fora da mídia (dois em cada três). Porém, há algo bastante peculiar desta geração: o trabalho específico em assessoria de imprensa tem menos vagas nessa geração que o da mídia, que assume uma face bastante presente neste grupo, que encontra espaço em TV e, principalmente, no rádio. O rádio joinvilense em geral é marcado historicamente por ser um ambiente de pouco, quase nulo, trabalho de reportagem, sendo ocupados os espaços mais nobres da programação por radialistas que realizam comentários sobre notícias do jornal, quase à forma de uma coluna. Algumas pequenas iniciativas tentaram levar o radiojornalismo adiante, mas sem muito sucesso. A entrada de jovens repórteres, porém, pode conduzir a uma maior qualidade do produto jornalístico oferecido em Joinville pelas rádios.

Da quarta geração entrevistamos o segundo jornalista de rádio e um profissional do campo genérico do digital.

## 3.2 Percepção da identidade profissional por estudantes e egressos

### 3.2.1 Calouros 2018

O grupo dos calouros é o dos alunos que estão nas primeiras fases do curso. Entrevistamos quatro estudantes desse grupo, composto por um total de 19 estudantes que se matricularam no segundo semestre de 2018. Repassamos aqui um perfil breve dos entrevistados.

A maioria é recém-saída do ensino médio e optou pelo curso de jornalismo por questões relacionadas ao gosto pela escrita e pela leitura, pesando também declarações de professores e experiências de trabalho com pessoas próximas à profissão. Quase todos têm menos de 20 anos e a maioria é dependente dos familiares. A exceção a esse padrão fica por conta de uma estudante de 26 anos que veio transferida de outra instituição e possui uma experiência bastante variada no jornalismo. Por ser muito destoante, não é muito adequado classificar este último caso como de um calouro, ainda que a estudante esteja em seu primeiro ano no Ielusc. Como os transferidos são um grupo bastante específico não abordado durante a elaboração inicial da metodologia, entendemos ser válido incluir suas percepções na pesquisa.

Em todas as entrevistas, iniciamos pedindo aos entrevistados que dissessem as cinco primeiras palavras que lhes venham à mente ao se pensar em Jornalismo. O objetivo desse exercício era compreender como se dá a representação social da atividade, a partir do núcleo central de seu entendimento, evidenciado nas primeiras duas ou três palavras mencionadas. Outra finalidade era viabilizar uma forma de puxar assunto para tornar a conversa mais informal.

**Tabela 1 – Cinco palavras para caracterizar o Jornalismo - Calouros**

<b>Calouro 1</b>	<b>Caloura 2</b>	<b>Caloura 3</b>	<b>Caloura 4</b>
Rádio	Comunicação	Notícia	Notícia
TV	História	Reportagem	Veracidade
Locução	Mudança	<i>Lead</i>	Compromisso
Oratória	Conhecimento	Informação	Trabalho
Escrita	Curiosidade	Mídia	Exaustão

Diferentemente dos demais grupos, as noções de Jornalismo mencionadas pelos calouros indicam certa heterogeneidade, se compararmos com o que esse exercício nos indicou quando aplicado nos outros grupos que ainda vamos observar. A principal diferença aqui fica por conta daqueles que já tiveram alguma experiência em mídia, caso das calouras 3 e 4, cujas palavras iniciais se referem a aspectos mais ligados à prática profissional. No caso da Caloura 3, por exemplo, a menção a *notícia*, *reportagem* e *lead* se deve à experiência breve como estagiária em jornal impresso; no caso da Caloura 4, as noções de *notícia* e *veracidade* se destacam com facilidade, em especial a segunda como elemento de incorporação da cultura profissional. Nesse aspecto, é importante destacar que os termos citados também revelam forte tendência a idiosincrasias nas noções periféricas, as que são citadas por último. As palavras mencionadas pelo Calouro 1, por exemplo, são relacionáveis com sua referência de expressão que mescla aspectos artísticos na área do canto, bem como da religiosidade, que valoriza aspectos de oratória. Já para a Caloura 2, por exemplo, história se refere principalmente às histórias que o jornalista pode contar: “Eu acho que o jornalista, além de apenas apurar fatos, essas coisas, ele também conhece histórias, conhece pessoas, vidas, e uma das coisas que eu gosto no jornalismo é ter a oportunidade de conhecer e contar histórias dos outros e da vida deles, de bom ou de ruim é parte da história” (CALOURA 2, 2018). O jornalista não deve ser um simples apurador de fatos ou relator de acontecimentos. Nessa perspectiva, é como se ele tivesse uma oportunidade especial ou mesmo o dever de contar histórias mais aprofundadas e até emocionantes. Reitera uma noção subjacente de que o jornalismo é um espaço de contato e conexão humana, visível ainda em outro momento da entrevista, no qual a caloura descreve os motivos de preferir a disciplina de fotojornalismo:

A gente fez várias atividades, principalmente agora nesse segundo semestre de fotografar pessoas e conhecer histórias, então a gente conversou com muitas pessoas e a gente descobriu coisas que mudaram nossa semana. A gente começou numa segunda-feira, um dia que me marcou mais de conhecer histórias. A gente chegou na praça, ali no Centro, perto da Catedral, e encontrou um grupo de uma igreja que leva refeição a moradores de rua, e *a gente conversou até com esses moradores de rua, que ficaram em volta da gente, que conversaram com a gente...* Então estava feliz da vida. A gente

saiu daqui reclamando de sair para caminhar à noite e mudou a semana da água pro vinho (CALOURA 2, 2018, grifos meus).

Conhecer uma realidade distinta, uma vivência que não a própria, permite a revisão de conceitos. O conhecimento, palavra também mencionada pela caloura ao pensar o jornalismo, está intimamente vinculado a uma ação. O ato de reportar, na visão desta caloura, também não precisa estar atrelado ao texto, que sublima o sentimento vívido que ela entende ser necessário estar envolvido ao “transmitir” uma informação. Mesmo um espaço físico determinado, como a redação, resultaria em deformações da informação vivida pelo repórter. Um dos melhores exemplos disso estaria na narração esportiva, conforme o seguinte relato:

Quando eu escuto o jogo pela rádio eu consigo entender e interpretar as pessoas simplesmente pelo jeito que elas estão narrando o jogo. Uma das coisas que sempre me chamou atenção foi o Charles Fischer, da 89, quando narrava os jogos do JEC, a emoção que ele sentia ao transmitir um gol e, *mesmo sabendo que ele não é jornalista, mas o modo como ele fazia esse papel de passar o que estava acontecendo com energia, a gente conseguia sentir isso através da voz, ou através do áudio dele.* (...) Tem muito jornalista, em muitos programas, que ainda são até meio forçados naquela questão de serem muito *robóticos*, de não ter uma interpretação em si, de transmitir que está acontecendo. Apenas falar por falar porque é conveniente, *porque é obrigado* (CALOURA 2, 2018, grifos meus).

Nesse sentido, as formas gestuais ou corporais, passíveis de emissão via audiovisual, por TV, rádio ou pela internet, estariam as mais adequadas. A estudante diz que sente falta de disciplinas de mídia digital já no primeiro ano do curso. Aqui, as relações individuais estabelecidas pela caloura transpassam a concepção de jornalismo prevista pelo curso, já orientado pelas novas diretrizes:

[No estágio de uma empresa de conteúdo digital], como eu fazia conteúdo, texto para conteúdo digital, para blog, e *foi uma das matérias que eu*

*ainda não tinha tido no curso, me fez aprender antes de chegar a ter esse assunto na faculdade. Então, um aprendizado antecipado e me fez perceber uma das coisas que eu falei que eu mudaria. A questão da importância do digital já no início do curso também. Mas, o estágio... Uma das coisas que foi muito boa para mim é que eu não quero ficar numa redação. Não quero ser um profissional que só fica dentro de um quadradinho, na frente de um computador. Não é isso que eu quero como futuro (CALOURA 2, 2018, grifos meus).*

As experiências anteriores podem ser bastante determinantes para a concepção da identidade profissional dos alunos. O Calouro 1, por exemplo, afirma se identificar com atividades do campo da comunicação empresarial em razão da experiência de trabalho com uma pessoa que atua nesse campo durante um estágio que fez em uma consultoria de recursos humanos:

*Uma coisa que eu estou me identificando muito, que eu estou me identificando altos, é com a comunicação empresarial. Na outra empresa, não foi nem tanto por causa do curso, é que eu conheci uma pessoa que trabalha com comunicação empresarial na antiga empresa e eu via como era a rotina dela, como era a assessoria de imprensa e eu gostei muito (CALOURO 1, 2018).*

Por esse motivo, o estudante se pergunta em outros momentos se não há um excesso de disciplinas vinculadas ao impresso e uma preocupação baixa com a “atualidade” do mercado. Ele indica que gostaria de ter mais disciplinas voltadas para a comunicação empresarial. É interessante nesse ponto observar que esse calouro em particular, que faz estágio em uma empresa mais próximo ao ramo de relações públicas e cerimonial, parece encontrar alguns dilemas ao buscar encaixar seu trabalho atual na categoria do jornalismo: “Lá é uma parte mais de entretenimento. Não é uma parte tão séria do jornalismo. Não sei nem se pode ser considerado o jornalismo, por que, como é uma parte de entretenimento, talvez puxe mais para o lado da publicidade” (CALOURO 1, 2018). Em outro ponto, mais no início da entrevista, o mesmo calouro afasta o seu emprego atual da própria área da

comunicação: "Eu faço estágio na área já, numa empresa de formatura. Não é a área que eu quero. Não é uma área relacionada com comunicação" (CALOURO 1, 2018). Em algumas das entrevistas é possível perceber que as diferenças entre as atividades e os campos ainda estão sendo esclarecidos e devem se consolidar com o tempo.

Para responder à pergunta sobre a motivação de entrar no curso o porquê entrou no curso, o Calouro 1 explica que busca a verdade, de forma a aliar um aspecto profissional ao religioso:

Procurar a verdade acima de tudo, eu sempre fui uma pessoa que sempre quis muito a verdade das pessoas, sempre quis muito buscar essa verdade. A gente vive num mundo de tantas mentiras e a verdade é o que prevalece. A verdade é o que cativa. A verdade é a verdade (...) Eu sou uma pessoa muito religiosa e eu sempre busquei muito essa verdade. E eu tentei transparecer isso na minha profissão também (CALOURO 1, 2018).

Os calouros pontuam sentir falta de matérias voltadas para mídias digitais, algo que vai se repetir nas entrevistas com os formandos. Isso nos leva a outro ponto a ser refletido em termos de identidade profissional é sobre o que está sendo reconhecido como jornalismo. Entre os calouros, essa concepção tende a ser bastante diversificada e não homogênea. No caso da Caloura 2, é preciso notar que entre suas referências de jornalismo seja incluída uma página de Facebook iniciada com uma concepção humorística e que, mais recentemente, tem se dedicado à circulação de informações com apresentação jornalística:

Eu acho que ele [o jornalismo] enfraqueceu muito [na cidade] até porque os impressos que tinham aqui tão saindo, assim, alguns até acabaram. *Mas eu tô vendo o jornalismo que tá acontecendo.* Mais uma vez, voltando, digitalmente, de *veículos que não são oficiais*, como tem na TV, mas que tão fazendo um ótimo papel. Deixa-me ver... Por exemplo, óbvio que é uma página vinculada ao humor também, mas *muitas coisas que acontecem eu vejo também no Éééguaaa, Aconteceu em Joinville, que falam... Que tem um jornalismo digital até apurado na hora tanto quanto outros*, então eu acho que em alguns pontos está pecando e

em alguns outros está evoluindo de uma maneira positiva (CALOURA 2, grifos meus).

Uma breve contextualização é necessária aqui. A página específica do “Éééguaa”, mencionada na entrevista, foi criada no Facebook com uma função meramente humorística em seu início, mas acabou crescendo rapidamente, em especial com a produção de paródias de músicas do momento com referências a piadas internas da cidade. Atualmente conta com um total de 313 mil curtidas, número superior à metade da população de Joinville (583 mil, conforme estimativa mais recente do IBGE). Para efeitos de comparação, a página de Facebook do A Notícia tem 424 mil curtidas. A aproximação de páginas como o Éééguaaa ao jornalismo foi acidental e se deu com o repasse de informações sobre acidentes de trânsito e fechamento de vias. Em geral páginas como essa recebem informações por meio da interação com o público e as republicam. Ante a quase inexistência desse tipo de informação em veículos tradicionais, geralmente focados em outros tipos de cobertura, restrita em virtude das equipes menores, páginas como essa ganharam bastante espaço, chegando a ter um site próprio com uma seção de notícias. A falta de equipe nos veículos tradicionais faz com que tópicos como trânsito e segurança, por exemplo, sejam cobertos por veículos alternativo. No campo da segurança, por exemplo, a outra página mencionada pela estudante, a “Aconteceu em Joinville”, curtida por 147 mil pessoas, começou sendo produzida por um repórter cinematográfico que passou a divulgar informações que obtia durante coberturas policiais, não raro dadas antes de qualquer outro veículo. Com o tempo, a página foi crescendo em alcance e em assuntos abordados. A maior parte do conteúdo é reaproveitado de releases, como é também o caso de várias outras iniciativas jornalísticas da cidade.

É interessante notar que nenhum dos outros respondentes pontuou tais páginas como referência de jornalismo. Pode-se notar ainda que aquela noção de vibração, de vividez, presente em respostas anteriores da Caloura 2 se faz presente aqui também. O caráter espontâneo destas páginas parece contemplar sua visão de jornalismo, que valoriza sobremaneira a intensidade. A relação com o jornalismo, construída por meio de uma ligação inicial com o esporte, ainda está em desenvolvimento e ainda podemos falar de uma incorporação de valores e técnicas profissionais:

Antes de eu decidir pelo Jornalismo eu nunca tinha parado para pensar no Jornalismo em si. Eu

comecei a ver ele por outros olhos a partir do momento que eu decidi fazer o curso. Que aí eu comecei a ir atrás, a pensar nas possíveis carreiras a se seguir através do Jornalismo, comecei a pensar no que ele faz... *Comecei a ver ele [o jornalismo], literalmente, como uma maneira de estar perto das pessoas, de estar próxima* (CALOURA 2, grifos meus).

Muito do que a Caloura 2 compreende como jornalismo parece reverberar em noções da Caloura 3, que é do “grupo da estrada”, tendo sido estagiária em jornal em seu município de origem. Ela pontua o processo de desligamento da empresa como um conflito de visões, talvez até geracionais, entre um jornalismo como entretenimento e um jornalismo político ou “mais sério”:

A chefe de jornalismo foi promovida num dia e no outro dia ela me mandou embora e um editor de vídeo também. *Acho que é porque eu escrevia entretenimento e acho que é uma coisa que ela não gostava muito no jornal, por que ela escreve política, então ela vai para o lado mais sério.* Eu acho que foi mais por isso e eu acho que é porque eu sou caloura, né? Então eu acho que ela preferia alguém que já tivesse se formando, como eu vi que entrou outro rapaz lá que já se formou (CALOURA 3, 2018, grifos meus).

Ainda que o motivo mais provável tenha relação com a presença da caloura em uma fase inicial do curso, é interessante notar a referência a uma cisão entre *entretenimento* e *política* e até mesmo o quanto isso pode representar um conflito geracional. Tanto calouros quanto formandos falam, ainda que de forma subentendida, que modelos tradicionais de informação jornalística são “meio chatos” ou “muito sérios”, sendo então o oposto de diversão. A Caloura 2, por exemplo, indicava que o sentimento deve prevalecer na “transmissão” da informação jornalística. Observando a Caloura 3, nos deparamos com uma compreensão de jornalismo que privilegia o entretenimento, ainda que reconheça a importância da cobertura política ou econômica. Nesse sentido de entretenimento, o aspecto de diversão é parte da própria convivência de trabalho. Ela via os colegas de redação como “meio doidos, meio engraçados, as pessoas não são realmente o que está

aparecendo lá na TV” (CALOURA 3, 2018). Questionada sobre como gostaria de trabalhar com jornalismo, responde:

Eu gostaria... Bem, *o que eu não gostaria é de falar sobre política, esportes, que eu não entendo nada, economia que eu também não entendo*. Eu acho que eu preferia justamente essa parte mais descontraída. Que nem quando eu trabalhei na empresa, que eu fazia entretenimento, que era mais divertido. Que eu acho que deve, entretenimento, cultura, até gerais. Falar sobre saúde, sobre a cidade, o governo no jornal... (CALOURA 3, 2018, grifos meus).

Aspectos de responsabilidade social, que podem estar em geral vinculados à cobertura política, por exemplo, parecem não ter sido amadurecidos ainda entre os calouros. É preciso observar, contudo, que tais estudantes ainda estão em um processo de imersão na cultura do jornalismo ao tomarmos como premissa o entendimento interacionista da sociologia das profissões, do qual tratamos no primeiro capítulo. Mas já se pode afirmar em casos como os da Caloura 3 que as experiências na área transpassam o conhecimento da atividade. Outro aspecto revelado nas entrevistas nos diz respeito à forma de produzir jornalismo:

Bom, a gente chegava de manhã e basicamente olhava o que tava acontecendo na internet ou os eventos que iam ter na região para a gente divulgar. Matérias que já tinham rendido em um outro site a gente reproduzia de um modo mais local. Vou trazer coisas que são mais específicas da cidade. Não era a gente criar aquilo totalmente, a gente pegava aquilo de algum outro lugar e meio que reproduzia. *Isso meio que me atrapalha um pouco na faculdade, onde você tem que criar tudo, lá eu já pegava um negócio meio pronto*, já tinha algo mais ou menos, e eu só fazia do meu jeito, conforme o que o jornal pedia (CALOURA 3, 2018, grifos meus).

Há uma tendência ao uso de materiais recompilados de outras fontes, a serem retrabalhados para publicação, a tal ponto que o processo de criação de pauta ou de apuração se vê prejudicado, ainda que um entendimento do jornalismo como diversão seja favorecido.

Os relatos extraídos das entrevistas anteriores foram de um perfil mais comum entre os calouros, porém, alguns estudantes não se enquadram como alunos recém-saídos do ensino médio. Nesse sentido, entendo ser válido observar como uma estudante de 26 anos e mais significativa experiência no jornalismo enxerga a relação com essas colegas:

*As minhas experiências são bem diferentes das experiências deles. A maioria do pessoal da minha turma saiu do ensino médio e correu para a faculdade. Então tem gente que está fazendo Jornalismo e nem sabe o porquê. Eu tô fazendo Jornalismo porque é o que eu amo, porque é o que eu realmente sou apaixonada. Então às vezes me dá um pouco de tristeza ver eles perdidos, sem saber se eles estão fazendo a coisa certa. Mas é complicado porque eles não têm o mesmo nível de comprometimento que uma pessoa mais velha tem. Mas também não tem como cobrar isso deles, porque eles acabaram de sair do ensino médio (CALOURA 4, 2018, grifos meus).*

Entre as palavras mencionadas pela Caloura 4 no exercício do início da entrevista, *trabalho* e *exaustão* foram uma exclusividade. Nenhum outro entrevistado mencionou um termo que fosse correspondente a essa ideia. Em seu relato, parece nunca ter passado um minuto sem estar com algum trabalho. Curiosamente, os relatos sobre exaustão remetem principalmente a atividades de campanha política, ainda que em momento anterior ela tenha mencionado o trabalho em jornal impresso:

*Quando eu penso no meu passado no jornalismo, eu sempre lembro da exaustão de você fazer uma campanha política. É muito exaustivo. São três meses que você não vive para você, você vive 100% para outra pessoa que é o teu candidato. Eu não recomendo isso para ninguém. Muito puxado (CALOURA 4, 2018).*

A noção de compromisso também foi exclusiva dessa estudante, entre o grupo dos calouros. Ao definir melhor a ideia, ela explica que é

necessário ter um cuidado redobrado com as informações que você repassa:

O jornalista precisa ter compromisso com tudo o que ele faz. Ainda mais agora que a gente está numa época em que a internet tem esse *boom* tão forte e a gente tem tanta *fake news*... A gente teve candidato à presidência que teve que fazer site para desmentir *fake news*. Você precisa ter um compromisso muito grande com o que você escreve porque o que você escreve não é só para você. Nada do que você escreve é para você. Você escreve para os outros, para informar os outros. E às vezes uma informaçãozinha, duas linhas que tenham uma informação errada, muda o resto todo de uma carreira de uma pessoa (CALOURA 4, 2018).

O conjunto maior de experiências de vida certamente influencia sobre esse peso maior dado à noção de compromisso. Diferentemente dos demais entrevistados deste grupo, a Caloura 4 não é solteira. Ela trabalha com ações de comunicação interna para funcionários de uma empresa e em gestão de ações de bem estar social. Conforme ela, porém, estas últimas ações estariam muito mais próximas do *marketing* do que do jornalismo, que ela só exerce no âmbito da comunicação interna. Algo que essa estudante partilha com profissionais como os da geração inicial analisada por Travancas é um discurso de que o Jornalismo tem um quê de inato, mas divide com as gerações mais recentes o aspecto algo vocacional da carreira, não entendido como uma simples opção. A pretensão inicial era medicina porque o jornalismo, entendia, dava pouco dinheiro, mas, observa: “Trabalhar no jornal, ganhando dinheiro para escrever, mudou completamente o cenário” (CALOURA 4, 2018). Esse recorte de experiência prévia faz com que a Caloura 4 possua características que localizamos entre parcela dos egressos da primeira geração do Ielusc. Entrar no curso com uma visão já formada na experiência prática de um jornal impresso é um atravessamento individual inexistente entre os demais entrevistados (não apenas entre os calouros, mas entre todos os entrevistados) e isso é bastante significativo. Nota-se uma relação aparentemente mais profunda com a atividade. Algo até mesmo visceral, visível em verbos usados por ela como “amar” e “apaixonar” para descrever sua relação com a profissão.

Para traçar uma configuração de identidade profissional entre esses estudantes é preciso certo cuidado, em especial, deslocando, neste ponto, a Caloura 4, em razão de suas especificidades, já descritas. Entre os demais, é possível perceber que ainda não se pode falar de um discernimento conceitual consensual sobre a própria atividade jornalística, parece ainda que estão se situando na *doxa* do Jornalismo, utilizando conceito de Bourdieu. Todavia, já são atravessados por experiências que, de alguma forma, parecem indicar o caminho para o qual irão seguir ou, pelo menos, aquele pelo qual desejam trilhar sua carreira. Há um grande desejo entre eles de se expressar de uma forma divertida, algo lúdica, e vivaz, e não parecem ter uma preocupação especial em não o conseguir fazer. Noticiar, para esse grupo, é um ato que envolve uma diversão. Ao falarem sobre ser jornalista, identificam uma noção de “transmissão de conhecimentos” (CALOURA 3, 2018), de “ser uma ponte entre o real e as pessoas que não querem saber o que está acontecendo” (CALOURA 2, 2018) e “acolher e questionar os pensamentos” que circulam na sociedade (CALOURO 1, 2018). Têm noção de que o mercado é restrito, mas têm, ao mesmo tempo, fé de que conseguirão encontrar um espaço próprio.

### **3.2.2 Formandos 2018**

O grupo dos formandos é o dos alunos que estão concluindo o curso neste momento. Entrevistamos cinco alunos nessas condições. É válido repassar brevemente um perfil destes entrevistados. São quatro mulheres e um homem. A maioria ainda não tinha completado 22 anos no momento da entrevista. Todos atuavam em estágios em alguma instituição da cidade, mais ou menos próximos ao campo da mídia, trabalhando em empresas de mídia ou organismos de mídia de órgãos públicos e universidades. Apenas uma das formandas não possuía experiência mais definida em meios de comunicação. Também é preciso observar que uma das formandas é do “grupo da estrada”. Um caso bastante atípico deste grupo é o da entrevistada que já tinha passado dos 60 e não tinha pretensões de seguir carreira profissional como jornalista, entendendo a atividade como um *hobby*. Ainda assim incluímos concepções desta estudante nesta seção com o objetivo de agregar visões distintas sobre a profissão.

**Tabela 2 - Cinco palavras para caracterizar o Jornalismo - Formandos**

Formando 1	Formanda 2	Formanda 3	Formanda 4	Formanda 5
Notícia	Entrevista	Convergência	Mídia	Informação
Informação	Informação	Multimídia	Liberdade	Conhecimento
Telejornalismo	Notícia	Telejornalismo	Fake News	Debate
Assessoria	Reportagem	Imersão	Opinião	Humanização
Pauta	Texto	Empatia	Blog	Mudança

Retomamos aqui o exercício das cinco primeiras palavras. Entre os formandos, as noções que sobressaem são as de *notícia* e *informação*. Os aspectos mais periféricos da representação do jornalismo se manifestam nas palavras ditas por último e geralmente se referem às particularidades individuais dos entrevistados em relação à profissão. É nesse sentido que observamos surgirem termos como *humanização*, *mudança* e *liberdade*. Esta última, por exemplo, é uma noção mencionada apenas por uma pessoa, justamente a entrevistada que não depende, a rigor, de nenhum empregador: o seu blog pessoal. Entre os termos se observa ainda uma relação com noções mais corriqueiras do exercício do jornalismo, mais presente entre os entrevistados que estagiam ou trabalham em veículos de mídia. Entre essas noções estão *pauta*, *telejornalismo*, *entrevista*, *reportagem* e *texto*. É preciso considerar também uma influência significativa no fato de esses entrevistados estarem desenvolvendo monografias, o que pode se notar também neste exercício. Noções vinculadas à *convergência*, por exemplo, aparecem exclusivamente na entrevista de uma formanda que está se dedicando a pesquisar esse tema.

Então nos voltamos agora a compreender como a identidade profissional se manifesta entre os formandos. Dedicamos-nos primeiro a aspectos mais visíveis dessa identidade e um dos aspectos mais evidentes diz respeito a um conflito entre *ser* e *estar*, que se manifesta de forma particularmente interessante entre os entrevistados que vieram de outras atividades. O Formando 1, por exemplo, ao explicar em que trabalha atualmente, responde: “Eu *estou* estagiando numa emissora de TV. E eu *sou* efetivo também numa empresa de sistemas. Eu *sou* analista de sistemas” (FORMANDO 1, 2018, grifos meus). Esse aspecto sugere que o vínculo empregatício pode ser bastante determinante para a identidade profissional. Talvez constitua um aspecto relevante principalmente para a transição entre atividades. Uma vez que o verbo *ser* indica um caráter algo definitivo, enquanto o *estar* sugere uma limitação temporal, é

particularmente revelador o uso desse verbo. O mesmo movimento se nota na entrevista com a Formanda 4, que afirma: “*Sou funcionária pública*” (FORMANDA 4, 2018, grifo meu). Porém, o vínculo empregatício não é o único aspecto determinante para a identificação como jornalista. O diploma, atestando a conclusão do curso, exerce papel relevante, conforme a Formanda 4:

Eu acho que o ser jornalista primeiro ele te dá uma responsabilidade; parece assim... Que se você é jornalista você tem uma responsabilidade. Eu creio, assim, por exemplo, no meu blog, quando eu estiver formada, que eu puder colocar ali "jornalista", aquilo ali vai me trazer muito mais responsabilidade do que atualmente. Por mais que eu faça atualmente uma escrita muito pessoal; a hora que eu colocar ali como jornalista aquilo ali vai ter um peso muito grande (FORMANDA 4, 2018).

Também é relevante nesse aspecto o que diz o Formando 1, ao responder se considera que um jornalista que trabalha fora de um jornal faça jornalismo:

Faz, sem dúvidas. Não necessariamente precisa, eu acho, estar registrado como jornalista, quer dizer, se ele exercer funções de um jornalista eu imagino que sim, né? Que é necessário, embora eu ache que isso não aconteça. Mas não, *não quer dizer que porque eu estou em um outro lugar que eu vou deixar de ser um jornalista* (FORMANDO 1, 2018, grifos meus).

Respondendo à mesma pergunta, a Formanda 5 respondeu que

(...) se ele tiver os princípios éticos dele, se ele tiver uma noção de escrita, ele faz. E é aquela coisa: eu acho que você precisa de conhecimento. Acho que você não pode chegar assim e, “ah, eu nunca fiz nada de jornalismo, então eu sou jornalista porque eu fiz um texto em rede social, um texto informativo”, também não acho que é assim. Mas se você segue a questão ética que eu falei, se você tem cuidado com aquilo que você escreve, e você

escreve sem querer gerar polêmica, se esse não é o seu intuito, e o seu intuito é informar, eu acredito que sim, você está fazendo jornalismo (Formanda 5, 2018).

Os demais entrevistados responderam de forma similar à pergunta, o que indica que é um debate presente entre os formandos e que há um grau de consenso entre eles sobre essa questão. Desta forma, podemos observar que para esta geração não existe uma noção imediata entre o ser jornalista e o trabalhar em uma instituição jornalística. Em geral isso se explica pela associação entre o jornalismo e o ato de informar, tomando como especificidade um modo de fazer isso que corresponda a critérios jornalísticos e que manifeste preocupações éticas. Acredito que não se pode desassociar esse aspecto do contexto mais geral do mercado de trabalho na cidade. As respostas dos entrevistados evidenciam que não há muito otimismo com as oportunidades. O Formando 1, por exemplo, considera mudar-se para outra cidade para encontrar emprego na área. A Formanda 3 vislumbra oportunidades de exercer a função em um contexto multimidiático, mas também não demonstra otimismo exacerbado. A única exceção é a Formanda 5<sup>12</sup>, que vem de um mercado externo à cidade e no qual não há curso de Jornalismo e os profissionais são em geral os que gravitam em torno das empresas jornalísticas ou de comunicação:

Para mim, na minha cidade, não tem assim muitos jornalistas, então eu consegui o meu emprego fácil, então deu certo com o estágio. Eles não tinham estagiário. Então trabalho eu e mais uma pessoa da sexta fase, que não somos os únicos, eu acho, que são da cidade que cursamos Jornalismo, então isso para a gente é mais fácil de a gente se incluir no mercado de trabalho. Então lá, assim, eu não vejo tanta dificuldade, mas não é um leque aberto. Não tem assim tantas oportunidades. Ou você trabalha numa redação de jornal ou você vai trabalhar numa assessoria, que não são muitas, ou você vai criar

---

<sup>12</sup>No caso dessa formanda em particular, cabe ressaltar o vínculo caseiro com o Jornalismo, uma vez que o pai dela exerceu a atividade, ainda que sem ser formado. Essa situação evidencia um certo fechamento ou invisibilidade dos do Jornalismo como opção profissional em locais onde não há cursos de Jornalismo, isto é, jovens que não tenham acesso a essa opção de curso, talvez só o vislumbrem por meio de familiares, amigos ou pessoas relacionadas à atividade com a qual tenham contato.

um veículo teu ou uma agência de publicidade e é isso. (Formanda 5, 2018).

A ideia presente de trabalhar em assessoria evidencia também uma necessidade que vislumbra um alargamento da identidade jornalística para além da mídia. A história da regulamentação profissional indica que a atividade faz parte dos trabalhos que podem ser exercidos por jornalistas. Mas para conceituar o jornalismo dessa forma, nota-se que há uma noção primária, muito presente, de informar em um sentido muitas vezes genérico, ou abstrato, de emitir informação, e em segundo lugar, de forma algo adjacente, a prioridade da informação como meio de promover cidadania.

A resposta do Formando 1 à pergunta “como você percebe o jornalismo hoje?” indica que há uma visão nessa direção:

Ele é indispensável e que ele é... Não é mais aquela... Não é mais somente aquela... de noticiar as coisas. Acredito que a gente está... que a gente pode estar presente em todos os lugares, em todas as empresas; tanto grandes corporações, como comunicação interna e até mesmo quando a gente vê em veículos comerciais, então eu vejo que é bem abrangente (Formando 1, 2018).

Porém, ao se perguntar sobre o que é *ser jornalista*, o mesmo respondente indica que “ser jornalista para mim é ser uma pessoa da comunicação, é ser alguém capaz de dar voz àqueles que não têm, ser alguém que vai saber traduzir uma informação para aquelas pessoas que precisam dela, é ser questionador, é ser a pessoa que duvida das coisas, que vai atrás” (Formando 1, 2018), o que indica que há uma recuperação do mito jornalístico de “resolvedor de problemas”.

Também constituem uma boa pista para compreender como se desenha aqui a concepção de identidade profissional desses estudantes os motivos pelos quais iniciaram o curso. Os principais motivos estão em geral vinculados a um desejo de se comunicar. Na maioria dos casos a resposta faz referência ao meio textual, a uma vontade de encontrar um trabalho que permitisse escrever, algo asseverado por professores.

Eu gostava de escrever, sempre fui muito de escrever, era a minha paixão. Eu sempre fui bem comunicativa e achei que jornalismo juntava muito do que eu gostava. Olhei a grade do curso vi que

tinha todas as matérias de humanas que eu gostava (...) achei que ia me dar uma visão humana da coisa e ia me permitir fazer uma coisa que eu gosto que era escrever e ler bastante (Formando 3, 2018).

Os estudantes que ingressaram no curso após outras experiências de trabalho, todavia, tinham em vista objetivos mais definidos quanto ao que queriam fazer no momento em que entraram no curso. Um desses estudantes entrou no curso ciente de querer trabalhar com telejornalismo. Outro ingressou com a intenção bastante específica de aprimorar sua escrita para um blog que mantém há alguns anos.

Ainda entre os desejos dos estudantes, cabe pontuar alguns aspectos realçados na entrevista com a Formanda 2, que possui uma imagem do jornalismo como uma profissão um tanto sem regras, que lhe despertou desejo por viabilizar o contato com pessoas. O desenrolar do curso, ainda que a tenha levado a desenvolver uma leitura crítica do mercado e da atividade jornalística, parece manter traços de um idealismo da profissão que não tem rotina, como é possível verificar na resposta sobre como via o Jornalismo antes de iniciar o curso: “Sempre foi muito louco isso de ter uma profissão, ter um trabalho que eu ganharia dinheiro pra fazer uma coisa que é tão legal. Eu gosto de conhecer gente, conhecer pessoas, enfim, entrevistar, estar ligada nos assuntos” (Formanda 2, 2018). Em outro momento, a entrevistada retoma a observação sobre a rotina, estimulada a pensar como seria o seu trabalho ideal: “Olha, eu entrei querendo muito, e ainda quero, trabalhar em redação mesmo. Essa loucura de... Assim, eu não gosto de rotina, gosto de conhecer pessoas...” (Formanda 2, 2018). Entre os entrevistados da fase final do curso, todavia, a Formanda é a única que não teve uma experiência com alguma forma de mídia de maior alcance.

Nesse aspecto de contato com o mercado, as experiências no interior dos meios possibilitaram visões distintas para os estudantes que estão próximos de se graduar. Perguntado sobre que mudanças o estágio trouxe a sua concepção de Jornalismo, o Formando 1, produtor em emissora de TV, respondeu:

Não que chegaram a mudar, mas eu me envolvi em alguns dilemas éticos lá. De notícias que não poderiam ser dadas por questões de política e etc. Na verdade foi mais uma comprovação do que a gente sabe que existe e que a gente teve que fazer porque... enfim. É como que dita o mercado, né. Então mudou nesse sentido. Mudou não, né. Na

verdade só comprovou, assim. Não foi nada assim de achar que “ah, eu achei que era uma coisa e é outra”, isso não (FORMANDO 1, 2018).

Os conflitos éticos não representaram uma novidade para este formando. Este foi o único relato do tipo entre as entrevistas, mas o formando demonstra concordância com a ideia de que o jornalismo só se aprende na prática: “Eu acho que sim, viu. Eu acho que sim porque é um exemplo o meu estágio, né? Por mais que eu tenha tido uma boa base aqui [no Ielusc], o que eu estou aprendendo lá é praticando mesmo, falando de mercado, né” (FORMANDO 1, 2018). A resposta reflete outras obtidas na fase de pré-teste com estudantes que trabalham em mídia. A raridade das oportunidades, mesmo que sejam de estágio, em mídia, conduzem a uma sobrevalorização desse modelo. A Formanda 5, que atua num jornal impresso em outra cidade, mas realizando trabalhos também no campo digital, respondeu que a atividade de estágio reforçou o aspecto de *seriedade* envolvido na apuração, principalmente para as matérias que saíam para o jornal impresso:

Acho que as atividades do estágio elas me fizeram botar na prática tudo aquilo que eu já pensava. Eu... Até em conversa com o meu editor, eu às vezes falo, “ah, esse negócio de jornalismo é uma coisa muito séria, né”, *porque sempre quando eu faço uma matéria pro impresso eu checo muito as informações que eu coloco porque se tiver uma informaçãozinha errada, qualquer coisinha, isso virou verdade para tantos assinantes, e se tiver errado aquilo eu posso prejudicar a pessoa, no caso, a minha fonte*. Então, só fez reforçar mais a seriedade que tem dentro do jornalismo. Mas assim, não mudou nada, a princípio (FORMANDA 5, 2018, grifo meu).

O jornal impresso parece exercer um peso moral, enquanto referência, muito denso entre os estudantes. Nas perguntas sobre como analisavam o mercado de trabalho e o próprio jornalismo oferecido na cidade, os impressos são os veículos que aparecem primeiro. Isso pode ser relacionado a aspectos do próprio curso, uma vez que ao serem instados a avaliar a formação, alguns estudantes pontuaram um excesso de atenção ao impresso e baixa atenção a novos veículos de comunicação. O Formando 1, observou que

(...) a nossa grade ainda não está 100% adequada às questões do *digital* [pronunciado em inglês], embora a gente tenha algumas matérias, acho que ainda não é tão aprofundado. Acho que a turma nova já tem um passo adiante da nossa. Só que houve algumas mudanças. Mas a nossa em si foi muito focada na questão do impresso que a gente sabe que tá meio obsoleto né, tanto que hoje no estágio que eu faço eu aprendo muito mais... (FORMANDO 1, 2018).

A relação com a tecnologia também nos indica uma seara interessante para pensar a identidade profissional. A Formanda 5 indica também um caminho bastante curioso quanto à forma sob a qual gostaria de trabalhar fazendo jornalismo:

Gostaria de trabalhar fazendo *Insta Stories*, movimentando Instagram, fazendo conteúdos em vídeo, comecei a fazer isso um pouquinho no jornal já. E trabalhando com *jornalismo leve*, que eu acho que Instagram, Twitter, ele colabora muito com isso. *Você usar a atualidade dentro do jornalismo assim, você usar memes, você usar GIFs, você usar gírias do momento*, então, eu acho que isso torna o jornalismo muito mais atrativo. Como eu disse, torna o jornalismo leve. Isso que eu tô trabalhando eu não me vejo sendo jornalista, eu gosto muito do que eu faço, mas provavelmente eu vou seguir a carreira de fotógrafa, depois da faculdade. Mas se for para trabalhar com Jornalismo ou vai ser com assessoria de comunicação, que eu gosto muito de redes sociais, de você defender, digamos, o seu produto, a sua empresa, não é? Eu gosto bastante disso. Ou vai ser, por exemplo, eu trabalhando numa redação de jornal, cuidando de mídias sociais, mexendo com internet ou eu *tentando deixar o jornalismo mais gente como a gente* (FORMANDA 5, 2018, grifos meus).

É possível notar nas afirmações da formanda um entendimento de que o jornalismo está muito afastado da linguagem popular, especialmente daquela que é falada entre os jovens conectados com o mundo digital, por meio do que chama de “jornalismo leve”. Essa

afirmação contrasta com o jornalismo “muito sério” mencionado por ela em citação que reproduzimos anteriormente. Há um entendimento subjacente de que o jornalismo sério é algo distante, que não dialoga com a forma de leitura multimidiática realizada hoje. Mas, paradoxalmente, é o Jornalismo que viabiliza a aproximação com as pessoas.

*Então, o Jornalismo me mostrou mais que eu não nasci para ser jornalista, digamos assim. Só que o que me prendeu aqui [na faculdade] foi a humanização que o jornalismo me trouxe. O Jornalismo me transformou numa pessoa muito melhor, num ser humano muito melhor, num ser humano mais sensível, um ser humano muito mais empático (FORMANDA 5, 2018, grifos meus).*

Essa afirmação veio em resposta à pergunta “Em algum momento você já cogitou deixar o curso ou a carreira?” A atividade jornalística, podemos perceber com essa resposta, viabiliza um contato humano profundo, uma conexão para além das viabilizadas pelas máquinas e pela tecnologia. A preocupação com a forma de leitura também perpassa outra formanda, que reconhece que o formato telejornal é “meio chato”:

*[Eu me imagino] Trabalhando audiovisual, mas pensando no contexto da internet porque o público que vai me assistir daqui a, sei lá, dez anos não vai querer assistir a TV como a gente assiste hoje. Porque o público jovem não assiste TV como a gente assistia quando a gente era pequeno. Eu já não assisto TV como eu assistia, então, assim, uma criança que está crescendo hoje tem... Meu irmão tem 10 anos. Meu irmão, quando ele tiver 20, ele não vai querer assistir o telejornal que eu assisto hoje. Eu já acho meio chato às vezes, imagina ele que cresceu num contexto ainda mais convergente né (FORMANDA 3, 2018, grifos meus).*

Como vimos no Capítulo 1, parte significativa dos estudos realizados nos últimos anos indicam que a tecnologia aplicada ao jornalismo estaria entre os responsáveis pela precarização do trabalho dos jornalistas, o que nos permite considerar como hipóteses processos de desprofissionalização ou proletarização da categoria. Entre os formandos do Ielusc a leitura é de que há uma reconfiguração da atividade

jornalística, ainda sob rumos incertos, mas uma leitura de que a tecnologia é uma aliada em aspectos de produção de matérias ou conteúdos.

Não, eu não vou trabalhar num The New York Times, nem num AN mas eu vou trabalhar em outros contextos que vão me permitir fazer jornalismo e um bom jornalismo. Não sei se um jornalismo melhor ou pior, *mas jornalismo ainda*. Então acho que depende da forma com que as instituições jornalísticas vão se reestruturar. (...) é claro que o jornalismo tá em crise, mas *não é uma crise da profissão*, acredito, a profissão não deixou de ser importante é a crise da empresa jornalística (FORMANDA 3, 2018, grifos meus).

Nota-se aqui certa fé subjacente de que o trabalho jornalístico é vital à sociedade e que o trabalho jornalístico credível sempre encontrará um espaço. Conforme o Formando 1, esse espaço reside no espaço de humanização do trabalho jornalístico:

Eu acho que elas [tecnologias] vão e estão favorecendo o fazer jornalismo, *mas de maneira alguma vão substituir o fazer humano* que, por mais que você tenha softwares que trabalham com isso, que sejam capazes de serem programados para escrever notícias, acho que vai muito além a ação humana né? *A questão de humanizar uma pauta, por exemplo, é algo que é um software jamais faria* (FORMANDO 1, 2018, grifos meus).

A ação humana, neste caso, é vista como um elemento de base da atividade jornalística. Alguns pressupostos elaborados por outros formandos, como a necessidade de defesa dos direitos humanos são complementares aqui.

A identidade profissional jornalística, entre os formandos, pode ser observada como gravitando em torno das noções mais gerais de informação e notícia. Para acomodar a participação em distintos cenários profissionais que não o de mídia, utilizam uma visão mais genérica da ideia de informar, sendo a ela atrelada de forma subsidiária noções como a defesa da democracia e a prestação de um serviço público de informação que sirva para o cidadão se guiar no espaço público. A análise das entrevistas com os formandos nos leva a entender que a identificação com

a profissão ocorre em um grau de incorporação gradativa de noções profissionais sobre a melhor forma de disponibilizar uma mensagem. Esses formandos cresceram em um ambiente profundamente alterado pela convergência tecnológica dos meios de comunicação, estabelecendo uma relação bastante diferente com os veículos mais clássicos, como o impresso, ao qual ainda reconhecem certo peso moral. No entanto, mantêm uma visão do jornalismo como uma forma fundamental de estabelecer laços, inclusive transformadores, tanto pessoal como socialmente. Mas em especial em nível pessoal. O perfil geral parece corresponder a um caráter mais técnico, mais próximo ao do comunicador.

### **3.2.3 Egressos**

Os formados do Ielusc concluíram o curso entre 2002 e 2018. Entrevistamos nove dos profissionais que estudaram na instituição. Cinco deles atuam diretamente em mídia. Três em veículos mais tradicionais, como jornal impresso e rádio comercial. Um trabalha em rádio pública e outro tem a sua própria iniciativa jornalística no mundo digital, um jornal em parceria com outro jornalista. Dentre os demais entrevistados, dois atuam em produção de conteúdo, um é docente em cursos de comunicação e o último é gestor de uma equipe de comunicação do poder público. Esses jornalistas estão dispersos entre as “gerações” que abordamos anteriormente, nas quais podemos encontrar algumas características gerais de sua formação. Há uma parcela substancial dos egressos que fez ou está fazendo algum curso de pós-graduação. A maioria dos entrevistados recebe quatro salários mínimos ou mais e chama-nos atenção que aqueles formados das duas primeiras gerações possuem vínculos empregatícios longevos, superiores a cinco anos, os quais quebraram apenas em situações nas quais saíram para buscar outras oportunidades de carreira ou trabalho. Porém, é difícil perceber regularidades mais evidentes no grupo se o dividirmos em gerações, de forma que agrupamos todos os egressos em um único grupo.

Aplicamos o exercício das cinco palavras, porém, a apenas sete dos nove entrevistados. Apenas os egressos que trabalham em produção de conteúdo não responderam por uma questão de lapso. Mas mesmo sem a resposta desses dois, entendemos que as respostas nos indicam aspectos importantes para guiar nossa análise das entrevistas. Apresentamos aqui um quadro com as palavras mencionadas por esses egressos, estando eles indicados também quanto às suas respectivas gerações.

**Tabela 3 - Cinco palavras para caracterizar o Jornalismo – Egressos**

Egresso 1	Egresso 2	Egresso 4	Egresso 5	Egresso 6	Egresso 8	Egresso 9
Jornalista em rádio pública	Repórter de jornal	Empreendedor	Gerente de rádio	Repórter de jornal	Docente	Gerente de comunicação
4ª geração		3ª geração		2ª geração		1ª geração
Ética	Informação	Verdade	Factualidade	Responsabilidade	Apuração	Informação
Responsabilidade	Comunicação	Credibilidade	Relevância	Comunicação	Informação	Comunicação
Afeto	Jornal	Contexto	Conteúdo	Registro Histórico	Contestação	Reportagem
Diálogo	Fake news	Informação	Ética	Informação	Chateação	Conhecimento
Informação	Internet	Fatos	Compromisso	Contato (com o público)	Frustração	Curiosidade

A palavra *informação* constitui, inequivocamente, o principal núcleo de representação do jornalismo para os egressos. Aparece em nada menos que seis dos respondentes. Apenas um respondente, que não trabalha diretamente com reportagem, mas em funções de gestão, não mencionou essa palavra, ainda que o termo *factualidade*, por ele citado, possa remeter a características vinculadas em geral à informação.

Termos relacionados a atos, práticas, produtos e instrumentos do cotidiano jornalístico, como *reportagem*, *apuração*, *jornal* e *internet*, podem ser entendidos como constituindo um segundo núcleo de sentido, presente de modo sensível em jornalistas que passaram pela experiência de trabalhar em mídia. É um aspecto que fortalece a noção que já percebemos entre os formandos quanto a um aspecto determinante do vínculo da jornalismo com a atividade em uma mídia, em especial quando esse vínculo se constitui por meio de uma relação empregatícia.

Há noções relacionadas a aspectos ético-morais, que podem ser observados como um terceiro núcleo de representação. Eles se manifestam em termos como *responsabilidade*, *ética*, *credibilidade*, *verdade* e *compromisso*. Parece existir aqui uma preocupação especial com a forma de se fazer jornalismo, ainda que elas se transmutem conforme a . Quando o egresso que montou o seu próprio jornal menciona credibilidade, por exemplo, parece pressupor que é necessário ao jornalista e, em especial, ao jornal, um grau mínimo de credibilidade para que possa ser considerado digno de ser lido.

O termo *comunicação* não pode ser desconsiderado. Aparece em três dos respondentes, ainda que, todavia, não possa ser observado como necessariamente igual no entendimento dos egressos. Há uma discrepância, por exemplo, entre uma noção menos definida da noção pelos egressos 2 e 6, que a entendem numa noção mais simples de transmissão de informações, e a manifestada na entrevista pela egressa 9,

que entende comunicação em um sentido de gestão corporativa, em um conceito que prevê trabalho conjunto de jornalismo, relações-públicas e publicidade na defesa de imagem de uma instituição.

Outros termos estão relacionados a experiências individuais ou mesmo a idiossincrasias que puderam ser observadas durante as entrevistas. Muitas destas situações podem ser explicadas em razão dos distintos ambientes de trabalho, que constituem *habitus* bastante diferentes. Imergimos aqui um pouco nessa direção para compreender essa dimensão das diferenças.

O jornalista que atua em rádio pública, voltada para conteúdos culturais e artísticos, indica uma forma de compreender a profissão pautada por uma visão mais compreensiva do mundo, mais pausada e contemplativa, o que explica o surgimento de termos como *afeto* e *diálogo* representando a profissão. *Afeto* é precedida por uma observação relevante, dado o contexto e o ambiente da entrevista: “afeto eu pensei por algum motivo, nesses tempos sombrios” (EGRESSO 1, 2018). Realizada poucos dias antes de 28 de outubro, dia das eleições presidenciais, marcadas por eventos de brutalização política, a entrevista se deu numa biblioteca pública, espaço que, nas palavras da própria entrevistada, “era mais acolhedor”.

Ainda referente ao campo político, cabe observar a menção ao termo *fake news* pelo egresso 2. Ele define o combate às *fake news* como um dever profissional ao responder à pergunta sobre o que é ser jornalista. Isso denota também a existência de um debate no grupo profissional sobre o mal estar causado pelo alcance que essas produções similares às notícias têm obtido recentemente.

No mais, é interessante observar como parcela das palavras mencionadas por ele, se consideradas as reflexões desenvolvidas durante a entrevista, remetem, por fim a noções mais usualmente associadas à prática do jornalismo, como tempo, *deadline*, corrida e pressa. Isso nos aproxima da constatação de Travancas de que o jornalista cede o seu tempo, algo determinante no ser jornalista e da projeção de Traquina do país imaginário de Novaslândia. O sentimento de urgência, porém, não é sentido de forma tão acentuada entre os demais entrevistados. Ele é proeminente, via de regra, entre os profissionais que atuam em mídia e, em especial, na reportagem. Os profissionais que são gerentes ou atuam em produção de conteúdo não se referem ao tempo de forma tão intensa.

Cabe observar, quanto a jornalistas encarregados de postos de gestão, que a egressa 5, que é gerente de rádio, elenca algumas palavras como *relevância* e *conteúdo*, que parecem, conforme a entrevista avança,

mais relacionadas a questões de métricas como a mensuração de audiência. Isso reflete claramente a situação particular de sua posição na empresa. *Ética e compromisso*, também mencionados por ela, constam no campo periférico de representação.

Os termos *verdade* e *credibilidade*, no campo de prioridade do egresso 4, por outro lado, realça objetivos que tem para fortalecer o veículo que criou em parceria com outro jornalista. As duas noções estão relacionadas à construção de uma reputação para o veículo digital, de forma a se constituir em uma fonte de referência.

Outra noção que remete a uma idiossincrasia a palavra *contato*, mencionada pela egressa 6, que está relacionada diretamente ao público. A palavra comporta noções presentes em alguns outros jornalistas formados e em formação pela instituição para os quais o contato humano é primordial e um aspecto fundamental da profissão. Ainda dessa entrevistada é preciso realçar a noção de *registro histórico*. Aqui pesa de forma intensa o gosto pessoal por pautas culturais e ligadas de alguma forma à história.

Entre as palavras do docente são evidentemente surpreendentes as duas últimas, *chateação* e *frustração*. De todas as entrevistas é a de caráter mais pessimista em relação à profissão, ainda que todos, de alguma forma, tenham pontuado alguma forma de preocupação com o mercado, com as possibilidades de se encontrar vaga ou mesmo entre aqueles que, de alguma maneira, estão empregados, não conseguirem localizar um trabalho na eventualidade de uma demissão. Instado a falar um pouco mais sobre as duas palavras, o egresso expressa o seguinte:

Quando eu falo de frustração, *eu não falo necessariamente frustração com a profissão em si, mas com as possibilidades que a profissão gera para quem trabalha com isso. O como é frustrante... Projeta o jornalista como um peão, quase, informativo. E dentro dessa lógica tu fica frustrado, tu não se sente capaz de conseguir guiar, necessariamente, o que tu entende como bom jornalismo. Chateação porque a profissão, aparentemente, não oferece as oportunidades que o indivíduo - ou que eu, pelo menos -, gostaria de ter. Isso faz com que tu tenha que percorrer longos caminhos ou caminhos circulares, circulares não, mas caminhos cheios de curvas para você levar a alguma coisa mais relevante para o que você entende como informação, como profissão. E*

chateação também porque o jornalismo hoje em boa parte é um jornalismo que eu acho chato, eu acho ruim, mal feito, pouco informativo, com pouca apuração. O que também gera frustração de ter dificuldade, dificuldade não, de perceber necessariamente o porquê de a gente ter um jornalismo ruim mas a frustração de a gente ter, usando essas abomináveis ideias marxistas de não ter o controle dos meios de produção, acho que é isso (EGRESSO 8, 2018, grifos meus).

O docente indica certa decepção com as possibilidades oferecidas pelo mercado de trabalho jornalístico de Joinville. Essa decepção parece ter relação com uma promessa não cumprida de carreira, a princípio individual, mas também projetada para os profissionais em geral. Pode-se até mesmo falar de um sufocamento intelectual, considerando a continuidade da entrevista, que o teria motivado a buscar a pós-graduação. Cabe atenção especial, nesse sentido, à palavra *contestação*, que parece denotar um ideal de como deve ser o jornalismo, preferencialmente combativo e de postura fiscalizadora firme quanto a governos e instituições de poder em geral.

Quanto à egressa 9, cabe ainda uma observação, ainda que breve, sobre o termo *curiosidade*. Ao explorar a ideia de curiosidade, em particular, ela indicou o que entende ser uma característica fundamental para que um jornalista exerça bem o seu trabalho:

Eu acho que o bom jornalista é aquele que é curioso. Eu acho que a partir da curiosidade de saber questionar, saber fazer a pergunta correta para que a resposta não acabe num sim ou não. Acho que esse é o segredo para um bom trabalho do jornalista, para desenvolver tanto uma redação ou qualquer forma de informação, *porque hoje a informação não é mais só texto* (EGRESSO 9, 2018, grifo meu).

Ao afirmar que “a informação não é mais só texto”, fica subjacente na resposta desta egressa uma noção de que também não existem mais as mesmas condições para o exercício do jornalismo e nem para a existência do jornalista da forma como era conhecido. Isso se torna particularmente claro quando observamos sua percepção de como foi o momento de oferecer serviços de assessoria de imprensa na cidade:

*O jornalista já não pode mais ser só um jornalista. Ele tem que ser um comunicador como um todo. Uma época atrás, quando eu saí um tempo do jornal, fui trabalhar só como assessora de imprensa foi quando eu comecei a perceber bem isso. Quando eu queria fazer uma proposta para alguém para fazer só assessoria de imprensa - só aquela produção de textos - as pessoas não queriam mais contratar esse profissional. Elas querem um comunicador. Querem alguém como um todo (EGRESSO 9, 2018, grifo meu).*

É possível que com “só um jornalista” esteja oculta uma ideia do jornalista peão descrita também pelo docente ou do jornalista empregado que observamos na entrevista com a Egressa 6, que é repórter de jornal. Fazendo coro com outros formados do Ielusc, o que a repórter de jornal pontua que alteraria no curso, por entender que faz falta aos profissionais que ingressam hoje no mercado são noções de empreendedorismo.

*Acho que realmente ninguém ainda tinha [na faculdade] essa noção do que seria e hoje a gente sente muita falta. Hoje os cursos de jornalismo - não sei se o Ielusc está oferecendo - eu acho que sim - essa questão do empreendedorismo, né? A gente não tem a menor noção. Não tinha a menor noção. *A gente era muito preparado para ser empregado, né?* De jornal porque tinha muita vaga em jornais e revistas e TVs e rádios naquela época. *Eu acho que hoje a gente sente falta de ter sido mais preparado para outro tipo de mercado que não só o do jornalismo.* Era muito voltado para o jornalismo impresso (EGRESSO 6, 2018).*

A repórter pontua algo que também se desenha na fala do docente sobre ser *empregado* ou *peão*. A diferença é que o docente, olhando para suas experiências anteriores, via pouco espaço para um jornalista ser mais que um peão, enquanto a repórter credita à própria formação que existia na época a ideia mais focada em se ser empregado. A egressa 7, que é gestora de conteúdo e a qual, todavia, não foi proposto o exercício das cinco palavras, parece ter escapado a essa lógica do jornalista peão por ter se dedicado a outro espaço no mercado de trabalho que, como ela mesma pontua, é pouco identificado com o jornalismo. É um ponto para

reflexão observar que os jornalistas ainda tenham como referência de trabalho jornalístico a ideia de atuação em redação, sob a lógica tradicional do vínculo empregatício, mas, ao mesmo tempo, não descartem objetivos para além da atividade jornalística.

O debate quanto à ser empregado ou não é um tema que pode ser facilmente percebido nas entrevistas com os jornalistas ielusquianos das duas primeiras gerações. Talvez isso se deva justamente às situações de transformação no jornalismo joinvilense a partir de 2007, ano que marcou a entrada de alguns desses jornalistas no mercado. As ligações entre essa transformação do mercado e as condições de trabalho oferecidas nas empresas de jornalismo parece ser mais corrente entre os jornalistas das duas primeiras gerações. Isso é particularmente visível na entrevista com a egressa 9, que conviveu com o grupo dos profissionais que já trabalhavam em empresas antes de fazer a faculdade de jornalismo. Em geral, as gerações mais novas percebem e reclamam do cenário apertado de emprego, mas não parecem compreender a não ser de forma abstrata a evolução desse cenário. Aqueles que o vivenciaram parecem ter maiores condições de perceber essa transformação.

Ao explicar sobre o que a faz se sentir jornalista, a Egresso 1 explica que *estar por dentro dos acontecimentos* é um elemento importante nessa direção. Encarregada da elaboração de um programa, a visão de conjunto de um programa a leva a pensar o jornalismo como uma atividade de *concatenação de ideias* entre os objetos cobertos: “Eu acho que é a produção, assim. Sempre gostei muito assim, do trabalho da produção, de pensar, pensar na forma como o produtor pensa em encaixar os temas, encaixar os assuntos, ficar sabendo o que está acontecendo, eu acho que eu tenho esse *feeling* assim” (EGRESSO 1, 2018). Já o Egresso 2 observa que o próprio fato de exercer a função de repórter é um dos elementos principais para sua autoidentificação como jornalista:

Até pela minha atuação, eu... Eu consegui trabalhar na área em um veículo de comunicação. Eu acho que quando tu consegues essa oportunidade, tu acaba se sentindo mais ainda nesse grupo porque tu tá vivendo aquilo diariamente, tanto com outros jornalistas, como de fato pela profissão pra qual tu se formou (EGRESSO 2, 2018).

Observa, ainda, que a vinculação ao diário em que está hoje foi importante para realçar esse sentir-se jornalista, ainda que reconheça que não necessariamente isso seja determinante para todos:

Não acho que necessariamente precisa ser [assim] para todos. Pra mim foi. Para mim foi determinante para eu me sentir assim. Até porque foi algo que aconteceu durante a faculdade já. Comecei como estagiário durante a faculdade. Daí quanto tu tá na universidade, tu já tem aquele desejo de trabalhar em algum veículo. Como eu já consegui revisar isso já, estando lá, eu já me senti inserido nesse meio por conta que eu ainda tava na formação só que eu já tava tendo a oportunidade de vivenciar aquilo na prática. Então para mim foi importante sim (EGRESSO 2, 2018).

A Egresso 3, por sua vez, encontra a sua identidade jornalística vinculada ao diploma. Ela não partilha da ideia de que a produção de conteúdo represente uma forma de jornalismo. O saber profissional, reconhecido pelo ensino superior, neste caso, seria de caráter mais determinante. Assim respondeu à pergunta sobre o que lhe fazia se sentir jornalista: “Em primeiro lugar, é o diploma, o fato de ter estudado pra seguir essa profissão. Por isso, me sinto jornalista mesmo atuando em outra área. Porém, me sinto 'mais' jornalista quando trabalho na área e 'mais' ainda quanto trabalho com jornalismo independente” (EGRESSO 3, 2018). Essa egressa possui um projeto de produção de reportagens de maior fôlego na internet em parceria com outra jornalista.

Uma concepção relevante para entender a noção de Jornalismo sustentada pela repórter de rádio é pensar a atividade como uma *ponte*, um canal de *diálogo*, de estabelecimento de relações:

Isso é o que eu mais gosto no jornalismo, assim, o que me motiva e também eu acho que essa questão de ser repórter, também faz muito nesse olhar de repórter, esse olhar da sensibilidade, para o mundo, para... Às vezes você para e vê uma coisa que as pessoas não tinham reparado. Esse olhar mais sensível e crítico, às vezes para as coisas, essa oportunidade de falar com muita gente, de conversar com muita gente, que o repórter ou jornalista. Ele te dá essa ponte... Talvez eu não conseguiria conversar com alguém pela timidez e tal. *Mas enquanto jornalista preciso me aproximar daquela pessoa para falar com ela sobre determinado assunto e aí eu consigo estabelecer*

*um diálogo, uma relação...* Então tudo isso o jornalismo me dá também. E eu agradeço muito porque de outra forma eu não teria muitos contatos, não teria amizades, talvez... Ou muitas conversas, muitos entendimentos se não fosse por essa aproximação por causa do jornalismo (EGRESSO 1, grifo meu).

Há um caminho de conexão já apontado em algumas entrevistas com os formandos e os calouros, que indica uma profunda transformação da vida em nível pessoal, uma abertura que permite outros caminhos de conhecimento.

É importante considerar, ainda, o peso que a noção de comunicação pública tem para essa entrevistada, que direciona parcela de sua atividade e justifica o seu *habitus*: “[Comunicação pública é] Você trazer informação para as pessoas, de cidadania e cultura. E informação e outras pautas com um viés educativo, de informar e de não trazer informação de maneira sensacionalista, que agrida as pessoas com palavras ruidosas, com palavras vulgares” (EGRESSO 1, 2018). A menção a ruídos, palavras vulgares, vai encontrar eco nas suas reflexões sobre o jornalismo oferecido na cidade, cindindo a categoria em dois grupos, o dos *profissionais da antiga* e o dos *jornalistas*:

Eu acho que a gente tem ainda muitos profissionais da antiga, como a gente chama entre aspas, que dominam esse mercado, principalmente da comunicação, que são os caras que são apresentadores, donos de TV ou donos de programa, programas de rádio, então são eles que fazem comercial. Então a gente tem esse pessoal da comunicação ainda dos velhos tempos dominando as coisas assim e que eu não acho necessariamente bom. *Acho que é um tipo de jornalismo que eu não gosto, um tipo de comunicação que não me agrada, que é sensacionalista, que, enfim, às vezes, eu acho que só crítica para ganhar alguma coisa e não crítica por fazer a crítica pertinente que precisa ser feita, um jornalismo ou uma comunicação responsável.* (EGRESSO 1, 2018, grifo meu).

Notamos que essa divisão viabiliza certa tensão na categoria entre os da antiga e da nova, sendo os da nova, via de regra, os formados pelo Ielusc. A analista de conteúdo concorda:

Há muitas pessoas sem formação nessa área ocupando espaços que poderiam ser de jornalistas formados. Quero pontuar que não esse é o problema, acredito que há pessoas sem essa formação e que podem fazer um bom trabalho, mas não é o que vejo na maioria das rádios joinvilenses, por exemplo (EGRESSO 3, 2018).

Ainda nesse tópico, há uma menção interessante do repórter de jornal que reflete uma preocupação presente de uma maneira ou de outra em todo o grupo quanto à identidade da categoria sobre como se dá a diferença entre jornalistas e leitores que não têm formação jornalística ao perceberem o próprio jornalismo:

Eu acho que talvez a percepção seja só nossa de que tu olha aquele jornal impresso que te entregam na rua: “meu Deus, que é isso?”. E eu imagino que talvez seja uma percepção só nossa, às vezes, eu tenho essa preocupação. Quem pega de fato, na rua, olha aquilo e acha que aquilo é jornalismo. É igual eu sempre falo pro meu pai em casa (meu pai é um cara que não é muito estudado, enfim...), ele vê, ouve na rádio, um ou outro falando: “ah, não, porque tal pessoa falou isso, porque ele é jornalista, ele falou isso... é verdade”, aí eu: “não pai, olha o que ele tá falando...”. Esse é meu medo nessa questão da qualidade do nosso jornalismo não ser tão boa em Joinville, por isso, por acabar sendo desinformação. E não tão imparcial como poderia ser em alguns casos (EGRESSO 2, 2018).

Reflexão também trazida pela jornalista de rádio, mas por um prisma mais próximo da assessoria de imprensa:

Acho engraçado porque, quando a gente já tem isso treinado, por causa da faculdade ou por causa do nosso interesse pelas coisas que acontecem, você pensa que todo mundo é assim, mas quando você trabalha até com assessoria, como eu trabalhei na Prefeitura, a gente conversando com as pessoas, às vezes observa coisas muito interessantes e a gente fala: "Por que que você não falou isso para gente, cara? Isso é muito legal, isso é muito interessante,

a gente deveria ter noticiado quando você fez". "Ah, é? Pô, mas por quê?". Ou ele vinha falar para a gente, a pessoa vinha falar para a gente [em] três semanas que aí perde totalmente o *feeling* [sic, provavelmente queria dizer *timing*] (EGRESSO 1, 2018).

Um ponto que entendemos relevante para pensar a introdução no mercado jornalístico foi mencionado pelo repórter de jornal: assinar uma matéria. Constrói-se uma relação especial:

Lembro que quando eu fiz uma especial, que saiu num segmento especial do jornal, (...) daí eu assinei. Pô, quando tu vê teu nome ali assinado no jornal, pô, tu tava fazendo uma faculdade para trabalhar num veículo, eu queria trabalhar em veículo... sempre pensou, ah, tá aqui meu nome... e quando eu assinei a primeira matéria assim... pô tu se olhar ali, no jornal, tu sempre lê o jornal, tu sempre quis ser jornalista, é realidade assim. *Pô, tá acontecendo... tô aqui, tá meu nome aqui...* então tem um peso importante assim, principalmente no início. Lembro que eu guardei todas as matérias e tal em casa... depois foi tudo pro lixo [risos] (EGRESSO 2, 2018, grifo meu).

Um espírito jornalístico é o que a repórter de rádio ainda pontua que teria mesmo que não estivesse na rádio, trata-se de uma visão algo contemplativa, que denota um interesse especial pela vida:

Para mim, ser jornalista é um jeito de estar no mundo. Eu acho, talvez, se eu não tivesse essa tarja de jornalista mas eu seria jornalista mesmo assim. Por isso que eu falo que é um jeito de estar no mundo porque é o jeito como você olha as coisas, com esse olhar mais atento para o cotidiano, para a sociedade, para as coisas, para a cultura, você entender a importância de tudo isso, ter um olhar mais sensível, né, que eu já falei. Por isso que eu falo, é uma tarja, assim. Talvez esse espírito jornalístico já estivesse em mim e eu só entrei na faculdade para ele ser um pouco mais lapidado. Mas esse interesse, eu acho que interesse também é uma palavra importante, pelo mundo e pelas

coisas e pelas pessoas e por tudo é o que me faz ser jornalista, sabe? Então é um jeito de estar no mundo, esse olhar interessado para a vida (EGRESSO 1, 2018).

O que seria esse espírito jornalístico? Algo inato referente a uma curiosidade sobre o mundo? Vimos com Travancas (2011) que os profissionais da geração mais antiga do Rio de Janeiro possuíam em geral uma compreensão de que o jornalista se formava na prática e que possuíam uma leitura segundo a qual se podia compreender que o exercício do jornalismo – ou pelo menos do bom jornalismo – é um talento algo inato. Entre os jornalistas ielusquianos não há um correspondente que pareça atravessar o grupo inteiro nessa direção. Assim, podemos compará-los de alguma forma com a geração mais jovem do Rio estudada pela pesquisadora.

Entendo que parte dessa concepção pode estar relacionada às dificuldades de conseguir ou assegurar posições no mercado de trabalho. Isso talvez reflita no interesse particularmente elevado dos jornalistas ielusquianos em buscar alguma forma de pós-graduação. Mesmo aqueles que saíram há pouco da graduação pretendem já embarcar em algum curso do gênero, em geral focado em algum tipo de mídia ainda pouco explorada ou em um ramo de comunicação que não era tão presente no curso do Ielusc. A gerente de rádio comercial, o nosso Egresso 5, indica como, porém, se dão, quanto a esse ponto, as relações com as identidades de fronteira. Começemos observando o que ela observa sobre como a sua pós-graduação se correlaciona com o Jornalismo:

*É uma pós para jornalista, mas era muito focada em estratégias de marketing, estratégias de atrair o cliente. Aí eu fazia um paralelo como se fosse o nosso internauta. Ela é diferente de um curso de jornalismo, é mais voltada para comunicação e marketing. Mas me ajudou a pensar estratégias digitais de como conquistar um internauta em meio a essa chuvarada de informações que a gente tem na internet. Me ajudou bastante (EGRESSO 5, 2018, grifo meu).*

O paralelo com o internauta explica, de alguma forma, a presença dos termos conteúdo e relevância entre as cinco primeiras palavras. O marketing é a comunicação aplicada às vendas e isso exige uma ginástica conceitual entre *internauta* e *cliente*, não propriamente leitor. Talvez

nesse campo, por exemplo, possamos perceber uma diferença entre a jornalista e a gestora, se entendermos que há aqui uma diferença de *habitus*. Questionada sobre como as atividades de gestão poderiam dificultar as do jornalismo, ela responde:

São coisas totalmente diferentes. São duas coisas, a questão de orçamento, por exemplo, semana passada sentei com um menino do administrativo e a gente fechou o orçamento para 2019. O orçamento é a estrutura da rádio... é funcionário, é ECAD, o que a gente vai gastar com produção, com eventos e tudo mais. O jornalismo que a gente faz aqui é outra coisa. Ele nem entende e a gente nem conversa sobre isso porque são duas coisas totalmente diferentes. É bem dividido, não tem impacto algum (EGRESSO 5, 2018).

Também vale considerar o peso que o curso de jornalismo pode ter no desenvolvimento de modelos de pensamento crítico e, se após a entrada no mercado pode haver um posterior abandono desse pensamento. A gerente de rádio observa que o curso

[...] ajudou bastante a desenvolver o meu pensamento crítico, o curso ensina muito a gente a pensar, a contextualizar toda essa questão. Claro que quando a gente está no trabalho, a gente vai aprender com a rotina do trabalho. Tem coisas profissionais que a gente não aprende no curso. Mas a base, que é estruturar o pensamento, eu aprendi no curso (EGRESSO 5, 2018).

Mas, em outro momento, questionada sobre se só se aprende jornalismo na prática, ela diz que “Olhando por mim, assim sabe, eu aprendi na prática. A gente aprende na faculdade a teoria, mas jornalismo a gente aprende fazendo” (EGRESSO 5, 2018). Em outros momentos de seu discurso, é possível perceber certa tendência à incredulidade em aspectos mais idealizados do fazer jornalístico, que vincula à faculdade e ao saber teórico ou acadêmico.

A gerente percebe certa inclinação a relacionar o jornalismo a um movimento contínuo: “Jornalismo para mim eu vejo muito relacionado ao movimento. A nunca estar parado, sempre estar buscando coisas novas. Estando sempre um passo a frente, estando ali ligado no acontecimento.

E também pronto para fazerem as pessoas questionarem e refletirem. Acho que para mim é isso” (EGRESSO 5, 2018).

As entrevistas com egressos em postos mais aproximados à gestão nos evidenciam uma cisão não percebida nas outras consultas, a que existe entre *compromisso profissional* e *compromisso social* do jornalista:

A ideia de compromisso é quase que como uma entrega. É acreditar naquilo que tu está fazendo, ter compromisso com aquilo... eu vou acordar todos os dias de manhã, eu vou checar as notícias, eu vou fazer o que é certo, eu não vou dar uma matéria por dar. Um exemplo bem bobo, assim, o cara me mandou pelo Whatsapp que tem um acidente de trânsito na avenida Santos Dumont. Eu não vou dar isso aqui sem checar. É esse compromisso com a ética, com a checagem, com a veracidade. É isso que move, pelo menos deveria mover todos os veículos de comunicação, né? Acho que é nesse sentido que a gente tem que ter um compromisso com o nosso trabalho (EGRESSO 5, 2018).

Aqui notamos uma presença de um compromisso fundamental com o trabalho em si, quase que deslocado das preocupações sociais com as quais nos deparamos em muitos livros e manifestos profissionais, além de ementas de disciplinas e discursos de professores. Por outro lado, o empreendedor (EGRESSO 4, 2018) parece acreditar na viabilidade de um veículo que tem por foco um jornalismo de caráter mais contextualizado:

Jornalismo é atividade profissional em que pessoas contam para as outras versões dos fatos com a maior objetividade possível, dando contexto, dando versões ou prestando reflexões para que as pessoas possam tomar decisões melhores. Para que a sociedade possa ser conduzida e se conduzir da melhor maneira possível. É isso (EGRESSO 4, 2018).

Essa definição, de caráter quase acadêmico, foi dada sem grandes hesitações pelo egresso. Da parte dele, existe um entendimento de que o jornalismo deve orientar o público e, por público, o entendimento amplo é o de sociedade, a tomar as melhores decisões. Isso se torna mais claro na resposta sobre concordar com a ideia de que o Jornalismo deve

monitorar os poderes como um cão de guarda, noção que relaciona com uma “destruição dos poderes”:

Acho que sim. Acho que deve. Acho que deve monitorar os poderes, mas não sei se cão de guarda é uma coisa que eu encaixaria na frase porque deve monitorar os poderes com objetividade. Sou um pouco contra a ideia de que jornalistas precisam destruir os poderes. *Porque isso gerou um problema, para mim, na sociedade. Quando o jornalismo tentou destruir os poderes, eles minaram as instituições e enfraqueceram as instituições.* Então eu acho que o jornalismo precisa ter essa gana das instituições, mas ele deve fazer a cobertura objetiva e crítica (EGRESSO 4, 2018, grifo meu).

Em outro momento, ao responder o que considera ser jornalista, respondeu, tendo em vista o cenário eleitoral desenhado antes do final de outubro:

Ser jornalista é ser comprometido com a ideia de mudar o mundo pela verdade. A frase que eu mais gostava da Bíblia ela foi estragada recentemente por um candidato fascista, mas é "diga a verdade, e a verdade vos libertará". Sempre gostei muito, e acho que tinha muito da ética jornalística nessa frase. Claro que ali na Bíblia estava em outro contexto. Mas é muito bonita a frase e eu sempre trouxe ela para o jornalismo. Na ideia de que a verdade pode transformar o mundo. Acho que é isso. Ser jornalista é ser comprometido em mudar o mundo pela verdade (EGRESSO 4, 2018).

Enquanto o empreendedor (Egresso 4) explica como entende que deve ser a ética jornalística, podemos extrair uma noção de que se é jornalista ao se estar próximo da verdade. Nesse sentido, não há uma preocupação primária com o estado da profissão, mas sim com o exercício da atividade. O docente nos traz uma resposta um pouco distinta sobre essa questão, ao fazer um paralelo entre as profissões de jornalista e de pesquisador que, pontua, talvez seja resultado de uma confusão entre as atividades:

Considerando que eu já tenho dificuldade em identificar com a prática, seria alguém que tenta (suspiro) acho que tem um pouco a ver com a questão de o que é ser pesquisador. Tentar mostrar ângulos de uma informação, não ângulos de uma informação, aspectos da sociedade que não são bem compreendidos. Pode ver, não estou falando de precisão, de certeza... Porque eu não acredito necessariamente nisso. Eu acredito que todo o jornalismo guiado por subjetividade o tempo inteiro e isso se transfere, mesmo que ele tenha critérios jornalísticos claros. Eu acho que os critérios tem que ser mantidos, assim como a subjetividade tem que ser assumida. Então acredito que o pesquisador também faz isso, quando tenta mostrar coisas que não são claras para a sociedade e que podem dar uma nova percepção sobre os eventos e ajudar uma população ou indivíduos específicos a compreender melhor os lugares em que eles vivem. Acho que ser jornalista é isso. Mas acho que isso dialoga um pouco também com o que eu entendo como ser pesquisador. Talvez eu já esteja confundindo um pouco as coisas (EGRESSO 8, 2018).

Outra profissional que, embora se veja como jornalista, não identifica sua atividade atual com o Jornalismo é a gestora de conteúdo (Egresso 7):

No meu trabalho diário, não me identifico como jornalista, porque minha atuação é mais voltada a gerenciar rotinas e profissionais ligados ao marketing ou à comunicação corporativa. Embora, sim, várias atribuições e características do meu perfil profissional sigam sendo jornalísticas: apuração, escrita, edição... (EGRESSO 7, 2018).

A repórter de impresso, porém, tem uma resposta distinta. Ela olha para a questão a partir do ponto de vista do momento em que estiver trabalhando em outra coisa, principalmente se testemunhar alguma coisa errada. “Porque sempre que eu vejo isso, que eu fico sabendo, eu penso em como isso pode se transformar numa reportagem ou numa matéria, ou numa nota. Enfim, tem como eu posso trabalhar isso e veicular isso no

jornal” (EGRESSO 6, 2018). É nesse sentido que a jornalista observa que ser repórter de jornal é algo incorporado à identidade pessoal:

Agora eu vou fazer nove anos de jornal. E eu... Parece que isso já se incorporou um pouco à minha identidade. Assim, eu não consigo me ver sem ser jornalista, sem ser repórter do jornal. É como eu falei, a gente não desliga em nenhum momento do dia, a gente tá o tempo todo pensando, olhando as coisas, correndo atrás das pessoas e pensando "essa pessoa eu poderia entrevistar sobre tal assunto", ou "esse problema aqui que eu tenho que levar para pauta". Então, para mim ser jornalista já começou a fazer parte da minha identidade (EGRESSO 6, 2018).

Se a compreensão antes da entrada na faculdade era de que o jornalismo parecia ser algo maçante, até aqui, uma exclusividade dos calouros e dos formandos, localizamos em alguém da segunda geração um entendimento de que, nesse período, o produto jornalístico poderia ser chato se não fosse relacionado com temas específicos apreciados pelo indivíduo:

[A faculdade] Mudou [minha forma de ver o jornalismo] no sentido de talvez ter me elucidado um pouco assim o que é o Jornalismo. Antes eu achava que era uma coisa, quando não se tratava de jornalismo cultural, eu achava jornalismo uma coisa muito chata, muito complexa, muito difícil. Parecia um trabalho meio maçante. E à medida que eu fui aprendendo como fazer eu fui achando mais interessante (EGRESSO 6, 2018).

Ao refletir sobre a forma como o mercado alterou suas visões sobre o jornalismo, a repórter acentua que a principal foi pensar mais no leitor:

Acho que hoje eu tento pensar muito mais no que realmente vai ser importante para o leitor do que eu pensava quando eu estava na faculdade. O fato de ter muito mais contato com as pessoas nas entrevistas e tudo e conhecer a vida delas me faz entender melhor o que que o jornal precisa oferecer de leitura para as pessoas, em termos de

informação, aonde que a gente precisa estar trabalhando para, principalmente, em questão de investigação ou de buscar entender seu governo cumpriu suas propostas, enfim. Eu acho que quando a gente está na faculdade é aquela coisa muito utópica de querer fazer o melhor texto, de querer fazer coisas bonitas e nem tanto... Pelo menos no meu caso não era tão preocupada com o social como é hoje (EGRESSO 6, 2018).

O contato com profissionais que já atuavam no mercado, porém, é uma característica quase que exclusiva do grupo que nomeamos aqui como primeira geração. Parcela dos entrevistados dos quais analisamos mais de perto até aqui entrou no mercado já em mudança a partir de 2007, tendo por destino em alguns casos atividades não propriamente identificadas com o jornalismo. Nesse sentido, cabe um realce particular à entrevista com a Egressa 9, que vivenciou essa fase de transição. A egressa não faz parte do grupo grande de jornalistas que já atuavam na imprensa local e que entrou no curso em seus primeiros anos, mas teve oportunidade de conviver com essa geração de jornalistas tanto na faculdade quanto na própria empresa, mais tarde, quando ingressou como estagiária. Ao descrever sua trajetória profissional, indica o quanto o jornalismo marcou sua individualidade, em particular ao relatar seu sentimento enquanto esteve longe da atividade: “Fiquei dois anos na empresa da família (...) Aí eu fiquei uns dois anos e meio ajudando na parte administrativa. Saí dali e voltei a trabalhar na área, *porque eu não aguentei ficar longe do jornalismo, da comunicação em si*” (EGRESSO 9, 2018). Instada a explicar o que essa saudade do jornalismo significaria, a egressa explica:

Eu sentia muita falta da correria do dia a dia, de buscar informação, essa curiosidade que eu citei lá no início, que a gente tem de ir atrás, de realmente ter esse contato com o povo, embora que, quando eu saí... *No que eu tava fazendo na empresa familiar eu tinha contato com o público, com pessoas, direto. Mas é diferente de você estar como jornalista, como repórter*, indo buscar informação, ir atrás e eu acho que é isso que me encanta na profissão, é essa busca de informação. Quando eu comecei a faculdade, quando eu entrei no jornalismo, o celular era muito caro ainda, para fazer ligação, meu celular só era para fazer ligação.

Não existia outro recurso para o celular. E no jornal tinham uns dois ou três computadores. Eram 50 pessoas na redação. Tinha só três computadores com internet. Não tinha e-mail para todo mundo, os repórteres não tinham e-mail, nem um geral. *Para a gente conseguir a informação a gente tinha que ir até o local. Isso é que eu acho que é legal* (EGRESSO 9, 2018, grifos meus).

O contato com as pessoas como jornalista, na busca de informações, explica de forma mais profunda a vinculação com a atividade. A Caloura 2 falava sobre o como o contato por meio de uma sessão noturna de fotos foi capaz de transformar toda uma semana. A Egressa 1, por sua vez, mencionava o quanto o jornalismo abriu espaços de conversação e até mesmo de amizade com outras pessoas. O grau de contato também é um aspecto relevante para a Egressa 9:

Que [quando] você pega as informações por e-mail, por exemplo, você tá fazendo só um relatório. Quando você pega por telefone as informações você já consegue colocar um pouquinho mais o sentimento. Mas você não tem aquele olho no olho. Quando você tem o olho no olho você consegue pegar certas coisas da pessoa que tá te falando e você, você interrompe, você faz outra pergunta, você vê a reação corporal dela, e o corpo fala muito mais, então isso eu acho que a gente consegue transmitir muito melhor num texto ou numa reportagem de televisão ou o que a gente for fazer, num rádio, consegue dar mais veracidade àquilo que você faz (EGRESSO 9, 2018).

Porém, este não é o único tópico que nos parece relevante nessa questão do contato. Ela ainda mantém um tópico de fenomenologia que precisamos discernir melhor. Quiçá possamos considerar que o jornalismo, a atividade jornalística mais profunda, possua uma episteme própria e inerente ao trabalho de redação (ou não necessariamente de redação, mas que viabilize de alguma forma o estar presente no ambiente), com uma educação para o contato, em direção a um conhecimento mais vibrante da realidade. A Egressa 9 menciona ainda sobre como esse apreço pelo contato lhe viabilizou desenvolver novas formas de obter conhecimento, ainda que não fosse utilizado

necessariamente em reportagens que vieram por meio da cobertura como setorista policial:

Eu não me contentava quando eu lia matéria e via assim: “ah, o fulano vai progredir do regime fechado para o semiaberto. Agora então vai ficar na rua e não sei o quê”. Eu não me contentava com isso. Então como a gente, naquela época, a gente estava começando a ter mais recurso de busca na internet, então o que eu fazia, eu ligava para um juiz, por exemplo, no Fórum, como eu acompanhava juris também, e como eu era muito curiosa então eu ligava para um juiz e dizia: "Ah, tu tem meia hora hoje para me atender? Porque eu preciso entender mais o que que é regime fechado, semiaberto, regime não sei o quê". "Ah, tenho". Aí o juiz já separava material, tirava cópia, e ele me dava uma miniaula (EGRESSO 9, 2018).

Nesse sentido, talvez seja válido também considerar como o jornalismo pode desenvolver laços de conhecimento, conceituais, memorialísticos:

O setorista, além de você criar essa grande afinidade com as fontes, você tem oportunidade de dar continuidade às suas reportagens. Então você cria memória. E isso falta também no jornalismo hoje. Se a gente vai ler um jornal, você vai ler o fato, o que aconteceu hoje, o factual, mais a memória se perdeu dos jornais. Muito pela rotatividade de profissionais, muito pela redução de espaço dos jornais, mas eu acho legal, por exemplo, você contextualizar economia. Quando tem um colunista é diferente, mas quando é só os textos de reportagem a gente não tem mais essa contextualização, essa memória. A única coisa que se faz hoje em dia é, por exemplo, o número de assassinatos, aumentou ou reduziu. A única memória que se tem são os números (EGRESSO 9, 2018).

Cabe aqui antes de partirmos para a articulação entre as entrevistas e o referencial teórico, retomar algumas constatações quanto às entrevistas dos egressos. A primeira delas é que não há uma única

concepção de identidade profissional, diferentemente dos formandos, entre os quais é possível perceber uma certa homogeneidade quanto à forma de conceber o jornalismo. Essa característica dos egressos poderia ser explicada pelo espaçado tempo de formação entre uns e outros, a partir do que se poderia presumir a existência de uma consistência conceitual interna entre as gerações. Porém, isso também não é perceptível. Entendo que a razão para isso está relacionada a diferenças que se dão em razão das distintas experiências profissionais, que podem conduzir a distintas visões de como é ou deve ser o jornalismo. A autoidentificação como jornalista, não raro está condicionada ao vínculo de trabalho, bem como à ideia do trabalho em redação. Os egressos que rumaram para atividades de gestão de conteúdo, por exemplo, não se veem como jornalistas propriamente, a não ser pela formação em Jornalismo. A Egressa 9 chegou a hesitar a responder a pergunta sobre ser jornalista, pensando se podia se classificar como jornalista ou não.

Outra constatação que pudemos ter nas entrevistas com os egressos é que é inevitável pensar que o aspecto de formação de conhecimento em uma matriz fenomenológica, inerente à atividade, ao menos na forma paradigmática da reportagem, precisa ser melhor compreendido na formação de uma concepção da identidade profissional desses jornalistas. Nesse sentido, entendo que pode ser interessante retomar alguns conceitos trabalhados no primeiro capítulo na seção de análise.

Notamos, ainda, duas linhas gerais de compreensão do jornalismo: um entendimento mais direcionado a uma forma prescritiva ou normativa do jornalismo, isto é, que se preocupa sobremaneira com a forma de como deve ser o jornalismo, enquanto em outros profissionais há uma visão mais focada em uma visão comunicacional, do jornalismo como um espaço a mais de transmissão de informações.

### **3.3 Observações**

Quando comecei a me aproximar das entrevistas depois de as ter realizado pude constatar que a visão do jornalismo dos estudantes que passaram pelo Ielusc se delinea muito em função das impressões que lhes são deixadas pelas suas experiências pessoais, o que fortalece a compreensão de Dubar (2005), que vimos no primeiro capítulo, sobre o importante papel da individualidade no processo de formação da identidade, processo que é passível de contínuas e constantes reestruturações promovidas em indivíduos e instituições nos diversos processos de socialização. Nesse sentido, não há caminhos muito seguros

para se afirmar que haja uma única e preponderante concepção de identidade profissional entre os jornalistas que estudam ou estudaram no Ielusc.

O que podemos afirmar é que as concepções dos entrevistados referentes a uma identidade profissional pensada nesses termos se aproximam e via de regra estão associadas à noção central de *informação*, especialmente quanto à melhor forma de sua transmissão. Vozes aqui e ali, em especial entre os egressos, trazem uma preocupação particularmente acentuada com um compromisso social que transgride a fronteira de um jornalismo que tem como visão a comunicação mais “profissional” dos fatos, num sentido que pressupõe uma ação técnica pura, por assim dizer. Foi ao entrevistarmos o empreendedor (Egresso 4) e o docente (Egresso 8) que percebemos que há uma preocupação, todavia, de que o jornalismo seja mais que uma simples transmissão de informações, possuindo até uma pretensão transformadora da sociedade. Nesse sentido, podemos dizer que há duas formas de visualizar a ação jornalística. A que se amolda a uma concepção mais “técnica” da atividade e a que entende que o jornalismo deve ter uma atitude mais incisiva na sociedade. É muito interessante, porém, notar que essa visão não parece ser partilhada pela média dos entrevistados, mas desponta entre jornalistas que possuem em comum um grau de inconformidade com os produtos de mídia oferecidos.

Creio que considerando essa questão, seja válido retornar ao estudo realizado por Travancas (2011). As principais distinções que ela observou entre as duas gerações de jornalistas do Rio de Janeiro na década de 1990 eram provenientes de processos de socialização que se davam em instâncias diferentes. Enquanto a primeira geração se socializou diretamente nos jornais, a segunda se socializou pela via da faculdade, e é preciso pontuar que as duas formas de socialização resultaram em formas distintas de se compreender a profissão. Ambos os grupos se aproximam pela *adesão* à profissão, porém, se entre a primeira geração se pode falar de uma ligação mais visceral, vista como resultante de um caminho “natural”, próprio do acaso, na segunda geração há um entendimento de que esse caminho é construído, em especial pelo próprio indivíduo. Se aplicamos a noção de adesão a este nosso trabalho, percebemos que ela se evidencia entre os profissionais que atuam em mídia, mas não é presente entre os que trabalham em mídias digitais ou em funções de gestão. É preciso observar que Travancas realizou sua pesquisa com jornalistas da mídia e não outros jornalistas, como os que trabalham como assessores de imprensa.

Como já ressaltai durante este capítulo, não creio ser possível aplicar algum conceito de geração para os estudantes entrevistados, mas é um grupo que está muito mais próximo ao grupo dos jovens jornalistas estudada por Travancas, se considerarmos o processo de socialização como determinante. Apenas um de nossos entrevistados, a Caloura 4, teve experiência de trabalho com jornalistas antes de entrar na faculdade, constituindo uma exceção. Mesmo a Egressa 9 não chegou a ter tal contato antes de começar os estudos. Assim, quase todos passaram por um processo de socialização jornalística concentrado basicamente na faculdade.

Nesse ponto creio ser preciso retomar um pouco a história dos cursos no país, que se dão de forma simultânea ao processo de profissionalização dos jornalistas. Vimos ao longo do trabalho como a produção um conhecimento especializado é algo prioritário para legitimar a reivindicação de um grupo ocupacional a um ter um monopólio do saber e como esse saber, entre os jornalistas, está relacionado de forma especial à decisão sobre o que é ou não notícia. Nesse aspecto, o campo jornalístico não possui um conjunto de definições consensuais, o que favorece a existência de um sentimento profissional pouco claro, embasado antes de tudo em uma forte cultura profissional, se retomamos Traquina (2008a). Com esse autor também podemos ter em vista que só se pode falar de um jornalista enquanto profissional a partir do surgimento da função do *repórter*. É importante observar que os cursos de jornalismo historicamente se voltaram para a formação de qualidades relacionadas às variadas funções que compõem um jornal em variados meios, com destaque fundamental para as tarefas de reportagem. No Brasil, porém, durante algumas décadas, a figura de um “comunicador” esteve à frente nos cursos de Jornalismo, unindo conteúdos da publicidade e das relações-públicas à formação, ainda que as matérias comuns não tenham sido capazes, ao longo do tempo, de alterar a cultura profissional dos jornalistas.

Em que consistiria essa cultura, todavia? As respostas de alguns de nossos entrevistados sugerem que a força da cultura jornalística está vitalmente ligada ao trabalho de reportagem e que isso se explica pelo impacto constante do conhecimento do cotidiano, razão pela qual destacamos a necessidade de uma melhor compreensão de uma episteme e de uma fenomenologia propriamente jornalísticas. Entendemos que isso fortaleceria sobremaneira a identidade profissional no aspecto da definição de um saber próprio. Todavia, não se pode ignorar que o trabalho de reportagem, da forma como o conhecemos hoje, talvez não

possua um futuro tão promissor. Relatórios como os de Anderson, Bell e Shirky (2013) nos indicam que há uma tendência maior à predominância de atividades relacionadas à edição no mercado jornalístico e que essa é uma realidade bastante visível em Joinville, em especial se analisarmos as iniciativas de jornalismo que tem surgido na cidade, em geral realizando uma curadoria dos releases recebidos e das informações produzidas por outros.

Em um processo de socialização a identidade profissional não é algo aprendido, mas formado no intercâmbio entre o indivíduo e a instituição. No caso em que nos detemos, a instituição é o curso de Jornalismo do Bom Jesus/Ielusc. E em alguns de nossos entrevistados pudemos notar que o diploma da instituição lhes provia de forma mais definida a identidade jornalística do que a atividade que efetivamente realizavam. Isso nos sugere que a identidade profissional dos jornalistas, se outrora já foi definida de forma mais clara pela vinculação a uma empresa jornalística, isso não é mais tão definitivo. Todavia, as entrevistas também evidenciam que se pode pensar em uma gradação da vinculação com a profissão, sendo essa vinculação maior entre aqueles que trabalham com reportagem, e menor entre aqueles que atuam em outras funções do campo da comunicação.

Ressaltamos já entre as entrevistas com os calouros, por exemplo, que não havia uma figura muito homogênea sobre como é o ser jornalista e que isso estaria relacionado de forma mais evidente com a fase inicial do processo de socialização à cultura profissional. Porém, já se pode perceber uma certa homogeneidade quanto a essa noção entre os formandos, que estão num ponto mais maduro do processo de socialização. Entre os egressos, porém, é possível perceber uma nova fase de diferenciação entre a noção do que é ser jornalista, evidentemente nascida das experiências profissionais pelas quais esses egressos passaram. Eles passaram por uma segunda fase de socialização, agora dirigida pela empresa, não mais pela faculdade ou pela universidade, em um espaço que viabiliza de forma prioritária uma ação refletida e uma reflexão acionada. Para considerar essa etapa, a noção de *habitus* foi-nos importante para perceber que o cotidiano desses profissionais resulta em diferentes formas de conceber a profissão que possuem relação com os postos que ocupam. Podemos falar, nessa direção, de um *jornalista peão* ou *empregado*, ao mesmo tempo em que podemos pensar em um *jornalista empreendedor*, ou um *jornalista gestor*. Porém, essas noções não necessariamente correspondem a diferentes identidades profissionais. Elementos presentes em todas essas figuras constituem formas

identitárias do jornalista da forma como são assumidas pelos indivíduos que as encontraram.

A identidade profissional, aliás, que se realça aqui é resultante de um conjunto de concepções como as duas que realçamos no início desta seção: a concepção que privilegia a técnica jornalística, mais próxima à noção de vaso comunicante, na linguagem de Medina (1982), e a concepção que privilegia a análise, algo mais próxima a uma tendência editorial, de definir discursos e projetar interpretações do mundo. Entendemos que as duas concepções coexistem e possuem equivalentes que facilmente podem ser situados em posições simultâneas ao longo da história, com o par editor e repórter ao longo do período industrial do jornalismo, mas a realidade específica de Joinville nos traz um questionamento. Em um mercado no qual há contração no trabalho de reportagem, e no qual esse trabalho se tem feito de forma mais intensa nas experiências de ensino superior, um jornalismo guiado de forma mais intensa para a concepção editorial se comportará de que forma?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nestas considerações finais, um momento de síntese, retomo o objeto que me trouxe até aqui: as concepções de identidade profissional de estudantes e egressos do Ielusc. Como observamos no primeiro capítulo, essas concepções em particular tendem a ser contingentes, porque elas se manifestam de formas diversas entre indivíduos que fazem parte de um mesmo ecossistema jornalístico. Algumas vezes até de forma porosa ou em diálogo com outras identidades profissionais.

É oportuno também trazermos de volta, nessas considerações finais, noções como as de *habitus* e *doxa*, próprias do pensamento bourdieusiano e que retornam neste momento. A *doxa* é, de forma bastante simplificada, o senso comum de um determinado campo, sobre o qual não existem grandes dúvidas e com o qual todos os agentes concordam. Entre os iniciados de um determinado campo, pode até ser observada como um dogma. Nessa direção, por exemplo, pudemos perceber que os calouros entrevistados estavam ainda se situando na *doxa* do campo. Por outro lado, pudemos observar alguns elementos constituintes dessa *doxa* como a relação fundamental entre jornalismo e informação.

*Habitus*, por sua vez, é uma forma espontânea, interiorizada, de agir, que nos permite desenvolver ações quase irrefletidas em contextos de familiaridade imediata, envolvendo uma capacidade de reação a estímulos conhecidos. Ela se torna particularmente interessante para estudar um grupo de jornalistas distintos como o que trabalhamos em razão de permitir compreender as razões de algumas diferenças entre perfis profissionais se relacionarem com a forma de exercício do trabalho. Nessa direção, percebemos alguns desses perfis entre os egressos do Ielusc: o jornalista empregado, o jornalista gestor, o jornalista empreendedor e o comunicador. Essas categorias são elaboradas a partir de menções feitas pelos próprios entrevistados ou de percepções do pesquisador, que encontram correspondência com alguns dos *habitus* que pudemos localizar a partir das entrevistas.

O *jornalista empregado* é uma definição que parte de críticas de profissionais que identificamos como integrantes, especialmente da segunda geração, embora esteja presente em todas as gerações. É, via de regra, o típico repórter, que trabalha na atividade de apurar, interpretar, hierarquizar, redigir e publicar informações sobre as pautas que recebe.

Segue sendo, todavia, a principal referência profissional, mesmo em um momento em que se fala em empreendedorismo no jornalismo.

Já o *jornalista gestor* pudemos perceber em uma das entrevistas. Talvez seja um exemplar um tanto raro. Corresponde em geral à imagem clássica do editor, mas que acumula nos tempos atuais algumas funções de gestão, precisando lidar também com planejamento de gastos, decisões sobre orçamento, .

O *jornalista empreendedor* pudemos localizar no depoimento de dois dos egressos entrevistados, oriundos das gerações mais recentes, que lançaram projetos próprios de jornalismo. Um deles dedica-se a isso atualmente, mas parece existir até mesmo nas expectativas dos egressos em geral, que mencionaram a necessidade de maior carga-horária em disciplinas sobre empreendedorismo nas faculdades. Embora não tenhamos observado essa tendência de forma tão clara entre os formandos, é bastante provável que as dificuldades do mercado os levem a considerar possibilidades de empreender.

Por sua vez, o *comunicador* corresponde a um profissional mais vinculado à primeira geração, que se identifica como jornalista, mas se vê como alguém responsável por um campo maior de atividades profissionais. É possível perceber aqui influências de visões relacionadas aos primeiros currículos mínimos sobre jornalismo.

É preciso salientar ainda, com maior grau de detalhe, algumas outras constatações que tivemos no decorrer da pesquisa. Observamos que entre os calouros há um menor grau de homogeneidade no que entendem por Jornalismo, ainda que, de alguma forma, suas ideias sobre ser jornalista convirjam em pontos como a necessidade de diversão na atividade. Isso nos sugere que os calouros consideram modelos mais tradicionais da profissão “chatos” ou “sérios”, o que pode incluir o jornalismo de política ou economia e outros tipos de cobertura que não despertem emoções mais viscerais como o esporte ou a religião. Possuem noções ainda confusas da atividade, relacionando-a de modo mais geral à comunicação e à expressão. Os calouros possuem confiança quanto à própria capacidade de encontrarem um espaço e se firmarem no mercado de trabalho. Entendo que ainda não é possível perceber efeitos das novas diretrizes curriculares nesses alunos. Apenas um retorno a eles em quatro anos permitiria compreender como eles passaram a se relacionar com a identidade jornalística.

Isso nos aponta, retomando o referencial teórico, que os calouros ainda estão no início do processo de “impregnação cultural” da atividade

jornalística, conforme a perspectiva da sociologia das profissões. Analisamos então, com Dubar (2005), percebendo que os calouros já constroem narrativas sobre si mesmos e sua identidade. Só é possível perceber isso, realça o autor, quando se considera a trajetória social traçada pelo indivíduo. Isso nos permite perceber que, ainda que estejam em uma etapa inicial do processo de socialização para o Jornalismo, já acumulam algumas percepções atravessadas por experiências pessoais em relações de trabalho que lhes permitem definir o que querem ou não fazer em suas carreiras. Ainda não me parece possível falar de um *habitus* jornalístico entre os calouros. Ainda há algumas confusões quanto ao campo e nem se pode afirmar que têm clareza da *doxa*, de um substrato comum sobre o qual ocorre o jogo jornalístico, que é muito mais claro de se perceber nos demais entrevistados.

Entre os formandos, nossa análise evidencia que temos um quadro de concepção mais homogêneo, muito pautado pelas noções de *informação* e *notícia*, que vemos como efeito de uma consolidação da formação do curso. Porém, é preciso observar que existe uma tendência a se pensar essa informação em um plano mais abstrato, que vislumbra principalmente a “transmissão” de uma mensagem, como meio de justificar a presença em espaços não jornalísticos no momento de se atuar no mercado. Isso explica também que as noções de um compromisso social do jornalismo não apareçam de forma tão constante nas respostas, o que nos conduz a pensar que esses formandos estão mais próximos de um jornalista profissional, capaz de atuar em qualquer ramo, em virtude do seu alto domínio técnico.

Entendemos que isso é insuficiente para pensarmos a atividade jornalística. Um jornalismo que se contenta com a simples “transmissão” de mensagens parece não conseguir estabelecer a conexão necessária entre diferentes estratos da sociedade. Aqui, observamos com Ijuim (2009) que um revigoramento do compromisso social poderia se estabelecer

Com a ampliação contínua do seu quadro de referência – seu nível de consciência – seus fazeres poderão constituir, mais que “notícias”, os relatos humanizados e humanizadores que promovam o debate, que contribuam com a inter-relação de pessoas com quadros de referências diferentes. Esta postura colabora com a reflexão de outros seres humanos – da audiência –, com o alargamento

da visão de mundo e a elevação do nível de compreensão, de cumplicidade e solidariedade entre seres humanos” (p. 39).

É preciso considerar que essa geração de formandos cresceu em um ambiente muito mais conectado tecnologicamente, o que nos surpreendeu principalmente ao observar que entre essa turma há o reconhecimento de que o jornalismo impresso constitui uma espécie de modelo de exercício do jornalismo.

Aqui encontramos uma etapa de conclusão do processo de profissionalização. As narrativas individuais, todavia, falam no mesmo tom. Pode-se dizer que o processo de socialização já está consolidado. Em relação aos formandos, nos parece mais possível perceber um *habitus*, principalmente porque parcela significativa desses jornalistas já teve algum tipo de experiência em um veículo, mesmo como estágio. Há também maior consciência da *doxa*.

Entre os egressos, todavia, cabe observar algumas tendências gerais antes de nos aprofundarmos nas gerações. Em primeiro lugar, é possível perceber duas identidades distintas: os jornalistas que trabalham na mídia e os que se identificam como comunicadores ou profissionais do ramo digital. Assim identificamos dois tipos de *habitus*, bastante diferentes entre si. Se entre os primeiros há uma identificação mais plena com o jornalismo, os segundos vão se apoiar em outras bases para se afirmarem jornalistas, como o diploma ou a realização de atividades paralelas de jornalismo aos seus empregos formais. De qualquer forma, é possível observar que o vínculo formal exerce um peso poderoso na autoidentificação como jornalista. Além disso, ainda entre os que trabalham em mídia, observamos também que funções de liderança ou chefia, especialmente no mercado privado, podem resultar em uma leitura diferente do ser jornalista, ainda que em tópicos discursivos possam se identificar como jornalistas, também o fazem a partir de um *habitus* próprio.

Entre as gerações, nos cabe observar que as primeiras parecem ter uma postura crítica à noção do jornalista como um “empregado”, um “peão” ou um “simples jornalista”. Podemos discernir traços de modelos de educação planejados para um tempo em que não era necessário desenvolver mais que as notícias. Essa visão não aparece nas gerações mais novas, que de alguma forma vislumbram outras preocupações. É

possível que, com uma carreira já consolidada, seja possível vislumbrar com um olhar mais crítico a atividade ou os seus arranjos.

Os egressos que entrevistamos para as gerações mais recentes nos indicam que existe uma diferença substancial sobre o modo como a identidade jornalística pode se desenvolver consoante o ambiente de trabalho e suas condições. É fácil perceber que há concordância sobre a *doxa* geral da atividade, bem como é partilhada a preocupação sobre o estado do mercado jornalístico, se não por si próprios, pelos colegas com os quais estudaram.

Porém, entendemos que também é possível pensar elementos para explicar como se dá esse processo de identificação com o jornalismo e ele está, em geral, vinculado à figura do repórter. O que nos faz pensar, com Traquina (2008a), que só é possível falar em profissionalização do jornalismo a partir do surgimento do repórter. Isso se deve principalmente à relação que a atividade jornalística permite estabelecer de conhecimento do mundo, algo presente em parcela significativa de respostas dos entrevistados, capaz de mobilizar transformações até mesmo pessoais.

Sobre esse aspecto, é possível perceber nas entrevistas a existência de uma matriz de sensibilidade própria do jornalismo, uma prática fenomenológica inerente à atividade da reportagem que permite ao jornalista perceber eventos no mundo que são dignos de serem reportados à sociedade e que lhe permite definir o que é notícia. Localizamos isso ao notar que há uma relação muito mais profunda entre os jornalistas e a atividade profissional quando ela é cercada por um contato humano, algo que, via de regra, parece ser cada vez mais escasso nas salas de redação, mediadas principalmente por mensagens de aplicativos e por jornalistas sentados (PEREIRA, 2004). Essa *episteme*, se assim podemos chamar, é a principal fonte de conhecimento do jornalista sobre o mundo, a partir da qual ele é capaz de definir o que é importante para a sociedade em dada ocasião, em definir os critérios para a escolha de determinado acontecimento como notícia.

É essa *episteme* que constitui o elemento essencial de uma jurisdição do saber jornalístico. É nela também que residem as condições para uma *inferência* específica do jornalismo sobre o que é *notícia* (ABBOTT, *apud* FIDALGO, 2008). Boa parte das atividades em que os jornalistas atuam lida, em grau maior ou menor, com essa *episteme*, que é também a fonte de uma cultura profissional à medida que viabiliza a construção de um conhecimento partilhado e produzido de forma partilhada, dando origem a uma obra como um jornal. À medida que o

jornalismo se afasta da atividade central da reportagem, ela tende a ser menor. Nesse sentido, e considerando um cenário de redução de postos de trabalho, com mediação crescente por aplicativos e outras formas mais desumanizadas de contato, parece restar aos calouros de hoje a possibilidade de um contato maior com essa *episteme* nos próprios exercícios da faculdade, algo que tende a se escassear com o ingresso no mercado de trabalho. No caso do ecossistema jornalístico de Joinville, é particularmente visível que ela quase inexistente ou que existe de forma profundamente diluída. Está presente de forma mais consistente na memória dos profissionais de imprensa do grupo que chamamos de primeira geração. Talvez ainda presente entre os repórteres que ainda atuam nas redações. Mas isso indica também um afastamento do povo, como apontou a Egressa 9 em sua entrevista. Isso nos levanta um alerta também. Como podemos manter o compromisso com uma boa informação para a sociedade se encontramos dificuldade até mesmo para desenvolver essa *episteme*?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADGHIRNI, Zélia Leal. **O Jornalista**: Do mito ao mercado. Florianópolis: Insular, 2017.
- ANDERSON, C. W.; BELL, Emily; e SHIRKY, Clay. Jornalismo Pós-Industrial: adaptação aos novos tempos. In: **Revista de Jornalismo ESPM**, São Paulo, vol. 2, nº 5, 2013, p. 30-89.
- BALDESSAR, Maria José. **A Mudança Anunciada**: O cotidiano dos jornalistas com o computador na redação. Florianópolis: Insular, 2003.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**: Um manual prático. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BENSON, Rodney; NEVEU, Eric. Introduction: Field Theory as a Work in Progress. In: \_\_\_\_\_. **Bourdieu and Journalistic Field**. London/Malden: Polity Press, 2005. p. 1-25.
- BEZERRA, Ed Porto; ACCIOLY, Sheila Mendes. Telejornalismo em Plataformas Interativas. In: **Em Questão**, Porto Alegre, v. 17, nº 2, 2011, p. 45-59. Acesso em 08/11/2017; disponível em <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/22148/14317>>.
- BOCAYUVA, Izabela. Parmênides e Heráclito: diferença e sintonia. In: **Kriterion**, Belo Horizonte, vol. 52, nº 122, 2010. Acesso em 07/11/2017; disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-512X2010000200004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2010000200004)>.
- BRAMBILLA, Ana Maria. A Identidade Profissional no Jornalismo *Open Source*. In: **Em Questão**, Porto Alegre, v. 11, nº 1, 2005. Acesso em 09/11/2017; disponível em <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/114/72>>.

BORGES, Sílvio. **A muitas vozes**: 80 anos de valiosas histórias para contar. Joinville: Bom Jesus/Ielusc, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. 1996. São Paulo: Companhia das Letras, 432p.

\_\_\_\_\_, Pierre. The Political Field, the Social Science Field and the Journalistic Field. In: BENSON, R; NEVEU, E. **Bourdieu and Journalistic Field**. London/ Malden: Polity Press, 2005. p. 29-47.

CARPENTIER, Nico. Encarando a Morte do Autor: o trabalho identitário do profissional de cultura e as fantasias de controle. In: **Matrizes**, São Paulo, vol. 4, n. 2, p. 183-204, 2011. Acesso em 06/02/2017; disponível em:  
<<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38297/41125>>.

DA MATTA, Roberto. **O Que Faz o Brasil, Brasil?** 8ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DUBAR, Claude. **A Socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. Tradução: Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **A crise das identidades**: A interpretação de uma mutação. São Paulo: Edusp, 2009.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FAUSTO NETO, Antônio. Jornalismo: sensibilidade e complexidade. In: **Galáxia**, São Paulo, n. 18, 2009, p. 17-30. Acesso em 27/01/2017; Disponível em:  
<<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/2030>>.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Formação Superior em Jornalismo**: Uma exigência que interessa à sociedade. Florianópolis: Imprensa da UFSC, 2002. Acesso em 23/10/18. Disponível em <<http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/03/livro11.pdf>>

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Formação Superior em Jornalismo: Uma exigência que interessa à sociedade.** Florianópolis: Fenaj, 2008. Acesso em 23/10/18. Disponível em <<http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/03/livro2.pdf>>

FIDALGO, Joaquim. **O Jornalista em Construção.** Porto: Porto Editora, 2008. (p. 11-64).

FOLQUENING, Victor Emanuel. **O Jornalismo é um Humanismo: Representações sociais de estudantes de comunicação.** Curitiba: Pós-Escrito, 2002.

FRIGHETTO, Maurício. **Uma Escola de Jornalismo: o poder e o saber na história do projeto pedagógico do curso da UFSC.** Dissertação. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. Florianópolis, 2016.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs.). **Métodos de Pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GPSJOR. **Percepções do público sobre consumo, credibilidade, qualidade e sustentabilidade do jornalismo em Joinville (SC).** Florianópolis: 2017, Projeto GPSJor. Acesso em 10/01/2018; disponível em: <<http://gpsjor.sites.ufsc.br/2017/06/22/relatorio-percepcoes-do-publico-sobre-consumo-qualidade-credibilidade-e-sustentabilidade-do-jornalismo-em-joinville/>>.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HERKENHOFF, Elly. **História da Imprensa de Joinville.** Florianópolis, Ed. da UFSC, 1998.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo.** Petrópolis, Vozes: 2008.

IJUIM, Jorge. A responsabilidade social do jornalista e o pensamento de Paulo Freire. In: **Em Questão**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 31-43, jul./dez. 2009.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, TOM. **Os Elementos do Jornalismo**: O que os jornalistas devem saber e o público exigir. Tradução: Wladir Dupont. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

LAURINDO, Roseméri; KORTE, Mayara. Pensacom universitário - os cursos de Comunicação de Santa Catarina. In: **Pensacom Brasil**, 2016, São Paulo. Anais Eletrônicos: São Paulo, Intercom, 2016. Disponível em:  
<<http://www.portalintercom.org.br/anais/pensacom2016/textos/rosemeri-laurindo.pdf>>, acesso em 17/11/2018.

LOPES, Fernanda Lima. **Ser jornalista no Brasil**: Identidade profissional e formação acadêmica. São Paulo: Paulus, 2013.

LOPES, Fernanda Lima; DUARTE, Maurício da Silva; e VIEIRA, Itala Maduell. Representações cinematográficas do jornalismo investigativo em Todos os homens do presidente (1976) e Spotlight (2015). In: **Revista Famecos**, Porto Alegre, vol. 24, nº 3, 2017. Acesso em 09/11/2017; disponível em  
<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/26904>>

MAGALHÃES, Daniel Lima. Precisão, rapidez e robôs: um panorama atual do Jornalismo algorítmico. In: **Temática**. Agosto de 2017. Disponível em:  
<<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/35755/8165>>, acesso em 29/07/2017.

MAIA, Kênia; SILVA, Cleber. Os valores profissionais dos estudantes da UFRN: comunicação corporativa, entretenimento e jornalismo. In: **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**. Brasília, vol. 2, nº. 11, p. 82-94, 2012. Disponível em

<[http://arquivos.info.ufrn.br/arquivos/2013221027eee813442084913e66c1b06/maia\\_femina\\_rebej.pdf](http://arquivos.info.ufrn.br/arquivos/2013221027eee813442084913e66c1b06/maia_femina_rebej.pdf)>, acesso em 7/10/2018.

MARQUES DE MELO, José. Perfil do jornalista profissional em São Paulo: contradições vividas na fase imediatamente posterior à obrigatoriedade do diploma. In: **Matrizes**, São Paulo, vol. 7, nº 1, 2013, p. 95-106. Acesso em 28/10/2017; disponível em <<http://www.redalyc.org/html/1430/143027494005/>>.

\_\_\_\_\_. **História do Jornalismo: Itinerário crítico, mosaico contextual.** São Paulo: Paulus, 2012.

\_\_\_\_\_. **Teoria do Jornalismo: Identidades brasileiras.** São Paulo, Paulus, 2006.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Profissão jornalista: Responsabilidade social.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

MEDITSCH, Eduardo. **O Rádio na Era da Informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo.** Florianópolis: Insular, 2007.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia e Pesquisa para o Jornalismo que Está Por Vir.** Florianópolis: Insular, 2012.

MICK, Jacques e LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012.** Florianópolis: Insular, 2013.

MICK, Jacques; KAMRADT, João. **O fim da notícia: a monopolização e o trabalho dos jornalistas.** Florianópolis: Insular, 2017.

PEREIRA, Fábio Henrique. O ‘Jornalista sentado’ e a produção da notícia *on-line* no CorreioWeb. In: **Em Questão**, Porto Alegre, vol. 10, nº 1, 2004, p. 95-108. Acesso em 8/11/2017; disponível em <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/85/45>>.

PEREIRA, Fábio Henrique, et al. Editorial: Jornalismo e identidade profissional. In: **Brazilian Journalism Research**, Brasília, vol. 9, nº 2,

2013, p. 4-9. Acesso em 18/01/2018; disponível em <<http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/600/505>>.

ROXO, Marco. **Jornalistas Pra Quê?** Militância sindical e o drama da identidade profissional. Curitiba: Appris, 2016.

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de Notícias:** Ações e estratégias das fontes no Jornalismo. Florianópolis: Combook, 2011.

STEARNS, Josh. **Acts of Journalism:** Defining Press Freedom in the Digital Age. FreePress, 2013.

TABALIPA, Adalberto Teodósio. **A "Crise" das Instituições de Ensino Superior Comunitárias da Associação Catarinense de Fundações Educacionais (Acafe).** [Dissertação]. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação. Florianópolis, 2015.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo:** a tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. Vol. 2. Florianópolis: Insular, 2008b.

\_\_\_\_\_. **Teorias do jornalismo:** porque as notícias são como são. Vol. 1. Florianópolis: Insular, 2008a.

TRAVANCAS, Isabel. **O Mundo dos Jornalistas.** São Paulo: Summus, 2011.

TRIGO, Maria Helena Bueno. *Habitus, Campo, Estratégia: Uma releitura de Bourdieu.* São Paulo: **Cadernos CERU**, nº 9, 1998. Disponível em <<http://www.periodicos.usp.br/ceru/article/view/74986/78545>>, acesso em 13/11/2018

YIN, Robert K. **Estudo de Caso:** planejamento e métodos. Tradução: Daniel Grassi. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZAROCINSKI, Karina. **Os mercados e as áreas de atuação dos egressos do curso de Jornalismo da Associação Educacional**

**Luterana Bom Jesus/Ielusc:** Uma análise do período janeiro de 2005 a dezembro de 2010 [Monografia]. Joinville: Bom Jesus/Ielusc, 2011.

**APÊNDICES<sup>13</sup>**

Apêndice 1 – Termo de consentimento livre e esclarecido <sup>14</sup>	169
Apêndice 2 – Questionário-base para estudantes	171
Apêndice 3 – Questionário-base para egressos	173
Apêndice 4 – Transcrições das entrevistas	176
Apêndice 5 – Termo de concordância	332

---

<sup>13</sup>Os apêndices estão reunidos e disponíveis em um CD-ROM.

<sup>14</sup>Os termos assinados estão sob posse do pesquisador.



**APÊNDICE 1 – Termo de consentimento livre e esclarecido****UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO*****Termo de Consentimento Livre e Esclarecido***

Meu nome é **Sidney Marlon de Azevedo**, sou mestrando e pesquisador do Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina e peço sua participação na coleta de dados para a pesquisa que estou desenvolvendo para a elaboração do texto de dissertação sobre identidade profissional dos jornalistas no contexto de transição entre academia e mercado.

Sua participação é completamente voluntária e acontecerá mediante entrevista semiaberta conduzida pelo pesquisador. As informações fornecidas ficarão anônimas. Os dados serão tabulados e analisados em conjunto.

Caso haja interesse, você poderá ter acesso ao trabalho concluído ao fim da pesquisa preenchendo seu e-mail para contato.

Após ler este “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” e concordar em responder aos questionamentos do estudo, assine o documento em duas vias, sendo que uma delas ficará em seu poder.

Em caso de dúvidas em relação à pesquisa ou por decisão de posteriormente não fazer parte dos respondentes, entre em contato com o pesquisador, pelos meios indicados ao fim da página.

*Eu, \_\_\_\_\_, fui esclarecido sobre a pesquisa de pós-graduação e concordo que meus dados sejam utilizados na realização da mesma. Declaro ainda que estou ciente de meus direitos de desistência.*

*Joinville, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_*

*Assinatura: \_\_\_\_\_*

*E-mail: \_\_\_\_\_*

Sidney Marlon de Azevedo  
Mestrando - Programa de Pós-Graduação em Jornalismo  
Universidade Federal de Santa Catarina  
[sidneymarlondeazevedo@gmail.com](mailto:sidneymarlondeazevedo@gmail.com)  
(47) 996-562-154

## APÊNDICE 2 – Questionário-base para estudantes

### Questionário-base para estudantes

1. Qual sua idade?

2. Qual seu sexo?

3. Como você define sua cor/etnia(?)

4. Qual a sua renda mensal?

até R\$ 954,00 (até um salário mínimo);

de R\$ 954,00 até R\$1.908,00 (de 1 a 2 salários mínimos);

de R\$ 1.908,00 até R\$ 2.862,00 (de 2 a 3 salários mínimos);

de R\$ 2.862,00 até R\$ 3.816,00 (de 3 a 4 salários mínimos);

de R\$ 3.816,00 até R\$ 4.770,00 (de 4 a 5 salários mínimos);

de R\$ 4.770,00 até R\$ 9.540,00 (de 5 a 10 salários mínimos);

de R\$ 9.540,00 até R\$ 19.080,00 (de 10 a 20 salários mínimos);

mais de R\$ 19.080,00 (mais de 20 salários mínimos).

- Por favor, diga as cinco primeiras palavras que lhe vêm à mente sobre **Jornalismo**.

5. Você trabalha ou estagia atualmente? Em jornalismo?

5.1 Em que empresa ou instituição?

5.2 Qual função você exerce?

5.3 E em que espaços você já trabalhou?

6. O que te motivou a iniciar o curso de Jornalismo?

6.1 Como você via o Jornalismo quando iniciou o curso?

6.2 O curso mudou de alguma forma sua visão sobre o Jornalismo?

6.3 Como você percebe o curso atualmente? Gostaria que algo fosse diferente? O que?

6.4 Como você percebe o Jornalismo hoje?

6.4 [Caso já tenha estagiado ou trabalhado em alguma função próxima à área] As atividades de estágio ou de trabalho mudaram sua visão do Jornalismo de alguma forma? Se sim, em que? ou em que sentido?

7. Como você vê o mercado jornalístico em Joinville?

7.2 Você entende que o curso te propicia as melhores ferramentas para atuar nesse mercado?

7.3 Como gostaria de trabalhar com jornalismo?

7.4 Já pensou em mudar de curso? Por que?

8. O que é jornalismo para você?

9. Opine sobre

- O jornalismo só é jornalismo se divulgado por instituições jornalísticas?;

- O jornalismo deve monitorar os poderes estabelecidos como um cão de guarda?;

- Quais habilidades são mais importantes para fazer jornalismo? Técnica, ética, estética?;

- Um jornalista que trabalhe fora de jornal ou instituição jornalística faz jornalismo?;

- Assessoria de imprensa é jornalismo?;

- As novas ferramentas tecnológicas podem acabar com o jornalismo?;

- O que é mais importante: Apurar, redigir ou editar?;

- Só se aprende jornalismo na prática?;

- Qual a função (profissional) mais importante do jornalismo?;

10. Que valores são mais importantes para o exercício do jornalismo?

11. Que jornalista você tem como referência? Por quê?

12. O que é, para você, ser jornalista?

## APÊNDICE 3 – Questionário-base para egressos

### Questionário-base para egressos

1. Qual sua idade?
2. Qual seu sexo?
3. Como você define sua cor/raça?
4. Qual a sua renda mensal proveniente do trabalho com jornalismo?  
( ) até R\$ 954,00 (até um salário mínimo);  
( ) de R\$ 954,00 até R\$1.908,00 (de 1 a 2 salários mínimos);  
( ) de R\$ 1.908,00 até R\$ 2.862,00 (de 2 a 3 salários mínimos);  
( ) de R\$ 2.862,00 até R\$ 3.816,00 (de 3 a 4 salários mínimos);  
( ) de R\$ 3.816,00 até R\$ 4.770,00 (de 4 a 5 salários mínimos);  
( ) de R\$ 4.770,00 até R\$ 9.540,00 (de 5 a 10 salários mínimos);  
( ) de R\$ 9.540,00 até R\$ 19.080,00 (de 10 a 20 salários mínimos);  
( ) mais de R\$ 19.080,00 (mais de 20 salários mínimos).

- Por favor, diga as cinco primeiras palavras que lhe vêm à mente sobre **Jornalismo**.

5. Você trabalha como jornalista atualmente?
  - 5.1 Em que empresa ou instituição?
  - 5.2 Qual função você exerce?
  - 5.3 Qual sua trajetória profissional?
6. Você se sente parte do grupo profissional dos jornalistas?
  - 6.1 O que faz você se sentir jornalista?
  - 6.2 O diploma faz você se sentir parte do grupo profissional dos jornalistas?
7. O que te motivou a iniciar o curso de Jornalismo?
  - 7.1 Como você via o Jornalismo quando iniciou o curso?
  - 7.2 O curso mudou de alguma forma sua visão sobre o Jornalismo?

7.3 Como você percebe o curso hoje?

7.4 A entrada no mercado de trabalho mudou sua visão do Jornalismo de alguma forma? Se sim, em que? ou em que sentido?

8. Você fez estágio/trainee?

8.1 Em que tipo de instituição?

8.2 Como esse estágio contribuiu para você ser jornalista?

9. Como você vê o mercado jornalístico em Joinville?

9.2 Você entende que o curso te propiciou condições suficientes para atuar nesse mercado?

9.3 Você trabalha do modo como gostaria com jornalismo? Como gostaria de trabalhar?

9.4 Já cogitou a hipótese de mudar de ramo ou migrar de profissão? Por que?

10. O que é jornalismo para você?

11. Opine sobre

- O jornalismo só é jornalismo se divulgado por instituições jornalísticas?;

- O jornalismo deve monitorar os poderes estabelecidos como um cão de guarda?;

- Quais habilidades são mais importantes para fazer jornalismo? Técnica, ética, estética?;

- Um jornalista que trabalhe fora de jornal ou instituição jornalística faz jornalismo?;

- Assessoria de imprensa é jornalismo?;

- As novas ferramentas tecnológicas podem acabar com o jornalismo?;

- O que é mais importante: Apurar, redigir ou editar?;

- Só se aprende jornalismo na prática?;

- Qual a função (profissional) mais importante do jornalismo?;

12. Que valores são mais importantes para o exercício do jornalismo?

13. Que jornalista você tem como referência? Por que?

14. O que é, para você, ser jornalista?

**APÊNDICE 4 – Transcrições das entrevistas**

<b>ENTREVISTA</b>	<b>PÁGINA</b>
Calouro 1	177
Calouro 2	183
Calouro 3	190
Calouro 4	197
Formando 1	207
Formando 2	212
Formando 3	220
Formando 4	230
Formando 5	235
Egresso 1	244
Egresso 2	254
Egresso 3	265
Egresso 4	271
Egresso 5	280
Egresso 6	288
Egresso 7	299
Egresso 8	306
Egresso 9	318

## **CALOURO 1**

### **1. Cinco primeiras palavras - Jornalismo**

Rádio, TV, locução, oratória e escrita.

### **2. É a primeira vez que vejo esses termos, “locução” e “oratória”. Porque eles vieram à tua mente?**

Eu sempre, desde pequeno, eu sempre quis trabalhar muito com essa parte da comunicação e do rádio e da TV. São áreas que, quando eu entrei para o curso, que eu estava pensando, eu pensava muito nessas áreas. Não pensava tanto na escrita, mas eu gosto muito descrita também. Mas eu pensava mais em entrar por causa disso.

### **3. Você já desenvolveu alguma atividade nesses campos?**

Ainda não.

### **Saberia localizar onde nasce esse interesse em locução e rádio?**

Eu acredito que esse interesse nasceu porque, desde pequeno, eu sempre fui uma criança muito, como é que eu posso te dizer, uma criança que, não sonhava assim, uma criança que não queria outras profissões a não ser algo que não me fizesse eu me comunicar com outras pessoas e eu acredito também que venha um pouco do meu lado artístico também, porque desde pequeno os meus pais sempre me incentivaram muito a cantar, muito a tocar violão, muito a ter esse lado artístico, esse lado teatral, e a minha escola, também, antiga, ajudava muito nesse quesito.

### **4. Você trabalha ou faz algum estágio atualmente e qual função você exerce lá hoje?**

Eu faço estágio na área já, trabalho numa empresa de formatura, não é na hora que eu quero, fazendo uma área relacionada com comunicação e é isso. Lá eu cuido mais da parte de foto e de vídeo. Lá a gente... Eu cuido da parte da edição de vídeos, de ensino médio, de formaturas também, e na parte de foto, na separação das fotos e tal.

### **5. Já teve algum espaço em que você trabalhou, mesmo que seja em outros campos?**

Em outros campos? Eu já fui estagiário em RH, eu trabalhei com entrega de passe, guardar documentos, essas coisas assim de rotinas de RH mesmo, e até uns dois meses atrás eu trabalhava nessa área.

**6. O que te motivou a iniciar o curso de jornalismo?**

O que me motivou mesmo a iniciar o curso de jornalismo não foi só a parte de TV e de rádio. Foi porque a verdade que o jornalista tem... Colocar a verdade, sabe? De procurar a verdade acima de tudo, eu sempre fui uma pessoa assim, eu sempre fui uma pessoa que eu sempre quis muito a verdade das pessoas, sempre quis buscar muito essa verdade, que, talvez, a gente vive num mundo de tantas mentiras e a verdade é a que prevalece, sabe? Verdade é o que cativa, verdade é o que me, sabe, sei lá, a verdade é a verdade.

**7. De onde que vem esse interesse todo pela verdade?**

É que eu sou uma pessoa muito religiosa, e eu sempre busquei muito essa verdade, sabe, eu tentei transparecer na minha profissão isso também, essa busca pela verdade e é isso.

**8. Qual é a tua religião?**

Católica.

**9. Como você via o jornalismo antes de entrar no curso?**

Antes de entrar no curso eu tinha uma visão totalmente diferente, eu pensava que ia entrar em Jornalismo e só ia ter aula de TV e aula de jornal, assim, e, realmente, todas as pessoas para as quais tu fala que está fazendo jornalismo, elas pensam "ah, vai ser o William Bonner", vai... né? Mas no curso tu vê que não, vê que tem várias outras mil áreas, várias outras coisas que nem comunicação empresarial, outras coisas também, né? E é muito isso.

**10. De que forma o curso fez que você revisse essa posição inicial?**

Então, eu ainda não tive muito como rever certas coisas, porque eu não tive muitas matérias que me fizessem rever outras coisas, mas uma coisa assim que eu estou gostando muito, que eu estou me identificando altos, assim, e com a comunicação empresarial, que na outra empresa, sabe, nem foi tanto por causa do curso, mas porque eu conheci uma pessoa que ela trabalhou, trabalha com comunicação empresarial e, na minha antiga empresa, eu via como era a rotina dela, de trabalhar na assessoria de imprensa, eu gostei muito dessa parte também sabe.

**11. Certo que você teve um período muito pequeno de curso ainda, mas tem alguma coisa que você diria que você teria mudado desse período?**

Nesse período do curso? Eu teria mudado algumas coisas sim. Eu teria mudado algumas coisas que, às vezes parece que, é que, eu tava pensando esses dias, né, meu, tem tanto jornalismo impresso, mas muitas vezes eles pecam em não ter um jornalismo mais voltado para essa atualidade de hoje, que é mais comunicação empresarial, que é mais comunicação corporativa, que é a mesma coisa. Eu sinto falta que não tem isso na faculdade, é muito jornalismo no papel mesmo. É claro que a gente tem que ter né, mas, talvez, será que não é demais? Será que não tem que ver?

**12. Seu estágio atual, na empresa de formatura, te ajudou a rever de alguma forma o como você via o jornalismo?**

Ajudou de uma forma... Né? Mais ou menos... Porque lá é uma parte mais de entretenimento, não é uma parte tão séria do jornalismo, não sei nem se pode ser considerado do jornalismo porque, como é uma parte de entretenimento, talvez fosse mais para o lado da publicidade.

**13. Como você vê hoje o jornalismo que é oferecido na cidade?**

Eu vejo que estão nascendo veículos muito bons. E alguns que estão morrendo. Mas eu vejo que ainda há esperança, sabe? Ainda há esperança porque o jornalismo nunca vai morrer, o jornalismo sempre vai se revigorar e sempre vai renascer e ele vai sempre se tornar uma coisa única, sabe, porque as pessoas precisam dar essa informação.

**14. E, do que você já tem percebido, como você vê o mercado de trabalho?**

Todo mundo fala que o mercado é muito escasso, que o mercado é muito para jornalismo é muito escasso. Mas eu acredito que ele não esteja tão escasso assim, porque depende a área que tu quer, depende área que tu quer, mas existem várias outras possibilidades, sabe? Várias outras possibilidades de tu fazer jornalismo e tu fazer... Trabalhar na tua área mesmo, sabe? Só que é muito difícil também tu trabalhar na área que tu quer. Isso eu não posso negar.

**15. E como você gostaria de trabalhar com jornalismo? Você já mencionou alguma coisa ali sobre comunicação empresarial, seria esse mesmo teu ideal?**

Seria uma segunda opção. Mas o que eu gostaria muito de trabalhar é com campanhas, com telejornalismo mesmo. Estando lá na frente, ou lá atrás, na produção mesmo, isso me conquista assim de uma forma que eu não sei falar, sabe? É algo que eu preciso um dia realizar, é algo que eu preciso estar lá dentro vendo, é algo que eu quero muito.

**16. Alguma vez já te passou pela cabeça de mudar de curso? Por que?**

Já, sim. Algumas vezes já passou pela minha cabeça. Porque às vezes a gente cai na onda das pessoas falando "meu, não faz isso, que é um curso muito difícil, que o mercado é muito competitivo", mas já se passou algumas vezes na minha cabeça e eu sempre busquei voltar lá para o começo e me lembrar o porquê que eu tô fazendo isso, por causa dessa verdade, eu vejo que se eu fizesse outro curso eu não seria tão realizado como fazendo esse curso, por que outro curso ele me... É isso que me faz feliz, sabe? Ele me realiza como estudante hoje, futuramente como profissional. Não tem coisa melhor do que tu fazer o que tu gosta.

**Você falou de algumas pessoas que de alguma forma interferiram. Pessoas próximas? Familiares?**

Eram amigos. Os meus familiares sempre me apoiaram muito. Mas, geralmente, amigos... Até porque tenho muitos amigos para a área de exatas. E talvez eles não entendam tanto essa área de humanas, nossa área assim, falando "não dá dinheiro, não tem mercado". E olha que eu acho muito errado porque quando tu menospreza o sonho dos outros eu acho que é muito complicado, sabe?

**17. E o que é jornalismo para você?**

Jornalismo, para mim, e você passar a informação, acima de tudo tu ser verdadeiro, e essa questão da verdade que pega. Eu acredito muito nessa questão da Verdade, eu tenho certeza que é verdade pode revolucionar, revolucionar o mundo em que a gente está, que a gente vê tanto ódio, tanto, nessas eleições, sabe, tanto ódio distribuído e o jornalismo ele tem tanto esse poder de lançar o ódio, mas tanto de transmitir a verdade e de transmitir o amor também, sabe?

**18. Quando você fala de verdade, você pode definir um pouquinho melhor?**

Verdade. A gente vê... Pera aí, deixa eu bolar uma resposta aqui. Verdade. A gente vê hoje em dia que tem muita *fake news*, muitas coisas que

fazem as pessoas distorcerem aquilo, sabe? E isso é uma das coisas que mais eu tenho raiva, dessas fake news, e a verdade seria ir contra tudo aquilo, ir contra todas as mentiras, contra todas as falsidades que são lançadas na internet e a verdade, ela contrapor tudo isso, falar "não! está errado!", desse jeito.

**19. O jornalismo só é jornalismo se ele for divulgado por jornais?**

Não.

**20. Jornalismo deve monitorar os poderes estabelecidos como um cão de guarda?**

Eu acredito que sim.

**21. Quais habilidades são mais importantes para se fazer jornalismo?**

Eu acho que é a forma que a gente apura, que a gente tenta descobrir as não verdades e lançar elas da melhor forma.

**22. Jornalista que trabalha fora de um jornal faz jornalismo?**

De certa forma, sim. Eu acredito que sim.

**23. Assessoria de imprensa e jornalismo?**

Para mim sim. Tem pessoas no curso que falam que não. Mas eu acho que... Eu acredito que é jornalismo.

**24. As novas ferramentas tecnológicas podem acabar com o jornalismo?**

Não.

**25. O que é mais importante? Apurar, redigir ou editar?**

Tem que falar só um? De certa forma não tem um mais importante, todos são importantes para que haja um conjunto, mas a forma que tu apura é também um dos mais importantes porque é realmente tu saber perguntar a pergunta certa. Tu saber apurar de forma certa, se não tu não vai ter uma reportagem com uma estrutura bem feita, tu não vai ter informações que vão prender o leitor.

**26. Só se aprende jornalismo na prática?**

Não.

**27. O que é bom jornalismo para ti?**

Posso citar sites? Para mim um bom jornalismo é o site da BBC, eu gosto muito do jeito que eles aplicam o jornalismo. Deles buscar uma informação, de eles buscarem uma matéria lá do ano passado, tentando explicar, e eu vejo muito isso que as pessoas não entendem o que tanto está se falando na mídia, e eles vão lá e fazem uma reportagem e eles explicam aquilo que está acontecendo. Eles não só jogam a notícia lá, eles explicam o contexto, o que que isso pode gerar, eles dão, de certa forma, esse contexto. Eu acho muito incrível isso porque a informação que eles transmitem, mais aprofundada. Eu acho que isso não se tenta muito.

**28. Há algum profissional que seja referência para ti?**

Tem. Tem um profissional que seja referência, até porque é meu amigo, e ele é mestre em educomunicação, e é isso.

**29. O que é, para ti, ser jornalista?**

Para mim ser jornalista é ser uma pessoa mais humana, porque a faculdade tem me ensinado muito isso. A ser mais humano, ao olhar muito para o outro, para ter muito essa empatia. E eu acredito que o jornalista não pode ficar só fechado na casinha dele, só naquilo que ele pensa, só naquilo que as experiências dele Levaram ele apensar, você também tem que olhar para todas as outras esferas da sociedade, olhar para todas as outras pessoas e, de certa forma acolher esses pensamentos e questionar, muitas vezes. Questionar para que haja informação. Mas, acima de tudo, ser jornalista é ser humano.

## **CALOURO 2**

### **1. Cinco primeiras palavras – Jornalismo**

Comunicação, História, Mudança, Conhecimento e Curiosidade.

### **2. A palavra “história” ainda não tinha me aparecido. Qual é a tua relação com essa palavra e como ela aparece relacionada com o Jornalismo para ti?**

Eu acho que o jornalista, além de apenas apurar fatos, essas coisas, ele também conhece histórias, conhece pessoas, vidas, e uma das coisas que eu gosto no jornalismo é ter a oportunidade de conhecer e contar histórias dos outros e da vida deles, de bom ou de ruim é parte da história.

### **3. Você trabalha ou faz algum estágio atualmente?**

Não. Fazia até um mês atrás. Com texto para blog em uma empresa de serviços digitais. Eu era redatora lá.

### **4. O que te motivou a iniciar o curso de Jornalismo? E por que?**

O esporte. Eu comecei pelo esporte. Eu tava assistindo um jogo do JEC com o meu pai, e eu tava naquela dúvida de ensino médio de qual curso seguir, e eu vi os repórteres no campo e eu até comentei com meu pai: “olha que legal, eles estão ali falando com os jogadores e ainda tão ganhando para isso e eu mesma quero tirar uma foto com um deles e não consigo”. E aí foi uma das coisas que me motivou.

### **5. O teu interesse pelo curso está vinculado ao teu interesse pelo esporte?**

Hoje já nem tanto, mas ele começou lá pelo esporte, mas eu gosto muito de escrever, gosto muito de falar, então foi algo que se encaixou para eu seguir um mesmo caminho.

### **6. Como você via o Jornalismo antes de entrar no curso?**

Eu nunca... Antes de eu decidir pelo Jornalismo eu nunca tinha parado para pensar no Jornalismo em si. Eu comecei a ver ele por outros olhos a partir do momento que eu decidi fazer o curso. Que aí eu comecei a ir atrás, a pensar nas possíveis carreiras a se seguir através do Jornalismo, comecei a pensar no que ele faz... Comecei a ver ele, literalmente, como uma maneira de estar perto das pessoas, de estar próxima.

**7. Você disse não ter nenhuma relação específica com Jornalismo, mas você tinha alguma relação com notícias, reportagens? Lembra de ter algum episódio?**

Eu lembro que quando eu era criança eu costumava muito brincar de jornal. Sempre eu e meu primo a gente brincava de Fátima Bernardes e William Bonner, que a gente fingia que a gente tava apresentando o Jornal Nacional. Eu sempre gostei muito dessa parte de falar, de comunicar, então eu acho que foi uma das coisas que me chamou muita atenção, que me deixou mais próxima desse convívio.

**8. E como o curso mudou tua visão do Jornalismo?**

Neste primeiro ano através de todas as matérias que a gente está tendo, mudou totalmente de uma visão muito metódica que eu tinha de que o jornalista só servia para a coisa de ficar na frente da câmera ou num jornal escrevendo. E não, é totalmente diferente. Muitos caminhos. Muito amplo. Muita mudança mesmo. Muito poder na mão de um jornalista, de uma escrita, de uma matéria.

**9. Você fala de muito poder, como é isso? Como você compreende poder?**

Eu acho que o jornalista quando ele vai escrever ou falar sobre um determinado assunto ele vai transmitir para muitas pessoas o que ele ouviu de uma ou algumas pessoas sobre determinado assunto. Ele tem nas mãos esse poder de escrever e disseminar o que ele entende. Então ele tem que saber compreender o que a pessoa falou para conseguir transmitir da melhor forma possível e da forma mais verdadeira. Então, se ele quiser, ele tem o poder de escrever qualquer coisa ali independente se aquilo está certo ou errado, mas aí vai do profissional.

**10. Como você percebe o curso hoje? Você gostaria que alguma coisa fosse diferente?**

Eu acho que o digital tinha que ser... Tinha que aparecer mais. Eu acho que o curso ainda é muito voltado para o impresso, principalmente no primeiro ano de faculdade. É muito focado no impresso. Não que o impresso não exista mais ou que não vá mais existir, mas o mundo hoje, o contexto, é muito digital. Então eu acho que devia ter um foco mais voltado para isso.

**11. Tem alguma disciplina que tenha te marcado mais? Por que?**

Eu acho que, até agora, a de fotojornalismo. A gente fez várias atividades, principalmente agora nesse segundo semestre de fotografar pessoas e conhecer histórias, então a gente conversou com muitas pessoas e a gente descobriu coisas que mudaram nossa semana. A gente começou numa segunda-feira, um sim me marcou mais de conhecer histórias. A gente chegou na praça, ali no Centro, perto da Catedral, e encontrou um grupo de uma igreja que leva refeição a moradores de rua, e a gente conversou até com esses moradores de rua, que ficaram em volta da gente, que conversaram com a gente... Então estava feliz da vida. Coisa que a gente saiu daqui reclamando de sair para caminhar à noite e mudou a semana da água pro vinho.

### **Faz muito tempo isso?**

Não, acho que foi agora no início do semestre.

### **12. Como a atividade do seu estágio fez você refletir sobre o Jornalismo?**

Então, como eu fazia conteúdo, texto para conteúdo digital, para blog, e foi uma das matérias que eu ainda não tinha tido no curso, me fez eu aprender antes de chegar a ter esse assunto na faculdade. Então, um aprendizado antecipado e me fez perceber uma das coisas que eu falei que eu mudaria. A questão da importância do digital já no início do curso também. Mas, o estágio... Uma das coisas que foi muito boa para mim é que eu não quero ficar numa redação. Não quero ser um profissional que só fica dentro de um quadradinho, na frente de um computador. Não é isso que eu quero como futuro.

### **13. Como você se imagina trabalhando com Jornalismo?**

Eu quero ter contato direto com as pessoas. Eu gosto muito da questão audiovisual. Então eu quero muito poder ter esse contato direto com as pessoas e não apenas escrever e ficar digitando na frente de um computador. Eu me imagino conhecendo pessoas, conhecendo lugares, conhecendo culturas e reportando isso para outras pessoas.

### **Você entende que isso não aconteceria se você estivesse numa redação?**

Eu acho que aconteceria, mas isso... Como eu falei, eu não me vejo apenas digitando e sim contando, falando, expressando, não só através da escrita, através da fala, do gesto, fisicamente.

**14. Você fala muito da questão dos gestos, você percebe isso no jornalismo que é oferecido hoje e que você acompanha?**

Alguns, sim, alguns, não. Por exemplo, muitas vezes, quando eu escuto o jogo pela rádio eu consigo entender e interpretar as pessoas simplesmente pelo jeito que elas estão narrando o jogo. Uma das coisas que sempre me chamou atenção foi o Charles Fischer, da 89, quando narrava os jogos do JEC, a emoção que ele sentia ao transmitir um gol e, mesmo sabendo que ele não é jornalista, mas o modo como ele fazia esse papel de passar o que estava acontecendo com energia, a gente conseguia sentir isso através da voz, ou através do áudio dele. Então eu acho que em alguns casos sim e em outros não. Tem muito jornalista, em muitos programas que ainda são até meio forçados naquela questão de serem muito robóticos, de não ter uma interpretação em si, de transmitir que está acontecendo. Apenas falar por falar porque é conveniente, porque é obrigado.

**15. Como você o Jornalismo que é oferecido hoje na cidade?**

Eu acho que ele enfraqueceu muito até porque os impressos que tinham aqui tão saindo, assim, alguns até acabaram. Mas eu tô vendo o jornalismo que tá acontecendo. Mais uma vez voltando, digitalmente, de veículos que não são oficiais, como tem na TV, mas que tão fazendo um ótimo papel. Deixa-me ver... Por exemplo, óbvio que é uma página vinculada ao humor também, mas muitas coisas que acontecem eu vejo também no Éééguaaa, Aconteceu em Joinville, que falam... Que tem um jornalismo digital até apurado na hora tanto quanto outros, então eu acho que em alguns pontos está pecando e em alguns outros está evoluindo de uma maneira positiva.

**16. E como você o mercado de trabalho em Joinville?**

Ruim. Falei por estarem fechando, por eles terem saído daqui. Por a base da NSC ter ido para Florianópolis. Tá cada vez menor, tem diminuído. Eu vejo mais trabalho para jornalista na área e marketing, que é muito misturado com publicidade e propaganda, mas na área mais... mídia mesmo, conteúdo digital, enfim, mais marketing mesmo do que como tentar uma vaga de repórter, por exemplo.

**17. Você disse que gostaria de trabalhar com alguma coisa envolvendo gestual. Você consegue enxergar essa oportunidade em Joinville hoje?**

Pouca. Mas consigo. Tem uma menina que estuda com a gente que faz estágio na TVBE. Primeiro ano de curso e ela já é repórter. Então eu acho que tem oportunidade. São poucas, mas tem.

**18. Alguma vez já te passou pela cabeça a ideia de mudar de curso?**

Mudar de curso? Não.

**19. O que é jornalismo para você?**

Oportunidade de mudança. É uma das palavras que eu te falei que eu lembro. Me marcou muito um evento que teve aqui no Ielusc, e que foi o “Jornalismo muda o mundo” e isso me fez enxergar a palavra vinculada ao Jornalismo. Mudança. Porque, como eu falei, o jornalista tem muito poder nas mãos, ele pode ter esse poder e isso é saudável poder ter esse poder. E poder estar perto, poder muitas vezes sentir na pele o que todas as pessoas sentem. Poder reportar, às vezes, o sofrimento de alguém para poder ajudar aquela pessoa. Ser um meio entre a realidade e o que as pessoas não conseguem enxergar, eu acho que é uma ponte, assim, que o Jornalismo consegue transmitir para os outros algo que ninguém quer ver, e eu acho isso muito importante.

**20. O jornalismo só é jornalismo quando ele é divulgado por instituições jornalísticas?**

Não.

**21. O jornalismo deve monitorar os poderes estabelecidos como um cão de guarda?**

Não como um cão de guarda, mas acho que deve.

**22. Quais habilidades, a teu ver, são mais importantes para se fazer jornalismo?**

Saber ouvir, saber conversar e saber apurar informações.

**23. O jornalista que trabalha fora de um jornal faz jornalismo?**

Faz.

**24. Assessoria de imprensa é Jornalismo?**

É. Acho que é.

**25. As novas ferramentas tecnológicas podem acabar com o jornalismo?**

Não. Podem agregar.

**26. O que é mais importante, a teu ver: apurar, redigir ou editar?**

Apurar.

**27. Você diria que só se aprende Jornalismo na prática?**

Sim. Jornalismo eu acho que sai um pouco da teoria. Se não souber dialogar, se não souber apurar, não adianta só aprender em sala de aula e não ir atrás. Não consegue.

**28. Há algum produto jornalístico que você acompanhe com maior frequência?**

Como eu falei antes, local, eu gosto bastante de acompanhar a página do Éééguaaa. Que, eu falei, apesar de eles serem voltados um pouco para o humor, ele também tem muito regional, muita informação regional. Eu gosto também do Nexo, eu acho um jornal digital muito bom. Confesso que impresso eu não tô acompanhando muito ultimamente, eu vejo mais na faculdade, mas eu gosto muito da Folha. E eu acho que esses são os principais. Ah, e além da Globo, enfim, que eu acho válidos também. São os principais.

**29. Que valores você diria que são mais importantes para o exercício do Jornalismo?**

Ética. Acho que um pouco de coragem também, e curiosidade. Acho que a pessoa tem que saber ter esse instinto de querer saber mais para poder fazer algo.

**Você falou de coragem. Por que?**

Porque eu acho que em determinadas situações nem tudo são rosas e o bom jornalista ele sempre tem que ter coragem para qualquer coisa. Se ele quer ser essa ponte entre a realidade e quem não quer enxergar nada ele tem que ter coragem de ir para o mundo e reportar aquilo, mesmo se for algo contra o que ele acredita. Ele tem que meter a cara.

**30. Você tem algum jornalista como referência?**

Olha, eu gosto muito da Fernanda Gentil, até porque eu comecei pelo esporte e ela, como mulher, nesse meio do esporte eu acho que se destaca

muito. Ela impõe um certo respeito que muita gente não tem com mulheres nesse meio esportivo. Então ela, para mim, assim, eu tenho ela como uma base.

### **31. O que é, para você, ser jornalista?**

Ai, eu acho que é um mix de tudo o que eu falei. Que é de ser aquela ponte, né? Entre real e outras pessoas que não querem saber o que está acontecendo. Eu acho que ser jornalista é ter discernimento e conseguir ouvir e compreender as outras pessoas. É poder se comunicar de uma forma sábia e de uma forma honesta. É transmitir a comunicação. Como eu te disse, o curso é de comunicação social, então eu acho que é fazer essa comunicação com a sociedade. E ser a voz de muita gente.

## **CALOURO 3**

### **1. Cinco primeiras palavras - Jornalismo**

Notícia, reportagem, lead, informação e mídia.

### **2. Você saberia dizer o porquê de essas palavras serem as primeiras que vieram à tua mente?**

Acho que é porque o que eu estou estudando neste semestre está indo mais por esse lado de reportagem, mídias... Então acho que é por estar mais fresco na memória essas coisas.

### **3. Você disse que começou agora no trabalho, um estágio?**

Eu comecei a trabalhar agora como vendedora de telemarketing.

### **Você já teve algum trabalho relacionado ao jornalismo?**

Já. Eu fiz estágio em um jornal de outra cidade. Eu entrei lá eu acho que em abril deste ano. Foram uns dois meses eu fiquei de estágio. Foi muito bacana. Gostei bastante.

### **Você saiu de lá por qual razão?**

A chefe de jornalismo foi promovida num dia e no outro dia ela me mandou embora e um editor de vídeo também. Eu acho que é porque eu escrevia entretenimento e acho que é uma coisa que ela não gostava muito no jornal, por que ela escreve política, então ela vai para o lado mais sério. Eu acho que foi mais por isso e eu acho que é porque eu sou caloura, né? Então eu acho que ela preferia alguém que já tivesse se formando, como eu vi que entrou um outro rapaz lá que já se formou.

### **4. O que te motivou a iniciar o curso de jornalismo?**

Bom, eu queria fazer uma faculdade que fosse me ajudar a, no futuro, uns 20 anos, escrever um livro tem também uma profissão que tivesse que estar sempre pesquisando e buscando novos conhecimentos. E conversando com uma professora minha, ela sugeriu que eu fizesse jornalismo, até porque eu gostava bastante de conversar, ainda gosto, e como eu gosto muito de conversar e de estar sempre procurando coisas novas para aprender. É esse negócio de estar sempre mudando eu acho que foi o que me atraiu mais no jornalismo.

### **5. Como você percebia o jornalismo antes de entrar no curso?**

Eu percebia como uma coisa bem séria. Eu achava que as pessoas, tanto na TV, no jornal, no rádio, as pessoas eram muito sérias, e conhecendo as pessoas assim eu vejo que todo mundo é meio doido, meio engraçado, as pessoas não são realmente o que está aparecendo lá na TV ou lá no rádio - no rádio até é um pouco mais descontraído, depende o programa e tudo o mais - mas eu via como um negócio muito sério. E hoje... eu já... a pessoa... Diferente isso. Não sei explicar direito.

#### **6. Essa mudança foi por causa do curso? Em qual aspecto?**

Eu acho que conhecendo os meus colegas e os professores que já são formados, conhecendo e vendo a personalidade deles e até no lugar onde eu trabalhei, todo mundo era meio fora da casinha, todo mundo era meio doido, então acho isso por causa da faculdade e por causa do estágio. Era muito descontraído, todo. Claro que deve ter aqueles jornais que tudo é muito sério e tudo mais. Mas onde eu trabalhei tudo era muito descontraído e tinham suas peculiaridades.

#### **Você é a primeira caloura que eu estou entrevistando que já trabalhou em alguma mídia. Conheces mais algum outro dos teus colegas que já passou por essa experiência?**

Tem alguns que... Eu não sei se já trabalharam... Tem um que trabalha em uma rádio, em uma web rádio desde os 15 anos. Então, ele é um que tem a maior experiência. Mas acho que de jornal escrito, impresso e tudo mais, acho que é só eu que já tive experiência. Não tenho certeza.

#### **Você acha que isso te dá algum tipo de visão diferenciada, em relação aos seus colegas, sobre o jornalismo?**

Eu acho que um pouco, porque eu já tive ideia de como é uma redação, de como funciona, de como se organiza tudo, e talvez muitos deles não tenham esse conhecimento, não sabem imaginar como que é uma redação, como que se organiza dentro ou a função específica de cada um. O porquê tem aquele repórter, o porque tem aquele jornalista que escreve só sobre uma coisa, mas tem aquele que escreve sobre tudo. E isso facilita porque lá na cidade não tem curso de jornalismo, nem só de rádio e TV, então não tem nada. Quem é de lá e quer fazer jornalismo tem que vir para cá todo dia ou vir morar para cá.

**7. Considerando tudo o que você já passou ao longo desse ano, do que você viu do curso, o que mais te marcou? E o que você gostaria que fosse diferente?**

Eu não sei dizer. Eu acho que, de aulas, a aula de filosofia, a de estética que eu tenho agora, de sociologia, abriram ainda mais a minha cabeça para olhar com um olhar diferente e não tentar imaginar o que que aquela pessoa está pensando. Porque só conversando com ela para eu saber o que que se passa na vida dela. E também para a gente não julgar, porque a gente vai ser jornalista e a gente não pode ficar julgando as pessoas. A gente tem que conhecer a vida delas e o que é a verdade delas. Isso me marcou e vai continuar, porquê eu pretendo estar sempre olhando de uma forma diferente. E o que eu acho que devia mudar... Ah, não sei, porque a grade desse semestre tem muito para a gente estar escrevendo, então eu já esqueço o que ficou para a gente escrever mesmo as matérias, as notícias, ficou só para sexta-feira. Só um dia para a gente estar escrevendo, então, essa e outras coisas que, não sei, podia mudar um pouquinho isso.

**8. Como você percebe a produção jornalística hoje?**

Eu acho que... A gente tem conversado bastante sobre isso em algumas aulas, em como, por exemplo, a internet está muito em alta, o YouTube, as TVs, os canais de TV, com programas específicos se adequando a essa forma da internet, porque as pessoas consomem mais internet do que... Não, na verdade a maioria consome mais a TV, porque ela tá ligada e a pessoa vai fazer outras coisas. Na internet, eu não sei, as pessoas se informam mais, e a TV está se adequando a isso. A rádio, eu não sei na verdade porque eu não praticamente não ouço rádio. Mas o jornalismo impresso eu não acredito que ele vá acabar, mas está diminuindo gradativamente. Tem diminuído, né? E um veículo online, que seja só online, vai crescer muito mais rápido. Vai abranger mais pessoas.

**9. Retomando a questão de o pessoal do jornal parecer às vezes um pouco fora da casinha, esse lado mais divertido ou lúdico do jornalismo te inspira?**

Ah, com certeza. Eu não sei dizer porque, mas, com certeza. Não é o jornal que é mais engraçado, mas os jornalistas. Antes eu achava que eram pessoas muito, muito sérias. Que elas eram sérias assim quando estavam em casa com a família, com os amigos e agora eu já sei que não. Todo mundo bem descontraído.

**Esse aspecto da cultura profissional você diria que é determinante para tua aproximação da profissão?**

Não sei. [risos]

**10. Como você vê o jornalismo oferecido aqui na região?**

Eu acho que tem alguns jornais que a gente pode financiar e não tem muito investimento, não sei, porque tem bastante que está fechando. Lá na cidade, por exemplo, tinha um outro que, eu na época não acompanhava, mas acabou falindo, tanto que uma menina que trabalhava comigo lá no jornal, lá no jornal - ela ainda trabalha lá - ela trabalhava nesse jornal, mas aí faliu e ela foi para lá. Então, a parte do impresso está acabando e tudo mais, mas eu acho que a gente devia continuar mantendo isso. Mas isso também é ruim, porque por que a pessoa vai pagar para ter um papel ali se ela pode consumir de graça na internet? A gente também pode ajudar a financiar esses jornais para que, no online, não se acabe ali também.

**11. E como você vê o mercado de trabalho jornalístico aqui na região?**

Eu acho que é... Não sei se "fechado" seria a palavra certa. Mas acho que um pouco restrito, porquê não tem muitos jornais. O que tem mais aqui [em Joinville] que eu percebo, é rádio. Mas eu acho que em rádio eles não têm muito isso de estar sempre mudando as pessoas que trabalham lá, ao contrário de um jornal impresso, que seja só online. Acho que tem mais uma rotatividade ou vai crescendo e vai precisando de mais pessoas. Acho que é meio parado aqui na região.

**12. Como você gostaria de trabalhar com jornalismo? Como você se vê trabalhando com o jornalismo?**

Eu gostaria... Bem, o que eu não gostaria é de falar sobre política, esportes, que eu não entendo nada, economia que eu também não entendo. Eu acho que eu preferia justamente essa parte mais descontraída. Que nem quando eu trabalhei no jornal, que eu fazia entretenimento, que era mais divertido. Que eu acho que deve, entretenimento, cultura, até gerais. Falar sobre saúde, sobre da cidade, no governo ou no jornal.

**Quando você fala desse lado de entretenimento, qual que era exatamente a tua função lá?**

Bom, a gente chegava de manhã e basicamente olhava o que tava acontecendo na internet ou os eventos que iam ter na região para a gente divulgar. Matérias que já tinham rendido em um outro site a gente reproduzia de um modo mais da cidade. Vou trazer coisas que são mais específicas da cidade. Não era a gente criar aquilo totalmente, a gente pegava aquilo de algum outro lugar e-mail e meio que reproduzia. Isso meio que me atrapalha um pouco na faculdade, onde você tem que criar tudo, lá eu já pegava um negócio meio pronto, já tinha algo mais ou menos, e eu só fazia do meu jeito, conforme o que o jornal pedia.

### **13. Alguma vez já te passou pela cabeça a ideia de mudar de curso?**

Já. Eu tenho pensado muito em fazer cinema, mas deixar para fazer depois: "meu, eu vou abandonar isso aqui, eu não estou dando conta, e fazer cinema", mas eu não vou abandonar não. Eu pretendo fazer depois uma pós ou alguma coisa assim relacionado a cinema. Sempre tem, quando é final de semestre, dá uma vontade de desistir, uma pequenina vontade, mas eu pretendo continuar aqui até o final.

### **14. O que é jornalismo para você?**

Ai, o jornalismo, é aquele que sempre vai ter alguém para te informar sobre algo, sobre o que está acontecendo no mundo, na tua cidade ou no país. Tem que ser um... Ai, é muito difícil [risos]. O jornalismo... Transmite conhecimento que tem que conhecer também as outras pessoas. Falaram que é o jornalismo é mais... Falar o que é o jornalista é mais fácil. Então, é aquele que sempre vai transmitir o conhecimento, que vai noticiar, que vai te informar dos acontecimentos, aquele que está sempre pronto para ouvir, para contar uma nova história. Acho que é isso.

### **15. Só existe jornalismo em instituições jornalísticas?**

Acho que não. Não.

### **16. O jornalismo deve monitorar os poderes estabelecidos como um cão de guarda?**

Tipo, de estar sempre vigiando os políticos? Essas coisas? Ah, eu acho que sim, porque como é que a população vai ficar sabendo do que os políticos estão fazendo, do que eles fazem se não for o jornalista, né? Ou um jornal, enfim. Porque é difícil o próprio, sei lá, governador ou sei lá o quê mostrar o que ele está fazendo. Se ele mostrar o que ele está fazendo ele vai mostrar só as coisas boas. Então acho que esse é um papel

importante do jornalista, né? De estar informando as coisas boas e também os ruins que os políticos estão fazendo.

**17. Que habilidades você diria que são mais importantes para se fazer jornalismo?**

Eu acho que ter uma boa percepção do que está acontecendo ao redor. Criatividade, também, de estar sempre inovando e buscando maneiras novas de contar histórias. Tem que ter uma boa comunicação também. Óbvio, né? Acho que é isso.

**18. Um jornalista que trabalha fora de um jornal faz jornalismo?**

Faz porque ele vai continuar sendo um jornalista. Por exemplo, tem a Nilce Moretto que agora tem um canal no YouTube, mas ela continua sendo jornalista e transmitindo conhecimento no canal do YouTube, que é dela e do marido dela, os dois fazem isso, ele não é jornalista, mas os dois estão lá transmitindo conhecimentos e respondendo as coisas referentes a, sei lá, empregos, porque eles têm um quadro sobre isso. Então acho que dá para fazer jornalismo sem estar no meio jornalístico especificamente.

**19. Assessoria de imprensa e jornalismo?**

Ai. Aí eu acho que já sou um pouquinho preconceituozinha porque eu acho que não. Assim, é porque eu não conheço ninguém que trabalha com isso. Eu acho que de certa forma sim e de certa forma não. Acho que, para mim, ficaria em um meio termo.

**20. As novas ferramentas tecnológicas podem acabar com o jornalismo?**

Creio que não porque há muito tempo falaram que o impresso ia acabar e ainda está aí, então eu acho que não vai acabar com o jornalismo, apesar de, como eu até comentei em umas aulas, e a gente até debateu sobre isso. O jornalismo está passando por uma crise de credibilidade. Mas acho que isso deve passar. É uma fase.

**21. O que você diria que é mais importante: apurar, redigir ou editar?**

Acho que apurar porque senão apurar não vai ter nada depois.

**22. Você diria que só se aprende jornalismo na prática?**

Não. Só que é muito melhor tu aprender na prática do que ficar só na teoria porque na teoria... O que a gente aprende na faculdade, por exemplo, não vai acontecer exatamente quando a gente estiver na prática. Então, sim e não. Tem que ter os dois. Tem que ter o conhecimento, mas a prática ajuda muito mais.

**23. O que você diria que é a função do jornalismo?**

Função do jornalismo? Informar as pessoas do que está acontecendo no mundo.

**24. Que meio jornalístico você costuma consumir mais hoje?**

Eu consumo mais jornais digitais porque eu não tenho TV em casa, eu não tenho rádio como eu já falei, eu não ouço rádio. TV eu não tenho. Então o que eu consumo mais é os digitais, tipo Folha, G1, Nexo – é Nexo, né?

**25. Qual desses veículos você considera como referência de bom jornalismo?**

Acho que é a Folha porque... Talvez não o formato exatamente, mas eu gosto do jeito deles. E sempre é bem corrigido, ao contrário do G1, que eu sempre encontro um errinho de português. Mais a Folha mesmo.

**26. Você tem algum jornalista como referência?**

Ai, quando eu decidi que ia fazer jornalismo, lá pelos 15 anos, eu gostava, eu adorava Fátima Bernardes, também William Bonner, e o Evaristo, que agora está não sei onde viajando [risos].

**27. Que valores você diria que são mais importantes para o exercício do jornalismo?**

Acho que ética é muito importante para um bom jornalista. Então, ética e respeito. Você sempre respeitar os seus entrevistados. Estar pensando na pessoa que vai receber aquilo. Então é importante também ter um respeito pelas pessoas.

**28. O que é, para você, ser jornalista?**

Ser jornalista é adquirir o conhecimento e passar da maneira mais... fácil não é a palavra certa. Transmitir do jeito mais simples para que todas as pessoas entendam o que a gente está falando e transmitir esse conhecimento e esses acontecimentos importantes na vida das pessoas.

## CALOURO 4

### 1. Cinco primeiras palavras - Jornalismo

Notícia, veracidade, compromisso, trabalho e exaustão.

### 2. Uma palavra que eu ainda não tinha ouvido foi essa última, exaustão. Por que essa palavra te veio à mente?

É que eu já trabalhei em vários nichos do jornalismo. Eu já trabalhei com jornal diário. Eu já trabalhei com falei com assessoria de imprensa. Eu já trabalhei com assessoria parlamentar. Então eu conheço algumas pontas do jornalismo que são muito pesadas. Trabalhar em um jornal impresso é muito corrido. Você tem deadline o tempo inteiro, tanto que você precisa ter um psicológico muito bom. Assim como assessoria parlamentar, que é uma coisa que eu nunca mais faço na vida. Então quando eu penso nisso, hoje, o meu trabalho é muito mais tranquilo. Hoje eu faço comunicação empresarial. É muito mais tranquilo. Então quando eu penso nisso eu não consigo deixar de pensar no que eu já vivi, no que eu já trabalhei. Quando eu penso no meu passado do jornalismo eu sempre lembro da exaustão que era você fazer uma campanha política. E é muito exaustivo. São três meses que você não vive para você. Você vive 100% para outra pessoa, que é o teu candidato. E eu não recomendo isso para ninguém. É muito puxado.

### 3. Você mencionou compromisso também. Como você vê esse compromisso em relação ao jornalismo?

Porque eu acho que o jornalismo... O jornalista em si precisa ter compromisso com tudo o que ele faz. Ainda mais agora em que a gente tá numa época em que a internet tem esse *boom*, tão forte, e a gente tem tanta *fake news* – a gente teve candidato à presidência que teve que fazer site para desmentir *fake news* – então você precisa ter um compromisso muito grande com o que você escreve. Porque o que você escreve não é só para você. Nada do que você escreve é para você. Você escreve para os outros. Você escreve para informar os outros. E às vezes uma informaçãozinha, duas linhas que você passa uma informação errada, muda o resto todo de uma carreira de uma pessoa. Então tu precisa ter um compromisso muito grande com o que tu escreve. Não pode escrever nada levemente. Tem que ser tudo pensado e estudado para que tu não acabe arruinando outras pessoas.

**4. Você mencionou que trabalha atualmente em uma empresa com comunicação empresarial. Como é esse trabalho?**

É uma empresa de São Paulo, a gente tá aqui em Joinville porque a gente... Como é uma empresa grande, eu faço a comunicação interna e como a gente tem muitos projetos socioambientais eu também faço a coordenação desses projetos. Então a gente tem voluntariado... A gente tem vários projetos que são voltados para a comunidade também.

**Em quais outros espaços você já trabalhou? Você mencionou alguns no começo da entrevista.**

Eu já trabalhei em jornal impresso, num jornal semanal, bem corrido, local, de uma cidade pequena no interior de Santa Catarina, na região sul. Como eu tinha dito, era um jornal semanal, ele era corrido, mas ele não era tanto. Ele te dá um espaço de tempo um pouco maior para você trabalhar as tuas matérias. Eu fiz marketing, marketing de conteúdo também. Trabalhei com marketing de conteúdo, com inbound marketing, que eu gosto muito, é uma área que eu gosto bastante. Trabalhei com assessoria parlamentar, como eu falei, trabalhei com assessoria de universidade, trabalhei na assessoria da universidade em que eu estudava, quando eu estudava lá eu fiz estágio na assessoria. E eu trabalhei com marketing, mas era marketing para uma empresa pequena, que era uma empresa de outra cidade da região, aí era um marketing mais direcionado.

**5. Pelo que eu entendi, a gente pode dizer que você está, formalmente, na segunda fase do curso de jornalismo do Ielusc. Certo?**

No Ielusc sim. Se for para contabilizar tudo já era para eu ter me formado. Mas no Ielusc eu estou na segunda fase porque... Na verdade, eu estou mais para a frente porque, por exemplo, no semestre que vem eu não faço nenhuma matéria da terceira fase porque eu já tenho todas. Então semestre que vem eu pulo para a quarta fase.

**Como é a tua relação com os demais alunos, que estão numa fase mais inicial?**

Isso é bem complicado [risos]. Deixa eu te falar. Isso é bem complicado porque eu estou na faculdade há bastante tempo, então... Eu tô na faculdade há bastante tempo. Eu tenho filho. As minhas experiências são bem diferentes das experiências deles. A maioria do pessoal da minha turma saiu do ensino médio e correu para a faculdade. Então tem gente que está fazendo jornalismo e nem sabe o porquê. Eu tô fazendo

Jornalismo porque é o que eu amo. Porque é o que eu realmente sou apaixonada. Então, às vezes me dá um pouco de tristeza ver eles perdidos, sem saber se eles estão fazendo a coisa certa. Mas é complicado porque eles não têm o mesmo nível de comprometimento que uma pessoa mais velha tem, porque também não tem como cobrar isso deles, porque eles acabaram de sair do ensino médio. Eles não tiveram o nível de cobrança que é uma faculdade. Então às vezes eles reclamam muito, de que tem muitos trabalhos, de que tem muito trabalho para fazer, e que tem muita coisa. Mas a maioria não trabalha, só estuda, só que não estava acostumada com o ritmo de uma faculdade, principalmente de um final de semestre. Então assim, no final do semestre passado foi o primeiro final de semestre deles, eles tavam tudo louco. Ninguém sabia o que fazer e tal. Tudo perdido, chamando professor e tal, todo mundo desesperado, então assim, é um pouco complicado por causa disso. Por que eles não têm discernimento do quão importante é a faculdade. Acho que muitos deles ainda não veem que isso aqui é a formação para a vida, que isso aqui é o que vai formar a carreira deles para o resto da vida e aí eles levam tudo meio que empurrando com a barriga... É um pouco complicado. Essa turma.

#### **6. O que te motivou a iniciar no Jornalismo? O que te atraiu para essa carreira?**

Então, a minha mãe é professora. Então eu tinha uma biblioteca em casa, eu sempre li muito e eu sempre tive muita facilidade em escrever, mas eu corri do Jornalismo porque eu achava que Jornalismo dava pouco dinheiro, que não dava futuro, essas coisas, e eu queria fazer medicina. Quando eu comecei a estudar medicina eu vi que eu não ia conseguir passar, porque era além... Era muito além da minha capacidade e eu não ia conseguir e aí eu fui atrás de outros nichos. Pensei em fazer outras coisas. Foi quando eu consegui o meu emprego no jornal. Foi um emprego num jornal e aí, trabalhando dentro de uma redação, recebendo para escrever, foi uma coisa completamente diferente, porque eu era repórter geral, então eu fazia tudo. Fazia política, fazia Câmara de Vereadores, fazia polícia, fazia cobertura de eventos, fazia tudo... Então eu consegui trabalhar, sendo repórter, em todas as áreas que tinham disponíveis e foi ali que eu vi que não adiantava eu correr. Que era o que eu queria fazer. Quando eu comecei a faculdade eu gostava tanto de Jornalismo que eu achava que a minha faculdade era boa. Quando eu cheguei no segundo semestre, assim, no terceiro semestre, eu vi que o nível era bem baixo.

Quando eu troquei de faculdade foi que eu vi que realmente eu tava estudando numa faculdade de baixo nível e que eu tinha mudado para melhor. Aqui, então, eu não tenho palavras pro Ielusc. Das três é a melhor. O nível dos professores é excelente. Excelente mesmo.

### **O que você vê de diferença entre os cursos?**

Eu acho, aqui, para mim, o principal são os professores. Os professores e a paixão dos professores. Eu estudei no sul com professores que faziam você querer dormir dentro da sala, que não te passavam essa empolgação de querer estudar. E quando tu tá na primeira, segunda fase, precisa disso, porque lá pela sétima, oitava, tu já tá querendo se livrar disso aqui. Tu não quer mais nem ver a faculdade. Então não adianta, o professor pode ser o melhor professor do mundo, você só tá pensando em TCC. Mas quando tu tá na primeira fase tu tem essa coisa de “nossa, faculdade! Minha primeira faculdade!”, a pessoas tá animada, a pessoa tá em êxtase por estar entrando no mundo adulto. E eu sentia falta dessa empolgação nos outros professores. E aqui não. Aqui eu não tive um professor ruim. Os professores são incríveis. Não tenho absolutamente nada para reclamar. Ah, eu tenho uma professora, minha atual professora de sociologia, no semestre passado ela também deu aula pra gente, e ela é uma das pessoas mais inteligentes que eu já vi. Ela é aquela coisa de você olhar pra pessoa e dizer “nossa, quando eu crescer eu quero ser ela”. Porque esse é o tipo de... Essa é a maior diferença que eu vejo. São pessoas que você se espelha. São pessoas que você olha e diz “nossa, eu quero ser essa pessoa”. E pra mim - e acredito que pros meus colegas também é uma das coisas que mais motiva a gente a vir pra faculdade porque é essa paixão que os professores passam, sabe? Tu tem vontade de vir estudar. Por que é complicado... Eu trabalho o dia inteiro. Eu começo a trabalhar às seis horas da manhã. Então eu trabalho o dia todo e depois eu ainda tenho que vir pra faculdade. É extremamente cansativo. Você vem pra faculdade com professor ruim, você não tem a mínima vontade de ficar e eles conseguem manter a tua atenção. Eles são muito bons mesmo.

### **7. Como você vê o jornalismo oferecido aqui na cidade?**

Ah, aqui? Eu acho bem tendencioso. Em Joinville eu acho ele bem tendencioso. Na verdade, eu acho que em Santa Catarina. Se for levar mais no Brasil, tá bem tendencioso. A gente sabe que hoje são sete ou oito famílias que controlam toda a comunicação no país. Então assim, são famílias ricas, não adianta... Abravanel, isso aí... Só que Joinville, em si,

eu acho bem tendencioso. Eu gosto muito da parte mais cultural do jornalismo. Eu gosto mais dessa parte investigativo, eu gosto de jornalismo gonzo, e é uma coisa que não se vê mais hoje. Não se vê mais porque não tem mais público. Por que o pessoal hoje se apega muito no Datena, sabe? No jornalismo do Datena, nesse jornalismo mais sanguinário, dessa coisa mais gritada, e que chama atenção por ser bizarro. E aqui em Joinville eu vejo muito disso. Eu não vejo um pessoal realmente comprometido. Eu acho que falta um pouco isso. Eu gosto da linha da RBS, agora o nome da RBS é NSC, eu gosto da linha que eles seguem no jornalismo aqui de Joinville, mas eu ainda sinto que é tendencioso.

**Quando você diz tendencioso, está pensando em algum meio específico?**

Sim, porque é aquela coisa de, eu vou puxar a brasa pro meu assado, sabe? Tu vê uma coisa, tu sabe que eles tão puxando o saco prum lado e é sempre o lado que tem dinheiro e aí fica um pouco complicado porque nem todo mundo conhece quem são as famílias verdadeiramente ricas da cidade. A gente que trabalha na comunicação conhece, porque a gente pesquisa, porque a gente vai atrás, então quando tu lê certa matéria que fala de certo médico aqui da foto, pra certa clínica, tu sabe que teve alguma coisa ali por trás. Tu sabe que eles não foram ali só por causa de algum tratamento diferenciado que eles tão oferecendo que só tem em Joinville. Tu sabe que tem mais alguma coisa. Então quando eu falo que é tendencioso, para mim vai por esse lado. Porque hoje nada mais se faz sem dinheiro. Nem jornalismo, né?

**8. E como você o mercado de trabalho aqui na cidade?**

Aqui também é bem complicado. É bem complicado. Eu tenho sorte extrema com o que eu trabalho, que é uma coisa que eu gosto muito. Então no meu trabalho eu consegui juntar todas as coisas que eu gosto, porque eu trabalho numa multinacional e a gente tem um programa de rádio dentro da empresa, a gente tem um programa de TV dentro da empresa. Então assim, eu consigo trabalhar tudo do jornalismo dentro da minha empresa, mas isso é raro. Isso é muito raro. Eu acho que a comunicação aqui é muito fechada em bolinhas. Então eles têm os nichos deles, específicos, e eles são fechados ali. Eles não são... Não é uma coisa muito abrangente. Parece que é assim: aqui é jornalista que tem mais dinheiro.

Aqui é o jornalista que tem menos dinheiro. Para mim é essa imagem que passa.

### **9. Alguma vez você já cogitou mudar de carreira ou de curso?**

No começo eu acho.

#### **No começo lá no sul?**

Isso. No começo porque a faculdade era ruim. Então, como a minha faculdade era ruim, eu só gostava das aulas práticas. Eu odiava a parte teórica. Aquelas partes de teoria do Jornalismo, teoria da comunicação, eu tinha muita raiva de ter que aprender. Eu gostava de escrever. Escrever, pegar um microfone e ir pra rua, era o que eu gostava de fazer. E quando eu troquei de faculdade, que eu peguei uma professora que sabia ensinar teoria, que eu descobri o que que era o tal do *gatekeeper*, que eu peguei espiral do espelho, e um monte de coisas na minha cabeça sobre jornalismo aí foi fascinante porque eu consegui aprender com alguém que sabia ensinar. E aí pra mim foi uma coisa completamente nova e aí eu conseguia ver a teoria na prática. Eu conseguia ver a teoria do *gatekeeper* aplicada dentro de uma redação, que é uma coisa que eu não conseguia ver antes porque o professor falava e, pra mim, blablablá era a mesma coisa, porque eu não conseguia prestar atenção e aí quando eu tive aula com alguém que sabia ensinar foi um... Hoje eu não me vejo fazendo outra coisa, honestamente. Eu sou extremamente apaixonada, tenho até ciúmes do meu curso. Que às vezes eu olho pras pessoas que eu sei que não tão fazendo porque gostam e me dá vontade de dizer: “sai fora, deixa o jornalismo pra quem quer fazer”.

### **10. Só existe jornalismo em instituições jornalísticas?**

Não. Eu acho que você vê jornalismo em tudo. Acho que o jornalismo tá em tudo. O jornalismo está aqui enquanto a gente tá conversando. Eu acho que o jornalismo é uma das profissões mais... A gente tem um evento no Ielusc... Que teve um evento que foi dos 20 anos e o slogan era “O Jornalismo muda o mundo”. Pra mim não teve slogan melhor. Por que eu acho que o jornalismo engloba tudo. Você vê o jornalismo no Twitter, você vê o jornalismo no Facebook, você vê o jornalismo numa conversa tête-à-tête, então eu acho que não é somente comunicação, eu acho que o meio de comunicação dá, muitas vezes, um falso discurso de verdade, daquela coisa de “tá na TV é verdade, tá na internet é verdade”, e agora, “tá no Whatsapp, é verdade”. Então ele passa um falso discurso de

verdade. Ele legitimiza aquela notícia que muitas vezes não é verdade. Mas eu não acho que esteja só atrelado aos meios de comunicação.

### **11. O jornalismo deve monitorar os poderes estabelecidos como um cão de guarda?**

Não acho que como um cão de guarda, mas eu acho que o jornalismo tem um dever público. Eu acho que ele é um trabalho pro público que é tão importante quanto a segurança porque é o jornalismo que te informa. Então, esse era um dos meus maiores medos nessa eleição. Era ditadura e cortar jornalismo. Começar a cortar notícia. Começar a controlar notícia. E aí como as pessoas lá no nordeste vão saber o que tá acontecendo aqui no sul? Como é que a gente aqui no sul vai ficar sabendo o que tá acontecendo lá no norte? Se não for essa rotatividade de notícias ninguém vai ficar sabendo nada de lugar nenhum e hoje pouco se sabe se você não pesquisar nos lugares direito. Então eu acho que não seria como um cão de guarda, mas eu acho que tem o dever de informar.

### **12. Um jornalista fora de um jornal faz jornalismo?**

Faz. Faz porque, como eu te falei, eu acredito que o jornalismo tá em tudo. Eu, pelo menos, vejo o jornalismo em tudo. Muita coisa além do jornal.

### **13. Assessoria de imprensa é jornalismo?**

Aí é complicado [risos]. Assessoria de imprensa... Eu já trabalhei com assessoria de imprensa. Eu não acho que seja jornalismo, eu acho que é relações públicas.

### **14. Comunicação organizacional é jornalismo?**

Daí também é complicado. Também não acho que se encaixe. Também não acho que se encaixe. A minha área eu não acho que se encaixe dentro do jornalismo porque a minha área é comunicação empresarial. Eu faço jornalismo ali dentro porque eu tenho um programa de rádio voltado para os meus colaboradores, tenho um programa de TV voltado para os meus colaboradores, onde eu falo da minha unidade e onde eu falo de outras unidades. Então eu faço jornalismo ali dentro, pra eles. Mas, pro grupo em si, pra fora do grupo, a partir de marketing, o que eu faço não acho que seja jornalismo, eu acho que é marketing e é assessoria, é relações públicas... Não vejo organizacional como jornalismo.

### **15. Você se sente jornalista hoje?**

Eu me sinto por poder fazer o que eu faço dentro da minha empresa. Se eu trabalhasse só com marketing eu me sentiria mais publicitária do que jornalista. Eu acho que o jornalismo tem muito a ver com a parte de noticiar, com a parte de reportar. Quando tu não tem essa atividade eu acho que perde um pouco da essência do jornalismo. Então fica mais voltado para a área de publicidade mesmo. Eu acho que a essência do jornalismo é a notícia. É uma boa notícia. Quando você não faz isso eu acho que tu te perde um pouco dentro da tua própria área.

### **16. Você diria que só se aprende jornalismo na prática?**

Ai, é complicado. Eu acho que a prática aperfeiçoa. Eu acho que tu tem que aprender certas regras. Eu acho que é pra isso que [inaudível] é importante, pra você aprender certas regras do jornalismo. Inclusive semana passada a gente falando sobre noticiar suicídio. Como é difícil, como é um tabu, como tem que ser feito da maneira correta. Então, assim, se você não sabe como fazer, você pode desencadear suicídio aí a torto e a direito. Tem pesquisa mostrando que você não pode noticiar suicídio da mesma maneira que você noticia um assassinato porque desencadeia outros suicídios. Então é um assunto muito delicado e que você tem que aprender a fazer. Então eu acho que certas coisas sim, você precisa aprender na prática porque você só vai aprender na prática, mas tem algumas coisas que... Eu acho que tem gente que nasce com talento. Tem gente que tem talento para escrever. Tem gente que tem dom pra escrever. Tem gente que escreve duas linhas e tu tá ali se matando de chorar. Então eu acho que tem gente que tem talento e tem o dom para sensibilizar as pessoas com o que escreve.

### **17. Qual você diria que é a função do jornalismo?**

Para mim é o que eu falei antes. Para mim a essência do jornalismo é noticiar. Então eu acho que o jornalismo... A função do jornalismo é informar as pessoas. É fazer com que as pessoas vejam não só catástrofe, vejam também as catástrofes porque eu não acredito que noticiando só coisa boa vai... Essa coisa de “ah, não, tem que noticiar coisa boa”. Tem, tem também. Mas também tem que noticiar o que de ruim acontece. Você não pode abafar nada. Então eu acho... Pra mim, a função do jornalismo é fazer com que as pessoas estejam cientes de tudo o que tá acontecendo. Não omitir, não mentir, não apagar, não mexer na informação. Entregar a informação do jeito que ela aconteceu para que a pessoa saiba o que aconteceu. Pra que a pessoa saiba reproduzir corretamente o que

aconteceu. Pra mim é isso. É tu saber, ter noção do que que tá acontecendo, é tu poder confiar em um veículo porque hoje tem uma porrada de veículos de notícia aí que não confio nada e aí pra mim isso também já não é jornalismo.

### **18. Quais são os meios que você acompanha hoje?**

Eu leio o jornal – leio estadual, né? – da NSC todos os dias. Esse eu leio sem falta. E aí eu gosto muito de política, então, por mais que seja tendencioso, também eu leio a Veja, vejo Globo, o G1 hoje também não dá para confiar mais, mas às vezes a gente tem que dar uma olhada. Eu vejo muito The New York Times, gosto muito da diagramação, da forma de escrita do The New York Times, o Le Monde da França também é muito bom, tem uma revista espanhola agora que eu também não lembro o nome que eu também acho muito interessante. E daí eu gosto muito de moda e leio a Vogue [risos].

### **19. E tem algum veículo em particular que você considera referência de bom jornalismo?**

O The New York Times. Eu gosto muito do The New York Times e eu gosto muito da BBC. Gosto muito da BBC, e gosto muito da forma como a BBC trabalha, tanto a BBC do Brasil... Principalmente na Inglaterra eu gosto muito da forma como eles montam os documentários lá. Do comprometimento que eles têm em passar verdade. Então eu gosto muito dessa parte. Para mim é mais a BBC ainda. Eu acho que eles são muito referência nessa parte de saber informar do jeito certo e de uma maneira que te entreta, que seja entretenimento e notícia junto.

### **20. E você tem algum jornalista em particular que seja referência?**

Ah, o Caco Barcelos. Sou extremamente apaixonada por ele. Nossa! Muito assim. Os livros dele estão entre os meus favoritos. Ele é realmente muito, muito, muito bom. O Profissão Repórter é um dos programas assim que - hoje já não tá tão bom, já teve uma época que foi melhor - mas para mim é um dos programas que todo mundo que quer ser repórter tem que assistir porque, nossa, quando teve a greve dos caminhões eles fizeram um programa assim [faz gesto de estalar dedos], piscando. O pessoal não tem nem noção do trabalho que isso dá. Foi uma coisa assim, de dois dias, e eles montaram um programa inteiro. Deve ter dado um trabalho enorme. Deve ter tido gente que virou a noite. E eles não fazem nem ideia do trabalho que deu. Então ele, para mim, ele é muito, muito bom.

**21. O que é, para você, ser jornalista?**

Nossa... Pra mim, ser jornalista eu acho que é um apanhado de tudo o que eu disse. É você ter comprometimento em falar as coisas do jeito que elas acontecem, em você ter comprometimento em escrever uma história passando o teu ponto de vista, mas não mudando o que aconteceu. Você pode... Acho que é você tentar ser imparcial... Ninguém consegue ser imparcial 100%. Mas você tentar ser imparcial, ou pelo menos tentar passar o sentimento sem degradar a imagem de ninguém. Sem mentir pra ninguém. Sem aumentar uma história. Acho que é o teu compromisso com o que realmente aconteceu. É você contar a verdade de uma maneira que todo mundo consiga entender e que todo mundo consiga contar para outra pessoa da mesma maneira.

## FORMANDO 1

### **Cinco primeiras palavras – Jornalismo.**

Notícia, informação, telejornalismo, assessoria e pauta

#### **O que te motivou a iniciar o curso de Jornalismo?**

Eu entrei no jornalismo muito por causa do telejornalismo, que é a área onde eu estagio atualmente; é o campo onde eu mais me identifico; é o que eu entrei por esse motivo; é o que me motiva até hoje; não mudei isso. É uma área que eu me identifico bastante, gosto principalmente dessa área de comunicação audiovisual. Esse foi um dos principais motivos.

Com o passar da faculdade a gente foi encontrando outras áreas também, como assessoria de comunicação, por exemplo, assessoria de imprensa... [inaudível].

#### ***Como você via o Jornalismo quando iniciou o curso?***

Para mim ainda era muito como é para maioria das pessoas. Era “o jornalista atuava ou no telejornal ou no jornal impresso”. Essa era a minha visão. Os campos possíveis [?] de atuação então seriam esses. Essas eram as principais funções. Eu não tenho uma visão aprofundada de todos os outros campos e das especificidades que existem em cada um deles das outras funções.

#### ***O curso mudou de alguma forma sua visão sobre o Jornalismo?***

Mudou. Mudou muito. Aprofundou, como eu disse anteriormente, em todas essas áreas e abriu um pouco a minha visão sobre todas as possibilidades de atuação que teria.

#### ***Como você percebe o curso atualmente? Gostaria que algo fosse diferente? O que?***

Sim, eu vejo que a nossa grade ainda não está 100% adequada às questões do digital, embora a gente tenha algumas matérias, acho que ainda não é tão aprofundado. Acho que a turma nova já tem um passo adiante da nossa. Só que houve algumas mudanças. Mas a nossa em si foi muito focada na questão do impresso que a gente sabe que tá meio obsoleto né, tanto que hoje no estágio que eu faço eu aprendo muito mais... claro que a gente não sai daqui com um título (inaudível) de experiência, né. Mas eu aprendo muito mais do que eu tive nas aulas de telejornalismo. Que foram ótimas também, mas, falta prática, eu acho.

#### **Como você percebe o Jornalismo hoje?**

Percebo que ele é indispensável e que ele é... Não é mais aquela... Não é mais somente aquela de noticiar as coisas. Acredito que a gente está... que a gente pode estar presente em todos os lugares, em todas as empresas; tanto grandes corporações, como comunicação interna e até mesmo quando a gente vê em veículos comerciais, então eu vejo que é bem abrangente e que... é isso.

**As atividades de estágio ou de trabalho mudaram sua visão do Jornalismo de alguma forma? Se sim, em que? ou em que sentido?**

Não que chegaram a mudar, mas eu me envolvi em alguns dilemas éticos lá. De notícias que não poderiam ser dadas por questões de política e etc. Na verdade foi mais uma comprovação do que a gente sabe que existe e que a gente teve que fazer porque... enfim. É como que dita o mercado, né. Então mudou nesse sentido. Mudou não, né. Na verdade só comprovou, assim. Não foi nada assim de achar que “ah, eu achei que era uma coisa e é outra”, isso não.

**Como você vê o mercado jornalístico em Joinville?**

Eu vejo que é bem triste, na verdade. A gente tem poucos veículos de comunicação, em todas as áreas. Os que tem estão fechando as portas, vão diminuindo as redações. Sinceramente eu não pretendo ficar aqui depois que eu me formar, enfim, principalmente porque eu entrei aqui motivado pelo telejornalismo e é a área que eu quero atuar futuramente e eu vejo que esse também é um campo muito pequeno. E, enfim, eu vejo que precisa melhorar muito para nós jornalistas e para a própria população quanto à [confuso] de informação. A gente não tem uma rádio, a gente não tem grandes veículos e mal e mal tem jornal impresso. Então eu vejo que é bem ruim.

**Você entende que o curso te propicia as melhores ferramentas para atuar nesse mercado?**

Eu vejo que ele me dá uma boa base para isso. Mas não me dá e eu também não sei se algum curso faria isso de me dar 100% de preparação.

**Como gostaria de trabalhar com jornalismo?**

Como eu disse, eu gostaria de trabalhar com telejornalismo. É que é o que eu mais gosto trabalharia facilmente também em outras áreas. Hierarquizando os campos que eu gostaria, telejornalismo está em

primeiro e depois a parte de assessoria de comunicação. Esses são os campos que eu realmente gosto.

**Já pensou em mudar de curso? Por que?**

Não, nunca. Principalmente pela faculdade. Já teve outros cursos que eu abandonei, mas jornalismo não. Vou me formar, se Deus quiser.

**O que é jornalismo para você?**

Jornalismo para mim é notícia, é informação. É levar isso às pessoas que não sabem o que acontece no mundo e que precisam e que precisam saber disso.

**O jornalismo só é jornalismo se divulgado por instituições jornalísticas?**

Não, de maneira alguma. Jornalismo existe em outras áreas que não são veículos propriamente de imprensa, né. Então não. Você pode atuar em outros campos, em outros tipos de instituições. Acho que isso vai limitar bastante o que é Jornalismo. Mas acho que essa talvez seja a visão dos leigos, né.

**O jornalismo deve monitorar os poderes estabelecidos como um cão de guarda?**

Interessante. Eu acho importante monitorar porque se os jornalistas não fizerem isso quem é que vai fazer, né? Mas como cão de guarda eu acho que eu vejo como algo muito extremo, assim. Acho importante, mas não sei se nesse sentido assim de cão de guarda. Minha visão é de que tipo assim: tem que estar atento [?] e denunciar qualquer coisa que acontecer, então nesse modo não sei se é tão necessário assim.

**Quais habilidades são mais importantes para fazer jornalismo? Técnica, ética, estética?**

Depende do campo que você vai querer atuar, né? No meu, eu vejo que é importante você, sei lá, ter uma boa comunicação, é importante você não se sentir tímido em frente às câmeras, né? Até atrás delas, né. Por que eu vejo que, lá na produção, a gente precisa ser muito carudo, assim, para ir atrás das informações e pedir, e fechar às vezes matéria com jornal no ar já, e marcar entrevista assim... Mas nos outros campos eu acho que é... que vai ser bem genérico falar dos outros campos, né. De forma geral, assim, é você correr atrás de informação.

**Um jornalista que trabalhe fora de jornal ou instituição jornalística faz jornalismo?**

Faz, sem dúvidas. Não necessariamente precisa, eu acho, estar registrado como jornalista, quer dizer, se ele exercer funções de um jornalista eu imagino que sim, né? Que é necessário, embora eu ache que isso não aconteça. Mas não, não quer dizer que porque eu estou em um outro lugar que eu vou deixar de ser um jornalista.

**Assessoria de imprensa é jornalismo?**

Sim. Sem dúvidas.

**As novas ferramentas tecnológicas podem acabar com o jornalismo?**

Não. Não. Eu acho que elas vão e estão favorecendo o fazer Jornalismo, mas de maneira alguma vão substituir o fazer humano que, por mais que você tenha softwares que trabalham com isso, que sejam capazes de serem programados para escrever notícias, acho que vai muito além a ação humana né? A questão de humanizar uma pauta, por exemplo, é algo que é um software jamais faria.

**O que é mais importante: Apurar, redigir ou editar?**

Depende. Na minha visão apurar é muito importante porque se você não tiver informação você não vai conseguir fazer o resto inteiro, né. Mas se você também tiver informação e não tiver uma boa redação não sei se sua apuração vai ser suficiente, né. Acho que hierarquizando as informações, seria isso. E a edição também importante, né, porque é o filtro, né. Às vezes você só tem uma única visão e ter uma outra pessoa a olhar por fora também.

**Só se aprende jornalismo na prática?**

Só se aprende jornalismo na prática? Eu acho que sim, viu. Eu acho que sim porque é um exemplo o meu estágio, né? Por mais que eu tenha tido uma boa base aqui, o que eu estou aprendendo lá é praticando mesmo, falando de mercado, né.

**Qual a função (profissional) mais importante do jornalismo?**

Eu vejo que, ah, dependendo das áreas, todas elas têm um grau de importância, não consigo dizer alguma aqui. Acho que todas elas têm um

grau de importância dependendo do que você está fazendo e a área que você está. É difícil definir uma só.

### **Que valores são mais importantes para o exercício do jornalismo?**

Seria clichê se eu falasse que é ser ético, né, mas por lidar com informações que podem influenciar diretamente na vida das pessoas então acho que esse é bem importante e honestidade também, com a fonte, né, tendo cuidado com as informações que você for repassar.

### **Que jornalista você tem como referência? Por quê?**

Bom eu sou da televisão, então minha referência é Caco Barcellos. Justamente pelo tipo de veículo em que ele atua e pelo Jornalismo que eu vejo que é o jornalismo cidadão, humanizado, né, por ele estar numa grande emissora que talvez não exibiria as pautas que ele traz. Tipo, eu já entrevistei ele uma vez, tive esse prazer de entrevistar. E ele me disse que ele vai aonde os outros não vão porque, fazendo uma referência ao Rio de Janeiro, ele não fica no pé do morro, ele sobe para entrevistar as pessoas porque lá também existem personagens, né. Não só aqueles que estão no asfalto.

### **O que é, para você, ser jornalista?**

Ser jornalista para mim é ser uma pessoa da comunicação, é ser alguém capaz de dar voz àqueles que não têm, ser alguém que vai saber traduzir uma informação para aquelas pessoas que precisam dela, é ser questionador, é ser a pessoa que duvida das coisas, que vai atrás.

## FORMANDA 2

### 2. Cinco primeiras palavras – Jornalismo.

Entrevista, informação, notícia, reportagem e texto.

### 3. O que te motivou a iniciar o curso de Jornalismo?

Então, desde pequena era uma coisa assim da minha infância assim eu sempre pensei, sempre fui muito comunicativa, gostei de conhecer pessoas, lugares, saber das coisas, então... Então desde pequena fui muito é... natural assim fazer jornalismo porque eu sempre fui muito curiosa, queria conhecer pessoas, lugares então sempre me vi numa profissão assim tipo sem rotina que eu pudesse também... Aí quando eu fui crescendo fui entendendo mais o que era comunicação social, passar informações mas desde pequena já tinha essa inclinação de conhecer pessoas, ter uma profissão mais sem rotina assim né e ter contato com vários assuntos e também depois né vendo que é importante informar as pessoas numa democracia e tal. Enfim sempre foi. Com oito anos eu lembro de eu já querendo ser jornalista. Quis ser outras coisas também professora, médica, como todo mundo, mas sempre...

#### *Como você via o Jornalismo quando iniciou o curso?*

Como eu via? Ah, a gente entra né... Eu pelo menos entrei assim né. Até as professoras falavam, eu ainda sou mas sempre fui muito apaixonada pela profissão, né. Por isso desde pequena assim, eu gostei de conhecer as pessoas, os lugares. Eu vi que.. eu pude ter uma profissão tipo era pra mim sempre foi muito louco isso tipo ter uma profissão, ter um trabalho que eu ganharia dinheiro pra fazer uma coisa que é tão legal. Eu gosto de conhecer gente, conhecer pessoas enfim entrevistar, estar ligada nos assuntos, então.

#### *O curso mudou de alguma forma sua visão sobre o Jornalismo?*

É, a gente passa ver de uma forma mais crítica assim né tipo a gente entra na faculdade achando que né... Até hoje eu acho que a gente pode mudar o mundo né a gente pode fazer a diferença fazer uma denúncia, mostrar uma coisa legal como jornalista a gente pode fazer ou até mesmo como assessores a gente pode fazer a diferença pelo menos para uma pessoa assim. Mas no curso a gente passa assim a ser mais crítico assim e passa a ver que tem a questão de um jornalismo que.. tipo mais parcial, claro que imparcialidade a gente sabe que né tem toda uma problematização sobre isso mas às vezes os interesses que não é de um veículo que pensa só nos grandes empresários a gente vai vendo... Acho que isso assim que

o curso mostrou né. Talvez não é, é bom mas tem alguns lugares que vai ser mais difícil assim fazer algumas pautas né ou vai ter umas pessoas com interesse né, interesse político, comercial né. A gente vai vendo isso. ***Como você percebe o curso atualmente? Gostaria que algo fosse diferente? O que?***

Como assim? No curso? Nas matérias? Ah, acho que o curso é bem amplo assim. Os professores são muito bons aqui pelo menos né. Tem experiência né. Pessoas legais e profissionais. Acho que como agora até o pessoal critica a gente tal né que a minha grade é de 2014 é uma grade nova já, digamos, mas o pessoal fala que as próximas grades talvez ter mais matéria de digital. Tipo a gente tem uma aula de rádio, uma aula de TV, uma aula de impresso e uma aula de digital. Talvez ter as quatro, juntar tudo numa aula só. Que o jornalismo né vai mudando, vai entrando as tecnologias vai mudando assim. A princípio eu acho que a grade é boa, o curso é bom mas assim talvez pense que daqui a uns anos vai ter assim se adaptando. As matérias são boas, importantes né tanto a parte prática quanto a parte de ser pessoas críticas. A gente tem sociologia, antropologia que são matérias bem importantes também né como ser humano, tanto profissional que vai lidar com pessoas que vai lidar com situações às vezes não muito boas, situações ruins e tal. É bom ter essas matérias. Então tipo o curso é bem completo.

#### **4. Como você percebe o Jornalismo hoje?**

O jornalismo na sociedade, assim? Continuo achando que ele é muito importante tipo agora nas eleições a gente vê que é essencial. Até a minha monografia fala sobre isso né que a gente tem alguma prática que passe as informações para as pessoas, ainda mais tipo agora que tem a internet então tem muita informação né qualquer um pode ir lá. Então é importante ter um jornalista pra organizar isso né, ver o que realmente é verdade. Pensando na *fact cheking* agora então pensando que é uma coisa importante também tem críticas a isso, mas também tem coisas importantes o jornalista estar... Ter pessoas profissionais, capacitadas que tem um conhecimento pra ver o que as pessoas precisam... informar a sociedade e como elas vão cuidar das coisas falsas que as pessoas fazem. Então acho que é assim bem importante numa democracia ter o jornalismo para informar, pra enfim pra tudo, não só política mas economia, cultura, tudo. Tudo é necessário.

**5. As atividades de estágio ou de trabalho mudaram sua visão do Jornalismo de alguma forma? Se sim, em que? Ou em que sentido?**

Eu já comecei na Revi no segundo mês de aula. Quando eu entrei na faculdade em 2015 e foi tipo essencial assim começar a estagiar desde o começo da faculdade. Acho que assim se eu não tivesse feito estágio em nenhum momento, talvez eu teria outra visão assim porque a gente vê na prática como é e a gente já tem experiência então acho que é bem importante. Se eu for conversar com alguém que está na faculdade agora, qualquer curso que seja, já ia indicar pra pessoa ir atrás de estágio assim sabe? Porque é bem importante a gente ter essa experiência já. A gente vê na sala de aula na teoria e na prática também mas vê no estágio a referência na prática mesmo.

**6. Como você vê o mercado jornalístico em Joinville?**

Hum. É... A gente tem um jornal só agora também. O outro fechou. Tem o A Notícia que tem poucas pessoas e tal. Acho que assim, a TV também. Já foi melhor digamos, já teve mais pessoas envolvidas fazendo esse trabalho assim. Poderia ter mais veículos, mais pessoas né mais é isso. Poderia ter mais jornal, tipo a NSC tem uma grande quantidade de coisa de Floripa, legal mostrar do estado mas poderia ter mais coisas daqui. Tem também também mas podia ter mais profissionais atuando para cobrir Joinville. Toda a área mostrar mais cultura, enfim...

**7. Você entende que o curso te propicia as melhores ferramentas para atuar nesse mercado?**

É, acho que sim. O curso prepara a gente bem assim pro mercado, sabe? Talvez falta emprego, digamos. Mas sim a gente sai preparado assim acho que também por fazer estágio foi também uma coisa que ajudou muito assim acho que o curso e as matérias que a gente tem aqui preparam a gente. Tipo o Primeira Pauta é uma matéria que eu adoro, escrever num jornal na prática assim como fechar um jornal, jornal digital também. Enfim, acho que é bem, são experiências bem legais que a gente sai preparado.

***Como gostaria de trabalhar com jornalismo?***

Olha, eu entrei querendo muito e ainda quero trabalhar em redação mesmo. Essa loucura de assim, eu não gosto de rotina, gosto de conhecer pessoas ainda quero também mas assim que as oportunidades vêm acabam sendo menores assim. Se eu pudesse escolher, trabalharia numa redação, tipo num jornal impresso e também no site né. Eu gostaria de

trabalhar tanto com os factuais quanto com as reportagens também reportagens maiores e tal.

### **8. Já pensou em mudar de curso? Por que?**

Não. Desistir não mas assim às vezes eu penso por exemplo em fazer outro curso tipo Letras que é legal também ou de Pedagogia mas não tipo deixar e parar do Jornalismo e nunca trabalhar com isso. Mas assim eu provavelmente não vou fazer mas assim eu tipo tivesse prioridade tipo sobre o ECA assim, o Estatuto da Criança e do Adolescente. Eu li muito sobre Direito e me interessei pra fazer Direito, eu gosto de ler sobre esse tema penal, sistema carcerário então talvez tivesse oportunidade eu faria uma faculdade de Direito, Letras, Pedagogia uma das coisas que eu gosto mas continuaria exercer o jornalismo porque eu gosto e tal. Não sairia agora no momento para passar para outro curso sem terminar

### **9. O que é jornalismo para você?**

Acho que é a prática de informar as pessoas, de você apurar, escrever, entrevistar para passar as informações pras pessoas estarem informadas, terem noção do que está acontecendo e poderem fazer escolhas por exemplo nas eleições, poderem saber o que está acontecendo, poderem ir atrás dos seus direitos, enfim poderem estar ligadas no assunto para viver em sociedade.

### **10. O jornalismo só é jornalismo se divulgado por instituições jornalísticas?**

Não, porque por exemplo como a gente tem agora na internet a pessoa pode criar um blog mas ela vai divulgar isso. Não vai ser tipo NSC, SBT mas ela pode ter um blog dela que ela vai divulgar também agora o alcance vai ser diferente mas se ela fizer e tiver as questões de apuração, de ética e tal vai ser jornalismo. Se ela fizer todo o trabalho de notícia, reportagem vai ser o modelo do jornalismo também.

### **11. O jornalismo deve monitorar os poderes estabelecidos como um cão de guarda?**

Tava falando sobre isso com a minha orientadora. Então, que o cão de guarda pelo que a gente estava falando ela é meio contra, pelo que eu entendi, eu lembro como se ele tivesse sempre questionando. É isso né que você quis dizer? Assim, acho que é importante então porque até estava pensando se ia colocar isso na minha mono ou não a gente estava

discutindo sobre isso agora há pouco. É importante que, claro, tenha uma cobertura completa dos três poderes né. O jornalismo diz que é até o quarto poder mas assim e também tipo como você tá ligada né como por exemplo com político, com prefeito que foi eleito. Vamos ah, ver o primeiro ano de político eleito, o que ele fez nesse um ano? Vamos pegar a lista das propostas dele, essa lista é interessante que o jornalista faça né. Tipo agora vai ter eleição, um novo presidente vai ser eleito e aí daqui a um ano. E aí como é que está? Tudo que ele fez, o que ele não fez, o que ele melhorou? Acho que é interessante, não sei se seria isso se é esse cão de guarda que você está falando mas acho que é importante que se faça isso. Assim né, tanto na política antes da eleição se questione para o candidato o maior número de coisas possíveis sobre ele, sobre o que ele pensa do mundo, sobre o que ele vai fazer e sobre o que ele não vai fazer até para as pessoas verem e escolherem quem elas querem que representem eles e depois é quando ele tiver eleito também que signifique: e aí como é que está sua lista de propostas, até o final do mandato você vai conseguir terminar isso? Então acho que o cão de guarda pensando nesse ponto que eu tô pensando assim é importante pra sociedade, para os eleitores até pensando em quem eles irão votar depois nas próximas eleições se vão reeleger essa pessoa, se vão votar nessa pessoa do mesmo partido. Enfim, acho que nesse ponto pensando assim é importante.

## **12. Quais habilidades são mais importantes para fazer jornalismo? Técnica, ética, estética?**

Eu acho que um jornalista é a pessoa tem que ... a gente fala no começo da faculdade que a gente acaba se tornando uma pessoa melhor. Assim, muita gente que eu conheço às vezes tinha uma cabeça assim tinha uma cabeça mais fechada, tinha algum preconceito e tal né...O que vai acontecendo, ao longo da vida a gente vai abrindo a cabeça. Então na faculdade é importante isso assim ser jornalista a gente vai conhecer uma pessoa, a gente tem que ter uma cabeça aberta né porque se é uma pessoa carente, se é uma pessoa que é um gay, enfim. A gente tem que ter uma cabeça aberta, acho que isso é bem importante mas também é importante a questão ética claro né de respeito enfim questões técnicas para tu fazer reportagem tem que saber como vai escrever para depois informar da melhor maneira né como tu vai tratar a pessoa na entrevista. Acho que várias habilidades.

### **13. Um jornalista que trabalhe fora de jornal ou instituição jornalística faz jornalismo?**

Hum. É polêmico. Mas ai, é uma assessoria, se trabalha numa assessoria por exemplo? Acho que sim mas é diferente assim né tipo por exemplo eu trabalho na assessoria, eu falo sobre o local que eu trabalho mas não deixa de ser, não deixo de trazer informação de né relatar os fatos mas não é a mesma coisa que trabalhar numa redação por exemplo que teoricamente tu vai falar de outros assuntos, confrontar ideias talvez não vai ser temas polêmicos por exemplo eu não vou fazer uma reportagem polêmica sobre o lugar que tu trabalha mas quando tu trabalha numa redação tu pode né. Se trabalhasse numa redação tu pode pegar um lugar e falar “opa, tá tendo uma polêmica ali e eu vou falar sobre isso!”, mas sobre o lugar onde eu trabalho como assessora tiver alguma polêmica eu vou ficar tipo “opa, daí já é diferente a minha visão assim” mas é o trabalho que a pessoa vai fazer de apuração, de produzir conteúdo, reportagem, notícia, informar as pessoas ela vai fazer isso também na assessoria mas de uma outra maneira do que se ela trabalhasse numa redação.

### **14. Assessoria de imprensa é jornalismo?**

Então... É como eu falei tipo que se a gente for pensar no jornalismo até como se fosse um cão de guarda como você falou na questão de bater de frente tipo de acho que daí já não né. É uma outra área assim, uma coisa da comunicação que você vai fechar num assunto, num lugar, numa pessoa só específica, num lugar. Então acho que é uma prática diferente assim. Nunca sei falar sobre isso.

### **15. As novas ferramentas tecnológicas podem acabar com o jornalismo?**

Acabar não! Acho que tipo por exemplo podem ajudar muito tipo internet, as câmeras digitais por exemplo ajudam nas fotografias, os gravadores ajudam. A internet também auxilia na rapidez, na questão até da gente buscar fontes que até possam conversar pela internet com uma pessoa de outro país. Então acho que se a pessoa souber usar ela mais auxilia assim na prática, acho.

### **16. O que é mais importante: Apurar, redigir ou editar?**

Acho que tudo assim. Acho que é importante fazer as três coisas bem feitas para ter um resultado bom né para o público poder estar informado.

**17. Só se aprende jornalismo na prática?**

Acho que a prática é bem importante, claro a gente aprende muito tipo na faculdade assim. É bem importante essa parte de discutir com os professores, de ter essa visão teórica assim mas é na prática é onde a gente com certeza vai pra dar a cara ali, sujar os sapatos. Enfim é importante pra gente aprender mesmo, pra ter experiência

**18. Qual a função (profissional) mais importante do jornalismo?**

Acho todos assim, porque se tu pensar numa redação tem que ter o repórter, tem que ter gente pra editar, tem que ter o fotógrafo. Acho que é um conjunto de trabalho em grupo assim pra ter o resultado final que é o público bem informado. Acho que todos eles tipo pensando numa redação assim né o repórter, o fotógrafo até o motorista que vai levar. Todo mundo, é um trabalho em grupo para conseguir um resultado final.

**19. Que valores são mais importantes para o exercício do jornalismo?**

Os valores que o jornalista vai ter? Acho que é importante a objetividade, tu buscar ser objetivo. A apuração, o número de fontes, buscar né conversar com diversas fontes diferentes. É ter responsabilidade com o que tu vai falar sobre uma pessoa, sobre o que tu vai escrever, a ética também com alguns assuntos. A ética também é importante. hm. Acho que é isso, buscar ser objetivo, ser responsável, saber os impactos que o trabalho vai ter na sociedade né que pode causar impacto positivo ou negativo, enfim acho que é responsabilidade né.

**20. Que jornalista você tem como referência? Por quê?**

Ah, o Caco Barcellos, acho que é ele. Tem o programa dele, ele faz umas pautas polêmicas assim por mais que esteja numa grande emissora que às vezes não consegue, ele chama a equipe dele, eles vão mesmo, vão atrás, viajam. Fazem sobre vários assuntos, tem uma coisa mais humanizada, se preocupam em entrevistar e tal. Acho que ele é uma pessoa para vários jornalistas vêem ele assim como bom profissional.

**21. O que é, para você, ser jornalista?**

Acho que é ter a oportunidade de aprender muito assim de conhecer pessoas, conhecer lugares, de ter oportunidade de contribuir com a sociedade informando elas, informando as pessoas. Diz que jornalista não sabe de tudo mas tem a oportunidade de sempre aprender né. Sempre

aprendendo e para passar as informações para outras pessoas. Acho que é isso.

## FORMANDA 3

### 2. Cinco primeiras palavras - Jornalismo

Convergência, multimídia, telejornalismo, imersão e hipermissão.

### 3. O que te motivou a iniciar o curso de Jornalismo?

Eu gostava de escrever, sempre fui muito de escrever, era a minha paixão. Eu sempre fui bem comunicativa e achei que jornalismo juntava muito do que eu gostava assim eu olhei a grade do curso vi que tinha todas as matérias de humanas que eu gostava então tinha sociologia, filosofia, antropologia, psicologia então achei que ia me dar uma visão humana da coisa e ia me permitir fazer uma coisa que eu gosto que era escrever e ler bastante.

#### *Como você via o Jornalismo quando iniciou o curso?*

Eu acho que via o jornalismo como uma coisa meio assim abstrata eu não entendia direito o que significava pra mim. Claro, eu entendia que fazia a notícia que eu via nos portais e que eu assistia na tv mas eu não entendia o contexto pelo qual era feito aquilo.

#### *O curso mudou de alguma forma sua visão sobre o Jornalismo?*

Ah, eu acredito que com certeza sim né. A gente tem uma visão mais crítica depois aprende como que se faz, digamos assim, vê todos os critérios e começa a pensar “bom talvez isso aqui não tem sido bem aquilo que eu aprendi na faculdade”. Então nesse sentido sim mas eu acho que na essência da profissão não mudou porque aquilo que eu entrei acreditando do jornalismo fazia eu acreditar ainda. A gente entra meio assim “ai o jornalismo pode mudar o mundo”, eu ainda acho que o jornalismo possa mudar o mundo. A gente tem vários exemplos de grandes reportagens que mudaram algum contexto né mas a gente depois que entra na faculdade, enfim, está quase terminando o curso a gente vê que não é tão, a gente não tem aquela visão idealizada. Sim o jornalismo é uma profissão muito importante mas ela também tem suas falhas como qualquer um.

### 4. Como você percebe o curso atualmente? Gostaria que algo fosse diferente? O que?

Eu gostaria que tivesse um pouco mais de pluralidade de ideias assim eu acho que fica muito centrado no mesmo tipo de pensamento e pra mim foi bom porque eu me formei numa instituição que tinha um pensamento totalmente diferente então eu conhecia uma linha de raciocínio bem

diferente e acho que foi muito legal pra mim embora no começo eu tenha penado bastante para entender esse contexto novo no qual eu estava inserida mas eu entendo que pra mim foi muito importante porque eu vou sair daqui tendo os dois lados da moeda então eu vou analisar o mundo de uma forma completamente diferente da qual eu analisava quando eu entrei mas eu penso que uma pessoa que entra aqui já tendo essa visão de mundo de quem tá aqui ela não vai sair com a formação que eu saí agora, ela vai sair com a formação talvez um pouco prejudicada nesse sentido de não conseguir fazer o que eu agora consigo. Eu consigo ver os dois lados da moeda e ver que as duas coisas fazem sentido e que os dois lados têm razão em algumas coisas e perdem em outras. Quando eu entrei aqui eu não conseguia ver isso, eu via só o lado que eu conhecia até então. Acho que nisso eu mudaria assim um pouco mas assim na questão do jornalismo em si, eu não vejo muito no que mudar assim acho que talvez agora algumas coisas mudem porque a profissão tá mudando e tudo mais. Com certeza a grade vai ser mudada algumas coisas vão entrar e outras vão sair. Talvez em algum momento tenha que se tirar um pouco da caixinha da grade o jornalismo impresso, digital, rádio e a TV porque eu acho que isso é uma coisa que a gente vai fazendo sempre na caixinha, aí quando a gente chega no final da faculdade e tu vê assim “puts, não é tão assim na caixinha”. Eu senti muito isso porque eu na monografia eu pesquiso convergência né e eu passei a faculdade inteira colocando as coisas dentro de caixinhas embora eu soubesse que as coisas não são em caixinha mas eu aprendia a fazer texto de impresso, texto de internet, tv, rádio, tudo e aí agora eu tive que desconstruir um pouco isso para monografia. Eu acho que isso deveria ter sido construído na nossa faculdade, tipo construindo e desconstruindo, entendeu?

### **5. Como você percebe o Jornalismo hoje?**

Acho que o jornalismo está num momento de mudança, eu acho que ele nunca foi tão necessário quanto ele é hoje. Então eu acho que assim essa coisa de “ah, o jornalismo vai acabar” “ah, os jornalistas não vão ter emprego”, eu acho que não, acho que a gente sempre vai ter emprego porque sempre vai ter que ter alguém que cubra alguma coisa e descubra alguma coisa que ninguém quer que seja descoberto. Só que eu acho que a gente está num momento complicado porque as pessoas, todo mundo odeia jornalista assim. Ah, todo mundo critica “ah porque jornalista não faz direito”, “ah porque não sei o que” mas assim o fato de ter jornalista, de ter gente correndo atrás de informação já é muito importante. É claro

que os jornalistas passam por dificuldades inclusive porque as redações estão menores então é óbvio que o trabalho deles vai ser prejudicado e não vai ser a mesma coisa do que era há vinte anos atrás né. Mas eu acho que nunca foi tão necessário quanto é hoje assim principalmente que a gente vê essa onda de ódio nas redes sociais, de intolerância, de discurso de ódio muito forte daí a gente vê que o jornalismo pode sim ajudar. É claro que não é uma coisa da noite para o dia assim a pessoa vai ler uma matéria e ela vai entender “ah não, direitos humanos é isso”, não ela não vai entender mas ela vai entender direitos humanos repetidamente produzido no jornal e entender o contexto o que direitos humanos cria e o que que é direitos humanos, aí ela vai ter uma outra visão e isso se constrói com o tempo né. Eu acho que o jornalismo pode ajudar nisso.

#### **6. As atividades de estágio ou de trabalho mudaram sua visão do Jornalismo de alguma forma? Se sim, em que? Ou em que sentido?**

Do meu primeiro estágio não mudou porque eu não aplicava o jornalismo né, eu trabalhava no design então eu aplicava as partes que a gente aprendia de diagramação. E tal, fazia um pouco de texto mas não era texto jornalístico. E eu acho que o segundo estágio me ajudou a entender melhor a profissão assim porque eu entrei meio crua lá assim eu não sabia. Sabia fazer tipo o básico mas não entendia como é que funcionava uma redação, digamos assim, então mudou a forma como eu via como eu vou trabalhar assim que eu vou aprender a sistematizar as coisas e não vai ser sempre um bicho de sete cabeças assim. Fazer uma matéria de TV não é tão difícil quanto parece que a gente quando começa a fazer parece que é um negócio de outro mundo “meu Deus, eu nunca vou conseguir fazer isso direito” mas assim tu cria uma sistemática para o trabalho e tu vê que tu consegue aplicar aquilo na prática.

#### **7. Como você vê o mercado jornalístico em Joinville?**

Eu vejo que o mercado jornalístico em Joinville está bem ruim assim. Eu acho que as redações estão ficando menores e claro a gente tem outros ramos de atuação né. O jornalismo não se reduz à redação mas eu acho que sempre que uma redação se fecha, uma redação diminui é uma perda assim porque a qualidade do jornalismo vai cair. E a forma com que a pessoa está informada também vai cair né. E eu vejo isso muito na política porque assim, eu trabalho com cobertura política e a minha equipe é basicamente a equipe que cobre política realmente hoje em Joinville nos critérios que hoje eu acredito que sejam jornalísticos assim então não teria

confiança num colunista para cobrir política porque aí tem outros interesses por trás ali, ele quer manter as relações com as fontes dele, ele tem outros interesses né que não jornalísticos então assim, claro. Agora eu sei que tipo de pessoas cobrem jornalismo em Joinville [inaudível]. Eu sei que as pessoas são sérias, os jornalistas que trabalham lá são sérios e que OK, a cobertura é uma cobertura boa mas assim como essa cobertura chega para o público? Como o público recebe? “ah, é institucional, não deve ser bem isso” Entendeu? Acho que isso é bem prejudicial assim e é como um todo, não é só na política, em todas as áreas. A cultura é muito mal coberta na nossa cidade, a gente não sabe um terço do que acontece, aí tipo a gente fala “ah, em Joinville não tem cultura”, tem muita cultura espalhada pela cidade, a gente é que não vê isso nos jornais então assim acho que o mercado, falando num contexto mais amplo, a gente está num momento que a gente tem muitas oportunidades para o jornalista mas para tu conseguir chegar numa oportunidade tu precisa ficar cavando assim. Cavando, cavando, e não mais aquela coisa assim uma redação grande que vai fazer matérias. A gente não vê matérias investigativas em Joinville por exemplo, assim acho que é isso é uma perda para a cidade porque dá a entender ao poder público que ele pode fazer o que ele quer, que não vai ter alguém investigando. E não é nem por falta do interesse do jornalistas mas é por falta de tempo para fazer uma matéria investigativa, você precisa ter tempo e numa redação com quatro repórteres não tem tempo pra fazer.

***Você entende que o curso te propicia as melhores ferramentas para atuar nesse mercado?***

Sim, com certeza.

***Como gostaria de trabalhar com jornalismo?***

Eu quero trabalhar com TV mas ultimamente tenho pensado que talvez assim, porque estou estudando para a monografia, talvez eu me identifique mais trabalhando com conteúdo multimídia. Trabalhando audiovisual mas pensando no contexto da internet porque o público que vai me assistir daqui a, sei lá, dez anos não vai querer assistir a TV como a gente assistiu hoje. Porque o público jovem não assiste TV como a gente assistia quando a gente era pequeno. Eu já não assisto TV como eu assistia, então assim uma criança que está crescendo hoje tem, meu irmão tem 10 anos, meu irmão quando ele tiver 20 ele não vai querer assistir o telejornal que eu assisto hoje. Eu já acho meio chato às vezes, imagina ele que cresceu num contexto ainda mais convergente né. Então eu acho que

eu queira trabalhar o audiovisual mas num contexto multimídia para a internet.

### **8. Já pensou em mudar de curso? Por que?**

Não, nunca.

### **9. O que é jornalismo para você?**

Acho que jornalismo, eu tenho muito aquela frase que assim “sempre publique alguma coisa que alguém não quer que se publique”. Não acho que todo o resto seja publicidade, tem muita coisa para se fazer no jornalismo mas eu acho que o jornalismo tem a ver com levar a informação essencial a população. A gente sempre fala “ah, o essencial é saúde, o essencial é educação, o essencial é cultura, assim” mas informação é essencial porque se não tiver informação para analisar o contexto em que tu vive, tu vai continuar sem educação, sem saúde, sem segurança e é uma bola de neve. Acho que jornalismo é levar para as pessoas o essencial que elas precisam para significar o próprio mundo no qual elas vivem.

### **10. O jornalismo só é jornalismo se divulgado por instituições jornalísticas?**

Não, de forma alguma. Pode ser um meio institucional, pode ser uma assessoria ainda vai ser jornalismo. Acho que o que define se é jornalismo, jornalismo ou não, é o critério que é usado pra produzir aquele conteúdo, quer dizer, se eu levo um critério de noticiabilidade, se eu levo a minha relação com a fonte de uma forma adequada, se eu prezo pela pluralidade de ideias aquilo é jornalismo, não importa se eu estou fazendo numa instituição pública, se eu tô fazendo num jornal, se eu tô fazendo numa assessoria, é jornalismo. São formas diferentes, é verdade mas ainda é jornalismo.

### **11. O jornalismo deve monitorar os poderes estabelecidos como um cão de guarda?**

Eu acredito que sim, ainda talvez que seja um conceito um pouco assim limitador eu acho que sim porque se o jornalismo não fizer isso mais ninguém mais vai fazer. Ninguém tem, as pessoas não tem tempo hoje em dia pra “ah eu vou ficar prestando atenção no que tal fulano faz” as pessoas não fazem isso, elas confiam que o jornalista vai fazer. Então acho que a partir do momento que a sociedade espera isso e a gente tem esse

papel que é muito importante, acho que a gente tem que cumprir, a gente tem que se vigiar e ver o que está sendo feito.

## **12. Quais habilidades são mais importantes para fazer jornalismo? Técnica, ética, estética?**

Eu acho que a pessoa tem que gostar, tem que saber ouvir porque se tu não souber ouvir tu nunca vai conseguir fazer jornalismo. Tu tem que saber minimamente se comunicar, se fazer entender pelo menos para pessoa entender a pergunta que você está fazendo. Acho que tem que ter princípios, assim não dá pra ser uma pessoa que deixa tudo correr solto “ah se for assim tá bom e se não for assim não tem problema também”. Acho que pra fazer jornalismo sério assim tu tem que ter um posicionamento, tem que ter muito certo na tua cabeça “não isso tá errado! Tenho que falar que tá errado, não vou deixar porque eu não quero me incomodar”. Então acho que o jornalista é um cara que compra briga e que as pessoas falam assim “esse gosta de incomodar” porque tu quer fazer a coisa da melhor forma possível.

## **13. Um jornalista que trabalhe fora de jornal ou instituição jornalística faz jornalismo?**

Faz jornalismo, acho que sim porque como eu falei na outra pergunta o jornalismo pode ser feito fora do jornal ou de uma instituição que o senso comum entende como jornalístico mas ele ainda segue os critérios jornalísticos como, sei lá, se ele tiver um blog por exemplo não é uma instituição jornalística mas se ele seguir os critérios jornalísticos ele tá fazendo jornalismo.

## **14. Assessoria de imprensa é jornalismo?**

É jornalismo com algumas limitações talvez de recorte e de forma de olhar. É se eu tô assessorando uma empresa, eu não vou escrever uma mentira deslavada sobre aquela empresa por exemplo numa comunicação interna, não! Eu vou escrever coisas que são fato, eu vou checar, eu vou usar das ferramentas jornalísticas para produzir conteúdo mas eu tô fazendo assessoria de imprensa e algum outro jornalista tá procurando saber sobre aquela empresa se tem alguma coisa que eu não quero que seja descoberta, eu não vou usar o meu critério jornalístico de dizer “não é realmente isso”, eu vou dar um jeito de a pessoa não falar ou dela não conseguir o acesso ou talvez em alguns casos, dependendo da falta de ética do profissional de mentir descaradamente né. Mas então, assim, é

jornalismo mas é um tipo de jornalismo mas se tem que ter muito cuidado de classificar como jornalismo porque depende, como tudo, de ética, da ética do profissional que tá fazendo.

### **15. As novas ferramentas tecnológicas podem acabar com o jornalismo?**

Eu acho que não. Acho que na verdade as novas ferramentas tecnológicas elas mostram um novo contexto e elas trazem oportunidades. Eu sempre enxerguei assim dessa forma porque eu comecei a fazer jornalismo no auge da discussão tipo “Ah, meu Deus o impresso acabou! Morreu o impresso. Estamos ferrados, não vai ter emprego.” Esse foi meu primeiro ano de faculdade mas eu sempre tive muito claro na minha mente assim “não, o impresso pode ter acabado mas a internet trouxe muitas possibilidades então eu vou poder fazer muita coisa, pode ser que eu não trabalhe no The New York Times como ele é hoje ou já foi um dia aquela coisa de ter a minha mesinha ali, aí tem a redação assim”. Não, eu não vou trabalhar num The New York Times, nem num AN mas eu vou trabalhar em outros contextos que vão me permitir fazer jornalismo e um bom jornalismo. Não sei se um jornalismo melhor ou pior, mas jornalismo ainda então acho que depende da forma com que as instituições jornalísticas vão se reestruturar a partir desse modelo porque é claro que o jornalismo tá em crise mas não é uma crise da profissão, acredito, a profissão não deixou de ser importante é a crise da empresa jornalística como que ela vai se financiar se a publicidade já não financia mais, não se tem mais o patrocínio que se tinha antes e tal. Então, o contexto da comunicação mudou, o público mudou e os jornalistas têm que se readaptar a isso mas eu acredito, eu vejo que as novas mídias, as novas possibilidades como realmente novas oportunidades, não como uma forma de acabar e dizer “não fecha tudo, não tem mais jornalismo agora”.

### **16. O que é mais importante: Apurar, redigir ou editar?**

Eu acho que tudo é importante, não adianta eu apurar muito bem a informação e eu escrever de qualquer jeito porque a pessoa que me lê não vai entender o que eu tô falando. E não adianta eu ter um texto maravilhoso e uma apuração meia boca, não correr atrás dos fatos da forma correta. É uma cadeira produtiva que deve ser seguida onde tudo é importante, eu não posso achar que uma coisa vai ser mais importante do que a outra porque tudo contribui para que o todo seja harmonioso e comunique da forma correta.

### **17. Só se aprende jornalismo na prática?**

Não, eu acho que não. Eu que só se aprendesse na prática não precisava de uma faculdade. Eu teria tentado aprender jornalismo na prática. Quando eu vejo alguém que tem trinta anos de experiência, mas não fez faculdade é claro que eu não posso ser intransigente e dizer “não, essa pessoa não faz jornalismo”. Ela aprendeu na prática a fazer mas assim com quais são os critérios ela aprendeu, com quais conceitos éticos, que olhar ela vai ter sobre as coisas? Porque assim, muito também do que se vê na mídia hoje de problema tipo direitos humanos, direitos humanos é muito sério na nossa cultura porque não se cobre os direitos que se deveria cobrir e daí a gente tem o senso comum que diz que direitos humanos defende bandido mas ninguém nem sabe o que é direitos humanos pra falar que defende bandido mas o jornalista que talvez não tenha passado por uma faculdade ele não entenda que ele tem um dever muito sério enquanto jornalista de defender os direitos humanos. Isso está no nosso código de ética então é um dever do jornalista explicar para a população que “não, os direitos humanos não é defender só bandido, ele vai defender o bandido porque o bandido também é ser humano e não é porque ele praticou um ato que não deveria que ele deixou de ser humano, ele não virou um et por causa disso”. Então, eu penso que não tem como aprender só na prática, é claro que também não dá só para ficar só na teoria para sempre, a gente vai ter que praticar pra evoluir. Mas tu tem que partir de alguma coisa e eu acho que essa parte sempre vai ser teórica, tu entender como se faz jornalismo com quais critérios tu vai fazer pra daí tu partir pra prática.

### **18. Qual a função (profissional) mais importante do jornalismo?**

Eu acredito que não. Eu acho que toda função dentro do jornalismo ela é importante, algumas estão mais projetadas e aí talvez o impacto dela seja mais fácil de medir, por exemplo: um jornalista que é editor chefe do Jornal Nacional, se for parar para pensar uma pessoa que ocupa o papel de jornalista editor chefe do Jornal Nacional, o impacto de uma decisão dela é muito claro se o Jornal Nacional der a manchete assim ou assado isso vai influenciar a opinião pública pelo menos até então porque agora com a internet isso está mudando um pouco mas enfim para exemplificar. Agora uma pessoa que faz jornalismo numa assessoria de imprensa, digamos, que ela faz jornalismo aí mas ela faz o jornalismo sério naquela instituição ela pode mudar o contexto das coisas e não é só naquela

instituição que ela não está mudando porque daquela instituição vai se projetar para outras porque as pessoas conversam e elas interagem e aquilo pode se tornar grande mas não é fácil de ser vendido. Então assim, não tem uma função que seja mais importante mas sempre tem funções que ficam mais evidentes.

### **19. Que valores são mais importantes para o exercício do jornalismo?**

Eu acho que ética é o principal porque sem ética você não faz nada. Tu não vive se tu não tiver ética. Respeito aos direitos humanos pra mim tá muito claro que é o essencial assim. Eu acho que ter coerência e ponderar muito no que tu tá fazendo porque uma palavra no título ou matéria pode mudar todo o contexto de como a pessoa vai ler aquilo e eu acho que a gente tem que entender que sim, uma palavra errada pode fazer muito estrago e a gente tem que ter consciência de como nosso trabalho pode impactar o público e de quanto isso é grave pras coberturas que a gente sempre ouve falar na faculdade sobre a escola Base que a mídia tem um papel muito forte na condenação pública daquelas pessoas e todo mundo tem direito a defesa, todo mundo é inocente até que se prove ao contrário. Então, eu vejo assim é preciso ter muito discernimento e a linha é muito tênue assim entre tu cair no sensacionalismo e tu realmente fazer a cobertura de um caso judiciário, porque é muito tênue o fato de tu dizer que aquela pessoa “ah nossa ela é culpada porque oh meu Deus olha tudo isso aqui que tem” mas até que a justiça diga que ela é culpada, ela não é, ela é acusada, ela ainda não foi condenada e eu acho que o jornalista tem que ter o bom senso de perceber as coisas e tentar cometer o menor número de erros possíveis, a gente sempre vai errar mas a gente tem que ver onde a gente errou e aprender com eles então aprender com os erros dos outros. Eu não preciso ir para uma cobertura e cometer os mesmos erros que o pessoal que cobriu a escola Base teve. Eu posso aprender com que eles erram e a partir daí tentar construir uma coisa melhor.

### **20. Que jornalista você tem como referência? Por quê?**

Eu acho que o Caco Barcelos é uma referência porque eu sempre gostei da forma com que ele trabalha os temas, uma forma diferente de fazer assim, ele tem um olhar diferente e os temas que ele aborda né. Claro que assim, não é todo mundo que chega a ser um Caco Barcelos e pode ir na Globo falar sobre direitos humanos mas o Caco Barcelos pode porque ele tem um nome para fazer isso. Então, é claro que ele teve que construir aquilo mas a forma com que ele faz pra mim é uma referência. Mas eu

tento não usar os jornalistas que estão longe de mim como modelo, sabe? Porque eles estão longe e eles são pessoas como eu assim, como você, são jornalistas igual a todos que eu convivo. Então eu sempre busco o exemplo das pessoas que trabalham comigo, “o que que fulano faria se estivesse nessa situação? O que ele me ensinou no meu estágio que me faria fazer de uma forma diferente ou me faria ter certeza de que é isso que eu tenho que fazer? Eu sempre busco esse exemplo ou que um professor meu, por exemplo o meu orientador da monografia, o que ele faria que eu sei que ele é crítico. Então assim sempre as pessoas que estão perto, pessoas que contribuíram para a minha formação porque elas também não são perfeitas assim como o Caco Barcelos não é mas eu conheço elas, então eu sei dos pontos fracos e dos pontos fortes e eu sei como usar isso, sabe? Acho que se torna mais fácil pra pensar o tipo de jornalista que eu quero ser.

### **21. O que é, para você, ser jornalista?**

Eu acho que ser jornalista é entender os contextos das coisas e levar para as pessoas de uma forma que elas possam entender de um outro jeito porque todo mundo tem uma opinião baseada no senso comum, eu também tinha algumas que eu entrei aqui pensando uma coisa e daí eu aprendi que não é bem assim. Por exemplo, cultura eu entrei numa visão de cultura aqui era uma visão do senso comum porque não se trabalha muito isso na escola. E por mais que a minha mãe tenha me incentivado em casa, não tinha uma reflexão teórica sobre aquilo entendeu? Eu tenha aquele discurso senso comum “ah isso aqui não é cultura” mas não, eu tive antropologia e entendi que não é só a minha cultura que vale e que todas as culturas são importantes. Não é porque eu não gosto daquela música que aquilo não é cultura, não é porque eu não gosto daquele livro que ele deixou de ser literatura. Então eu acho que ser jornalista é entender o contexto, assim e estar sempre disposto a aprender mais porque se tu não tiver disposto a aprender mais não tem porque tu tá sendo jornalista. Eu acho que é estar disposto a estar sempre em conflito e em confronto porque tu vai estar sempre em conflito ético, moral, em conflito na área que tu tá cobrindo seja na política, seja cultura, seja economia. Tu vai estar num conflito ali, tu vai ter que tomar decisões baseadas nisso e pensar “o meu público precisa saber disso como eu vou contar da melhor forma possível” como eu vou explicar isso aqui? Eu acho que ser jornalista é isso.

## FORMANDA 4

### 2. Cinco primeiras palavras - Jornalismo

- Mídia, liberdade, fake news, opinião, blog

### 3. Como você via o Jornalismo quando você começou o curso?

Completamente diferente do que eu vejo hoje, naturalmente, tá. Eu vim com uma visão que ele ia só me ensinar a escrever e só dentro daquilo que eu queria fazer. E eu chego aqui e eu me deparo com uma série de matérias, de assuntos, que eu nem queria ver, especialmente as partes assim, que dizem mais respeito à internet, e mídias, e coisas todas assim que a gente, já pela idade, tem mais dificuldade com isso aí. Na parte do Jornalismo em si, tá, eu, hoje, consigo ver e enxergar muito mais coisas do que eu enxergava antes numa visão muito bitolada inclusive pelo trabalho que eu tenho. Tá. Que é uma coisa muito direcionada, muito específica. Isso não quer dizer que a gente seja quadrado, tá. Mas, assim, você não tem uma dinâmica de olhar o outro lado das coisas. Você não treina a tua mente para isso; no meu trabalho. Coisa que isso aqui foi mais o que me favoreceu. Foi a questão crítica. Olhar alguma coisa e ver a possibilidade de aquilo ali não ser verdade. Fora isso, me ajudou muito no desenvolvimento da escrita, pelo fato assim, de... Eu tenho, eu talvez ainda tenho... Isso fica... Eu tinha uma escrita muito informal, tá. Então eu não tinha aquela sequência certa, sequência feita, que deve que ser dada para a tua informação, sabe. Então, a escrita era pra mim. Então, eu acho que assim, que didaticamente foi um troço muito interessante. Muito bom, me ajudou bastante, tá. E eu ainda continuo achando que, embora se fale em mídia, que mídia é uma coisa e jornalismo é outra, eu não consigo separar ainda muito bem essas duas coisas porque eu acho que um não existe sem o outro. Então eu acho que as duas coisas são... Se a mídia é como é, é porque o jornalista faz a mídia ser assim, entende? Ou vice-versa, eu não consigo separar as duas coisas. Tecnicamente eu sei como funciona um e como é que funciona o outra. Mas eu acho que na minha opinião pessoal as coisas são muito assim ó (esfrega os dedos indicadores insinuando proximidade). Não sei se era isso que tu querias saber.

### 4. O curso mudou de alguma forma tua visão sobre jornalismo?

- Mudou muito, tá. Eu tinha uma visão muito quadrada da coisa e eu achava que tudo o que tava escrito era verdade. Então, se eu lia aquilo ali

eu achava que, se aquele cara tinha escrito aquilo ali, era verdade. Hoje eu consigo ver nas entrelinhas a mensagem que o cara quer passar. Então mudou, e bastante, nesse sentido, de eu aprender inclusive a ler a notícia ou a reportagem.

**5. Como que você percebe o curso hoje? Você gostaria que alguma coisa fosse diferente?**

- Não. Não. Tá. Eu entendo assim, bem, a função do curso. Eu entendo bem toda a parte histórica que eles têm que proceder. Mas talvez, assim, eles teriam que dar uma modernizada na leitura. Às vezes eu faço um texto desse tamanho (indica com as mãos uma grande extensão), uma reportagem de duas a três folhas, e eu sei que ninguém vai ler aquilo, entende? Eu ainda vejo um problema bem grande em relação ao editor. Já tive oportunidade de fazer matérias que depois o editor vai lá e ele modifica aquilo, "porque ah, tem que cortar isso" e ele vai e corta e não sei o quê. Então acho que isso é muito ruim porque você vai fazer uma coisa e quando você vê está publicado outra. E quem está lendo está lendo aquilo ali com o teu nome, entende? Então é só uma parte é uma coisa do Jornalismo e da faculdade que teria que mudar.

**6. As atividades do estágio, de alguma forma elas mudaram a tua visão do Jornalismo?**

- Não, do estágio não. Eu estou praticando exatamente aquilo que eu aprendi na faculdade inteira.

**7. Como que você vê o mercado jornalístico em Joinville?**

- Eu às vezes fico me perguntando o que que essa menina toda tá fazendo em termos profissionais para o Jornalismo, tá? Porque eles pegam e usam o que sabem para aplicar em alguma outra coisa... mas como jornalista mesmo, para o jornal, para aquilo que inicialmente se pretende sempre, eu vejo completamente nulo. Ou eles vão ter que criar alguma forma para eles sobreviverem com isso aí. Eu acho bem ruim.

*E você já tinha mencionado antes que não pretende trabalhar com jornalismo, né?*

Não.

**8. Em algum momento você cogitou a ideia de mudar de curso?**

- Nunca. Nunca.

**9. O jornalismo só é jornalismo se for divulgado por jornais ou instituições jornalísticas?**

- Não. Eu acho que ele pode, por exemplo, em um blog independente, ele pode fazer o papel de jornalista, tá, se ele tem essa formação e se ele te dá essa segurança, essa, se ele tem as fontes e tudo isso, pode fazer o papel de jornalista.

**10. O Jornalismo deve monitorar os poderes estabelecidos como um "cão de guarda"?**

- Deve. Deve. Necessariamente eu não faria isso. Mas deve.

**11. Quais habilidades são mais importantes para se fazer Jornalismo?**

- As habilidades? O raciocínio. O raciocínio. O insight. A habilidade de escrever é muito necessária. E cultura. Para você escrever alguma coisa você tem que estudar aquilo. Então você tem e se dedicar, que ser um estudioso.

**12. A jornalista que trabalha fora de um jornal ou de uma instituição jornalística faz Jornalismo?**

- Faz. Pode fazer. Pode sim.

**13. Assessoria de imprensa é jornalismo?**

- É. Eu acho que é.

**14. As novas ferramentas tecnológicas podem acabar com o Jornalismo?**

- Não. Elas vão colaborar com o jornalismo.

**15. O que é mais importante? Apurar, redigir ou editar?**

- Tem que ser apuração, né. O conceito de Jornalismo tem que ser a apuração.

**16. Só se aprende jornalismo na prática?**

- Só. Mas tem que ter o estudo. Quando eu comecei a faculdade eu não pensava assim não. Eu achava que eu poderia fazer um jornalismo, tá, sem a faculdade. Mas depois que você estuda a faculdade você vê que não. Você tem que ter a teoria para poder botar isso em prática. Mas pode fazer... não dá para fazer sem a faculdade, acho que não.

**17. Você entende que existe alguma função profissional do jornalismo que seja mais importante?**

- A questão social é muito importante. A questão social. E a questão social... Não só das questões sociais precárias, entende? Eu digo assim: questão social do que é bom eu defendo muito, tá? O meu projeto experimental foi sobre a terceira idade e eu só falei as coisas boas da terceira idade, tá? Então eu acho que falar das coisas boas, das instituições que criam cursos para a terceira idade, daquilo que o governo está fazendo de bom para a terceira idade, sem puxar aquele contraponto eu acho que também é fazer Jornalismo e colaborar; seja com um exemplo. Então, é uma questão social sim, não só do ponto de criminal, das minorias, da... sabe? Tudo o que é bem feito também deve ser relevado.

**18. Quais valores você entende que são mais importantes para o exercício do jornalismo?**

- A honestidade. Agora, a honestidade pode ser a minha que seja o meu pensamento e aquilo que eu tô escrevendo e não tem que combinar com a tua. Mas a honestidade, a sinceridade, assim, a honestidade. Daquilo que você escreve, daquilo que você está dizendo é o mais importante.

**19. Você tem algum jornalista como referência?**

- Eu vou te... Eu tenho... Como eu... Como a minha história blog, tá, eu tô mais para esse lado do jornalista que faz blog. Então, eu vou te dizer que eu estou analisando agora, inclusive para minha monografia, eu te coloco por exemplo o Noblat, independente da tendência que ele tenha, ele é um puta de um Jornalista. As colocações dele, as palavras dele são muito bem colocadas. Eu tô lendo muito o Sakamoto e vejo já um outro jornalismo mais jovem do que aquele. Então ele conta uma sequência, uma historinha. Ele não é tão opinativo. Mas é. Mas ele argumenta com a história. E é o que eu gosto. E tô analisando também o de uma mulher, que é o da Denise do Correio Braziliense. Que, de todos, assim, é o que me parece mais neutro, tá. Então, assim, eu te diria que são esses três, que eu estou estudando muito eles para a monografia. São três jornalistas de idades diferentes, de sexo diferente e de posicionamentos diferentes. É sempre os três.

**20. O que é para você ser jornalista?**

Eu acho que o ser jornalista primeiro ele te dá uma responsabilidade; parece assim... Que se você é jornalista você tem uma responsabilidade.

Eu creio, assim, por exemplo, no meu blog, quando eu estiver formada, que eu puder colocar ali "jornalista", aquilo ali vai me trazer muito mais responsabilidade do que atualmente. Por mais que eu faça atualmente uma escrita muito pessoal; a hora que eu colocar ali como jornalista aquilo ali vai ter um peso muito grande e não só de opinião, de credibilidade, de responsabilidade de escrever corretamente o próprio português. E assim, se você é jornalista você tem que escrever como jornalista. Então é responsabilidade, muito mais.

## FORMANDA 5

### 1. Cinco Primeiras Palavras - Jornalismo

- Informação, conhecimento, debate, humanização e mudança

### 2. O que te motivou a iniciar o curso de Jornalismo?

- Primeiro de tudo é que eu gosto de escrever. Eu gostava muito mais, hoje não gosto tanto (risos). Mas eu sempre gostei de escrever, sempre gostei de fazer redações, e nunca me enquadrei no perfil exatas. Fui uma pessoa que sempre detestei matemática. Sempre fui muito mal na escola e eu conseguia ter nos textos uma maneira de eu conseguir alguma coisa, uma identificação. E aí quando eu pensei na faculdade, inicialmente... Na verdade eu queria ser... Sempre quis fazer cênicas, e aí, por fim, o tempo foi passando e tal e aí depois comecei a pensar em Direito, e pensei em Letras, e aí por fim eu pensei, não, existe Jornalismo. E o meu pai, ele é jornalista. Não é formado, ele já atuou mas ele não atua mais. Mas meu pai gosta bastante de escrever, ele até tem carteira de jornalista, então eu encontrei no Jornalismo uma maneira de eu me identificar.

### 3. E como que você via o Jornalismo quando você começou o curso?

- Como eu via o jornalismo? Isso eu achei... Eu tava deslumbrada, né? Tipo por tá na faculdade, enfim, por estar fazendo uma coisa que eu queria fazer desde o primeiro ano do ensino médio. Mas quando eu fiz os primeiros textos, eu confesso que fiquei desanimada, por que é aquela mudança toda de, ah, você tem que fazer lide, você tem que usar verbo no título, e aí você ganha umas notinhas baixas e tal, então, eu, de início fiquei meio... Não duvidei da faculdade que eu tava fazendo, que eu tinha escolhido, se esse era o meu lugar, mas não fiquei tão entusiasmada.

### 4. O curso mudou de alguma forma a tua visão sobre o Jornalismo?

- Mudou. Mudou. Eu vi o jornalismo como meio de informação. Mas era isso. Eu vejo um meio de transformação. Por isso que eu coloquei mudança. Ah, é porque o Jornalismo, então, ele, através da informação, através do conhecimento, ele forma novos conceitos, então ele pode transformar uma sociedade.

### 5. E como que você percebe o curso atualmente?

- O curso do Ielusc?

*Isso.*

- Então, eu sou muito grata de estar dentro deste curso eu acho um curso muito humanizado, de professores excelentes, de professores empáticos, esse time de professores aqui eu acho incrível, e eu converso às vezes com pessoas que fazem faculdades de exatas, ou que fazem outra faculdade, e eles falam: "nossa! Mas os meus professores eles não estão nem aí para o aluno, eles não gostam da gente, querem que a gente se ferre mesmo", e eu falo para eles, mas meu Deus, os meus professores não são assim, então, eu sou muito feliz assim de ter tido esse contato. E o que mais? Eu acho que eu não tenho mais, assim, o que dizer, mas no geral posso dizer que só tenho coisas positivas para falar daqui do curso de Jornalismo. Não da instituição (risos).

*De alguma forma você já respondeu isso, mas vou voltar a perguntar, o que você gostaria que fosse diferente aqui no curso?*

- O que eu acho também importante dizer... Principalmente pelas câmeras fotográficas daqui, eu acho que isso deixa muito a desejar, muito a desejar... Acho que eles tinham que investir em equipamentos novos. Dizendo, ah, não precisa ser um super equipamento, mas ter alguma coisa que o aluno possa experimentar de qualidade superior, enfim, e às vezes falta a câmera também, bateria... Tudo bem que tem aluno também que não colabora nisso, infelizmente... Tem aluno que não tá nem aí, que, ah, "perdeu pecinha, vai ficar por isso mesmo", que danifica equipamento... Sabe, acho isso muito errado. Mas falta também por parte da instituição, que às vezes... Eu nunca tive esse problema porque eu tenho aqui equipamento, eu tenho câmera, mas tem gente que às vezes tá no sufoco porque não consegue uma câmera. Teve gente que fez projeto experimental e que não estava conseguindo câmera para gravar e teve que esperar muito tempo para conseguir. Então, nessas coisas eu acho que a instituição peca.

## **6. Como que você percebe o Jornalismo hoje?**

- O jornalismo hoje, eu vejo que ele tá um campo minado, digamos. Ele tá passando por transformações complicadas, e eu lamento por isso porque teve uma vez que eu li uma pesquisa - foi num site de adolescente, um site de portal de notícias para adolescentes, mas é confiável - e ele estava indicando para as pessoas que iam fazer vestibular e tal quais são as piores profissões nomeadas, nem sei, por qual instituição, enfim, não sei quem fez a pesquisa ou o quê, mas em primeiro lugar estava Jornalismo. E eu vejo isso claramente na quantidade de vestibulandos. Na minha turma entrou com 50 pessoas, certinho, que passaram 70. Hoje,

eles já fizeram vestibular para 25 pessoas e parece que, para o vestibular deste ano, parece que teve 18 inscritos, então não se compara, tudo bem que surgiram o curso da Sociesc e aí a Univille tá tentando ter Jornalismo e isso dispersa um pouco, mas mesmo assim, a quantidade baixou muito, então, isso tudo é um reflexo do que o jornalismo está passando, que é essa questão do impresso: Vai morrer? Não vai morrer? O que acontece? Eu acredito que o impresso não vai morrer, ele literalmente está mais fraco, isso é fato. Mas existem pessoas que não, que não vão desistir do impresso. Tudo bem que isso, com o tempo, à medida que essas pessoas vão morrendo, talvez, essas coisas vão mudando, mas eu acho que ainda o impresso tem um longo caminho a percorrer. Com a questão da internet... A gente está vivendo num tempo muito legal. Inclusive esse é o tema da minha monografia. Eu estou estudando Instagram e tal, então, é um tempo muito bacana de expansão de informações, as informações chegando a mais pessoas. A gente tendo contato com diversas informações, mas isso traz também aquele lado todo negativo porque qualquer pessoa coloca qualquer informação e essa informação pode ser tida como verdade, então, onde que entra o jornalista nisso? E então tem essa questão, como você vai ganhar dinheiro na internet sendo que qualquer pessoa pode postar a mesma informação que você postou de graça? Então esse conteúdo agora tem o paywall, uma maneira que o jornalista está encontrando, uma maneira chata porque você, eu mesma, eu abro às vezes uma notícia e tá lá "só assinantes" ou, ah, "você já leu 10 matérias". Então você não pode mais ler no resto do mês. E você fica: "meu, mas que coisa chata", mas é necessário, é a forma que o jornalista encontrou de conseguir dinheiro, e aí tem uma outra questão aí também que a gente conversa muito o que são sobre as questões das mídias independentes o que é um projeto muito bacana porque é um projeto totalmente livre de anunciantes, mas aí como colocar na mente do cidadão que ele precisa colaborar com esse jornalismo, com uma quantia. Então são vários desafios que os jornalistas estão enfrentando. O jornalismo no Youtube, o Jornalismo no Instagram, como fazer? Qual é a maneira certa? Como atrair o público? Será que a gente tá passando dos limites? Será que o que a gente faz é Jornalismo? Então, são muitas perguntas no tempo atual.

**7. Você disse que você estagia no jornal. As atividades do estágio mudaram de alguma forma tua visão sobre o jornalismo?**

- Não. Não. Na verdade, eu acho que as atividades do estágio elas me fizeram botar na prática tudo aquilo que eu já pensava. Eu... Até em conversa com o meu editor, eu às vezes falo, "ah, esse negócio de jornalismo é uma coisa muito séria, né", porque sempre quando eu faço uma matéria pro impresso eu checo muito as informações que eu coloco porque se tiver uma informaçãozinha errada, qualquer coisinha, isso virou verdade para tantos assinantes, e se tiver errado aquilo eu posso prejudicar a pessoa, no caso, a minha fonte. Então, só fez reforçar mais a seriedade que tem dentro do jornalismo. Mas assim, não mudou nada, a princípio.

### **8. Como você vê o mercado jornalístico local?**

- Local. Passando por momentos difíceis (risos), acredito eu. Aqui em Joinville, do que eu vejo de colegas dentro do mercado jornalístico mesmo, eu acho que tá bem complicado o cenário, né? Redações enxugando, então aí agora vão se formar, não sei, 25 jornalistas, e onde que todos eles vão atuar? Então eu vejo as saídas nas assessorias de comunicação, porque redação de jornal acredito que vai ser difícil para alguém conseguir já de primeira. Existem pessoas aí que já estão em redação de jornal, mas dá para contar no dedo quem tá. Para mim, na minha cidade, não tem assim muitos jornalistas, então eu consegui o meu emprego fácil, então deu certo com o estágio. Eles não tinham estagiário. Então trabalho eu e mais uma pessoa da sexta fase, que não somos os únicos, eu acho, que são da cidade que cursamos Jornalismo, então isso para a gente é mais fácil de a gente se incluir dentro do mercado de trabalho. Então lá, assim, eu não vejo tanta dificuldade, mas não é um leque aberto. Não tem assim tantas oportunidades. Ou você trabalha numa redação de jornal ou você vai trabalhar numa assessoria, que não são muitas, ou você vai criar um veículo teu ou uma agência de publicidade e é isso. Eu não vejo lá tanta oportunidade.

### **9. Você entende que o curso te propicia as melhores ferramentas para você atuar nesse mercado?**

- O curso? Não. Não acho. Na verdade, eu acho que o curso de jornalismo ele está também dentro desse campo minado, né? Porque junto com as mudanças do mercado vem também as mudanças dentro da faculdade. Então aqui já mudou a grade, né? Que era muito mais impresso, e agora já diversificou. Mas ainda não diversificou da maneira, como eu posso dizer, da melhor maneira. Então, isso, eu acho que é com o tempo também. Não sei se eu respondi totalmente a tua pergunta.

*Eu estou apenas aqui para captar o que vocês estão pensando. Não é conforme os meus conceitos não. É bem aberto mesmo.*

### **10. Como que você gostaria de trabalhar com Jornalismo?**

- Como que eu gostaria de trabalhar com jornalismo? Eu acho que é com o que eu faço. Gostaria de trabalhar fazendo Insta Stories, movimentando Instagram, fazendo conteúdos em vídeo, comecei a fazer isso um pouquinho no A Gazeta já. E trabalhando com jornalismo leve, que eu acho que Instagram, Twitter, ele colabora muito com isso. Você usar a atualidade dentro do jornalismo assim, você usar memes, você usar GIFs, você usar gírias do momento, então, eu acho que isso torna o jornalismo muito mais atrativo. Como eu disse, torna o jornalismo leve. Isso que eu tô trabalhando eu não me vejo sendo jornalista, eu gosto muito do que eu faço, mas provavelmente eu vou seguir a carreira de fotógrafa, depois da faculdade. Mas se for para trabalhar com Jornalismo ou vai ser com assessoria de comunicação, que eu gosto muito de redes sociais, de você defender, digamos, o seu produto, a sua empresa, não é? Eu gosto bastante disso. Ou vai ser, por exemplo, eu trabalhando numa redação de jornal, cuidando de mídias sociais, mexendo com internet ou eu tentando deixar o jornalismo mais gente como a gente. Mexer com alguma coisa assim.

### **11. Em algum momento você já cogitou a ideia de mudar de curso?**

- No segundo ano já da faculdade eu entrei numa pequena crise, assim, que eu pensei assim: "meu Deus, o que que eu estou fazendo aqui, sendo que eu quero ser fotógrafa?" Então, o Jornalismo me mostrou mais que eu não nasci para ser jornalista, digamos assim. Só que o que me prendeu aqui foi a humanização que o jornalismo me trouxe. O Jornalismo me transformou numa pessoa muito melhor, num ser humano muito melhor, num ser humano mais sensível, um ser humano muito mais empático, coisa que eu não tinha isso antes. Jamais pensei que eu seria assim. Então, isso que me fez ficar aqui. E eu também sou muito feliz fazendo jornalismo. Esse curso que eu faço eu realmente me descobri, eu vejo que eu sou uma pessoa capaz, que eu não sou burra como eu sempre pensei, como me chamavam. E, foi mais por isso.

### **12. E o que que é jornalismo para você?**

- O que é jornalismo para mim? Vou falar aqui o que eu já falei um pouco, mas jornalismo para mim se resume na palavra transformação. Então, quando você informa, quando você traz à luz o quê... Não o que é a

verdade, mas o que está acontecendo, você pode mudar o pensamento de uma pessoa. E de pessoa em pessoa essa transformação vai para uma sociedade. E eu vejo que o jornalismo tem um grande poder de, não dar voz, mas de fazer as vozes das pessoas ficarem mais altas, porque cada um tem a sua voz, né? Você é muito bonito isso de você fazer com que vozes elas sejam ecoadas. Então, você conta uma história. O jornalismo, na verdade, ele é muito legal porque nós não somos somente jornalistas, nós somos contadores de histórias, e é muito legal você poder contar uma história de uma pessoa que você não conhece e que o outro não conhece e que você faz essa pessoa se tornar conhecida talvez por algo que ela tenha feito ou por algo que ela tenha vivido. Isso é um barato! E eu acho isso muito bonito. E assim eu não canso de dizer que o jornalismo é uma profissão muito bonita. E é mais isso (risos).

### **13. O jornalismo só é jornalismo se for divulgado por jornais ou instituições jornalísticas?**

- Não. Não acredito. Tem que falar o porquê, né? Eu acho que claro que não é qualquer pessoa que pode fazer jornalismo. Acho que você precisa ter conhecimento para você fazer da forma... Meu Deus! É complicado responder isso, né? Mas não sei se existe, né, ah, uma forma correta de fazer jornalismo, mas a gente tem que tentar fazer um jornalismo (hesitação) neutro, e para isso a gente precisa ter um certo conhecimento. Mas eu acho que você não precisa estar dentro de uma instituição jornalística para você poder informar. É porque você mesmo, eu, por exemplo, sou uma pessoa e tive um acontecimento, coloquei isso na minha rede social... Se, eu não menti com essas informações, se eu contei tudo o que tava acontecendo ali, eu acho que eu fiz jornalismo. Então eu acho que você não precisa estar preso a uma instituição ou uma coisa jornalística necessariamente para fazer jornalismo.

### **14. O jornalismo deve monitorar os poderes estabelecidos como um cão de guarda?**

- (Hesitação) Os poderes estabelecidos eles seriam mais ou menos o quê? *O que você interpretar.*

- Ok (silêncio). Como cão de guarda (silêncio). É que quando você falou em poderes estabelecidos eu já pensei em política (risos). Eu acho que... Eu não sei dizer necessariamente se "cão de guarda", mas eu acho que você tem que estar a par, você tem que conhecer e quando necessário você precisa informar se aquilo que aconteceu vai ser útil à população. Você

precisa informar. Então para isso você precisa estar de olho em tudo o que acontece. Acho que é isso.

**15. Quais habilidades são mais importantes para se fazer jornalismo? Habilidades éticas, técnicas, estéticas?**

- Acho que primeiro de tudo é a ética. A ética é essencial. É você se colocar no lugar do outro. Tipo, se eu tivesse... Se o foco da matéria, da reportagem fosse eu, será que eu gostaria de ler tudo o que está escrito aqui? Então eu acho que primeiro você tem que ter essa sensibilidade de você pensar "será que é correto você publicar essa foto?"; "será que é correto essa pauta?"; "será que é correto eu publicar essas características?"; "esses nomes?", enfim... Isso é o primeiro de tudo. Habilidade técnica ela é muito importante, né? Você colocar o ponto no lugar correto, a vírgula no lugar correto, mas eu acho que esse não é exatamente o essencial, mas sim o que você pensa para ver aquilo. E principalmente pensar a repercussão que isso pode dar, principalmente para sua fonte. Acho que é isso.

**16. O jornalista que trabalha fora de um jornal ou de uma instituição jornalística faz jornalismo?**

(Pedi para repetir)

- Faz. Faz jornalismo. Partindo dessa pergunta anterior, se ele tiver os princípios éticos dele, se ele tiver uma noção de escrita, ele faz. E é aquela coisa: eu acho que você precisa de conhecimento. Acho que você não pode chegar assim e, "ah, eu nunca fiz nada de jornalismo, então eu sou jornalista porque eu fiz um texto em rede social, um texto informativo", também não acho que é assim. Mas se você segue a questão ética que eu falei, se você tem cuidado com aquilo que você escreve, e você escreve sem querer gerar polêmica, se esse não é o seu intuito, e o seu intuito é informar, eu acredito que sim, você está fazendo jornalismo.

**17. Assessoria de imprensa é jornalismo?**

- Sim (sem pestanejar). É Jornalismo. Eu acredito. É claro que... É uma linha muito tênue entre jornalismo e assessoria. (pausa) Mas aí eu acho que tem um porém. Eu trabalhei, como eu disse, uma semaninha, eu trabalhei em assessoria e eu confesso que eu fiquei muito incomodada com o que eu vi porque eu não vi verdade naquilo. Então as pessoas falavam assim "ah, eu não entrevistei fulano, mas fulano falou isso". Isso eu não acho correto. Eu acho que é assessoria... Assessoria é jornalismo

sim, mas você precisa exercitar o jornalismo dentro da assessoria. Exercitar aquilo que você aprendeu, que daí sim vai ser jornalismo. Você vai defender o teu peixe? Claro. Você tem que defender o teu peixe. Mas você tem que colocar verdade naquilo, não simplesmente maquiado tudo e colocar o que é da tua cabeça. Isso não é correto e (inaudível) não é jornalismo.

### **18. As novas ferramentas tecnológicas podem acabar com o jornalismo?**

- Não. Eu acho que o jornalismo ele pode se adaptar a elas assim como ele já tem se adaptado. O Jornalismo se adaptou à televisão. O jornalismo se adaptou ao rádio. O jornalismo está se adaptando à internet. E assim por diante. Eu acho que as ferramentas da internet tem tudo para auxiliar o jornalismo. E eu, particularmente, acho que já está auxiliando.

### **19. O que é mais importante? Apurar, redigir ou editar?**

- Apurar. Acho que apurar. Uma boa apuração, quando ela é completa ela informa. Uma boa apuração não gera dúvidas. Não prejudica ninguém quando você checa todas as informações. Então eu acho que o básico de tudo é você apurar porque se você também não apurar, como que você vai escrever? Entende?

### **20. Só se aprende jornalismo na prática?**

- Não. Teoricamente você aprende também. E, na verdade, você precisa da teoria para você poder fazer a prática, digamos assim. Óbvio que você vai aprender muito mais na prática, vivendo aquilo, porque às vezes aqui nas quatro paredes da sala de aula é tudo muito bonito. Lá fora que você vai vendo o que que acontece de fato. Mas antes de a gente ter a prática, a gente precisa da teoria.

### **21. Você entende que existe alguma função profissional que seja mais importante dentro do jornalismo?**

- Que seja mais importante dentro do jornalismo... Deixa eu pensar... Eu não sei dizer porque eu acho que todas se completam. Se fosse para eu dizer uma mais importante eu acredito que seriam os repórteres. Que eles movimentam o jornalismo. Eles movimentam um jornal... (silêncio) Mas eu não sei, eu não tenho uma resposta concreta.

### **22. Que valores são mais importantes para o exercício do jornalismo?**

- Ética. Em primeiro lugar. Em segundo lugar, empatia. Empatia eu acho muito importante. Depois disso talvez o teu... não sei se é a palavra correta, mas o teu profissionalismo. E, claro, as suas habilidades técnicas, que se complementam totalmente. De início a ética e a empatia eu acho que é o essencial.

### **23. Você tem algum jornalista como referência?**

- Eliane Brum. Jornalista que... Tu conhece, né?

*Sim, sim.*

- Eu acho ela fantástica, assim. Que ela escreve. A maneira como ela escreve... O que ela já publicou, a poesia que ela faz... Uma poesia jornalística o que a Eliane Brum faz... É muito bonito o que ela escreve. Muito tocante e informativo. Acho ela sensacional.

### **24. O que é, para você, ser jornalista?**

- O que é, para mim, ser jornalista? É você chegar onde nem todos puderam chegar e a partir dali você poder contar o que aconteceu. Ser jornalista é você correr em busca... ou correr atrás de informações custe o que custar. Então, quando você tiver que andar na lama, se você tiver que andar de barco, se você tiver que largar a sua família, você vai fazer isso. E esse espírito de jornalista, eu não tenho esse espírito. Mas esse eu acho que se eu posso dizer, esse é um espírito de jornalista raiz. E assim, eu admiro muito. Então, eu acho que é isso. E é claro que ser jornalista não é só isso. Ser jornalista também é você editar matérias. Ser jornalista é você sugerir pautas. Ser jornalista você movimentar as redes sociais. Existem várias vertentes dentro do jornalismo. Mas a principal é você ter sede de informação.

## EGRESSO 1

### 1. Cinco primeiras palavras - Jornalismo

Ética, responsabilidade, afeto, diálogo e informação.

[Ao dizer afeto: *"afeto eu pensei por algum motivo, nesses tempos sombrios"*].

### 2. Você se sente parte do grupo profissional dos Jornalistas?

Sim.

#### E o que te faz se sentir jornalista?

Eu acho que é a produção, assim. Sempre gostei muito assim, do trabalho da produção, de pensar, pensar na forma como o produtor pensa em encaixar os temas, encaixar os assuntos, ficar sabendo o que está acontecendo, eu acho que eu tenho esse feeling assim. Claro, vai adquirindo a partir do momento que você está no trabalho, que você vai pegando experiência, vai ganhando contato, os olhares, e você vai sentindo também as coisas, também vai se ligando: "Olha, essa pauta é legal, assim..." ou "vixe, isso aqui vai acontecer nesse mês, não posso esquecer", então isso de pegar os ganchos, fazer os ganchos entre as pautas. Isso é o que eu mais gosto no jornalismo, assim, o que me motiva e também eu acho que essa questão de ser repórter, também faz muito nesse olhar de repórter, esse olhar da sensibilidade, para o mundo, para... Às vezes você para e vê uma coisa que as pessoas não tinham reparado. Esse olhar mais sensível e crítico, às vezes para as coisas, essa oportunidade de falar com muita gente, de conversar com muita gente, que o repórter ou jornalismo. Ele te dá essa ponte... Talvez eu não conseguiria conversar com alguém pela timidez e tal. Mas enquanto jornalista preciso me aproximar daquela pessoa para falar com ela sobre determinado assunto e aí eu consigo estabelecer um diálogo, uma relação... Então tudo isso o jornalismo me dá também. E eu agradeço muito porque de outra forma eu não teria muitos contatos, não teria amizades, talvez... Ou muitas conversas, muitos entendimentos se não fosse por essa aproximação por causa do jornalismo. Acho que ele me dá isso.

### 3. Acho interessante essa questão que tu trazes de que o jornalismo ele te trouxe uma certa forma de vencer a timidez. Tu podes falar um pouco mais sobre isso?

Não é necessariamente vencer a timidez, eu acho que é também, mas é muito maior que isso. Mas são pontes. Por exemplo, com a área cultural. Se eu não fosse jornalista eu não entrevistaria Ana Paula da Silva, que é uma cantora aqui de Joinville, uma excelente cantora, uma artista que tem projeção até internacional, que faz uma carreira até bastante interessante, talvez eu fosse só espectadora, eu não teria um relacionamento com ela, não conseguiria estabelecer uma relação, seria mais alguma coisa de fã, uma coisa assim. É isso, a gente pode ter uma projeção a nível nacional, por exemplo, Glória Maria, ela enquanto Glória Maria, cidadã, não conseguiria talvez entrevistar ou conversar de perto como o cara do Rolling Stones, mas ela enquanto repórter ela conseguiu isso e muito mais. Então é a ponte, acaba sendo a ponte de encontro, de contato, de você estabelecer relação através da entrevista também, porque tem muitos entrevistados com os quais você estabelece uma relação, que as pessoas ficam próximas de você também. Para mim são pontes, assim. São relações, às vezes, de afeto que você consegue na vida por causa do jornalismo. Eu acho que é muito mais do que vencer a timidez, é estabelecer relacionamentos.

#### **4. Você diria que o diploma te faz se sentir parte do grupo profissional dos Jornalistas?**

Na minha concepção sim. Até porque eu acho... Acredito que as coisas mudaram, de algumas décadas para cá. Talvez no período anterior, há uns 20 ou 30 anos não precisasse ter diploma. Acho que talvez as faculdades não fossem muito populares também ou acessíveis. Mas de um tempo para cá eu acho que elas são necessárias. Porque elas te dão embasamento ético, teórico para você conseguir cotidianamente fazer da sua profissão um pouco mais, enfim, eu falo de ser um serviço público. Ser um pouco melhor, diariamente. Eu acho que quando você frequenta a academia, não é necessariamente uma regra, mas em tese eu acho que profissionalmente você é um profissional melhor.

#### **5. Podes falar pouco mais sobre essa noção de jornalismo como serviço público?**

Sobre comunicação pública? Eu sempre me identifiquei muito com a comunicação pública, desde a época da faculdade. É engraçado porque acabei indo por esse caminho que eu não [inaudível] na vida de hoje estar numa rádio pública. Mas eu acho que comunicação pública... Eu fico pensando às vezes sobre isso, mas eu acho que ela tem esse caráter mais

educativo. Eu sempre sigo essa linha educativa, no sentido de que você pode falar sobre qualquer assunto desde que você consiga ter nele um viés educativo. Sempre uso o exemplo da moda. Das coisas, talvez a mais fútil que a gente conheça, entre aspas. Mas você pode abordar a moda de várias formas. Falando da futilidade, do São Paulo Fashion Week, das modelos famosas, bonitas, lalalá, ou você pode abordar moda através do assunto moda sustentável. Como é que as pessoas estão pensando e agindo e as fábricas a partir do conceito de reaproveitamento dos materiais para fazer roupa. Então, o São Paulo Fashion Week não vai ser a nossa pauta. Não é o que a gente precisa falar de moda. A nossa pauta vai ser moda sustentável, então essa é, assim, a linha que eu tento no dia a dia usar. Se a gente vai falar sobre algum assunto, a gente sempre tenta pegar o viés educativo. Então nossas pautas são basicamente sobre cultura, e os outros assuntos todos que envolvem... E a gente pode falar, meio ambiente, medicina, economia, nananá, a gente sempre vai tentar pegar ele por esse olhar educativo, trazendo os informações para as pessoas, também abordando bastante assuntos relacionados à cidadania, como direitos. "Ah, a gente tem acesso à defensoria Pública, tem acesso a OAB, as comissões...", então para mim isso é comunicação pública. Você trazer informação para as pessoas, de cidadania e cultura. E informação e outras pautas com um viés educativo, de informar e de não trazer informação de maneira sensacionalista, que agrida as pessoas com palavras ruidosas, com palavras vulgares. Esse é o meu conceito de comunicação pública.

## **6. O que te motivou a iniciar o curso de jornalismo?**

Eu fazia engenharia antes, mas não estava muito contente com aquilo ali. Não sei, sempre fui muito interessada por leituras, pelas coisas culturais. Enfim, não é porque eu estava pensando onde eu poderia me encaixar e eu li um texto da Clarice Lispector, de um livro dela que contém várias crônicas e é Clarice tinha meio que essa coisa jornalística até, de entrevistas, de alguma coisa assim. Acho que ela escrevia para um jornal. Não necessariamente que fosse jornalista, acho que ela tinha um olhar assim, e eu falei assim: "Nossa, que legal, é isso!" Sabe quando você fala "É isso!", né? As coisas começam a ficar claras. Você começa a falar, não, pode ser isso. Aí fiz o vestibular, passei e deu tudo certo (risos).

## **7. Como você via o jornalismo quando você iniciou o curso?**

Eu acho que a gente entra muito novo, com muitas... Apesar de eu já ter bastante leituras em casa, enfim, leituras, tinha uma visão acho que muito

pouco crítica. Nunca tinha tido uma educação assim muito crítica ou política, então acho que eu era muito deslumbrada nessa questão do jornalista a pessoa famosa. Assim, aquela pessoa que ficava lá, que idolatrava assim. Acho que eu tinha um pouco disso, mas que os pouquinhos você vai quebrando e vendo que não era bem assim. Acho que era mais essa imagem... Não que eu entrei achando... Mas eu acho que eu tinha um pouco dessa imagem talvez mais deslumbrada assim dos jornalistas, de certa forma.

### **8. O curso mudou de alguma forma essa tua visão sobre jornalismo?**

Sim, completamente. A gente vai vivendo no dia a dia que a gente passa a admirar outras pessoas, não aquelas necessariamente que estão ali na TV, na ponta. Você começa a ver o trabalho de outras pessoas que têm menos destaque, mas que tem um trabalho muito mais profundo e interessante, de muito tempo. A partir da produção também, você começa a entender como as coisas começam, como é que elas são feitas e como é que é o produto final. Então mudou completamente.

### **9. Olhando para o curso que você fez, você gostaria que alguma coisa fosse diferente?**

Acho que é difícil a faculdade ou qualquer curso hoje acompanhar a questão tecnológica. Eu tive duas ou três grades de jornalismo digital e na grade seguinte já era outra coisa. E claro, quando eles vão propor uma grade novamente vai ser outra coisa. Só que isso acaba também não conseguindo acompanhar as mudanças tecnológicas. Tudo aquilo que eu aprendi em jornalismo digital, tudo aquilo não, mas uma boa tarde, não cabem mais ou hoje já é feito de outro jeito. E isso faz três anos que eu me formei, para ver o como isso muda, né? Não sei como resolver essa questão - que não deve ser só o curso de jornalismo que enfrenta, outros também, mas o jornalismo é bastante impactado - de como cobrir esse déficit de tecnologia, dessas discussões, e também como acompanhar isso com discussões teóricas e reflexivas sobre o tema.

### **10. A entrada no mercado de trabalho mudou a tua forma de ver o jornalismo?**

Pois é. Como eu sempre estive no serviço público, nunca cheguei a ir para o mercado. Mas eu acho que não sei, no cotidiano talvez, pelos contatos que a gente tem, acho que muda sempre. Uma coisa é academia, outra coisa é na prática, como que você vai resolver os seus problemas, os

problemas que te aparecem. Uma coisa que eu acho que é uma crítica até a academia, até aos professores, enfim, é àquela idealização do jornalismo como aquilo que vai de certa forma salvar o mundo e que você tem que fazer esse tipo de comunicação que é assim, assim, assim, assim... E que a gente sabe que no dia-a-dia não vai rolar daquele jeito, por que tem mil fatores que influenciam. Às vezes o melhor entrevistado não é o que você vai conseguir. Às vezes o cara que tinha marcado desmarcou na hora. Então, o mercado, o dia-a-dia do jornalismo, do profissional, é influenciado por muitos fatores. Às vezes é o chefe que quer que você faça a coisa de outra forma, não na forma que você necessariamente queria, do jeito que você aprende na faculdade... Então é isso, é quebrando a cara e refazendo, de certa forma, as coisas. Tem uma diferença entre o ideal e o real de quando você vai para o mercado para trabalhar mesmo.

### **11. O teu trabalho na rádio mudou a sua forma de ver jornalismo?**

Sim. Acho que a prática sempre muda. Sempre porque, como eu disse, às vezes eu idealizo uma coisa, eu penso uma coisa, e quando você vai montar o programa ali, "putz, deu errado", e às vezes a pergunta que você faz o cara entende diferente, te responde de um jeito diferente, e aquela pergunta sai diferente, sai totalmente fora do tom que você queria que ela saísse, e o entrevistado que você achou que ia ser muito bom e muito ruim, e o entrevistado que você tinha deixado dez minutos para ele falar é muito bom e você tinha que ter deixado meia hora, mas você não tem meia hora para dar para ele. Então essas coisas são imprevisíveis, como o jornalismo é imprevisível. Então, acho que é isso assim. E você só aprende quando você está no mercado, não quando você está na academia. Na academia eu acho que é tudo muito redondinho, como tem que ser mesmo.

### **12. Como que você vê o mercado jornalístico em Joinville? Tanto o mercado de trabalho quanto o jornalismo oferecido na cidade em si.**

A gente tá percebendo de uns anos para cá uma redução no mercado, parece, para os jornalistas atuarem. Isso é até desesperador, por que você ver colegas seus que não conseguem ir para o mercado, que não conseguem trabalho, você não consegue atuar, então o pessoal vai para o marketing, vai para a publicidade, vai para outros..., ou para assessoria, não é? Mas ainda assim tem pessoas que não conseguem colocação. Isso é angustiante, né? Mas, no tempo, o jornalismo oferecido me parece um pouco que foi se apagando com o tempo. Eu particularmente, olha, eu

acesso muito pouco, eu leio muito pouco jornal daqui. Eu vejo mais informações a nível de Santa Catarina e procuro as coisas... Mas eu acho que o jornal daqui tá bem magrinho assim comparando com o que já foi. E o da TV também foi diminuindo espaço e é isso. Eu acho que a gente tem ainda muitos profissionais da antiga, como a gente chama entre aspas, que dominam esse mercado, principalmente da comunicação, que são os caras que são apresentadores, donos de TV ou donos de programa, programas de rádio, então são eles que fazem comercial. Então a gente tem esse pessoal da comunicação ainda dos velhos tempos dominando as coisas assim e que eu não acho necessariamente bom. Acho que é um tipo de jornalismo que eu não gosto, um tipo de comunicação que não me agrada, que é sensacionalista, que, enfim, às vezes, eu acho que só critica para ganhar alguma coisa e não critica por fazer a crítica pertinente que precisa ser feita, um jornalismo ou uma comunicação responsável. Acho que tem algumas áreas que (incompreensível) nisso. Acho muito triste.

### **13. Como tu vê esse pessoal da antiga atuando no mercado local?**

Eles tem um lugar cativo deles, que eles acabam tendo, porque eles têm uma audiência, tem muita gente que ouve e eu não gosto desse tipo de comunicação. Eu acho que tudo é uma questão de educação também, não querendo ser elitista, mas eu acho que uma educação, também, para comunicação, para o jornalismo... Você entender o tipo de comunicação que te agrada, o tipo de comunicação que não te traz nada, você entender, tipo, que por detrás daquela crítica há interesses pessoais... Isso eu acho de embrulhar o estômago, isso eu acho desonesto. Mas as pessoas aparentemente gostam, e acham interessante esse tipo de coisa, e é meio que efeito cascata que, como tem muita audiência, as outras vão se balizando por esse. Então vai ficando tudo num nível... A régua vai para um nível muito baixo. Então isso é muito ruim, assim. Para a sociedade impacta de uma forma geral, para a nossa consciência, assim, de informação, de educação, de sociedade.

### **14. Você entende que o curso de jornalismo que propiciou as condições necessárias para atuar nesse cenário?**

Eu acho que sim porque também esse sistema as pessoas... essas pessoas estão morrendo. Essas pessoas estão morrendo, elas estão... De certa forma não se vê mais cria nova desse tipo de comunicação. Eu não vejo, pelo menos, pessoas novas fazendo isso. Então eu acho que eles tendem a ir desaparecendo e essas pessoas que estão se formando vão oxigenar

esse mercado, para fazer com que essas práticas sejam eliminadas mesmo. Sabe, eu não vejo um novo profissional desses crescer. Um exemplo, [cita um colega], que trabalhava com um deles, é um profissional de jornalismo, ele tem toda a ideia do que é uma pauta e do que não é, de não fazer o que não pode... Então, se ele seria um substituto desses caras? Pensando, assim, hipoteticamente, pela época, ele já não continuaria com as práticas que ele fazia. Então, eu acho que tende a se oxigenar, assim.

### **15. Você trabalha do modo como você gostaria com jornalismo?**

Sim. Acho que eu tenho essa sorte, sabe? Porque eu acho que tem muita gente que gosta de cultura e gosta dessa questão da coisa mais educativa, que é o que a gente faz mesmo na faculdade. Então acho que sim, que eu tenho sorte de poder trabalhar, atuar com isso, de não precisar fazer pautas de polícia ou de política, que são as faltas mais pesadas. Então, acho que eu tenho essa sorte, pelo menos.

### **16. Alguma vez você já cogitou a hipótese de mudar de ramo ou de profissão?**

Até agora não.

### **17. O que que é jornalismo para você?**

[Suspira] É difícil. Acho que jornalismo é justamente a gente conseguir garimpar do cotidiano aquilo que é incomum e apresentar para o público. A gente tem esse olhar mais treinado, de entender... É a máxima, né? Se o cachorro morde o homem, não é notícia. Se o homem morde o cachorro é notícia, porque é o incomum. Eu acho que é isso, a gente ter esse olhar para o cotidiano. Acho engraçado porque, quando a gente já tem isso treinado, por causa da faculdade ou por causa do nosso interesse pelas coisas que acontecem, você pensa que todo mundo é assim, mas quando você trabalha até com assessoria, como eu trabalhei na Prefeitura, a gente conversando com as pessoas, às vezes observa coisas muito interessantes e a gente fala: "Por que que você não falou isso para gente, cara? Isso é muito legal, isso é muito interessante, a gente deveria ter noticiado quando você fez". "Ah, é? Pô, mas por que?". Ou ele vinha falar para a gente, a pessoa vinha falar para a gente [em] três semanas que aí perde totalmente o feeling. O feeling não, o timing do negócio. Então, talvez do jornalismo seja isso, garimpar as coisas no timing certo. Porque não adianta eu falar da Copa do Mundo agora em novembro porque já passou em junho. Junho e julho, né? Então acho que é você ter o tempo certo, ter

o feeling certo, saber garimpar, saber olhar para coisa e saber que aquilo ali é diferente. Que vai fazer algum sentido passar aquela informação.

**18. O jornalismo só é jornalismo se ele for divulgado por instituições jornalísticas?**

Não. Não porque acho que se tiver alguém que tenha faro jornalístico, necessariamente não precisa ser formado em jornalismo, e, sei lá, tenha um blog ou qualquer outro veículo acho que pode ser também considerado, se for ético o que ele fez, toda aquela investigação... Se ele tiver um histórico também, acho que faz sentido dizer que aquilo ali também pode ser jornalismo. É muito mais o processo do que necessariamente o veículo.

**19. O jornalismo deve monitorar os poderes estabelecidos como um cão de guarda?**

Acho que isso também. Jornalismo pode ter outras funções porque senão não encaixa aquilo que eu faço como jornalismo. Porque a gente não é necessariamente cão de guarda, né? A gente faz comunicação pública, então a gente leva informação, de cultura, de entrevista e tal. Então acho que tem uma função importante de fiscalizar o poder público, mas pode ter outras funções também, né? Não só essa.

**20. Quais habilidades você entende que são mais importantes para se fazer jornalismo?**

Eu acho que ser crítico, ter um olhar apurado, um olhar sensível para o cotidiano, para as coisas que acontecem para as pessoas, você ser paciente porque as coisas também acontecem e você não percebe se você não estiver atento por ser paciente. Ser inteligente para conectar as ideias, conectar o que você está vendo. Inteligência, paciência, responsabilidade, ter também um pouco de trato, traquejo com as pessoas, assim como ter simpatia, ter essa coisa de jogo de cintura para conversar com todo mundo... Isso, assim, acredito que te ajude... E ser ético. Você, se você falou para o cara que não ia falar as coisas, porque você falou que não ia falar. Então acho que isso é importante.

**21. O jornalista que trabalha fora de um jornal ou de uma instituição jornalística faz jornalismo?**

Sim. Por exemplo, um professor na faculdade, pode ter os estudantes, pode fazer jornalismo com eles. Apurar, enfim.

**22. Assessoria de imprensa é jornalismo?**

Eu encaixo... Eu encaixo nessa questão de jornalismo sim. Porque eu acho que você pode ser um assessor e ter um viés crítico também, não só vender a pauta, tem todo um trabalho até com seu próprio assessorado de entendimento de comunicação, nessa questão, assim. É contextualizar a pauta. Tem muita gente que está do outro lado, e a gente recebe os releases muito bons. Materiais muito bons assim. Jornalistas também que quando vendem a pauta vendem de uma forma muito interessante. Acho que sim.

**23. As novas ferramentas tecnológicas podem acabar com o jornalismo?**

Acho que pelo contrário, podem ajudar. Ajudando a tabelar dados, achar dados, acho que ajuda muito mais que atrapalha, na verdade.

**24. O que é mais importante? Apurar, redigir ou editar?**

- Acho que é os três, né? Apurar é imprescindível. Pegar as informações talvez seja a base de tudo o que vai acontecer. Você ser ético com a sua apuração. Pegar todas as informações possíveis, necessárias, e se você não pegou alguma coisa, ligar e perguntar de novo. Talvez seja a base apurar. Para tudo o que vem depois.

**25. Você diria que só se aprende jornalismo na prática?**

Acho que na teoria também. A gente entende as coisas mas elas funcionam é na prática. Para você ver também, eu acho que a prática não existe sem a teoria. Eu acho que as duas coisas se complementam, são jornalismo. Eu acho que não adianta a gente ter a teoria, pesquisar, entender, e depois na prática a gente vai vendo como é que funciona aquilo ali pra gente também. São importantes.

**26. Você diria que há alguma função profissional mais importante dentro do jornalismo?**

Não. Acho que todos têm a sua importância para que a coisa saia no final das contas, boa. Desde o repórter, na apuração, do pauteiro - enfim, nem sei se existe mais - mas acho que todo o caminho é importante.

**27. Quais valores você entende que são mais importantes para o exercício do jornalismo?**

A ética. O respeito. A responsabilidade. Eu acho que são esses. Ética, respeito e responsabilidade.

**28. Você tem algum jornalista como referência?**

Sim. Eliane Brum. Gosto muito. Eu acho ela uma jornalista muito boa. Eu gosto da Fabíola Cidral, que faz CBN São Paulo, que é uma jornalista de rádio. Tatiana Vasconcelos também. São duas jornalistas da CBN. Eu gosto da apresentadora do Metrópolis, da TV Cultura, porque ela além de apresentar ela faz todas as entrevistas, ela é a pessoa que mais trabalha (risos). Eu acho que enquanto jornalista cultural ela tem um acesso, um conhecimento muito amplo, muito interessante. Eu gosto do Ricardo Boechat, eu vejo todos os dias de manhã, apesar de eu achar que ele relativiza muitas coisas, assim, que não podiam ser relativizadas, eu acho que ele faz uma análise bem pertinente de vez em quando. Eram esses, mas o Ricardo Boechat bem abaixo da Eliane Brum, por exemplo (risos). Acho que a Eliane é o que eu gostaria de ser, assim.

**29. O que é, para você, ser jornalista?**

Para mim, ser jornalista é um jeito de estar no mundo. Eu acho, talvez, se eu não tivesse essa tarja de jornalista mas eu seria jornalista mesmo assim. Por isso que eu falo que é um jeito de estar no mundo porque é o jeito como você olha as coisas, com esse olhar mais atento para o cotidiano, para a sociedade, para as coisas, para a cultura, você entender a importância de tudo isso, ter um olhar mais sensível, né, que eu já falei. Por isso que eu falo, é uma tarja, assim. Talvez esse espírito jornalístico já estivesse em mim e eu só entrei na faculdade para ele ser um pouco mais lapidado. Mas esse interesse, eu acho que interesse também é uma palavra importante, pelo mundo e pelas coisas e pelas pessoas e por tudo é o que me faz ser jornalista, sabe? Então é um jeito de estar no mundo, esse olhar interessado para a vida.

## EGRESSO 2

### 1. Cinco primeiras palavras - Jornalismo

Informação, comunicação, jornal, fake news, internet.

### 2. Você se sente parte do grupo profissional dos jornalistas?

Grupo profissional dos jornalistas? Sim

### 3. E o que faz você se sentir parte desse grupo profissional?

Até pela minha atuação, eu... Eu consegui trabalhar na área em um veículo de comunicação. Eu acho que quando tu consegue essa oportunidade, tu acaba se sentindo mais ainda nesse grupo porque tu tá vivendo aquilo diariamente, tanto com outros jornalistas, como de fato pela profissão pra qual tu se formou.

### 4. Você diria por trabalhar num veículo digamos mais tradicional é determinante para você se sentir jornalista?

Não acho que necessariamente precisa ser para todos. Pra mim foi. Para mim foi determinante para eu me sentir assim. Até porque foi algo que aconteceu durante a faculdade já. Comecei como estagiário durante a faculdade. Daí quanto tu tá na universidade, tu já tem aquele desejo de trabalhar em algum veículo. Como eu já consegui revisar isso já, estando lá, eu já me senti inserido nesse meio por conta que eu ainda tava na formação só que eu já tava tendo a oportunidade de vivenciar aquilo na prática. Então para mim foi importante sim.

### 5. Você diria que o diploma também faz você se sentir parte desse grupo profissional?

[Silêncio] Eu acho que sim... Eu acho que sim e acho importante. Acho importante muito mais pelo que... tem muita gente que não tem diploma e que de fato é jornalista. Mas, eu sinto que uma ampla parcela dessas pessoas que não tem diploma e se dizem jornalistas não fazem esse trabalho na prática. Então eu acho que quando tu tens o diploma, tu... claro, também tem gente que tem o diploma e não faz o trabalho de jornalista... mas eu acho que é o diferencial. Eu acho... Eu acho que é importante, tem o diploma. Até porque tu aprende muitas coisas na faculdade que talvez tu não fosse aprender só na prática, trabalhando no veículo.

**6. Naquela época ali tu chegou a ter algum tipo de desânimo com relação ao como vê o estado da profissão, quando tu entrou no curso?**

Não, eu tava, eu entrei muito empolgado na faculdade. E como pra mim, tudo era muito novo, eu me mantive empolgado, eu não tive nenhum desânimo, assim...naquele período.

**7. E o que te motivou a iniciar o curso?**

[risos]... a historinha que me deu gatilho é meio... é... tem muita relação. Enfim, eu tava... foi a partir disso que eu comecei a pensar: uma história muito boba, eu e minha família estávamos indo, a gente morava na Zona Sul, a gente tava vindo para a casa de minha avó, aqui no Saguazu, e a gente veio e na volta a gente íamos passar pela ponte do trabalhador, e a gente ficou parado numa fila, porque tinha um acidente meio no meio, bem na subida da ponte. E daí eu e meu pai saímos do carro... tava eu meu pai minha mãe, eu e meu pai saímos do carro e fomos lá ver... só que tudo que eu observava era o trabalho dos jornalistas que estavam lá, porque eu e meu pai queríamos muito saber o que estava acontecendo... só que tinha, claro, o cordão de isolamento, e a gente tava olhando de fora e eu ficava olhando não pro acidente, mas os jornalistas trabalhando naquilo lá, e apurando as informações e tudo mais... e eu me sentindo na necessidade de eu saber o que estava acontecendo ali, de curiosidade mesmo. E eu sempre muito curioso, daí eu lembro que quando voltei pro carro eu falei pra minha irmã: “muito legal o trabalho deles. Eu quero fazer jornalismo”. Nasceu dessa história bobinha e eu fui amadurecendo essa ideia, ao longo do tempo, mas bem por essa coisa de curiosidade, de saber as coisas antes dos outros, de ter essa primeira informação, poder passar pros outros, sabe? Informar as pessoas daquilo que está acontecendo.

**8. Esse episódio, ele aconteceu quando tu tinha que idade mais ou menos?**

[Eu] Tava no ensino médio, que eu terminei o ensino médio e entrei na faculdade. Eu acho que foi lá por 2008... talvez... 2007... Tava no primeiro, segundo ano ali do ensino médio, porque eu também lembro que eu tinha duas professoras, uma de história, que ela tinha/queria fazer jornalismo e ela falava muito sobre aquilo, e eu lembro que nessa época eu já estava afim de fazer jornalismo e daí eu conversava muito com ela e com uma outra professora minha de português, que o filho dela era jornalista, inclusive trabalhou no jornal e hoje tá lá em São Paulo... A mãe

dele era minha professora de português e a gente conversava muito sobre isso. Então eu lembro que nessa época eu já tinha interesse. Talvez um pouco antes, foi em 2006, 2007 por aí... Eu acho. No início do ensino médio.

**9. Como era tua relação com o jornalismo antes de entrar no curso? Além desse episódio...**

Claro, não... era só essas conversas que eu tinha com essas pessoas pra tentar entender também, porque eu tinha muita... eu tinha vontade de fazer então eu ia atrás pra saber como que era. Então era nessas conversas que eu descobria um pouquinho como eram as coisas... E de pesquisas assim como que era e tudo mais. Mas era só uma relação assim de receptor de informações. E de quando eu tive interesse, quando começou esse interesse de fazer jornalismo eu fui atrás para saber como que era assim... era a minha relação.

**10. Você consumia regularmente jornais, alguma coisa assim? Ou TV?**

TV eu assistia, jornal... eu lembro que sim porque eu gostava muito de esporte então eu sempre... e lá em casa minha mãe sempre foi muito consumidora de... sempre ouvia rádio, programa de notícia, jornal também. Minha vó assinava então quando a gente ia na casa dela a gente trazia o jornal pra ler, minha mãe sempre leu muito. Então eu tinha... lia jornal, escutava rádio, gostava muito de rádio... e TV também. Mas não era uma coisa “todo dia preciso ler”, mas eu consumia sim.

**11. O curso de jornalismo ele mudou a tua visão sobre a profissão?**

Ah, com certeza, porque foi ali que eu tive a noção exata do que era jornalismo, assim, de como fazer aquilo e o que fazer, o que é era jornalismo. Então com certeza ajudou bastante pra eu ter esse norte de como fazer aquilo. Daí entra naquilo também que eu disse do diploma é essencial porque é na faculdade que a gente aprende de fato como é que faz... o básico, o padrão da coisa. Então foi... mudou, mudou sim.

**12. Como que você percebe hoje, olhando para a tua formação, o curso de jornalismo? Você gostaria que alguma coisa tivesse sido diferente?**

Deixa eu lembrar, eu não costumo pensar muito sobre isso.... O curso em si... eu não sei. Claro, teve, como em todo lugar vai acontecer, questão de

professores que se tu tivesse outros teria sido um aproveitamento melhor daquele conteúdo, lógico. Isso acontece em todo lugar. Mas do curso? Na época eu lembro que eu gostava mais, tinha ideia que tivesse um pouco mais de cadeiras mais práticas e menos teóricas eu ia gostar. Hoje eu já não sei se de fato eu ia gostar porque hoje eu olhando pra trás eu sempre digo isso, olhando para trás eu gostaria de fazer algumas cadeiras teóricas de novo, porque na época, era mais novo, não dava muita bola para uma ou outra coisinha, que hoje eu sinto assim vontade de voltar pra fazer de novo com a cabeça que eu tenho hoje. Mas assim com o curso eu não sei. Tem essas coisas assim de coisas pontuais. Mas o curso não... acho que não.

**13. Nas outras entrevistas eu ouvi de algumas pessoas a resposta a essa pergunta que talvez tivesse falando questões mais relacionadas ao jornalismo digital...**

Ah, isso, de fato. Eu tive três cadeiras eu acho que foi de digital... Eu acho que foram três cadeiras. E... não sei... talvez faltasse mais assim... e... Porque quando eu fiz era de 2010 a 2014, então, a internet já era um, já tinha um papel relevantíssimo na questão de informação, de notícia. Hoje ainda mais. Então eu acho que hoje teria que ter, não sei como está a grade de curso, mas teria que ter um papel muito mais importante e não digo que tem que tirar as outras, mas eu acho que tem que ter um papel importante sim. Na época eu não sentia de fato um protagonismo do digital na faculdade, apenas só mais uma cadeira que tava lá, sabe, e eu acho que talvez pudesse ter sido mais bem aproveitado realmente aquele conteúdo das aulas do digital. De fato, concordo com isso.

**14. A entrada no mercado de trabalho jornalístico mudou a tua visão sobre jornalismo? De que forma?**

Ah, mudou sim, porque, apesar de eu nunca ter tido muito essa visão muito romântica do jornalismo, a coisa de mudar o mundo, e tudo mais, claro, sempre tive um pouco disso, mas não tive tanto, mudou porque quando tu está na faculdade e tu não está no mercado tu vê o jornalismo dessa forma, é a teoria que tu visualiza é aquele mundo ideal. Só que na prática, quando tu vai pro mercado não é bem assim, tem outras questões que se envolvem ali e tu não consegue fazer tudo aquilo seria o ideal, por diversas questões. Mas então, muda sim, porque tu tem uma visão bem melhor da realidade. Tudo aquilo que tu aprende na faculdade, tu não vai

conseguir fazer na prática. Então, muda sim, mudou a minha visão sobre jornalismo depois que entrei no mercado.

**15. Você contou que fez estágio no jornal. Como você diria que esse estágio contribuiu para você ser jornalista hoje?**

Ah, foi bem importante. Antes todas as experiência que eu tive foram em outros ambientes que não era bem aquele jornalismo sabe, era coisas mais improvisadas vamos dizer assim. E aqui foi de fato quando eu tive contato com jornalistas mesmo, experientes, um ano de carreira. Então eu aprendi com eles também no dia a dia. Aprendi no dia a dia coisas básicas, e tive a oportunidade de começar a escrever matéria, a assinar matéria, depois mais pra frente. Eu comecei a me ver como jornalista, na prática, sabe, trabalhando num veículo assim. Então o estágio em ajudou muito nisso, assim, eu passei a me ver como jornalista. Por mais que eu ainda estivesse estudando, não tivesse diploma, passei a me ver como jornalista que eu não via antes. Então foi bem importante pra mim.

**16. Eu ainda não tinha me deparado com nenhuma das entrevistas, tu falou essa coisa de assinar matéria. Quando começou a assinar matéria tu sentiu um peso maior? Como foi isso?**

Ah, quando tu tá trabalhando... eu não lembro como foi isso, mas no início a gente não podia assinar matéria, estagiário. Mas depois teve um momento que eu assinei, acho que era um especial, não lembro... Isso até era uma coisa no início: “poxa, to aqui mas não posso assinar nada”. Tinha uma questão legal, qualquer problema... E daí lembro que quando eu fiz uma especial, que saiu num caderno se eu não me engano, quando existia, daí eu assinei. Pô, quando tu vê teu nome ali assinado no jornal, pô tu tava fazendo uma faculdade para trabalhar num veículo, eu queria trabalhar em veículo... sempre pensou, ah, tá aqui meu nome... e quando eu assinei a primeira matéria assim... pô tu se olhar ali, no jornal, tu sempre lê o jornal, tu sempre quis ser jornalista, é realidade assim. Pô, tá acontecendo... to aqui, tá meu nome aqui... então tem um peso importante assim, principalmente no início. Lembro que eu guardei todas as matérias e tal em casa... depois foi tudo pro lixo [risos]. No início eu guardei tudo, porque era o orgulho de mostrar pra família. Teve um peso bem especial pra mim, pra minha experiência própria. Tu tá na faculdade, daí tu vê teu nome ali, é um passo legal. Tu ver aquilo se concretizando na prática. Foi simbólico pra mim nesse sentido.

**17. Teve alguma outra coisa que tu considera que foi assim simbólica no exercício do jornalismo, que tu sentiu isso “eu tô aqui”? Como tu falou...**

É, eu conseguir esse estágio foi bem importante assim. E depois, lógico, quando acabou meu estágio que eu estava me formando, tinha acabado o estágio, eu ia ter que sair. E esse processo depois de conseguir me efetivar aqui foi algo bem simbólico assim porque é até uma valorização do meu trabalho como estagiário, e enquanto profissional lógico, porque se eu não tivesse feito um bom trabalho como estagiário e como profissional, mesmo ainda sem ser formado, eles não iam querer me contratar... Então isso foi bem simbólico nesse sentido assim também. Porque daí era aquilo: “eu terminei a faculdade”, “era um estágio”, “só que hoje eu vou começar minha carreira formado, empregado num veículo importante”. Então foi bem importante para mim também.

**18. Como você vê hoje o mercado jornalístico, primeiro o mercado de trabalho, em Joinville?**

Extremamente difícil, o mercado de uma forma geral, não só onde eu trabalho. Se reduziu muito todos os locais, teve jornal fechando, enxugando, não posso negar, desde quando eu entrei diminuiu. Todos os locais reduziram, estão reduzindo nos últimos anos, fechando veículo. Então foi se afunilando muito mais as opções e novos jornalistas não pararam de se formar. Então tu vai reduzindo locais pra trabalho e vai aumentando a demanda, muita gente vai ficar desempregada nisso ou vai ter que procurar outros lugares pra trabalhar, outros meios, outras funções, que as vezes não é aquilo que elas gostariam, mas por uma necessidade elas vão. Então eu acho que tem poucas opções. Até tem bastante... tem alguns, um número razoável de veículos, mas nem todos são aqueles que fazem o jornalismo que a gente quer fazer. E eu acho que às vezes até acontece isso, a pessoa não tem muita opção vai acabar indo pra um lugar que ela não acredita ou não é aquilo que ela gostaria de fazer. Não um jornalismo real, porque afinal todo mundo tem que pagar as contas. Então eu acho que é um mercado difícil. Até eu mesmo, se eu sair daqui hoje eu não sei pra onde eu vou correr. Eu não sei onde eu vou trabalhar. Talvez tenha que sair daqui. Pra procurar um emprego em outro lugar, que tenha mais vagas. Então é um cenário que ficou bem complicado ao longo dos últimos anos, e aí, é claro, tem uma questão de crise econômica, crise no próprio meio, principalmente o jornal impresso, que é uma transformação

que tá acontecendo. Claro, a crise econômica bateu muito e foi se enxugando tudo. Tá bem complicado.

### **19. E como você vê o jornalismo que é oferecido hoje em Joinville?**

#### **Em geral.**

Eu acho bem fraco. E aí tô analisando o contexto regional até, a gente tá num estado que não é tão grande assim, se comparado aos outros, nós, em população, é a maior do estado, então nós somos a cidade maior do estado. Vendo esse cenário, a gente poderia estar muito mais forte, nesse papel assim. Tipo hoje a gente tem um jornal impresso, de fato tem outros mas que são menores... um jornal impresso, duas TVs, uma ou outra rádio aí que diz que faz jornalismo mas não faz, mas a pergunta especificamente é de jornalismo... Eu não sei, eu vejo poucas iniciativas que realmente fazem jornalismo. Tem os grandes veículos aí, com a TV, tem um ou outro jornal, mas fora disso a gente tem iniciativas agora do digital, por exemplo, projetos pessoais de alguns jornalistas, mas é muito pouco pra demanda que a gente tem, pra população que a gente, e a qualidade disso, também são poucos que fazem um trabalho com qualidade, de fato jornalismo assim. E isso, às vezes... é um grande problema, porque tu tem um ou vários outros veículos menores e tudo mais e aí, não estou menosprezando, mas em alguns casos acontece isso mesmo. Eu acho que talvez a percepção seja só nossa de que tu olha aquele jornal impresso que te entregam na rua: “meus deus, que é isso?”. E eu imagino que talvez seja uma percepção só nossa, às vezes, eu tenho essa preocupação. Quem pega de fato, na rua, olha aquilo e acha que aquilo é jornalismo. É igual eu sempre falo pro meu pai em casa (meu pai é um cara que não é muito estudado, enfim...), ele vê, ouve na rádio, um ou outro falando: “ah, não, porque tal pessoa falou isso, porque ele é jornalista, ele falou isso... é verdade”, aí eu: “não pai, olha o que ele tá falando...”. Esse é meu medo nessa questão da qualidade do nosso jornalismo não ser tão boa em Joinville, por isso, por acabar sendo desinformação. E não tão imparcial como poderia ser em alguns casos. Mas não sei, acho que poderia ser em melhor.

### **20. Você entende que o curso de jornalismo te propiciou condições suficientes para atuar nesse cenário?**

Sim, claro, ele me preparou para atuar no mercado. Poderia ter sido melhor preparado? Sim. A gente falou, ali, do digital, é um exemplo disso, que é uma coisa que já estava posta na época. Precisava de mais

profissionais assim. Preparou, com base, preparou, em relação ao jornalismo, princípios, como fazer, me preparou de forma razoável, boa forma. Poderia ser melhor? Sim.

### **21. E hoje, você trabalha do modo como gostaria com jornalismo?**

Trabalho, trabalho.

### **22. Gostaria que alguma coisa fosse diferente? Como que você gostaria de trabalhar? O cenário ideal, vamos supor...**

Por conta de tudo isso que aconteceu, de crise e tudo mais, se tem uma tendência de jornalismo e de tu ser o faz tudo, muito mais hoje em dia o generalismo. Então tu acaba fazendo de tudo um pouco. Ah, tu faz jornal impresso, mas daí tu faz rádio, e tu faz vídeo, tu faz foto... tu faz de tudo. E às vezes quase falta um pouco dessa... esse generalismo pode incomodar assim. Não sei, eu gostaria assim... Talvez isso possa te responder de melhor forma: quando eu entrei no jornal era muito diferente, há seis anos. Tinha mais gente, era um formato diferente. Era maior, tinha divisão por editorias, enfim, era outra realidade. Eu gostaria de ter trabalhado naquela época, hoje, com a minha cabeça de hoje, com a minha experiência de seis anos. Hoje, se eu pudesse, eu gostaria de trabalhar naquele jornal de 2012. Talvez isso possa te responder de alguma forma essa pergunta.

### **23. Alguma vez você já cogitou a hipótese de mudar de ramo ou mudar de profissão?**

Já. Chega um ponto... Como eu disse, são seis anos direto assim em jornal impresso, e jornalismo de forma geral, é muito desgastante, mentalmente, fisicamente, tudo. E anos seguidos assim eu acho, eu parei pra pensar melhor, porque cada vez vai ficando... vai tendo mais coisas pra fazer, tu tem que se desgastar mais, tu tem que se entregar ainda mais e isso tem alguns estalos assim que tu pensa: “meus deus, eu queria fazer outra coisa” porque “to, me matando pra fazer as coisas”, e às vezes tu se decepciona. Ah, hoje, se eu olhasse pra trás, eu gostaria de ter feito outra coisa. Algo que não me deixasse assim tão desgastado mentalmente. Tem semanas, ah, que maravilha, tá tudo ótimo, mas tem semanas, como tudo na vida né, que tu pensa: “meus deus, eu não aguento mais!”. Então foram nessas situações que eu pensei nisso. Te digo que se eu fosse voltar atrás... eu gosto muito do que eu faço, trouxe muita coisa boa, mas se eu voltasse pra trás, talvez eu tivesse feito outra coisa, talvez me arrependesse se

fizesse outra coisa (risos), mas eu... não sei, talvez eu fizesse outra coisa. Já pensei em fazer outra faculdade também. Talvez não faça hoje porque eu não tenho tempo. Mas, senão, eu faria, talvez... Não sei o que direito, mas talvez eu fizesse. Até por conta dessa crise instaurada, desse enxugamento da nossa profissão e tudo mais... Claro, sempre rola o medo, de tu ser demitido, de “eu vou ficar sem emprego”, “eu vou pra onde?”, “eu não vou conseguir...”, essa coisa toda... Então, claro, por isso também, essa questão da profissão de forma geral, do mercado, também já me fez pensar em fazer outra coisa. Pra ter essa segurança de outra coisa também, talvez pra ver se eu não me encontro em outra área.

#### **24. O que é jornalismo pra você?**

Não sei, eu sempre vi jornalismo como informação mesmo. Informar as pessoas daquilo que elas precisam saber, daquilo que elas querem saber, levar pra elas aquilo que está acontecendo porque nem sempre elas tem essa iniciativa própria de ir atrás de algumas coisas e tem coisas que não são tão simples assim, então é nosso papel também levar isso pras pessoas, sejam coisas boas, sejam denúncias, sejam investigações, sejam tudo. A gente tem um papel importante nesse sentido, de informar as pessoas e levar aquilo que está acontecendo pra elas, até pra elas estarem informadas e na vida delas aquilo se importante para tomada de decisões, enfim, a forma como ela vai viver, escolhas, enfim... Mas numa palavra é, de fato, informação, informar as pessoas das coisas. Jornalismo pra mim é isso. Enquanto eu tiver levando essa informação de qualidade pras pessoas eu to fazendo o meu papel.

#### **25. O jornalismo só é jornalismo se ele for divulgado por instituições jornalísticas como jornais, telejornais, radiojornais?**

Difícil... Se for pensar, no meu ponto de vista, que o jornalismo é informar as pessoas sobre o que está acontecendo, dos fatos e das coisas, eu não poderia dizer que é só por jornais, radio, enfim... Mas, eu acho que não. Tem uma questão de qualidade aí, mas eu acho que não.

#### **26. O jornalismo, ele deve monitorar os poderes estabelecidos como um cão de guarda?**

Se ele deve? Eu não digo como cão de guarda. Aquela coisa agressiva. Mas eu acho que poderia ser um pouco mais incisivo nesse sentido. De ir atrás mesmo de investigar e denunciar, e tudo mais. Eu acho que poderia ser mais incisivo. Mas cão de guarda, correr atrás agressivamente não. Eu

não acho que ele precisa ser adversário de ninguém. Eu acho que a partir do momento que tu tem alguma coisa ali, nos poderes, alguma coisa muito ruim, que tu vai trazer à tona, que tu vai investigar, vai denunciar, tu tem que fazer cumprir o teu papel. Agora eu não acho que gente precisa ser adversário de ninguém.

**27. Quais habilidades você diria que são mais importantes para se fazer jornalismo?**

As habilidades mais importantes? Tu tem que ser curioso, tem que saber fazer perguntas, não pode se dar por satisfeito com as respostas, tem que, não pode.... não pode se dar por satisfeito com a respostas no sentido de tu... não pode sentir medo da pessoa que está entrevistando, independente de quem ela seja, tu tem que ir atrás das respostas de fato, e não... não.. sei lá.

**28. Assessoria de imprensa é jornalismo?**

Hum... É, eu acho que é. Se for no sentido de informar, é.

**29. As novas ferramentas tecnológicas podem acabar com o jornalismo?**

Não acredito. Não acredito. Elas são uma boa oportunidade da gente renovar e fazer diferente muita coisa, mas acabar com o jornalismo não vai. Jornalismo ainda pede pessoas. Então a gente não vai acabar, eu acho, espero que não [risos].

**30. O que você diria que é mais importante: apurar, redigir ou editar?**

Apurar. Se não apurar direito redigir vai ser um problema, editar vai ser um problema.

**31. Só se aprende jornalismo na prática?**

Não. Se aprende na teoria. Na prática você pode ter outra visão daquilo que você aprendeu na teoria. Na faculdade a gente aprende o que é jornalismo, na teoria. Mas quando tu vai pra prática, tu pode contestar algumas coisas que tu viu na teoria.

**32. Você diria que existe alguma função profissional que seja mais importante no jornalismo?**

Não sei, acho que todo mundo cumpre o seu papel, no jornal, por exemplo, tem o repórter, tem o editor, tem o fotógrafo... se um deixar de

fazer aquilo vai faltar alguma coisa, então eu acho que é um trabalho conjunto, cada um cumpre o seu papel de uma forma que no final vai trazer um resultado.

**33. Que valores você diria que são mais importantes para o jornalismo?**

Me faltou a palavra agora, me deu um branco... tem que ser muito honesto, tem que ser fiel às coisas, acho que um dos princípios principais é honestidade, nesse sentido, para conseguir ser o mais próximo da imparcialidade possível, a famosa imparcialidade, buscada... tu tem que ser honesto com isso, tu tem que ser honesto com o que as pessoas dizem, com o que tu apura, ao que tu escreve, e tudo mais.

**34. Tem algum jornalista que você tenha como referência e que você admira e se inspira?**

Eu vou te dizer um bem local. No meu dia a dia, por exemplo, eu admiro muito um colega de trabalho que é o Saavedra, é alguém que me inspira nesse sentido, justamente por ir atrás das informações, ele é uma pessoa muito bem informada, muito ligada nas coisas, tu vai perguntar uma coisa pra ele, ele sabe te responder na hora tudo que tá acontecendo. Então é uma pessoa que no dia a dia, por exemplo, pra não ficar indo longe. É uma pessoa que tá na minha vivência que eu admiro.

**35. Então, a última pergunta: o que é para você ser jornalista?**

É cumprir esse papel de informar, levar a informação pras pessoas, principalmente agora, eu acho que a gente tem um papel muito importante, nesse sentido do que a gente tem visto, de que qualquer um passa informação o tempo inteiro pra todo mundo e as pessoas tão tendo uma tendência a acreditar em tudo que recebem, então, eu acho que papel do jornalista é isso, levar informação de qualidade, desmentir aquilo que tem que ser desmentido, levar aquilo que tem que ser levado... É a gente eu acho que tem um desafio muito grande agora, mais do que a gente estava tendo, por esse contexto que a gente tá. Então eu acho que o nosso papel nesse momento é muito importante nesse sentido de esclarecer as coisas, informar verdades, de uma forma muito responsável e com aquela honestidade que eu te falei ali de levar de fato aquilo que está acontecendo. Não se aproveitar desse, disso que tá acontecendo, de internet, fake news e tudo mais. Então a gente tem que combater isso. Eu acho que esse é um papel bem importante nesse momento.

## **EGRESSO 3**

### **1. Você se identifica como jornalista atualmente? Por que?**

Sim, mas mais porque concluí o curso de Jornalismo.

### **2. Onde você trabalha atualmente?**

Em uma empresa que presta consultoria e serviços relacionados à gestão do conhecimento para empresas.

### **3. Qual função você exerce?**

Sou analista de conteúdo. Escrevo posts, e-books e outros materiais que fazem parte das estratégias de marketing de conteúdo.

### **4. Qual sua trajetória profissional?**

Fora do Jornalismo, comecei a trabalhar com 17 anos em uma agropecuária. No primeiro ano de faculdade, consegui um estágio em uma agência de publicidade, onde permaneci por quase dois anos antes de começar um novo estágio, desta vez na assessoria de comunicação de uma empresa pública. Quando concluí o curso, deixei o estágio, já que não havia possibilidade de efetivação. Passei alguns meses desempregada até que voltei a trabalhar na agropecuária por não encontrar vagas em Jornalismo. Saí de lá mais de um ano depois, quando comecei a trabalhar em um jornal, no qual fiquei cinco meses após a contratação. Sem nenhuma perspectiva de emprego em Jornalismo na cidade, criei um projeto com uma amiga também jornalista, a fim de sustentar uma iniciativa de jornalismo independente na cidade. Mas a gente não conseguiu viabilizar assim, financeiramente. Então eu passei a fazer freelas em marketing de conteúdo, até que mais de um ano depois da demissão do jornal consegui um emprego temporário na comunicação de um festival de grande porte da cidade, onde fiquei. Depois, fui contratada pela empresa que estou trabalhando. Tem pouco mais de três meses.

### **5. Você se sente parte do grupo profissional dos jornalistas?**

Sim. Me sinto assim desde que me formei, mesmo quando trabalhava em outra área.

### **6. O que faz você se sentir jornalista?**

Em primeiro lugar, é o diploma, o fato de ter estudado pra seguir essa profissão. Por isso, me sinto jornalista mesmo atuando em outra área.

Porém, eu me sinto mais jornalista quando trabalho na área e mais ainda quanto trabalho com jornalismo independente.

### **7. O diploma faz você se sentir parte do grupo profissional dos jornalistas?**

Sim, é o aspecto determinante para que eu me sinta parte desse grupo.

### **8. O que te motivou a iniciar o curso de Jornalismo?**

Não sei dizer com clareza, mas acho que foi a ideia de trabalhar em contato com as pessoas, sem se prender a um escritório, por exemplo. Nessa época, “mudar o mundo” ainda não estava entre as minhas ambições, foi algo que surgiu com o início do curso.

### **9. Como você via o Jornalismo quando iniciou o curso?**

Eu não tenho muitas lembranças das minhas percepções antes de iniciar a faculdade, mas acho que eu entendia como Jornalismo apenas o trabalho dos veículos de comunicação, sem pensar nas outras possibilidades da profissão, uma delas na qual eu trabalho hoje, inclusive.

### **10. O curso mudou de alguma forma sua visão sobre o Jornalismo?**

Não é que tenha mudado, mas sem dúvida abriu meus olhos para outras possibilidades dentro da profissão. Acho que é muito comum, quando estamos fora da área, relacionar o Jornalismo com o trabalho em televisão e imagino que eu tivesse essa percepção também. Uma coisa que certamente mudou foi a minha percepção sobre o processo jornalístico, das escolhas que um repórter faz durante esse processo, de como a linha editorial de um veículo impacta naquilo que é publicado. Essa noção eu, sem dúvida, não tinha antes do curso.

### **11. Como você percebe o curso hoje? Gostaria que ele tivesse sido diferente em algum aspecto?**

Eu tenho contato com alguns alunos que estudam Jornalismo hoje e sinto falta de ter estudado coisas que eles têm na grade agora. A questão do empreendedorismo é uma delas. Sinto que no meu curso nós não fomos preparados para administrar nossas próprias iniciativas, por exemplo. Também sinto falta de ter aprendido mais sobre o meio digital e as novas tecnologias a favor do jornalismo, que também têm maior parte na grade atualmente.

**12. A entrada no mercado de trabalho mudou sua visão do Jornalismo de alguma forma? Se sim, em que? ou em que sentido?**

Mudou demais! Primeiro em relação à própria valorização do jornalista. Há muitas pessoas sem formação nessa área ocupando espaços que poderiam ser de jornalistas formados. E aqui eu quero dizer que não esse é o problema. Acredito que há pessoas sem essa formação e que podem fazer um bom trabalho, mas não é o que vejo na maioria das rádios joinvilenses, por exemplo. Depois, a entrada no mercado de trabalho também mudou a minha visão sobre a autonomia do jornalista nos veículos de comunicação. No jornal em que trabalhei, vi matérias sendo barradas por causa de um assunto ou de pessoas envolvidas nele. Assim, a entrada no mercado de trabalho reforçou que não é tão fácil mudar o mundo com o jornalismo como pensamos na faculdade.

**13. Como os estágios contribuíram para você ser jornalista?**

No primeiro estágio, conviver com jornalistas e assistir à rotina de trabalho foi mais relevante do que as tarefas que eu exercia, embora o *clipping* também tenha sido útil para entender um pouco mais da mecânica dos veículos de comunicação. Com o segundo estágio, aprendi muito sobre a relação com a imprensa, sobre como produzir textos de assessoria, sobre comunicação interna e outros processos.

**14. Algum episódio desse período fez você se sentir jornalista?**

Acho que durante o estágio na empresa pública eu me sentia mais jornalista do que no outro de forma geral, mas não me lembro de algum episódio específico.

**15. Como você o Jornalismo praticado em Joinville atualmente?**

Vejo com tristeza. Pela falta de veículos de comunicação de forma geral, o que compromete a pluralidade; pelo trabalho nem sempre relevante desses veículos. Muito pela falta de estrutura e de profissionais, mas também pela linha editorial que seguem, e pela falta de apoio ao jornalismo independente na cidade.

**16. Como você vê o mercado de trabalho jornalístico em Joinville?**

Não consigo ver de forma otimista justamente pelas experiências que já tive. Faltam veículos de comunicação, o jornalismo independente não

consegue se sustentar e mesmo em assessoria de comunicação e outros segmentos da área o mercado parece estar saturado.

**17. Você entende que o curso te propiciou condições suficientes para atuar nesse mercado?**

Sim. Não tenho queixas do curso. Mas queria ter tido contato maior com alguma noção de empreendedorismo.

**18. Você trabalha do modo como gostaria com jornalismo? Como gostaria de trabalhar?**

Não trabalho. Gostaria de trabalhar com jornalismo independente ou na redação de um veículo de comunicação que tivesse como propósito a defesa dos direitos humanos.

**19. Já cogitou a hipótese de mudar de ramo ou migrar de profissão? Por que?**

Sim. Na verdade, cheguei a fazer isso por um tempo por falta de opção de trabalho.

**20. O que é Jornalismo para você?**

Pra mim, o Jornalismo é um agente de mudança. Ele tem potencial para escancarar injustiças, mobilizar as pessoas e promover mudanças. Ainda acho que ele pode mudar o mundo quando altera alguma realidade, quando contribui para uma mudança necessária.

**21. Qual, em seu entendimento, é a função do Jornalismo?**

Acho que é oferecer conteúdo relevante e de qualidade, baseado em uma apuração ética e com senso crítico, que possa promover reflexão e debate na sociedade.

**22. Você acredita que essa função está sendo alcançada? Por que?**

Acho que há bons exemplos de veículos, jornalistas e produtos jornalísticos que alcançam essa função, mas não é a totalidade. Vejo que a falta de estrutura é o maior obstáculo para que alguns veículos alcancem essa função, enquanto para outros é a linha editorial que impede isso.

**23. O jornalismo só é jornalismo se divulgado por instituições jornalísticas?**

Eu acho que todas as pessoas podem informar algo, mas isso só pode ser chamado de Jornalismo se seguir critérios jornalísticos.

**24. O jornalismo deve monitorar os poderes estabelecidos como um cão de guarda?**

Sim, acho que isso faz parte da função do Jornalismo.

**25. Um jornalista que trabalhe fora de jornal ou instituição jornalística faz jornalismo?**

Depende. Se ele atua em uma função na qual utiliza as técnicas e preceitos dessa área, ele faz Jornalismo. Se não, não.

**26. Assessoria de imprensa é jornalismo?**

Eu acho que os jornalistas são os profissionais mais indicados para fazer assessoria de imprensa, mas sempre que me refiro ao Jornalismo, costumo pensar na produção de reportagens, talvez porque eu goste mais dessa área e veja nela mais valor. Difícil...

**27. As novas ferramentas tecnológicas podem acabar com o jornalismo?**

Não, penso que elas vêm para somar, mas precisam ser adotadas pelos veículos de comunicação de forma inteligente e ética.

**28. O que é mais importante: Apurar, redigir ou editar?**

Acho que as três funções são fundamentais, mas de nada adianta um bom texto se houver um erro na apuração. Acho que é mais fácil ser um bom jornalista sabendo apurar bem e tendo mais cuidado com as outras duas funções do que o contrário.

**29. Só se aprende jornalismo na prática?**

Acho que não, mas a prática ensina coisas que a gente não aprende só com a teoria.

**30. Qual a função profissional mais importante do jornalismo?**

Embora todas sejam importantes, eu fico com o repórter.

**31. Que valores são mais importantes para o exercício do jornalismo?**

Eu acredito que a ética é um bom guia para o jornalista, acompanhada da defesa dos direitos humanos e do senso crítico.

**32. Que jornalista você tem como referência? Por que?**

Gosto da Daniela Arbex... Por diversos motivos. Entre eles o cuidado em contar histórias difíceis e a persistência em desvendar coisas de um passado que algumas pessoas não querem lembrar. Também acho impressionante que ela faça esse trabalho fora do eixo Rio-São Paulo, em um jornal nem tão expressivo, e que ainda transforme suas reportagens em livros.

**33. O que é, para você, ser jornalista?**

Pra mim, ser jornalista é utilizar o Jornalismo para mudar o mundo. A diferença é que aqui mudar não é necessariamente como naquele sonho que todo calouro tem, mas torná-lo melhor do que é hoje, desvendando e denunciando situações, informando com contextualização e senso crítico, a fim de mobilizar pessoas. Já o mundo não é bem o mundo, mas pequenas realidades que, transformadas, podem gerar uma sociedade mais justa e igualitária.

## **EGRESSO 4 – Terceira geração do Jornalismo do Ielusc**

### **1. Cinco primeiras palavras - Jornalismo**

Verdade, credibilidade, contexto, informação e fatos.

### **2. Trabalhas atualmente como jornalista? Qual é tua trajetória no mundo do trabalho?**

Sim, sim. Mas é parcialmente. Não somente [o egresso também mantém atividades em uma empresa familiar]. Trabalho no meu jornal. Sou editor e repórter. Eu comecei já na faculdade meio tarde. Tipo... Aí durante a faculdade eu tive vários empregos. Tipo, eu comecei na faculdade com 20 anos e fiquei uns oito anos nela. Aí eu tive vários empregos picados, assim. Estágio... Eu tive no serviço público. Aí eu tive. No que que eu trabalhei depois? Eu não lembro direito. Eu trabalhei num site jornalístico também. Fiquei um tempinho lá. Trabalhei com assessorias de imprensa, trabalhei em empresa pública, trabalhei também... Eu cobri férias por uns meses no jornal também. Então foi uma experiência curta, mas estressante. E só. Trabalhei também... Fiquei intercalando entre empregos jornalísticos.

### **3. Entre os jornalísticos tem algum que você entende que foi importante para o teu trabalho jornalístico?**

Todos, na verdade. Acho que a experiência mais intensa foi o jornal, que era uma redação de verdade. Então, o site foi mais longa, mas não era... Ainda não tinha nenhuma... É uma experiência que não tinha exatamente... uma uma experiência que as pessoas sonham em viver no jornalismo e tal. O jornal é uma redação de verdade.

### **4. Você se sente parte do grupo profissional dos Jornalistas? Por que?**

Sim. Particularmente, assim, isso independente do trabalho, sinto muita vontade de contar histórias factuais para a sociedade. Então, essa é uma coisa que eu sempre fiz. E aí eu entendo que a maneira de contar essas histórias é uma... Tem uma responsabilidade muito grande na maneira de contar essas histórias e eu entendo que eu sei o jeito certo de contar essas histórias e sinto vontade de fazer isso e faço isso sempre que eu posso. Então, pelos meios que eu posso. Uma coisa que eu senti falta foi de ter um jornal na cidade e aí foi por isso que eu criei um jornal justamente para isso.

**5. Acredito que você fez ou estava fazendo o curso quando, no aspecto da questão do diploma rolava discussão. Em que o diploma ele faz você se sentir parte do grupo profissional dos jornalistas?**

Eu acho que ele não é o fator mais importante, mas eu acho que ele pode se sentir sim jornalista muito à vontade sem o diploma. Mas eu acho que quando tu ganha o diploma, de fato... Para mim... O que eu quero dizer é: para mim, nunca importou, mas acho que é importante ter a formação. Mas para mim, particularmente, o diploma é mais importante para pôr, não pelo jornalismo, mas pela situação social, de ter um curso universitário, de você ser formado em alguma coisa, assim. Há coisa maior que o diploma.

**6. Naquele período, quando tava tendo toda aquela discussão, tu sentiste alguma dificuldade em relação a isso? Alguma dúvida em algum momento?**

Não. Eu nunca me importei muito, na verdade. Tipo, eu sempre fui... Eu sempre fui a favor de que se tenha o diploma, mas eu acho que, também, eu nunca dei uma importância tão grande para a discussão quanto os meus colegas e tal, que, então... Nunca foi uma coisa que me incomodou. Tipo, foi um fato que aconteceu. Eu acho que... Tem problema. É um fato problemático, que há interesses por trás. E os interesses devem ser combatidos em nome do bem da população. Mas nunca me incomodou muito. Então, eu cheguei... Eu nunca cheguei a brigar pela questão do diploma. E também nunca cheguei a ter grandes dúvidas não.

**7. O que te motivou a iniciar o curso de jornalismo?**

Eu não sei. Mas não, não sei. Mas eu queria ser detetive quando eu era pequeno, queria ser escritor durante a adolescência... E sempre achei legal a ideia de ser jornalista, assim. Mas eu não sei qual o fator decisivo, de fato. Então eu acho que a proximidade, a facilidade para escrever, proximidade com o universo das Letras em um certo glamour que a profissão tem - não no sentido do glamour que a palavra remete primeiro, nossa profissão tem um *sex appeal*, assim. Que é a questão da aventura, a questão de dialogar com grandes personalidades...

**8. Como você via o jornalismo quando você entrou no curso? Lembra?**

Não sei. Eu não sei se mudou muito a minha visão, não. Eu acho que é uma... Eu acho que o jornalismo exerce uma influência muito grande na

sociedade. A sociedade dá uma importância muito pequena em relação à importância que o jornalismo tem. A discussão acerca do jornalismo é muito pequena acerca do que o jornalismo tem... E eu acho que eu já achava isso quando entrei no curso: que a profissão era muito importante para a sociedade. Acho que eu continuo achando isso, assim.

### **9. O curso mudou de alguma forma a tua visão sobre o jornalismo?**

O curso refinou a minha visão de, né... De contextos, de tirar dúvidas sobre o que de fato era, o que não era verdade, o que... Certas impressões que se tinha, por exemplo... Deixa eu pensar numa... Bom, eu acho que é isso, que o curso refino uma ideia que eu já tinha. E fez eu ter mais elementos para discutir o que é o Jornalismo e o que não é. Mas a visão em si o que que é a função jornalística não mudou. A atividade a função, não mudou.

### **10. O que é essa função do jornalismo para ti?**

Ah, tu pegou. Eu falei e eu vi que tu ia pegar. A função do jornalismo... Não estou usando função no sentido do conceito "funcionalismo". Estou usando sem querer, não sei. Mas assim, eu acho que o papel do jornalismo - eu falei de função nesse sentido - é explicar a sociedade para a sociedade. Então, é nessa linha assim eu acho que... Ou pelo menos explicar uma parte... Oferecer uma parte da explicação. A outra parte quem vem oferecer são outras atividades, historiadores, os designers, sei lá...

### **11. Como você percebe o curso do Ielusc hoje? Você gostaria que tivesse alguma coisa diferente?**

Em relação ao que tem hoje, assim. Eu acho que, um pouco, é difícil porque a gente tá afastado e só vê de longe, assim, o que acontece. Eu tenho muitos amigos dentro do curso. Mas a gente não se aprofunda em relação às aulas. Eu acho que o curso, não é que perdeu qualidade, acho que se fazia uma discussão mais aprofundada no passado. E isso tem a ver com a geração que entrou. E aqui eu não estou tentando ser nostálgico. Que não é uma coisa que eu seja. Os interesses dessa geração são pouco diferentes dos interesses da nossa geração. E aí isso gera um... Eles fazem outras discussões que talvez a gente não achei tão interessantes. Eu acho que às vezes as discussões na sociedade como um todo são meio superficiais. Acho que hoje, não sei se o curso tem um problema, ou que a estrutura do curso tenha um problema, mas o que eu observo no curso é que existe uma falta da profundidade que eu já vi no passado.

**12. A entrada no mercado de trabalho mudou tua visão do jornalismo de alguma forma?**

Acho que não. É que eu nunca fui muito xiita – usando a expressão que nem tá certa porque são os sunitas que são mais radicais... Eu sempre fui crítico do jornalismo que é feito no mercado, mas sempre respeitei o jornalismo que é feito no mercado. Eu acho que é Folha de São Paulo tem um papel importante. O próprio jornal A Notícia tem um papel importante. Isso não quer dizer que eles não cometam erros cotidianos, que tenham a ver com ideologia ou com outras discussões, que eu trate com muita firmeza, que eu ache errado. Mas eu acho que eu não passei por essa questão de mudar a visão justamente porque eu já esperava... Eu já não tinha uma expectativa muito diferente. Então acho que não mudou muito nesse sentido.

**13. Pelo que eu pude perceber teve algumas experiências mais próximas de um jornalismo *hard news*, outras mais próximas de algo no estilo assessoria de imprensa. Qual é a diferença que tu percebes entre os dois?**

- Coincidentemente um lugar que eu trabalhei. Coincidentemente não. Acho que essa não é a palavra. Um lugar que eu trabalhei com assessoria de imprensa, que foi bem intenso, foi o órgão público. A gente trabalhava para o governo e era um negócio... Assessoria de imprensa do governo é um negócio muito louco. Era muito exigente. Às vezes tinha um quê ali de adrenalina do jornalismo que é um pouco diferente nesse aspecto. Mas a assessoria de imprensa é um trabalho mais tranquilo. Geralmente com mais tempo. E é uma lógica diferente, né? Não é uma lógica jornalística. Na assessoria de imprensa tu trabalha com a defesa do teu assessorado, praticamente. Mesmo que a gente não queria que – e uma parte dos assessores às vezes não assumem isso, que de fato haja diferença em relação a isso – tu não vai procurar uma coisa ruim no teu assessorado para expor. Tu sempre vai procurar uma coisa boa, vai tentar passar uma ideia boa. Em situações de crise tu pode trabalhar com a verdade. O assessor de imprensa tem essa tarefa também. Mas ele não vai. O jornalista procura uma coisa ruim. O assessorado dá uma disfarçada naquela coisa ruim, dá uma limpadinha antes de mostrar por público.

**14. Como você vê o mercado jornalístico em Joinville?**

Hoje eu acho muito ruim. Acho que ele nunca foi bom. Mas hoje eu acho que ele é muito ruim. Principalmente porque a gente não tem jornais. E aí eu falo jornais no sentido... A gente até tem sites, tem um número variado aí de possíveis jornais. O meu jornal, hoje, eu não considero ele como um jornal de fato. Ele não consegue cumprir o que um jornal faria de verdade, de estar um dia todo atrás da informação, expondo os poderes de maneira crítica. Hoje a cidade só tem um jornal que é muito pequeno, muito fraco em relação ao que uma cidade desse tamanho exige. O mercado é ruim em termos de emprego, tem pouco emprego e paga pouco também. Não existe uma concorrência. O profissional daqui não é valorizado. Parece que ninguém quer saber do jornalismo na cidade. O jornalismo em Joinville padece justamente porque a sociedade joinvilense não exige um jornalismo. Eu sei que a cidade precisa de jornalismo, mas a cidade não exige jornalismo. Então isso acaba tornando o mercado muito ruim.

**15. Você entende que o curso te propiciou condições suficientes para atuar nesse mercado?**

Sim. Eu considero que eu saí preparado para atuar em qualquer mercado. O curso me ofereceu uma formação que eu considero suficiente. Acho que a cidade aí tem um problema de que não consegue absorver esses profissionais.

**16. Você trabalha na área como você gostaria com jornalismo?**

Não. Nem a pau. Eu trabalho hoje de forma praticamente voluntária. É que a gente está desenvolvendo um trabalho, está fazendo uma tentativa de criar uma condição razoável para uma equipe de jornalistas trabalharem. Hoje, ela não paga nem o salário do estagiário. Só que a gente tem esperanças – e está trabalhando para isso – que essa condição vire realidade. Como eu gostaria de trabalhar? Com um salário razoável, que fosse suficiente para pagar as contas e cobrir lazer, essas coisas, e com segurança jurídica. Isso é uma coisa que faz diferença. Um grande jornal... Pelo menos tradicionalmente os grandes jornais oferecem segurança jurídica para os seus trabalhadores. E hoje quem faz jornalismo na cidade de Joinville não tem segurança. Nem jurídica nem física. Isso é um problema. Mas a principal questão é salário. É a sociedade demandar... A sociedade pagar de alguma forma e dar condição para o jornalista trabalhar.

**17. Você estava mencionando essa questão de segurança jurídica. Qual pode ser o maior problema nesse caso?**

Um processo pode acabar com uma vida neste caso. Um processo... E a gente conta com um Judiciário que não é lá muito confiável, que faça justiça de verdade, então o jornalista tem que trabalhar com muito cuidado, se ele quer - logicamente, é desejável em qualquer hipótese que o jornalista tem que ter cuidado - porque qualquer pessoa pode processar por algum detalhe e isso pode correr um risco grande, pode causar um prejuízo muito grande e tirar esse sujeito do mercado.

**18. Você já chegou a cogitar a hipótese de mudar de profissão ou de ramo?**

Já. Já. Eu acho que eu penso isso sempre. É que eu acho que eu levo jeito para o jornalismo e não levo muito jeito para muitas outras coisas. Mas, ao mesmo tempo, eu gosto de muitas outras coisas. Gosto de muitas outras atividades no mundo do trabalho e das ciências. Eu ainda quero me tornar professor, gostaria que fosse de geografia, mas talvez não entre no... Talvez a geografia ficou... Depende do como vai ficar a questão, mas eu penso em fazer uma nova graduação e me tornar professor. Esse é um desejo mais antigo do que uma decepção com as condições do jornalismo. Independente disso, é claro que as péssimas condições para se fazer jornalismo colaboram para que essa vontade surja mais forte. Na verdade eu não penso em largar o jornalismo, mas eu penso em tornar ele apenas uma parte das minhas atividades. Eu não penso em largar, eu sempre penso em fazer coisas relacionadas ao jornalismo.

**19. O que é jornalismo para você?**

Jornalismo é atividade profissional em que pessoas contam para as outras versões dos fatos com a maior objetividade possível, dando contexto, dando versões ou prestando reflexões para que as pessoas possam tomar decisões melhores. Para que a sociedade possa ser conduzida e se conduzir da melhor maneira possível. É isso.

**20. O jornalismo só é jornalismo se ele for divulgado por instituições jornalísticas?**

Não. Mas eu acho que é difícil separar quando um sujeito pode se tornar uma microinstituição. Por que assim, sem sujeito quer e produz uma reportagem sem nunca ter feito jornalismo aquilo continua sendo uma reportagem. Então acho que não. Isso é muito raro acontecer. E é muito

comum que o que se vê de jornalismo na sociedade seja feita por instituições jornalísticas.

**21. Você diria que o jornalismo deve monitorar os poderes estabelecidos como um cão de guarda?**

Acho que sim. Acho que deve. Acho que deve monitorar os poderes, mas não sei se cão de guarda é uma coisa que eu encaixaria na frase porque deve monitorar os poderes com objetividade. Sou um pouco contra a ideia de que jornalistas precisam destruir os poderes. Porque isso gerou um problema, para mim, na sociedade. Quando o jornalismo tentou destruir os poderes, eles minaram as instituições e enfraqueceram as instituições. Então eu acho que o jornalismo preciso ter essa gana das instituições, mas ele deve fazer a cobertura objetiva e crítica.

**22. Quais habilidades você entende que são mais importantes para se fazer jornalismo?**

Eu acho que é coisa que importa 98% é a interpretação. Uma interpretação não confusa do mundo. Não tô querendo dizer aqui os melhores... Ler o mundo é uma coisa muito complicada e se o jornalista lê errado ele vai escrever errado. Acho que o jornalista precisa, para ler o mundo bem, de muita leitura e de muita abertura também. Abertura intelectual, abertura humana, para conseguir fazer essa leitura. Então, isso é 98%. E tem que saber expressar isso de alguma forma, por texto... Tem gente que não sabe escrever, mas que se expressa muito bem em frente de uma câmera. Tem gente que não sabe se expressar na frente de uma câmera e se expressa muito bem escrevendo. Acho que esse é o 2% que importa também.

**23. Um jornalista que trabalha fora de um jornal ou de uma instituição jornalística faz jornalismo?**

Sim. Sim. Aí é que está. A partir do momento que ele... Eu acho que o que define o jornalismo é o produto. Não é o meio. É o que sai. Se for algo anônimo, escrito por um cachorro que sem querer bateu no teclado e saiu aquele produto dando uma informação correta, bem apurada - bem apurado não pode ser, porque foi um cachorro - mas, bem, o cachorro apertou uma câmera, e fez uma foto jornalística, então, nesse caso sim. O que importa é o produto. Sem o produto...

**24. Assessoria de imprensa é jornalismo?**

Acho que não. Acho que tem uma relação muito próxima. É importante que o assessor entenda o que é o jornalismo, mas acho que não (interrompido por conhecidos). Mas é que assim, eu não coloco como polos opostos, só não acho que seja jornalismo porque o jornalismo vai tentar mostrar aquela coisa com a objetividade que o assessor, por mais honesto que ele seja, ele Talvez não vai fazer com a maior objetividade jornalística. A versão dele vai colocar o fato mais importante, se for necessário, no segundo parágrafo. Então, essa é a diferença para mim.

**25. Você considera que as novas ferramentas tecnológicas podem acabar com o jornalismo?**

Não. Acho que não. Acho que o jornalismo são pessoas contando para outras pessoas como o mundo é. E eu acho que as máquinas – talvez um dia elas consigam e aí eu mude minha resposta – mas eu acho que elas não conseguem contar para outras pessoas como o mundo é, porque elas têm uma leitura - voltando às outras respostas -, elas não conseguem ter uma leitura de mundo que um ser humano tem, a leitura crítica de mundo que um ser humano pode ter. Não acaba com o jornalismo, mas bagunça de uma forma considerável a forma que as pessoas fazem jornalismo, a forma de produzir jornalismo. Ela afeta, mas não acaba com o jornalismo.

**26. O que tu entende como o mais importante? Apurar, redigir ou editar?**

Apurar. Apurar. Mas respondi porque tinha que responder uma questão. Acho que eles são importantes, se complementam, mas a apuração é mais... É ali que está o trabalho do jornalista. É ali que tu está olhando para a realidade e tentando captar o que está acontecendo nela.

**27. Só se aprende jornalismo na prática?**

Não. Não. Sim. Não sei. Pode botar “não sei” porque eu acho que quando você está na faculdade você está praticando e mesmo... Esse é o ponto para mim. Quando tu faz a pergunta tu estás falando da prática do mercado, da vida. Mas eu acho que tu só consegue produzir o material jornalístico quando tu senta, independente de qualquer lugar, e faz esse material jornalístico na prática. Isso pode acontecer nos bancos escolares. É assim que se ensina na escola. O professor passa uma pauta, sugere uma pauta, e mostra para os alunos quais são as técnicas que eles têm que desenvolver. E quanto eles estão fazendo isso eles estão praticando. Só se aprende na prática sim, mas eu acho que ela não precisa ser no mercado.

Sou contra a ideia de que o mercado que ensina de verdade. Mas acho que é no mercado, naquela prática do dia a dia ali, se tu vai refinar a tua técnica.

**28. Há alguma função profissional do jornalismo que tu considere mais importante?**

O repórter. O repórter é o supra-sumo. É quem faço jornalismo de fato. As outras funções complementam. São importantes, mas elas são complementares.

**29. Que valores são mais importantes para o exercício do jornalismo?**

Eu acho que honestidade. Honestidade no amplo sentido, assim, de contar a verdade. Não sei se verdade entra como valor, acho que não. Verdade é um valor? Não é um valor. Não está na categoria valor. Eu acho que honestidade. Eu acho que um comprometimento como a sociedade, com a ideia de fazer o melhor para a sociedade, e para a humanidade. Eu acho que a honestidade, esse comprometimento.

**30. Tem algum jornalista como referência?**

Geneton Moraes Neto. Acho que é esse o nome. Não sei. O Caco Barcellos. Eu gosto de bastante gente, mas não tenho referências. Não tem ninguém que eu queira imitar. Tem pessoas que eu gosto. Eu acho que eu trabalho que os dois fizeram. Assim, um misto dos dois daria grandes coisas. Não. Inspirar não. Eu admiro o trabalho de alguns. Mas não dá para dizer que é inspiração. Até porque tenho mais críticas que [interrompe-se]...

**31. O que é, para ti, ser jornalista?**

Ser jornalista é ser comprometido com a ideia de mudar o mundo pela verdade. A frase que eu mais gostava da Bíblia ela foi estragada recentemente por um candidato fascista, mas é "diga a verdade, e a verdade vos libertará". Sempre gostei muito, e acho que tinha muito da ética jornalística nessa frase. Claro que ali na Bíblia estava em outro contexto. Mas é muito bonita a frase e eu sempre trouxe ela para o jornalismo. Na ideia de que a verdade pode transformar o mundo. Acho que é isso. Ser jornalista é ser comprometido em mudar o mundo pela verdade.

## EGRESSO 5

### 1. Cinco primeiras palavras – Jornalismo

Factualidade, relevância, conteúdo, ética, compromisso.

### 2. Trabalha como jornalista atualmente?

Sim. Também, trabalho com jornalista e sou coordenadora da rádio. Faço coisas do jornalismo e cuido com a coordenação do produto. Jornalismo e entretenimento.

### 3. Qual sua trajetória profissional?

Comecei como estagiária no jornal, depois fui para o digital, participei do online, quando fui efetivada; fui repórter do online e depois editora assistente, editora. E agora coordenadora de jornalismo.

### 4. Você se sente parte do grupo profissional de jornalistas?

*Como assim?* (repetiu a pergunta)

Sim. Sim.

### 5. O que faz você se sentir jornalista?

É eu acordar todos os dias, selecionar, olhar como um todo para o factual, selecionar o que acontece, checar *fake news*, transmitir um conteúdo de relevância e de qualidade.

### 6. O diploma (de jornalismo) faz você se sentir parte do grupo profissional de jornalistas?

Faz, para mim foi fundamental. Quando eu fui contratada e estava terminando a minha monografia. Eu fui contratada de maneira informal, conversei com meu gestor e ele disse... você vai terminar a monografia e você vai se formar. Por causa disso também eu me sinto parte.

### 7. O que te motivou a iniciar o curso de jornalismo?

Na época eu tive uma visão bem diferente do que tenho agora depois de formada. Essa questão de ser bem sonhadora, de ficar inquieta com algumas coisas, me fez querer cursar o jornalismo.

### Inquietude? Como?

No sentido que... inquietude com as coisas factuais, não só ver aquilo, mas explicar o porquê daquilo, de entender melhor a sociedade. Acho que

dentro do jornalismo é importante e foi o que me fez fazer... como se fosse mudar o mundo. Depois na profissão a gente tem alguns poréns, mas na época minha visão era aquela... meio que mudar o mundo.

### **8. De que forma o curso pode ter mudado sua visão do jornalismo?**

O curso ajudou bastante a desenvolver o meu pensamento crítico, o curso ensina muito a gente a pensar, a contextualizar toda essa questão. Claro que quando a gente está no trabalho, a gente vai aprender com a rotina do trabalho. Tem coisas profissionais que a gente não aprende no curso. Mas a base, que é estruturar o pensamento, eu aprendi no curso.

### **9. Como você percebe o curso hoje. Há alguma coisa que você acha que deveria ser diferente?**

Então... minha turma se formou há uns 8 anos. Tem coisas muito atuais que não tinham em nossa época de curso. A gente pegou a época da fotografia analógica, a gente ia para o laboratório para revelar a foto. Tem coisas que na nossa profissão não existem mais. Hoje a gente fala muito sobre internet, sobre *fake news*, sobre empreendedorismo. Parece que a solução para o nosso trabalho eram as grandes mídias e nas assessorias e tudo mais. Talvez o curso poderia ter alguma coisa que faça a gente a pensar mais em empreender.

### **10. A entrada no mercado de trabalho mudou sua visão do jornalismo, pelo que pude perceber. De que forma e em que sentido?**

Assim, eu tenho as minhas convicções, eu acredito no que eu sigo, mas, assim, a minha neutralidade dentro do meu ambiente de trabalho se sobrepõe. Eu nunca vi jornal puxar para um lado, puxar para o outro. Enfim, essa coisa de neutralidade... eu pensei que ia mudar o mundo. papapa... as minorias... quero isso, quero aquilo... opa, não é bem assim. A gente trabalho numa empresa privada, que é neutra, que não tem partido. Então estamos aí. Nisso, parece que a gente tem que se encaixar, né? Como toda e qualquer empresa. Foi assim também no jornalismo, eu acho.

### **E quanto a questões do próprio modo de trabalho, trouxe alguma diferença para ti? O mercado de trabalho com comparação com aquilo que imaginava fazer na faculdade?**

Eu nunca me imaginei trabalhando em rádio. Tanto é que eu nem dava bola para as aulas de rádio na faculdade. Eu tinha na minha cabeça que eu

queria trabalhar com impresso. Tanto que comecei no impresso, depois fui para o digital, daí fui me especializar em estratégias digitais, fiz minha pós baseada nisso. Mas rádio não. Foi uma coisa que foi acontecendo. Então, para mim, eu deveria ter aproveitado mais as aulas de rádio, porque na época eu não julgava como interessante. Era um negócio assim... ah, eu nunca vou fazer. E agora eu estou aqui fazendo, e talvez eu deveria ter prestado mais atenção nas aulas de rádio. Mas a gente tenta recuperar, né?

### **Você falou que fez uma pós em mídias digitais?**

Sim.

### **Essa pós ajudou mudou sua forma de pensar o jornalismo? Ou era focada em outros aspectos de comunicação?**

É uma pós para jornalista, mas era muito focada em estratégias de marketing, estratégias de atrair o cliente. Aí eu fazia um paralelo como se fosse o nosso internauta. Ela é diferente de um curso de jornalismo, é mais voltada para comunicação e marketing. Mas me ajudou a pensar estratégias digitais de como conquistar um internauta em meio a essa chuvarada de informações que a gente tem na internet. Me ajudou bastante.

### **Você disse que fez estágio em jornal. Como esse estágio contribuiu na tua atual visão do jornalismo?**

Quando a gente faz um estágio, pelo menos ali no jornal, eu fui muito tratada igual a um outro repórter. Eu fazia coisas que os outros repórteres faziam, eu ia para o plantão final de semana, eu cobria o factual do fim de semana; eu fazia as matérias que os outros faziam também. Então isso foi me ajudando a pegar o jeito de como trabalhar. E com certeza me ajudou bastante, e quando fui efetivada de fato, eu já sabia como fazer. Então isso me ajudou bastante.

## **11. Como você vê hoje o mercado de trabalho jornalístico em Joinville?**

Eu acho que é muito restrito. Difícil. Não é um mercado fácil de entrar. Tem oportunidades, tanto é que fui assistir ao Prêmio Ielusc, e eu vi muitas categorias. Categorias que eu nunca imaginava que existia... empreendedor de design sei lá das quantas... então aquilo me fez refletir bastante... tem espaço além das mídias tradicionais que a gente conhece. Até porque as mídias, querendo ou não, elas estão mais enxutas. O

mercado fez a gente virar o que a gente virou agora... de tamanho e tudo mais. Mas, me deu uma esperança, acho que é um mercado que a gente precisa se reinventar também.

**Essa pergunta induz a pensar no mercado de trabalho. Mas no mercado em geral, o que você vê na cidade?**

Eu acho que a gente tem bons nomes. Especificamente falando de rádio, eu acho que a gente tem uma carência de qualidade de jornalismo local, tanto é que a proposta do “Café das 6” era trazer esse jornalismo de qualidade, e eu acho que a gente cumpre com isso. Teve uma pesquisa qualitativa há uns dois meses e o resultado da pesquisa mostrou um ponto alto dentro da rádio é o jornalismo de qualidade. Então eu acho que foi um ganho. Para a rádio em Joinville foi um ganho. Dentro do mercado de rádio que a gente estava tão escasso, a gente está bem. Deveria ter mais.

**12. Você entende que o curso de jornalismo lhe propiciou todas as condições necessárias para atuar nesse mercado?**

O suficiente não. Por que tem coisas que a gente só aprende no mercado. Eu não posso dizer que eu saí da faculdade pronta para trabalhar. É mentira, assim, sabe... a gente sai com toda a base, com toda a estrutura. A gente estuda, a gente conhece muita teoria. Mas dizer que a gente sai pronto, eu acho que não. Só a experiência nos deixa mais prontos. Mas a gente nunca está pronto, né?

**13. Você trabalha do modo que gostaria no jornalismo?**

Trabalho... como eu te falei antes, eu nunca imaginei trabalhar em rádio. Mas eu estava há 8 anos no digital. Quando mudou, minha vida mudou total, mudou meu horário de trabalho, mudou o local, antes trabalhava na sala de redação, agora trabalho aqui. Mudou o jeito de trabalhar. Me deu um desesperinho no começo... Ah, não vou dar conta. Mas acabou que eu fui gostando. A responsabilidade com toda a coordenação da rádio... porque a gente mexe não só com o produto, com a receita também, com o orçamento, o orçamento de equipe, de tudo que se imaginar que tenha orçamento... eu pensei... isso não é para mim. Mas eu gostei, estou gostando. Estou curtindo bastante.

**14. Se fosse para você mudar hoje esse modo de trabalho, o que você gostaria de trabalhar?**

Ah, eu gostaria de trabalhar em home office. Não teria que ter que vir e bater o cartão todos os dias na empresa. Eu iria adorar trabalhar de pijama, em casa.

**15. Tem alguma outra questão que gostaria que fosse diferente?**

[grande pausa] Sabe que nunca parei para pensar no que poderia ser diferente. Eu acho que a gente faz um trabalho bem ok dentro do jornalismo. A gente sempre queria mais alguém para ajudar... se tivesse mais radialista seria perfeito. Se a gente tivesse mais uma pessoa trabalhando, beleza. Eu acho que a gente abraça muitas coisas, muitas funções para uma pessoa só. Mas não é só aqui... em todo lugar. Talvez... ter um pouquinho mais de tranquilidade se a gente dividisse mais com mais pessoas, mas sei que isso já é um mundo impossível.

**16. Alguma vez você cogitou a hipótese de mudar de ramo, mudar de profissão?**

Já. Mas aí eu fiquei... ai meu Deus, eu não sei fazer outra coisa sem ser esse jornalismo. Pensei, vou estudar outra coisa, mais aí nunca foi para frente esse pensamento. Acho que chega um momento que a gente fica um pouco cansado e diz vou fazer outra coisa... vou criar galinha no mato. Mas sempre parou no o que eu vou fazer (?). Ah, eu gosto muito do que eu faço e sempre voltou um passo para trás.

**17. Você havia falado ainda há pouco que tem que cuidar de contas e coisa e tal, você entende que isso acaba gerando alguma interferência no trabalho jornalístico?**

Não. Porque são coisas totalmente diferentes. São duas coisas, a questão de orçamento, por exemplo, semana passada sentei com um menino do administrativo e a gente fechou o orçamento para 2019. O orçamento é a estrutura da rádio... é funcionário, é ECAD, o que a gente vai gastar com produção, com eventos e tudo mais. O jornalismo que a gente faz aqui é outra coisa. Ele nem entende e a gente nem conversa sobre isso porque são duas coisas totalmente diferentes. É bem dividido, não tem impacto algum.

**14. O que é jornalismo para você?**

Ai que profundo... deixe eu pensar... eu acho que jornalismo (longa pausa)... é difícil [responder] de bate-pronto. Jornalismo para mim eu vejo muito relacionado ao movimento. A nunca estar parado, sempre estar

buscando coisas novas. Estando sempre um passo a frente, estando ali ligado no acontecimento. E também pronto para fazerem as pessoas questionarem e refletirem. Acho que para mim é isso.

**15. Jornalismo só é jornalismo se for divulgado por instituições jornalísticas, como rádios, jornais, TVs?**

Não, tem muito jornalista independente que faz o trabalho por si só e também é de qualidade. Tem belos jornais que são novos, o Mirante, por exemplo, um jornalismo paralelo, que fazem um super-jornalismo e não são grandes empresas.

**16. O jornalismo deve monitorar os poderes estabelecidos como um cão de guarda?**

Quais os poderes...

*Geralmente a gente pensa os governamentais, mas talvez podemos incluir outros tipos.*

Sim. A partir do momento que eles influenciam a sociedade, é nosso dever monitorar e cobrar.

**17. Quais habilidades que tu entendes são mais importantes para se fazer jornalismo? Habilidades técnicas, éticas, estéticas?**

Eu acho que técnicas é saber escrever, saber falar, saber se comunicar. Ética – não deixar suas ideologias entrarem acima do jornalismo, que é um negócio muito maior. E vontade de mudar, vontade de fazer diferente.

**18. Um jornalismo que trabalhe fora de uma instituição jornalística faz jornalismo?**

Faz. Um jornalista, por exemplo, que tem um blog, ele faz jornalismo sim.

**19. Assessoria de imprensa é jornalismo?**

É... é... as técnicas... ele é diferente de um jornalismo impresso, das mídias tradicionais, mas é jornalismo. Tem técnicas jornalísticas aplicadas também... é jornalismo.

**20. As novas ferramentas tecnológicas podem acabar com o jornalismo?**

Não. Podem mudar a forma como a gente consome as notícias e como a gente acessa elas e a forma como a gente contribui para divulgá-las. Eu

acho que inclusive não vai acabar, vai ajudar... se a gente souber se inteirar daquilo.

**21. O que é mais importante? Apurar, redigir ou editar?**

[longa pausa] Eu acho que uma coisa não vive sem a outra. Mas a apuração é muito importante porque é ali que tu vai entender o que aconteceu, o que que é e o que não é. Mas redigir e editar é peça chave para ter o trabalho de qualidade. Acho que um não vive sem o outro.

**22. Você diria que só se aprende jornalismo na prática?**

Olhando por mim, assim sabe, eu aprendi na prática. A gente aprende na faculdade a teoria, mas jornalismo a gente aprende fazendo.

**23. Você entende que exista uma função profissional mais importante no jornalismo? Qual seria?**

Eu acho que a função de repórter é essencial para o jornalismo, embora, lembrando da resposta anterior que uma coisa não vive sem a outra... se uma matéria não for bem editada... acho que todas são muito importantes. Eu não saberia dizer em que grau uma é mais importante que a outra.

**24. Que valores são mais importantes para o exercício do jornalismo?**

Veracidade... (longa pausa, pede para repetir a pergunta)... ética, compromisso... acho que é isso.

**Você citou compromisso em respostas anteriores. Então gostaria que esclarecesse um pouco melhor essa ideia de compromisso.**

A ideia de compromisso é quase que como uma entrega. É acreditar naquilo que tu está fazendo, ter compromisso com aquilo... eu vou acordar todos os dias de manhã, eu vou checar as notícias, eu vou fazer o que é certo, eu não vou dar uma matéria por dar. Um exemplo bem bobo, assim, o cara me mandou pelo Whatsapp que tem um acidente de trânsito na avenida Santos Dumont. Eu não vou dar isso aqui sem checar. É esse compromisso com a ética, com a checagem, com a veracidade. É isso que move, pelo menos deveria mover todos os veículos de comunicação, né? Acho que é nesse sentido que a gente tem que ter um compromisso com o nosso trabalho.

**24. Você tem algum jornalista como referência?**

Gosto muito do Chico Pinheiro. Além de eu combinar muito com as ideias dele, nas redes sociais, eu gosto do jeito dele apresentar o telejornal, ter uma forma mais leve.

**25. O que é para você ser jornalista?**

É ter uma responsabilidade gigante em compartilhar fatos, acontecimentos, principalmente no meio de tanta fake news, a gente ser um ponto de referência para a realidade. Eu acho que é isso.

## EGRESSO 6

### 1. Cinco primeiras palavras - Jornalismo

Responsabilidade, comunicação, registro histórico, informação e contato com o público

### 2. Você se sente parte do grupo profissional dos jornalistas?

Sim.

#### E o que te faz se sentir jornalista?

[Silêncio] Calma. Dá uma pausa na gravação para eu pensar e voltar. O que faz eu me sentir jornalista? Eu costumo pensar... Nossa, eu vou fazer uma resposta bem informal. Mas eu costumo pensar assim, se... A hora que eu não estiver mais no jornal, que eu não for mais repórter, se eu estiver trabalhando em uma outra área - na comunicação, mas não como repórter de jornal impresso - enfim, com reportagem; o que que eu vou fazer quando eu ver coisas erradas acontecendo? Quando eu ver injustiças, ou quando eu ver algum problema da Prefeitura ou do Governo do Estado... Porque sempre que eu vejo isso, que eu fico sabendo, eu penso em como isso pode se transformar numa reportagem ou numa matéria, ou numa nota. Enfim, tem como eu posso trabalhar isso e veicular isso no jornal. Então acho que é isso, principalmente, que me faz eu me sentir jornalista. Estar sempre atenta - a gente costuma dizer que jornalista não para, não desliga, é 24 horas por dia - estar sempre atenta a olhar o que há de problemas na cidade, principalmente porque é um jornal local em que eu trabalho, e como eu posso transformar isso em informação.

#### Então essa preocupação constante te faz você se sentir jornalista?

Sim.

### 3. O diploma faz você se sentir parte do grupo profissional dos jornalistas?

Não. Até porque... Isso é horrível o que eu vou dizer, mas eu não tenho o meu diploma. Eu fiz todas as cadeiras, eu fiz todas aquelas horas extras do Ielusc, e aí quando chegou para fazer a monografia, eu travei. Isso era o segundo semestre de 2008. Aí eu fiz mais um semestre e não consegui fazer a monografia. Parei, voltei, tive que fazer vestibular, voltei em 2012 para o Ielusc, tive que fazer a grade nova, com matérias novas, fiz de novo

monografia 2, e travei de novo. E aí me rematriculei e travei de novo. Então, tipo, depois disso eu nem... Até ficava pensando depois: "eu tenho que voltar" e eu nunca mais voltei e agora não tem mais chance nenhuma de eu voltar. Mas é uma coisa que eu não saio falando por aí. É uma coisa que eu não saio contando por aí. Então você pode dizer, eu não sei o quanto cabe no teu trabalho, mas, no meu caso, às vezes a falta de diploma faz eu acordar à noite e pensar "nossa, não sou jornalista porque eu não tenho diploma". Então eu realmente considero que o diploma é muito importante.

#### **4. O que te motivou a iniciar o curso de jornalismo?**

Bom, considerando que eu tinha acabado de fazer 18 anos quando eu escolhi o curso, eu pensava muito nas minhas habilidades. Eu sempre gostei muito de escrever. Eu gostava de escrever. Eu gostava de ler e escrever, enfim. Mas eu não me identificava com outros cursos nessa área como, por exemplo, Letras. Então o que me fez escolher o curso de jornalismo foi principalmente as matérias que o Ielusc oferecia, na época, que eram dois anos, principalmente, de matérias teóricas e matérias como antropologia cultural, estética, teoria do cinema, eu gosto muito. Produção de rádio, produção em TV... Mas principalmente as matérias teóricas do curso de jornalismo daquela época, daquela grade de que o Ielusc tinha em 2005, que me fizeram escolher. Eu ainda acho que eu não pensava tanto na profissão. Eu pensava muito no curso.

#### **Você não vislumbrava tanto a carreira em si?**

Isso. Não pensava ainda no que eu faria a partir dali e como que eu trabalharia. Apesar de que, claro, também sempre fui muito ligada à cultura e em 2005, quando eu entrei na faculdade, a gente ainda tinha muitas revistas de cultura, de cinema... O jornal A Notícia tinha o caderno Anexo; tinha 12 páginas e mais a revista de fim de semana e mais um caderno que era o Anexo Ideias - não sei se você é daquela época do caderno Anexo Ideias - então a gente tinha muitos locais para veicular reportagens de cultura. Eu entrei também pensando nisso, entrei pensando no jornalismo cultural.

#### **5. Como era a sua relação com o jornalismo antes de entrar no curso?**

Eu gostava muito de ler jornal no ensino médio, mas era, geralmente, assim: eu pegava, por exemplo, a Folha de São Paulo, o Estadão, que o meu colégio assinava, e o A Notícia, claro. Eu pegava os jornais, eu

pegava e dava uma olhada na capa, e abria em busca do caderno de cultura, e lia o caderno de cultura. Eu tinha até um acordo com a bibliotecária da minha escola – eu estudava no Energia, que nem existe mais em Joinville – para ela guardar esses cadernos para mim porque depois, no final de semana, eu ia lá e buscava os cadernos de cultura eu levava para casa. E fiquei muito tempo com eles guardados ainda. Mas era muito isso, era esse contato principalmente com os cadernos de cultura dos jornais.

#### **6. O curso de jornalismo mudou a tua percepção sobre o jornalismo?**

Mudou no sentido de talvez ter me elucidado um pouco assim o que que é o Jornalismo. Antes eu achava que era uma coisa, quando não se tratava de jornalismo cultural, eu achava jornalismo uma coisa muito chata, muito complexa, muito difícil. Parecia um trabalho meio maçante. E à medida que eu fui aprendendo como fazer eu fui achando mais interessante. Eu entrei no jornal... Por exemplo, quando eu entrei no jornal eu não entrei na editoria de cultura, eu fui fazer esporte. E depois eu fui para editoria de cidade. E então, nessa época, eu já tinha essa consciência dos caminhos para conseguir informação e da importância que isso tinha. Que não era só coisa chata. E como isso impactava na vida das pessoas. As reportagens eram importantes por isso, assim.

#### **7. Como você percebe o curso, olhando para o passado, como você percebe ele hoje e eu queria saber se você gostaria que alguma coisa tivesse sido diferente.**

Na minha trajetória ou no curso como ele é?

#### **Não como ele é, o como ele foi para ti.**

Até como eu falei, eu escolhi o curso de jornalismo muito por causa da grade do Ielusc porque ele tinha esse perfil de, primeiro, te preparar teoricamente para, só depois de dois anos, você realmente começar a colocar aquilo tudo em prática, aquele conhecimento. E para aquela época, eu achava muito bom. Eu entendo, que até por ser um curso só noturno, de a gente, por exemplo, não conseguir ter mais horas de aula, hoje já não faria mais tanto sentido, ou talvez mesmo na época a gente tenha... Se pudessemos ter feito mas horas de aula, um curso diurno então, a gente poderia ter aliado mais isso tudo da teoria e da prática. Vendo como é o mundo hoje e o que se tornou o jornalismo, a gente sente falta de ter tido mais noções, por exemplo, de comunicação institucional - na

época a gente tinha só uma cadeira -, é muito pouco porque hoje o mercado, principalmente nesse sentido... A internet também engatinhava, o jornalismo na internet naquela época a gente não sabia o que que era. Ninguém sabia o que que ia ser. Eu acho até que ele estava bem... Tinha bastante tempo, bastante horas de aula de internet, mas... - a gente tinha três semestres de internet - entre teoria e prática. Mas acho que realmente ninguém ainda tinha essa noção do que seria e hoje a gente sente muita falta. Hoje os cursos de jornalismo - não sei se o Ielusc está oferecendo - eu acho que sim - essa questão do empreendedorismo, né? A gente não tem a menor noção. Não tinha a menor noção. A gente era muito preparado para ser empregado, né? De jornal porque tinha muita vaga em jornais e revistas e TVs e rádios naquela época. Eu acho que hoje a gente sente falta de ter sido mais preparado para outro tipo de mercado que não só o do jornalismo. Era muito voltado para o jornalismo impresso. Acho que sobre a da Sociesc a gente tava conversando, né? Que agora eles têm uma cadeira de redação. Então eu imagino que eles trabalhem redação jornalística em outras disciplinas, mas não numa específica. É só num semestre. E na nossa época a gente tinha seis semestres, né? A gente tinha jornalismo literário. É importante, é legal, mas hoje acho que ninguém pensaria em preparar um aluno, um estudante, para fazer jornalismo literário. Não numa disciplina obrigatória. É que o mundo mudou muito nos últimos 13 anos desde que eu entrei na faculdade também. O mundo e o jornalismo mudaram.

### **8. A entrada no mercado de trabalho mudou muito a tua visão de jornalismo? De que forma e em que sentido?**

A gente costuma dizer que a gente só aprende mesmo fazer jornalismo na prática quando a gente vai fazer, né? Na faculdade, por mais que a gente tenha aquelas experiências de jornal laboratório, o fato de eu ter sido bolsista por dois semestres com ótimos professores me orientando - na época era [cita professores] - mas não tem comparação com o quê realmente estar num jornal te faz aprender. O que mudou, principalmente, [hesitação] nossa, é que faz tanto, tanto... Tanto tempo no jornal que parece que eu não saberia... que eu não sei o que eu não sabia antes. Mas acho que é... Mas acho que hoje eu tento pensar muito mais no quê realmente vai ser importante para o leitor do que eu pensava quando eu estava na faculdade. O fato de ter muito mais contato com as pessoas nas entrevistas e tudo e conhecer a vida delas me faz entender melhor o que que o jornal precisa oferecer de leitura para as pessoas, em termos de

informação, na onde que a gente precisa estar trabalhando para, principalmente, em questão de investigação ou de buscar entender seu governo cumpriu suas propostas, enfim. Eu acho que quando a gente está na faculdade é aquela coisa muito utópica de querer fazer o melhor texto, de querer fazer coisas bonitas e nem tanto... Pelo menos no meu caso não era tão preocupada com o social como é hoje.

### **9. Como você vê o mercado, tanto de trabalho, quanto o mercado em geral, jornalístico, em Joinville?**

Novamente, sendo bem informal, é bem deprimente, né? Eu confesso que eu não tenho buscado muito - deveria, talvez, né? - mas não tenho buscado muito saber como são as vagas hoje, saber aonde as pessoas estão trabalhando. Todas essas pessoas que estão se formando. Mas eu sei que na minha área, eu como repórter, se eu sair da empresa, eu tenho pouquíssimos postos de trabalho, até porque são pouquíssimos locais em que eu posso continuar fazendo o que eu faço. Então esse ponto eu acho bem triste que a gente tenha um jornalismo tão enfraquecido. Eu vejo esses projetos de jornalismo independente, acho muito legais, mas sei o quanto é difícil conseguir fazer, né? Eu acompanho a luta aqui pessoal como o do Mirante tem tido para conseguir fazer jornalismo independente e continuar se mantendo, pagando as contas, então, é isso. Eu realmente não sei... Na área de mídias sociais, de assessoria de imprensa, eu não tenho acompanhado como é que está o mercado. No jornalismo de rádio, TV e jornal impresso, é muito, muito pequeno.

### **Quanto ao produto oferecido, como você vê o mercado jornalístico?**

Acho que eu ainda não estou entendendo a tua pergunta.

### **Sobre o Jornalismo em Joinville, como você observa?**

O Jornalismo então, não tanto enquanto mercado, mas em termos do trabalho feito? Ai que pergunta complicada. Porque a gente sabe que hoje o jornalismo em Joinville é feito principalmente pela nossa empresa. A gente tem, depois, a gente depois tem outra grande empresa, que já não é mais tão grande, a gente tem outras empresas, e os outros canais que eu não consigo lembrar o nome agora – meu Deus, como é o nome daquele do Joinville, que tem aquele jornalzinho? [recordo o nome de outro impresso que circula na cidade em outra periodicidade] Mas, a gente vê que são pessoas que estão trabalhando com equipes bem reduzidas. A gente encontra sempre as mesmas pessoas quando a gente vai fazer as

matérias, dessas outras empresas. Então, se aqui na minha empresa as equipes já estão reduzidas, essas outras empresas tendem a ser menores. O jornalismo independente a gente vê muito menos, assim, conseguindo sujar os sapatos, como dizia Silvio Melatti. Então, eu vejo como um jornalismo deficiente porquê, por mais que, por exemplo, aqui, eu sei que nessas outras empresas as pessoas estão tentando fazer o melhor possível, o melhor trabalho possível, a gente tem bastante dificuldade de se dedicar a, por exemplo, fazer reportagem mas elaboradas, a fazer investigações. E o jornalismo independente também não consegue. Então eu acho que Joinville tem perdido bastante. No que tem se transformado o jornalismo aqui, assim.

#### **10. Você entende o que o curso te propiciou condições suficientes para atuar nesse mercado?**

Eu acho que, aonde eu estou hoje, sim. Eu acho que a faculdade do Ielusc me preparou o bastante para trabalhar no jornalismo impresso, disso não tenho dúvida. Tanto pelas matérias que eram oferecidas - a gente já falou da quantidades das disciplinas de redação - da quantidade de experiências práticas que a gente teve para produção mesmo de jornal, de jornal impresso, de produção de texto, mesmo quando era para internet, quando a gente nem sabia direito como fazer, como empacotar o texto para internet. Mas eu acredito que sim, para o que eu faço hoje, o Ielusc me preparou bastante. Os professores, também, do Ielusc, na época, de 2005 a 2008 também me prepararam... Bem, em conversas também. Em como era a rotina, sabe? Tem uma história - os parênteses - uma jornalista que foi editora em outra cidade, hoje ela trabalha com... Ela estava na assessoria da Prefeitura e depois ela foi para assessoria em outro município. Isso é tudo bobagem... Mas ela uma vez me contou de uma repórter que veio de outra faculdade para o jornal nessa outra cidade e que ela, quando estava se aproximando de um feriado logo depois da contratação dessa repórter, ela ficou brava, ela ficou sem entender quando começaram a falar sobre a escala do feriado. Ela ficou assim: "Mas como assim escala do feriado?" E ela ia ter que trabalhar, e ela: "Mas como assim trabalhar no feriado, a gente vai ter que trabalhar no feriado?". E eles falaram: "Claro, tem que trabalhar feriado, natal, ano novo..." E a menina ficou muito nervosa. Ela não sabia que jornalista tinha que trabalhar no natal. Que jornalista tinha que trabalhar no feriado. Então eu acho que nisso os professores do Ielusc também me prepararam. Claro que é uma coisa lógica, que jornalista de jornal, de TV, de rádio, tem que

trabalhar. Não tem essas folgas assim como todo mundo, não trabalha em horário comercial. Mas você está o tempo todo conversando com professores que tiveram experiência nos meios de comunicação e não só na academia faz muita diferença, sabe? Para te preparar você ir pensando isso na sua cabeça: “Não, o meu trabalho é diferente. Talvez me chame em uma hora da manhã para fazer matéria. Talvez eu tenha que sair para fazer, se acontecer alguma coisa. Talvez eu tenha que fazer várias horas extras. Talvez eu tenha que ficar horas sob o sol, como já aconteceu. Talvez tenha que entrar em enchente...” Então eu acho que isso tudo, não só as disciplinas do Ielusc, as conversas que a gente tinha com os professores também me prepararam.

### **11. Alguma vez você já cogitou a hipótese de mudar de profissão?**

Já. Muitas vezes. Mas eu não tenho muitas ideias de para onde ir, de que outra área poderia ir. Porque eu acho que eu desenvolvi as minhas habilidades para isso, para o jornalismo. Claro que eu poderia trabalhar em outras áreas dentro da comunicação. Eu acredito que sim. Teria que me preparar para isso agora, porque eu estou há muito tempo só fazendo jornalismo impresso. Eu não iria, eu não conseguiria ir para outra área. Para uma área de administração, de biológicas, de exatas... Enfim.

### **12. O que que é jornalismo para você?**

[silêncio] Essa é questão de elaborar uma frase, né? O jornalismo para mim é estar preocupado com as necessidades da comunidade, estar atento aos problemas, e estar agindo sempre da melhor forma possível para que o meu trabalho seja um mecanismo de produção de informação para a comunidade em que eu vivo.

### **13. O Jornalismo só é jornalismo se ele for divulgado por instituições jornalísticas?**

Não. Eu acho que não. Não por instituições. Mas você precisa... Nesse momento eu gostaria de ter lido mais sobre *fake news* [risos]. Você precisa... Eu acho que basta ter um jornalista para que possa ser feito o jornalismo. Quando a gente pensa em jornalismo independente, principalmente nos dias de hoje que a gente tem a internet como ferramenta, você não precisa ter uma instituição. Mas a gente sabe também que existem jornalistas - inclusive a gente viu, durante essas eleições, isso acontecer - deixa privilegiaram dessa ferramenta que é a internet, que é livre, para fazer jornalismo de forma parcial, para fazer

campanha política, para divulgar mentira. Então tem esses dois lados. Para você confiar no jornalismo não precisa que ele tenha vindo de uma instituição, mas é complicado a gente entender hoje como confiar no jornalismo que não vem de uma instituição. Eu não sei o quanto você vai poder escrever sobre isso, mas a gente vê, por exemplo, aqui na empresa, de como a gente precisa ter responsabilidade para publicar as informações, para checar, para não escrever nada errado. Não colocar nenhum termo que seja errado, por exemplo, os leitores reclamam quando a gente coloca "o suspeito foi preso em flagrante". "Como assim? Se ele foi preso em flagrante como que ele é suspeito? Ele foi pego na cena do crime". Mas a gente tem que usar a nomenclatura certa e uma das coisas que justificam isso é o fato de ser uma grande empresa e a gente estar passível a processos judiciais. Coisa que às vezes o outro meio de comunicação, um blog, ou mesmo um Jornalista que tem um nome reconhecido mas que não está trabalhando numa instituição não tem tanta preocupação a respeito disso porque talvez ele não vá sofrer um processo tão pesado. Não vá, enfim... A gente tem muito essa preocupação. Não só, claro, a gente quer fazer um jornalismo correto, com responsabilidade, de continuar tendo a confiança do leitor, mas porque a gente também tem essa preocupação de evitar processos. Não é bom para ninguém, muito menos para uma empresa.

#### **14. Você diria que o jornalismo deve monitorar os poderes estabelecidos como um cão de guarda?**

[Risos] Eu acredito que sim. Eu acredito que sim. O que eu aprendi na faculdade e que a gente ainda conseguia fazer no jornalismo, lá alguns anos atrás, era estar o tempo todo... O jornalista não tinha que ficar dentro da redação, principalmente o jornalista de política, tinha que estar na Câmara de Vereadores, tinha que estar na prefeitura, tinha que estar lá dentro, entender o que está acontecendo. Então eu acredito que sim.

#### **15. Quais habilidades Você acredita que são mais importantes para fazer jornalismo?**

A capacidade de estar todo dia aprendendo coisas novas. Eu só vou trabalhar com a capacidade. A capacidade de se expressar bem, de se fazer entender, de conseguir... Nesse ponto, eu não consigo compreender - e a princípio pode parecer uma coisa meio preconceituosa - uma pessoa que não consegue escrever bem ser jornalista. Ela precisa muito, primeiro, trabalhar isso para conseguir ser jornalista. Precisa ter coragem, porque

às vezes você tem que fazer perguntas para as pessoas tanto quando a gente fala sobre política, por exemplo, economia, quando você... Isso aconteceu comigo esse mês agora de outubro, você tem que olhar para uma pessoa com câncer e pedir para ela contar toda sua história. E você precisa ter coragem. Ou para chegar na frente de um policial militar para fazer as perguntas para ele, ou na frente da Polícia Civil e perguntar: tá, da onde que saiu o tiro que matou? Foi da polícia ou foi do bandido? Acho que preciso muito ter coragem. É isso. Essas três, principalmente, capacidade de expressão, capacidade de aprender e coragem.

### **16. Jornalista que trabalha fora de um jornal faz jornalismo?**

Faz. Claro que faz. Jornalismo independente é extremamente importante.

### **17. Assessoria de imprensa é jornalismo?**

[silêncio] Ah, que difícil. Acho que sim, foi o que eu aprendi. Você tem que, também como assessor de imprensa, tem que estar entendendo também o que... É claro, você precisa beneficiar o seu cliente, fazer com que ele seja visto, que o trabalho dele seja divulgado, mas você tem que entender também o que que é informação relevante. Porque, isso a gente vê muito no dia a dia de jornal, os assessores enviando coisas que são só propagandas. Então assessor de imprensa não pode fazer propaganda. Ele tem que saber fazer jornalismo, ele tem que entender quais são as demandas dos jornais para conseguir passar essas informações também e com isso também colaborar nessa questão da informação para o público.

### **18. Você diria que as novas ferramentas tecnológicas podem acabar com jornalismo?**

A gente tá passando por um momento em que isso está acontecendo de certa forma. As pessoas acham que elas estão bem informadas porque elas acham que viram um vídeo no WhatsApp, porque elas viram um post no Facebook, mas eu acho que a gente... Eu acho e espero, que a gente consiga evoluir para chegar no momento em que a gente vai conseguir aliar a tecnologia com a informação responsável, com a informação de qualidade. Que uma vai ajudar a outra... Que uma vai ajudar a outra, não. Mas a tecnologia vai ajudar a fazer jornalismo da melhor forma possível. Mas acho que isso ainda é uma dúvida do que vai acontecer. Se a gente vai conseguir chegar nesse patamar o cenário hoje não nos diz isso.

### **19. O que é mais importante? Apurar, redigir ou editar?**

- Apurar. Apurar porque não adianta depois você ter a melhor redação ou você ter um ótimo editor se a informação não vier correta da rua. Você pode escrever coisas maravilhosas, se não tiver bem apurado. Para mim, por exemplo, aqui sempre fui mais focada em... na questão de redação, que eu sempre gostei muito, de escrever. Mas isso já fazia parte do meu passado, antes de eu gostar de jornalismo. Eu sei que é um desafio diário você ter essa capacidade de saber o que perguntar, de conseguir perguntar, de conseguir fazer as perguntas certas e conseguiu buscar através das fontes aonde buscar essas informações. Mas é claro que essa trajetória não pode ser rompida. Não adianta você apurar muito bem não saber como expressar isso, como passar isso para o leitor.

## **20. Você diria que só se aprende jornalismo na prática?**

Agora eu tô pensando nisso. Então, pensando na faculdade, no Ielusc, eu tive pelo menos uma professora, que ela nunca teve experiência real, assim, na prática com jornalismo, nunca trabalhou com isso, mas ela tinha uma capacidade, eu vi, eu tive aula com ela quando eu voltei para a faculdade em 2012. Eu via nela uma capacidade de compreensão do fazer jornalístico muito grande. Então eu acho que é possível você saber fazer jornalismo sem ter trabalhado, sem ter visto na prática como fazer profissionalmente, mas são raras as pessoas que conseguem isso, eu acho. É realmente a única pessoa que eu consigo apontar, que eu já conheci, que conseguiu isso. Que pelo menos na minha percepção ela tinha essa capacidade nela. Eu tô tentando lembrar de outras pessoas. A gente já teve experiências, por exemplo, no jornal, de pessoas que passaram muito tempo na academia e depois entraram no jornal e aí não sabiam, não conseguiam fazer. Claro, aí também tem que estar aberto para aprender. E essas pessoas no caso não estavam. Mas, eu acho que 99% sim. Jornalismo se aprende na prática.

## **21. Você diria que existe alguma função mais importante no jornalismo?**

Do jornalismo em geral? É que o meu mundinho é tão jornal. Acho que é a reportagem. Não tem jeito. Claro que, por exemplo, você ter bons editores, um bom editor-chefe, tudo isso é extremamente importante. Você pode estragar um jornal se você não tiver esses profissionais, competentes, passaram pela reportagem, e que passaram por muito tempo pela reportagem, e não a deixaram, porque quando você passa muito tempo fora da reportagem, executando outras tarefas no jornalismo, e aí

não adianta, tô falando do meu mundo, né? Do jornal impresso; ou mesmo da TV e do rádio. Eu percebo que as pessoas começam a se esquecer de como é estar na rua, de como é estar na linha de frente do jornalismo, que é a reportagem. Eu diria que a reportagem é o mais importante.

## **22. Que valores são mais importantes para o exercício do jornalismo?**

Honestidade, responsabilidade. Acho que é isso, honestidade e responsabilidade. Sem isso você pode cair nessa armadilha de querer fazer jornalismo puxando para o seu lado.

## **23. Você tem algum jornalista como referência?**

Eu tinha na época da faculdade, mas eu acho que a gente vai ficar tão... Mas é claro, por exemplo, na minha área, no meu estilo de escrever, eu falo na minha área porque o jornalismo cultural incorporava o jornalismo de comportamento. Sempre gostei muito da Eliane Brum, continuo gostando das colunas dela. Acho que de fora seria ela.

## **25. O que é, para você, ser jornalista?**

A minha resposta é uma coisa quase esquizofrênica, talvez, não sei se as pessoas, se as outras pessoas passam por isso, mas é... Agora eu vou fazer nove anos de jornal. E eu, parece que isso já se incorporou um pouco à minha identidade, assim, eu não consigo me ver sem ser jornalista, sem ser repórter do jornal. É como eu falei, a gente não desliga em nenhum momento do dia, a gente tá o tempo todo pensando, olhando as coisas, correndo atrás das pessoas e pensando "essa pessoa poderia entrevistar sobre tal assunto", ou "esse problema aqui que eu tenho que levar para pauta". Então, para mim ser jornalista já começou a fazer parte da minha identidade. E é isso, né, como eu falei dos valores, falei em outros momentos de estar sempre sendo responsável em como eu trabalho com informação e atenta aos problemas da minha cidade, principalmente porque eu trabalho com um jornal local, é preciso estar atenta aos problemas da minha cidade para tentar ajudar a resolvê-los, ajudar a população a buscar informações sobre o que que está acontecendo.

## **EGRESSO 7**

### **1. Você se identifica como jornalista atualmente? Por que?**

No meu trabalho diário, não me identifico como jornalista, porque minha atuação é mais voltada a gerenciar rotinas e profissionais do marketing e da comunicação corporativa. Embora, sim, várias atribuições do meu perfil profissional sigam sendo jornalísticas: apuração, escrita, edição... Enfim, produção de conteúdo sempre prezando entregar materiais de qualidade ao público.

### **2. Onde você trabalha atualmente e qual sua trajetória?**

Em uma empresa prestadora de serviços no campo da gestão do conhecimento, gerindo profissionais de marketing e comunicação corporativa. Ingressei no mercado de trabalho aos 17 anos, no mesmo período em que iniciei a faculdade de jornalismo. Comecei trabalhando em uma empresa de computação gráfica, atuando como assistente de escritório. Depois de um ano, estagiei como analista de marketing em uma empresa de gestão de projetos. Saí e passei a atuar como repórter em uma revista de variedades de Joinville, onde permaneci por dois anos e meio. Na sequência, em 2010, eu acho, comecei a trabalhar como analista de conteúdo na empresa em que estou atualmente. De lá para cá, passei ao cargo de coordenadora de conteúdo e, agora, de gerente de operações.

### **3. Você se sente parte do grupo profissional dos jornalistas?**

Sim, mesmo não atuando com produção jornalística, sinto que sou parte do grupo profissional dos jornalistas. Principalmente pelo aprendizado na faculdade de jornalismo. Foi a partir dele que assumi um posicionamento de observar o mundo com um olhar jornalístico, com curiosidade, interesse na apuração dos fatos e preocupação com a transmissão da informação e, ainda, atenção à compreensão de tudo por quem está recebendo os dados.

### **4. O que faz você se sentir jornalista?**

Acho que é esse interesse na apuração de pautas, a preocupação na transmissão das informações de forma que sejam compreendidas pelo leitor e o cuidado na checagem de informações são as coisas me fazem eu me sentir jornalista. Embora hoje eu não atue com produção jornalística propriamente, eu uso todos esses cuidados ao planejar as estratégias de comunicação corporativa dos clientes, prezando muito pela boa escrita e

zelando muito pela edição dos produtos de conteúdo produzidos na empresa. Acho que outro aspecto que me faz eu me sentir jornalista é sempre levar em consideração o público que eu estou trabalhando, direcionando a ele, da melhor forma possível, informações ligadas à sua realidade, com o que precisa saber para evoluir de alguma forma, seja pessoalmente ou profissionalmente.

### **5. O diploma faz você se sentir parte do grupo profissional dos jornalistas?**

Com certeza. Na minha visão, meu diploma é resultado de muito aprendizado que venho colocando em prática desde a faculdade e que, com o passar do tempo, foi evoluindo e me tornando uma profissional mais completa.

### **6. O que te motivou a iniciar o curso de Jornalismo?**

Olha, acho que o que eu vou dizer pode parecer clichê, mas o que me motivou a iniciar o curso de jornalismo foi o fato de eu adorar ler e escrever. De acompanhar o jornal impresso, principalmente, e ficar pensando na apuração e na elaboração de cada matéria. De ficar imaginando a conversa com cada fonte e o processo de construção do texto mesmo.

### **7. Como você via o Jornalismo quando iniciou o curso?**

Acho que eu via mais como um meio de manter as pessoas bem informadas. Não lembro muito.

### **8. O curso mudou de alguma forma sua visão sobre o Jornalismo?**

Mudou bastante. O curso me fez ter a percepção de toda a parte sensível, digamos assim, necessária a um bom jornalista. Acho que foi a partir dele que eu entendi que mais do que sair às ruas para fazer alguma apuração, por exemplo, é preciso ter sensibilidade e um olhar atento ao interesse público, acompanhando as diferentes vertentes que envolvem um mesmo acontecimento.

### **9. Como você percebe o curso hoje? Gostaria que ele tivesse sido diferente em algum aspecto?**

Olhando de fora, percebo que o curso se adaptou às mudanças do mercado, principalmente com relação ao conteúdo digital, com disciplinas voltadas a esta prática, mas sem perder sua essência. Na minha

visão, essa essência continua sendo a de formar um jornalista comprometido com a verdade, com paixão por transmitir informações independentemente do meio ou do formato e sensível às necessidades das pessoas. Eu gostei e aproveitei muito o curso. Não posso dizer que gostaria que ele tivesse sido diferente. Talvez se disciplinas voltadas à comunicação digital pudessem já ser introduzidas na grade naquela época, que foi de transição do off-line pro on-line. Muito do que aprendi nesse sentido acabou sendo no dia a dia de atuação profissional mesmo.

**10. A entrada no mercado de trabalho mudou sua visão do Jornalismo de alguma forma? Se sim, em que? Ou em que sentido?**

Acabou mudando minha visão no sentido de que o jornalismo não consegue ser imparcial. Por mais que o jornalista ouça os dois lados, o fato de optar por apresentar um deles antes do outro o torna parcial no sentido da escolha. E, principalmente, por conta dos veículos ou das empresas, que ditam uma forma de fazer e, editorialmente, a fazem ser cumprida sem, necessariamente, servir ao interesse público.

**11. Como você o Jornalismo praticado em Joinville atualmente?**

Infelizmente, não vejo como um modelo de excelência. Não vejo pluralidade de veículos. No fim, ele acaba refém de grandes empresas que precisam responder a investidores ou patrocinadores. Empresas que, inclusive, não são da cidade, o que acaba impactando muito na produção local. Podia ser muito melhor explorada. Também vejo o jornalismo de opinião ganhando cada vez mais força em locais que não deveriam ter tanta exposição dessa forma, já que a opinião, em grande parte das vezes, é expressada de forma velada ao espectador e ao ouvinte, principalmente. Mas por outro lado, há, sim, excelentes iniciativas, inclusive de amigos da faculdade de jornalismo, mas que ainda não conseguem se sustentar por falta de apoio ou investimento.

**12. Como você vê o mercado de trabalho jornalístico em Joinville?**

É um mercado de trabalho limitado, com poucas opções de emprego, inclusive. Justamente por isso, vejo que os jornalistas da cidade estão, cada vez mais, buscando se reinventar e criar seus próprios meios de atuação, principalmente a fim de resgatar a função social do jornalismo.

**13. Você entende que o curso te propiciou condições suficientes para atuar nesse mercado?**

Entendo que sim, embora eu nunca tenha comprovado de forma prática.

**14. Você trabalha do modo como gostaria com jornalismo? Como gostaria de trabalhar?**

Como disse antes, não atuo diretamente com jornalismo, mas, sim, com comunicação corporativa, talvez sendo mais específica: com gestão do conhecimento, marketing de conteúdo, inbound marketing e e-learning, essencialmente. Minha trajetória profissional acabou me direcionando por este caminho e, felizmente, trabalho em algo que gosto muito. Mas falando especificamente do jornalismo, não cheguei a trabalhar como um dia imaginei, lá no início da faculdade, em uma redação de jornal ou em qualquer outro veículo.

**15. Já cogitou a hipótese de mudar de ramo ou migrar de profissão? Por que?**

Olha, talvez por não ter seguido um caminho mais clássico ao de muitos colegas que passaram a atuar em jornais, TVs e rádios na cidade, não cheguei a cogitar, até aqui, mudar de profissão. E coloco dessa forma porque não sei se a minha certeza permaneceria se eu tivesse passado por algum veículo ou se estivesse atuando com jornalismo propriamente dito na cidade. Em Joinville, especificamente, é preciso mais do que competência para atuar com jornalismo. E diante do que vemos, não sei se seria muito fácil conseguir encarar isso de frente, tanto que vários colegas mudaram de direção ao longo do tempo também.

**16. O que é Jornalismo para você?**

Tem um slogan trabalhado agora pelo Ielusc, na comemoração dos 20 anos do jornalismo do Ielusc, que eu acho que resume bem. Para mim jornalismo é uma atividade desenvolvida essencialmente com o objetivo de mudar o mundo. É uma atividade que tem uma função social importantíssima pra sociedade, uma vez que pessoas que não estão bem informadas podem ser facilmente manipuladas. Fugindo um pouco do tema, uma prova disso é esse monte de *fake news* no Brasil, que acabam diminuindo, inclusive, o trabalho jornalístico, que tenta, a duras penas, cumprir sua missão de transmitir a verdade.

**17. Qual, em seu entendimento, é a função do Jornalismo?**

Acho que acabei de responder [risos], mas a social é a principal função do jornalismo. Isso porque, mais do que informar, cabe ao jornalista

interpretar as informações e atribuir sentido a elas na produção de notícias precisas, que deem a quem está lendo a possibilidade de refletir e, a partir daí, interpretar isso também. Entendo que essa é a grande missão do jornalismo, a de difundir conhecimento e instigar o pensamento crítico.

**18. Você acredita que essa função está sendo alcançada? Por que?**

Acredito que não. Há muitos interesses econômicos por parte de veículos, que limitam a produção jornalística e acabam com sua isenção. Do mesmo modo, há muitos jornalistas [faz gesto de aspas] que gritam opiniões e acabam chegando mais facilmente ao público, com ideias pré-concebidas e em nada criticadas. O que eu, particularmente, acho muito perigoso.

**19. O jornalismo só é jornalismo se divulgado por instituições jornalísticas?**

Acho que não. O jornalismo é jornalismo a partir do momento que transmite a verdade e leva ao pensamento crítico sobre algum aspecto, não necessariamente a partir de instituições jornalísticas. Ele pode ser feito de forma independente, por exemplo, ou a partir de empresas privadas, conforme a proposta e o compromisso assumido com o público.

**20. O jornalismo deve monitorar os poderes estabelecidos como um cão de guarda?**

Sim, exatamente pela função social que entendo ser a principal do jornalismo. Então, o jornalismo tem que atuar como olhos e ouvidos das pessoas diante dos poderes estabelecidos.

**21. Quais habilidades são mais importantes para fazer jornalismo? Técnica, ética, estética?**

Acho que o conjunto de técnica, ética e estética resume bem as habilidades mais importantes para fazer jornalismo. Mas ele precisa, antes de tudo, cumprir o código de ética. Depois, produzir por meio de técnicas apuradas e transmitir essa produção de forma esteticamente bonita [faz gesto de aspas], digamos assim.

**22. Assessoria de imprensa é jornalismo?**

Assessoria de imprensa não é jornalismo, embora seja muito exercida por jornalistas. Acho que a principal razão que distingue as atividades é o contraponto, que deve existir no jornalismo, mas não ocorre na assessoria

de imprensa por seu caráter mais voltado pra publicidade ou pro marketing.

### **23. As novas ferramentas tecnológicas podem acabar com o jornalismo?**

Não gosto de pensar no termo acabar, mas, em certa medida, prejudicar muito. Isso porque a tecnologia acaba confundindo muitas pessoas, não permitindo que elas tenham discernimento entre o que é verdadeiro e o que é falso, pois as informações chegam o tempo todo sem filtros, sem controle e sem ter que prestar contas a ninguém. Então, acho que estamos caminhando em uma direção muito perigosa.

### **24. O que é mais importante: Apurar, redigir ou editar?**

Mais uma vez, eu acho que é o conjunto da obra. Na minha visão, de nada adianta uma boa apuração se os fatos não forem escritos pra serem facilmente compreendidos. E pra que esse objetivo seja cumprido, um bom trabalho de edição é essencial.

### **25. Só se aprende jornalismo na prática?**

Só se aprende jornalismo unindo uma boa base teórica à prática. Nem só uma coisa, nem só outra. É a junção de saberes que forma o jornalista.

### **26. Que valores são mais importantes para o exercício do jornalismo?**

Creio que o compromisso ético do jornalista com a veracidade dos fatos, com a precisão na apuração dos acontecimentos e sua correta informação. Além disso, a questão de não admitir que prevaleçam sobre os fatos interesses escusos.

### **27. Que jornalista você tem como referência? Por que?**

Tem vários que eu acompanho e admiro. Mas, o primeiro que me veio à cabeça e que posso dizer que sim, tenho como referência, é o Caco Barcellos. Entre várias razões, porque ele continua exercendo a função social do jornalismo. Acho muito interessante o fato de ele sempre dizer que é difícil contar bem uma história, principalmente para provar que ela é verdadeira. Segundo ele, mesmo acreditando em uma fonte, é dever do jornalista sempre desconfiar. Essa fala sempre me chamou muito a atenção e até arrisco dizer que sempre me faz desconfiar ao ler alguma reportagem, por exemplo. Acho que é essa complexidade que torna o jornalismo tão fascinante e tão essencial para a sociedade. Além disso,

acho que o trabalho do Caco é feito sempre com muita paixão e para responder vários porquês.

**28. O que é, para você, ser jornalista?**

Para mim, ser jornalista é seguir acreditando que o jornalismo é capaz, sim, de mudar o mundo. É lidar com frustrações, é superar inúmeros obstáculos, porém, estar sempre em busca da verdade, em busca de transmitir conhecimento e manter a sociedade bem informada, instigando as pessoas a não aceitarem tudo como recebem, mas, sim, pensarem criticamente.

## EGRESSO 8

### 1. Cinco primeiras palavras - Jornalismo

Apuração, informação, contestação, chateação e frustração  
[Houve alguma pausa entre contestação e as demais.]

### 2. Chamaram-me atenção essas duas últimas palavras, chateação e frustração. Poderia falar um pouquinho mais sobre elas?

Bem, eu sou um cara que trabalhei bastante tempo em redação, em assessoria de imprensa, e trabalhei em núcleos de pesquisa e agora na carreira acadêmica. Então passei por vários pontos. Quando eu falo de frustração, eu não falo necessariamente frustração com a profissão em si, mas com as possibilidades que a profissão gera para quem trabalha com isso. O como é frustrante... Projeta o jornalista como um peão, quase, informativo. E dentro dessa lógica tu fica frustrado, tu não se sente capaz de conseguir guiar, necessariamente, o que tu entende como bom jornalismo. Chateação porque a profissão, aparentemente, não oferece as oportunidades que o indivíduo ou que eu, pelo menos, gostaria de ter isso faz com que tu tenha que percorrer longos caminhos ou caminhos circulares, circulares não, mas caminhos cheios de curvas para você levar a alguma coisa mais relevante para o que você entende como informação, como profissão. E chateação também porque o jornalismo hoje em boa parte é um jornalismo que eu acho chato, eu acho ruim, mal feito, pouco informativo, com pouca apuração. O que também gera frustração de ter dificuldade, dificuldade não, de perceber necessariamente o porquê de a gente ter um jornalismo ruim mas a frustração de a gente ter, usando essas abomináveis ideias marxistas de não ter o controle dos meios de produção, acho que é isso. Nunca parei para pensar muito nisso.

### 3. Você trabalha atualmente aqui como professor, certo?

Sim, mas não é a minha única atividade. Nem vou dizer que eu considero a minha atividade mais importante. Eu sou professor aqui, tenho uma média de dez horas semanais, eu dou aula em vários cursos. Dou aula de teoria da comunicação... As que eu já dei: Redação jornalística, cultura e sociedade, cultura e comunicação, e as variantes que tem para cada curso, projeto interdisciplinar, tem um projeto para os alunos fazerem prática, narrativas interiorizadas para o pessoal do cinema. Mas, além disso o doutorado, que para mim é a minha atividade principal. Eu também faço freelas educacionais para um grupo que trabalha com educação à distância,

por exemplo, eu escrevi uma apostila, semestre passado, de ética e, como é que é mesmo, legislação e ética jornalística, agora estou servindo como curador de outras duas, uma para métrica e monitoramento e outra que trata de análise crítica da mídia, talvez sejam atividades que sejam mais complementares, mas acabam entrando como uma parte disso.

#### **4. E qual é a sua trajetória?**

Cara, eu quando tava no Ielusc eu fiquei um tempo no Núcleo de Pesquisa em Comunicação lá. Eu já tinha gosto por leitura e teoria, mas lá eu aprendi a sistematizar um pouco melhor. E aprendi que comunicação não era necessariamente o que me interessava no jornalismo. Não era o fazer jornalismo, a prática jornalística, mas era a capacidade, que eu entendia naquele momento, de poder compreender a sociedade ou compreender mecanismos da sociedade. Aquilo que me chamava atenção ali e talvez pude perceber, ainda não de forma clara, mas talvez ele eu tenha tido os primeiros indicativos. Fiquei dois anos também em uma fundação municipal, como assessor de imprensa, mas era estagiário também o trabalho. Quando eu saí do Ielusc eu fiquei de seis a oito meses como assessor de imprensa parlamentar, e eu pedi demissão quando ele me pediram para me filiar. Daí por sorte me surgiu um freela, bem na época, num jornal, de um mês, e de um mês eu fiquei dois, três, e daí eu fui contratado, primeiro como repórter de cinco horas. Acho que em 2009, setembro de 2009. Eu fiquei seis meses no esporte. Aí fui transferido, na verdade promovido, porque era uma vaga de oito horas, para o lugar de um repórter que foi demitido. Aí eu fiquei lá durante cinco anos e pouco na política, até eu pedir demissão porque eles não achavam legal a ideia de que eu quisesse fazer mestrado, então eles não queriam me liberar um dia por semana, mesmo que eu quisesse compensar ou vender minhas férias ou fazer qualquer merda. Eu pedi demissão para fazer mestrado em Floripa, fiz em dois anos lá e aí passei para o doutorado. Aí vai fazer um ano, dezoito meses, que eu fui contratado aqui na faculdade.

#### **5. Essa saída do jornal foi difícil para ti?**

Cara, acho que sempre é... Eu não posso dizer pelos outros, mas eu gostava de fazer jornalismo, eu gostava de escrever política. Sinceramente eu gostava bastante. Eu não achei que eu ia gostar quando eu entrei. Durante a época que eu estava na faculdade eu tentei duas vezes um estágio no jornal, mas aparentemente eu não tenho capacidade cognitiva para passar naqueles testes que tu pega um balão e tem que dizer

o que que é aquilo significa para vida toda. Eu nunca passava nem da primeira fase, então quando eu fui contratado para o jornal foi uma surpresa. Foi uma surpresa que eu realmente me saía bem. E eu gostava muito de substituir os colunistas. Aprendi a gostar muito de fazer coluna. Só que tinha aquela coisa: depois de um certo tempo tu saturou. Eu já sabia as coisas, já conhecia os ambientes, eu já sabia mais ou menos o que esperar dos lugares, e aí aquela visão que eu tinha lá no Necom, de que eu queria compreender um pouco melhor a sociedade, era como que aqueles mecanismos pequenos de uma prefeitura municipal, de uma câmara de vereadores, já não fossem mais suficientes para manter a minha calma, digamos assim. Isso, junto com a ineficiência do jornal em oferecer capacidade de capacitação para tu avançar na carreira, me fizeram querer sair. Só que foi um ano de planejamento. E nesse um ano eu tentei negociar com a empresa um bom tempo antes. Mas quando eu vi que eles não me deram possibilidade para negociar eu comecei a planejar uma saída, financeiramente, que eu pudesse me planejar financeiramente porque eu sabia que eu ia dedicar uma boa parte da minha renda para estudar. Basicamente eu fiquei um ano me planejando para isso.

#### **6. Você diria que o setorismo é limitador?**

Olha, cara, eu não sei. Ao mesmo tempo que eu substituí colunista de política, de cultura, de esporte... Quatro a cinco meses por ano eu ficava substituindo colunistas de áreas distintas. E talvez sim isso valha para outras áreas. Acho, por exemplo, o esporte mais limitador. A política, queira ou não queira, acaba abraçando um pouco de tudo. Então eu fazia matérias dentro do administrativo do JEC, tratando com política, como conseguia fazer dentro de cultura. Não sei, acho que limitador não é questão de... É que é uma cidade pequena, porra. Quinhentos mil habitantes. Tu conhece as fontes, tu já sabe o que que é. Em certo momento cansa. Isso geralmente aliado aqui em Joinville a uma falta de capacidade de tu ter um planejamento de carreira adequado que não envolva tu literalmente deixar o que tu gosta de fazer.

#### **7. Naquele período tu estava satisfeito na profissão?**

Boa parte daquele período estava satisfeito. E depois me cresceu uma insatisfação depois de um momento eu não tava fazendo mais porra nenhuma.

**8. E você se identificava como jornalista naquele período? E hoje?**

Como assim? Sim, sim. Hoje eu me sinto mais pesquisador. Tipo, demora um tempo para se desintoxicar, mas hoje eu me sinto pesquisador, eu gosto de pesquisar, de ler, de tentar publicar artigo, mas necessariamente do que dar aula.

**9. E como você vê as relações entre essas profissões?**

- Eu não sei, assim, porque eu acho que todo mundo cria um roteiro, tenta criar um roteiro adequado, que faça sentido para sua própria narrativa. Então, supostamente, por mais estranho que pareça, vai tentar dar uma organização que faça sentido. Professor eu não vejo muita coisa a ver com jornalismo. Conta com questão talvez de experiências, de períodos que tu já tenha tido na redação, isso acaba te dando um *know how* diferente. Pesquisador tem relação, mas também não tem. Enquanto o jornalismo trabalha contra o tempo, tu diminui as coisas, o pesquisador trabalha com espaço mais alargado, talvez use uma outra técnica, talvez use até hoje a coisa que eu mais me identifico na hora de pensar em jornalismo quando eu olha o como pesquisador é o trabalho escrito. Eu consigo ser mais objetivo e mais prático do que todo mundo, talvez por isso eu consigo publicar mais artigos do que por exemplo... Quando eu falo todo mundo eu falo o pessoal que estuda comigo. Mas eu não sei bem você tem uma relação tão direta assim.

**10. O que te motivou a iniciar o curso de jornalismo?**

Não tenho ideia, cara. Não lembro mais. Não sei, cara, na época eu tentei vestibular, eu tava na dúvida entre direito e jornalismo e eu acho que filosofia. Foi o vestibular que eu passei na UFSC, mas na época meu pai não achava que era uma boa ideia fazer filosofia e direito... Eu não sei porque eu não tentei fazer direito. Não sei direito. Não lembro assim o que que era. Eram as profissões mais ou menos que se encaixavam com o que eu achava que poderia ser interessante. Não tinha nenhuma grande motivação.

**11. Como você via o jornalismo antes de entrar no curso?**

Porra, cara, é difícil tentar lembrar como que eu via naquela época. Não tenho ideia, cara. Acho que eu era muito inocente naquela época. Faz o quê, uns 14 ou 15 anos. Sei lá, cara. Como eu já estou... Jornalismo de TV, sei lá... Um jornal, nada disso. Não sei recordar mais que isso, cara.

**12. Você diria que todo o teu conhecimento do jornalismo que foi formado enquanto você estava na faculdade?**

Sim. Não necessariamente pela faculdade. Mas enquanto eu estava lá eu diria que foi a maior parte do meu conhecimento.

**13. E as atividades no estágio e no mercado mudaram muito a tua visão do jornalismo?**

No estágio não ajudaram porra nenhuma. Estágio na fundação era uma vergonha. Trabalhava só com pessoas que não eram jornalistas, então eu não aprendia merda nenhuma, sinceramente. Eu ficava quatro horas lá, tentava produzir, mas era o que eu, no alto do meu terceiro semestre, entendia que poderia ser útil, o que era uma visão bem pouco qualificada. O Necom, na época eu aprendia a ler, a... Ler eu já sabia, mas aprendi a sistematizar conteúdo teórico. Esse tipo de coisa. Mas também não foi um estágio para... Se a gente for falar disso, tinha o jornal. Talvez tenha sido um lugar que, por ter uma série de profissionais junto comigo, notadamente, por exemplo, eu trabalhei muito tempo ao lado de um profissional, e aquilo acabou auxiliando bastante num *upgrade*. Ver como funciona o fazer mesmo no dia a dia. Mas até eu sair da faculdade eu me sentia bem frio. Bem cru, mesmo.

**14. Como você vê o jornalismo que é oferecido hoje na cidade?**

Uma bosta. Não tem porra nenhuma. Assim, eu vejo, o A Notícia morreu. Tem ali meia dúzia de gato pingado. O ND literalmente morreu. Aí tem algumas iniciativas que são levadas mais no fígado. E assim, nada contra pessoas que fazem uma tentativa mais apaixonada de resgate e defesa, como fazem [cita alguns nomes]... Mas aí eu tenho grande dificuldade de simpatizar com pessoas que tiveram dificuldades de se moldar para o próprio jornal. Eu não vejo uma sistematização que pareça ou que lembre um jornalismo diário. Tirando isso aí - e essas são as melhores, tá - tirando isso eu não vejo muitas oportunidades aqui. Talvez o melhor jornalismo de Joinville esteja sendo feito em Floripa hoje. Não sei. É um deserto de notícias.

**15. E quanto ao mercado jornalístico hoje?**

Cara, eu já fui mais frustrado com isso. Mas, quando eu tava no jornal, quando eu pedi demissão, o jornal não era um lugar que estava em crise. Eles estavam contratando. Eu, na época, fui a contramão, de querer sair do jornal. Fui muito criticado por colegas, coisa e tal. Mas o mercado aqui

em Joinville naquela época já me parecia que ia afunilar. Não esperava que tanto. Mas hoje eu acredito que o mercado está muito mais voltado para o que as universidades ainda tem um pouco de dificuldade de oferecer que é a comunicação organizacional, coisa ligada assessoria de imprensa, por exemplo, trabalhos voltados para gestão de mídias sociais, esse tipo de coisa. Acredito que ali tem uma possibilidade de mercado. Mas acho que, ao mesmo tempo que o jornalismo tá reaprendendo o que ele pode oferecer, os professores, os cursos, estão tendo que aprender no meio do caminho. Agora, se tu falar no mercado para mim, hoje eu não sei. Não me sinto necessariamente com medo do mercado. Muito mais porque eu abrir um leque maior de possibilidades para mim. Um resguardo. Não sei se eu respondi a tua pergunta.

### **16. Você gostaria de voltar para o jornalismo hoje?**

Não faço questão, cara. Nenhuma. Só se me pagarem muito bem e mesmo assim não é uma coisa que tá no meu horizonte. Nos últimos cinco anos eu montei uma trajetória acadêmica da qual eu me orgulho e que me fez amadurecer de uma série de formas e me dá outras capacidades que eu não imaginava. Voltar para o jornalismo hoje, claro, como necessidade, nenhum problema, já que é um conhecimento que eu tenho, e algo que eu sei que, mesmo enferrujado, eu daria conta, mas me pareceria um retrocesso e um desperdício de capacidade intelectual para ser utilizada para qualquer outra coisa. Não eu querendo me auto-elogiar, mas acredito que para alguém que foi um, como você é, um investimento do governo federal, de longo prazo, acredito que eu posso ter usos mais úteis do que voltar para o jornalismo.

### **17. Como você acha que seria um jornalismo ideal aqui na cidade?**

Cara, não sei. Eu participei bem paralelamente de um projeto de pesquisa sobre jornalismo, mas aquilo ali também foi uma coisa que não se sabe o que virou. Não sei. Eu acredito que existe a capacidade de ter um jornalismo aqui útil. Algo voltado para um serviço público adequado, eu acho que isso é uma das grandes falhas dos jornais hoje. A gente não entende mais o jornalismo como um serviço público. A gente cobra acesso no jornal e aí espera que o leitor fique pagando por informação que ele nem entende o que é importante ou não, e depois reclamam tanto do WhatsApp. Então talvez tenha que começar por aí. A gente tem que começar a entender quem é esse leitor, quem é essa pessoa, porque essa pessoa tem dificuldade para entender o conhecimento que a gente quer

passar, ou o que é a informação que a gente quer passar. Porque a gente tá tão desacreditado. Por mais estranho que pareça, eu sou um cara que nunca pensou em jornalismo dessa forma... Hoje, literalmente, eu acho que a gente tem que olhar um pouco para o modelo do WhatsApp porque o WhatsApp funciona. Porque as pessoas têm confiança em quem emite a informação para elas. Acho que a gente precisa de uma informação na qual os veículos, o veículo, os jornalistas consigam ser uma fonte de informação que tenha realmente uma ligação com área, com região. Agora, como a gente vai fazer isso aqui em Joinville. Não sei, cara. A gente vai fazer uma coisa cara e dá pouco dinheiro. Sinceramente, não sei, hoje... Precisa, talvez você leia as mesmas coisas que eu, as práticas que dão certo em outros lugares. Geralmente tem um nome importante, o A Notícia, queira ou não queira, é um nome importante. Tem uma capacidade de perceber que a informação, bem apurada, tem valor. Tem uma capacidade de perceber que essa informação também tem que ser ofertada não unicamente como um custo para onerar o indivíduo, mas sim um serviço no qual ele queira se engajar. Nem tava falando do New York Times, talvez aquela iniciativa holandesa do qual, não lembro nome do jornal, do qual a galera agora tem eu acho que 18 mil assinantes, ou 20 e poucos mil assinantes, nos quais os caras participam daquelas coisas para as quais eu não tenho mais literalmente saco nenhum: os leitores participam das pautas, eles discutem... Mas eu não sei se a nossa sociedade tem a capacidade educacional para se engajar dessa forma, para fazer esse tipo de movimento. Eu ainda não sei qual é o modelo ideal para o jornalismo. Eu ainda tenho um pouco de dificuldade para entender qual é o modelo ideal de sociedade. Sinceramente, o jornalismo não é a minha maior preocupação nesse momento.

### **18. O que seria uma sociedade ideal, então?**

O que a gente busca? Independente do seu posicionamento político, a gente passa por um acirramento de posições muito forte. A gente vive um embrutecimento de uma classe que a gente tem dificuldade para entender quem é e que, muitas vezes, a gente em certo ponto não quer compreender porque tu acha ela simplesmente ignorante, que ela não quer entender que o que tu faz é importante. Como que a gente consegue construir que uma universidade tem valor? Como que a gente consegue construir que uma educação tem que ser plural e não voltada para a religião? São discussões difíceis de fazer, de certa forma, às vezes, eu penso que a gente precisa destruir as coisas – aí buscando Nietzsche, de certa forma, base teórica

que eu tenho – de certa forma as vezes parece que faz sentido o que ele fala de que tem que demolir as coisas para reconstruir de novo. Então, já que a gente está nesse desastre, no meu ponto, um desastre de sociedade que vai vir pela frente. Acho que está na hora de a gente começar a pensar num projeto. Eu vejo muita gente colocando aquelas bagaças de resistência no Facebook e ok, eu acho interessante colocar tudo isso, mas me parece que é muito pouco para um indivíduo que quer ser algo apenas resistir a algo. Eu quero não só resistir, eu quero propor algo. Ah, mas como propor algo? Não sei ainda. A gente tem que construir coletivamente, a gente tem que começar a entender esse povo de uma forma diferente, mas a gente também tem que começar a se entender como papel. A gente não consegue se organizar como pequenas associações. Vamos pegar o jornalismo, porque nenhum tipo de grande jornal tá na mão realmente de jornalistas? A gente não tem capacidade de se organizar como profissão. Não tem capacidade de vincular a nossa... Como classe, no caso. Não tem capacidade de adquirir e sustentar um jornal ou ter jornalistas propondo jornalismo. A gente não tem capacidade mais de fazer projetos políticos tão claros. Hoje talvez o modelo mais claro que eu veria de uma sociedade ideal para a gente aprender, seriam as lições de Portugal, onde tem uma esquerda que percebeu que não adianta ficar em pauta identitária, embora elas sejam relevantes, mas isso tem que ficar atrelado para discutir questões que são interessantes para a sociedade. Então, por exemplo, quando a gente olha o movimento da Marielle, Marielle presente, a gente se transformou ela em tudo, menos no que ela é, um ser humano. Ela era lésbica, ela era ativista de direitos humanos, homossexual, não sei o quê, não sei o quê, não sei o quê. A gente foi reduzindo, reduzindo, reduzindo até ela se tornar identitária para cada classezinha. Daí beleza, ela pode ser usada e chutada da forma como ela foi e no fim a gente esqueceu de dizer; “olha, ela é um ser humano que era vereadora e foi morta”. E a gente acabou excluindo isso das discussões. A nossa incapacidade de propor projetos está, por mais que seja incrivelmente louvável, a incapacidade de mostrar, por exemplo, que um movimento brilhante de mulheres na rua teve como título “Ele Não”. Então, em vez de tu falar sobre o quê tu está propondo, você só está dizendo o que não quer. O tempo inteiro. Uma publicidade gigantesca para um indivíduo que não merecia nenhuma. [suspiro]. Eu não sei assim, é muito difícil a gente pensar um modelo de sociedade e quando parece que as propostas, o jogo democrático, que pelo menos é a sociedade que eu me sinto confortável para viver, onde eu posso falar as barbaridades

dentro do aceitável, ela é posta em jogo pelas próprias regras que a gente entendi como aceitáveis. Mas se eu for pegar o Nietzsche, assim o Nietzsche fala, ou pelo menos é a forma como eu vejo ele, sobre os agonísticos. O Nietzsche em algum momento ele tá falando de democracia e república e ele diz que mesmo quando colocado um inimigo contra um adversário, o inimigo como aquele que quer destruir o adversário, aquele que quer apenas vencer o outro, se, digamos, a democracia for o adversário e qualquer outro tipo de sistema for o inimigo, se a democracia não consegue sustentar as suas bases dentro das regras, dentro daquele jogo que ela mesmo propõe, ela não merece existir. De certa forma, por mais triste que eu esteja... A gente não tem nenhum motivo para brigar por ela ou conseguir mostrar que ela tem valor? Se a gente não tem capacidade para mostrar que ela tem valor para mais da metade da população. [silêncio] Acho que a gente tem mais é que se foder mesmo. Então eu acho que o primeiro ponto é... Hoje eu me sinto numa ideia de esquerda da qual eu priorizo mais igualdade entre os indivíduos e um número maior de oportunidades, igualdade quando eu falo é acesso à informação, acesso ao conhecimento, acesso a oportunidade de trabalho. Então acho que no primeiro momento é preciso parar de discutir, não pautas identitárias, mas isso não pode ser só as coisas que movem a esquerda. Parece que esse é o debate dos últimos dez anos. A gente tem que começar a transformar e defender com mais clareza... É feio defender o Estado. Por exemplo, a gente quer um estado mínimo mesmo, “ah, a gente quer um estado que ofereça serviço”. Parece que a esquerda tem vergonha de falar isso. Parece que a esquerda tem vergonha de dizer que lutar pela igualdade não é ser socialista. Ou se for socialista na visão do oposto, de dizer: “então eu quero ser socialista”. Falar esse tipo de coisa mas abertamente, é difícil isso? Pode ver, é uma série de divagações. Não tenho nenhuma resposta concreta para isso.

### **19. Jornalismo deve monitorar os poderes estabelecidos como um cão de guarda?**

Sim. Acho que é a função dele. Espero que eu tentava fazer.

### **20. E qual é a função do jornalismo?**

Ah, cara. Eu entendo como a função do jornalismo encontrar essas brechas, o não dito. Hoje, por exemplo, a cobertura da cidade é ridícula. Não sei merda nenhuma do que está acontecendo na Câmara de Vereadores. No meu tempo eu gostava de estar lá para fazer matérias,

porque eu sempre encontrava matérias em rachaduras que davam para ser discutidas. Acho que o jornalismo de verdade é o jornalismo político, o jornalismo crítico que é feito na política, o que é tentado se fazer na política. Isso deveria ser replicado para outras áreas do jornalismo. Ah eu acho uma merda e quando eu vejo ali no esporte vejo aquelas merdas de matéria de entretenimento em vez de esporte ou que a cultura se tornou assessoria de imprensa para eventos, não mais crítica de eventos. Ou que economia é puxação de saco de um monte de empresas... Não mais discute como aquilo agride ao meio ambiente, como aquilo gera ou não emprego. Acredito que o sistema crítico que é feito para política, e malfeito na maioria dos casos. Não estou dizendo nem que eu fazia bem feito, nem nada disso... Mas uma tentativa de fazer uma cobrança. Isso eu acredito que deveria ser generalizado. É essa função de ver serviço de uma forma crítica e aberta. Mas aí tu tem que gostar de crítica.

**21. Se o jornalismo de política puxasse essa vertente crítica, você crê que as demais áreas do jornalismo seguiriam esse modelo?**

Acho que não. Não porque o esporte vende porque tu faz entretenimento. Economia vende porque os caras anunciam. Então, para fazer isso, nesse momento, só se a gente tivesse um financiamento que não viesse das empresas, e hoje o modelo que a gente tem aqui não é esse. A menos que a gente tenha algo que seja mais financiado por indivíduos e nem que seja um jornal que tenha clareza ideológica, digamos, se for esse um problema, ter aqui um jornal de esquerda, ou um jornal de direita, desde que dentro de premissas jornalísticas aceitas e adequadas. Não aquelas merdas que a gente anda vendo por aí. O que eu digo por premissas básicas: Informação, realidade... Dá para fazer um jornalismo crítico de direita, sem partir pra mentira, e dá para fazer um jornalismo crítico de esquerda sem partir pra a mentira, simplesmente apontando informações, incoerências. E talvez seja isso, a gente ter uma clareza ideológica desde sempre, aberta, simples, e daí talvez a gente encontre um financiamento mais claro. De pessoas que estejam dispostas a receber uma informação que não necessariamente venha dizer o que tu quer, mas que sejam alinhadas com os teus desejos e aspirações enquanto sociedade. Talvez se conseguir vincular isso de uma forma mais clara seja um caminho.

**22. Assessoria de imprensa é jornalismo?**

É difícil. Pode ser em alguns casos. Acho que em vários não é. Você tá disposto como assessora mentir para outro jornalista? Tu acredita que

todo assessor de imprensa é sincero, um bom jornalista? Eu pressuponho que não. Pressupor. Se eu pressuponho aqui não e eu pressuponho que a atividade jornalística é uma busca pelas brechas, é um serviço público que deve ser prestado à sociedade, se eu for entender dentro disso eu posso entender como um comunicador, mas talvez não como um jornalista. E não quero desmerecer a profissão dele, nada a ver, nem quero desmerecer a tua profissão, não acho isso. Não teria problema de trabalhar nisso. O ponto é que eu acredito que tem que ser feito uma diferenciação, porque não necessariamente o cara tá ali para prestar informações com clareza. Ele tá pra defender um lado bem claro. E para defender esse lado ele tem algumas premissas como omitir informações, guardar outras, por aí vai. Talvez não seja a definição mais clara, talvez um comunicador social fique mais adequado, ou qualquer outro tipo de imprensa, digo, de nome.

### **23. Você diria que só se aprende jornalismo na prática?**

Não. Acho que a faculdade contribui bastante. Principalmente com leitura e visão de mundo. Visão de mundo vem do que? Não só dos professores, mas as leituras que tu recebe e claro, assim, tu aprende o... Porque tu aprende na fábrica é igual hoje e vai trabalhar de peão na Döhler. Tu não vai saber o saber específico daquilo ali. Tu vai aprender com os caras fazendo ali do lado. Agora, a clareza de pensamento que tu precisa ter, a capacidade de perceber o que é real, o lado certo, a capacidade de discernir quando é uma informação qualificada ou não, isso vem de antes. Um macaco bem treinado faz jornalismo. Se for esse caso de só treinamento. É por isso que a gente tem tanto merda fazendo merda por aí, porque não tem uma formação adequada.

### **24. Existe algum veículo que você entenda como referência de bom jornalismo?**

Cara, eu leio um monte de coisa. Eu gosto da Folha em algumas partes, mas é difícil gostar da Folha quando ela abre espaço para o revisionista lá, o Narloch, pro Kim Kataguri. E não que eu não acho que deva dar espaço, nós não dá para dar espaço e depois vir dar uma de paladino da democracia, mas ela pratica um jornalismo adequado na maioria dos casos. Acredito que o El País praticam bom jornalismo, talvez um dos melhores. Valor Econômico muitas vezes é bom. Aqui em Santa Catarina não gosto de porra nenhuma, nem do Zero Hora. Gazeta do Povo eu acho uma vergonha. O Globo eu leio muito pouco porque o acesso é proibido. Eu consigo falar desses momento, mas se eu for pegar de fora tem vários...

O Políticos, por exemplo. The Guardian. Eu treino meu inglês lendo material do The Guardian e do The New York Times. Esses são bons.

### **25. O que é, para ti, ser jornalista?**

Considerando que eu já tenho dificuldade em me identificar com a prática, seria alguém que tenta... [suspiro] Acho que tem um pouco a ver com a questão de o que é ser pesquisador. Tentar mostrar ângulos de uma informação, não ângulos de uma informação, aspectos da sociedade que não são bem compreendidos. Pode ver, não estou falando de precisão, de certeza... Porque eu não acredito necessariamente nisso. Eu acredito que todo o jornalismo guiado por subjetividade o tempo inteiro e isso se transfere, mesmo que ele tenha critérios jornalísticos claros. Eu acho que os critérios tem que ser mantidos, assim como a subjetividade tem que ser assumida. Então acredito que o pesquisador também faz isso, quando tenta mostrar coisas que não são claras para a sociedade e que podem dar uma nova percepção sobre os eventos e ajudar uma população ou indivíduos específicos a compreender melhor os lugares em que eles vivem. Acho que ser jornalista é isso. Mas acho que isso dialoga um pouco também com o que eu entendo como ser pesquisador. Talvez eu já esteja confundindo um pouco as coisas.

## EGRESSO 9

### 1. Cinco primeiras palavras - Jornalismo

Informação, comunicação, reportagem, conhecimento e curiosidade.

### 2. A palavra curiosidade apareceu poucas vezes nas entrevistas. Quería que você desenvolvesse um pouco mais o que você quer dizer com ela.

Eu acho que o bom jornalista é aquele que é curioso. Eu acho que a partir da curiosidade de saber questionar, saber fazer a pergunta correta para que a resposta não acabe num sim ou não. Acho que esse é o segredo para um bom trabalho do jornalista, para desenvolver tanto uma redação ou qualquer forma de informação, porque hoje a informação não é mais só texto. Não é mais como antigamente. Acho que a curiosidade é o segredo do jornalista para ele poder desenvolver bem a sua profissão. Se ele não é curioso ele não vai conseguir avançar.

### 3. Você se identifica atualmente como jornalista?

[silêncio] Eu sim.

### 4. E você trabalha atualmente como jornalista?

[risos] Olha, aí depende como a gente identifica o jornalista. Hoje eu trabalho com comunicação. Até porque eu acho que - eu não sei se isso vai entrar depois nas tuas perguntas - hoje o jornalista, o jornalismo por si só, ele tá se transformando, está se reinventando. E o jornalista já não pode mais ser só um jornalista. Ele tem que ser um comunicador como um todo. Uma época atrás, quando eu saí um tempo do jornal, fui trabalhar só como assessora de imprensa foi quando eu comecei a perceber bem isso. Quando eu queria fazer uma proposta para alguém para fazer só assessora de imprensa - só aquela produção de textos - as pessoas não queriam mais contratar esse profissional. Elas querem um comunicador. Querem alguém como um todo. Então depende como a gente vai definir jornalista nessa questão. Porque eu acho que eu sou uma jornalista, eu me identifico como jornalista, mas hoje muito mais do que jornalista eu sou uma comunicadora, até pela função que exerço hoje, uma função mais de gerir uma equipe de comunicação.

### 5. Quando você fala de gerir uma equipe de comunicação, qual visão você tem de comunicação ao gerir uma equipe?

Eu acho que é nessa linha de comunicação integrada. A gente tem que parar de pensar a comunicação só por um viés, ou o viés do jornalismo ou o viés de relações públicas ou de publicidade e propaganda ou até marketing – porque hoje em dia o marketing, no conceito de vendas, tá muito dentro do conceito de comunicação, eles se integram um ao outro – então eu acho que gerir uma equipe de comunicação é isso, é você conseguir integrar todas as áreas da comunicação e fazer a informação chegar ao destino. É você definir o público-alvo e os vários destinos que você quer e através dessa comunicação integrada você conseguir fazer com que a informação chegue da forma correta. Porque comunicar não é aquilo que eu quero falar, comunicar é aquilo que o outro entende daquilo que eu falei. Eu acho que tá aí o segredo de a gente conseguir fazer de forma realmente bem integrada.

### **6. Qual é a sua trajetória profissional?**

De experiências que são fora da área de comunicação eu tive só. Uma quando tava na faculdade, quando eu entrei na faculdade. Eu atuei pouco tempo, mas foi dois anos. Dois anos? Um ano e meio. Como auxiliar de professora de educação infantil. Depois eu trabalhei, eu acho que deu meio ano, em biblioteca. Aí trabalhei com clipagem. Trabalhei lá também quase um ano. E depois de lá foi para o jornal. No jornal eu fiquei como estagiária, foi quando abriu a possibilidade de estágio, não existia até então, não se era permitido fazer estágio quem cursava comunicação, principalmente jornalismo não se podia fazer estágio. Aí foi quando teve um acordo, em Santa Catarina, dos meios de comunicação com o sindicato, e daí se abriu essa possibilidade, aí fomos eu e outro estudante alguns dos primeiros a ingressar nesse projeto de estágio. E daí eu comecei a trabalhar como estagiária no jornal. Aí eu fiquei seis meses como estagiária. Porque daí eu concluí o curso e não podia mais continuar. E aí eu fui contratada pelo online do jornal. Mas naquela época era diferente, não era como é hoje. Aliás, era bem antes da aquisição do jornal. Então não existiam essas plataformas digitais, não existiam as redes sociais na internet, não existia nada disso. Então era bem diferente, a gente mais que... Os outros grandes sites de notícias informação, com quem a gente tinha parceria, a gente copiava e jogava no site a informação. Daí ali eu fiquei um ano. É, deu um ano. E depois desse um ano no online do jornal eu fui efetivada como repórter. Nesse jornal eu fiquei uns... No total deu oito anos, acho. Daí passei pela parte de Cidade, de Geral, e a maior parte do tempo fui repórter policial. Saí dali porque

eu tive os meninos pequenos, os meus dois meninos. Então fiquei dois anos na empresa da família, um centro de educação infantil particular. Aí eu fiquei uns dois anos e meio ajudando na parte administrativa. Saí dali e voltei a trabalhar na área, porque eu não aguentei ficar longe do jornalismo, da comunicação em si. Foi quando eu fui trabalhar em outro jornal. Aí eu trabalhei nesse jornal, fiquei lá um ano e meio eu acho. Fiquei um ano como repórter de política. Aí voltei a sair e fiquei um ano trabalhando por conta na questão de assessoria de imprensa mesmo. Fiz mais assessoria de imprensa voltada para área empresarial. Fiquei um ano como autônoma trabalhando. Foi quando o jornal me chamou de novo para eu assumir como editora de política. Eu assumi como editora de política, mas fiquei poucos meses e aí me chamaram e fizeram uma proposta para eu trabalhar no órgão público. E desde 2015 eu estou aqui.

### **7. Me chamou muita atenção quando você disse que não aguentou ficar longe do jornalismo. Poderia falar um pouco mais dessa, como poderia dizer..., saudade?**

É que quem faz jornalismo, quem gosta da profissão mesmo... A gente até brinca que o jornalismo é uma cachaça. Quando tu se identifica e a gente gosta. Eu sentia muita falta da correria do dia a dia, de buscar informação, essa curiosidade que eu citei lá no início, que a gente tem de ir atrás, de realmente ter esse contato com o povo, embora que, quando eu saí... No que eu tava fazendo na empresa familiar eu tinha contato com o público, com pessoas, direto. Mas é diferente de você estar como jornalista, como repórter, indo buscar informação, ir atrás e eu acho que é isso que me encanta na profissão, é essa busca de informação. Quando eu comecei a faculdade, quando eu entrei no jornalismo, o celular era muito caro ainda, para fazer ligação, meu celular só era para fazer ligação. Não existia outro recurso para o celular. E no jornal tinham uns dois ou três computadores. Eram 50 pessoas na redação. Tinha só três computadores com internet. Não tinha e-mail para todo mundo, os repórteres não tinham e-mail, nem um geral. Para a gente conseguir a informação a gente tinha que ir até o local. Isso é que eu acho que é legal, que hoje - claro que a gente tem que entender que os tempos são outros, muita coisa mudou - mas o que eu acho legal, e o que me fazia falta ali, o que fez eu voltar, é justamente esse ir até o local, olhar de fato que estava acontecendo, porque eu acho que aí o nosso texto, o nosso conteúdo, ele realmente, ele traz, é mais real, aquilo que realmente aconteceu. Você consegue transmitir melhor no teu texto do que você ouvir por telefone

vou pegar no... Por e-mail então nem se fala. Eu acho que a gente... Quando se faz então uma entrevista por texto. Que você pega as informações por e-mail, por exemplo, você tá fazendo só um relatório. Quando você pega por telefone as informações você já consegue colocar um pouquinho mais o sentimento. Mas você não tem aquele olho no olho. Quando você tem o olho no olho você consegue pegar certas coisas da pessoa que tá te falando e você, você interrompe, você faz outra pergunta, você vê a reação corporal dela, e o corpo fala muito mais, então isso eu acho que a gente consegue transmitir muito melhor num texto ou numa reportagem de televisão ou o que a gente for fazer, num rádio, consegue dar mais veracidade àquilo que você faz. E é isso que eu senti falta, que me fez eu voltar, esse contato, essa busca.

#### **8. Em algum momento você disse que passou a maior parte da sua experiência no jornal como repórter policial. Como você acredita que isso marcou a tua visão do jornalismo?**

Ser repórter policial foi um grande aprendizado para mim. A gente acaba tendo, conhecendo muita coisa. Justamente por essa questão de curiosidade, eu sempre queria saber mais dos fatos. A gente chegava numa ocorrência, e a primeira instituição que está no local quando acontece um fato, que você pega o fato ali, é a Polícia Militar. Que é esse fato ali - que você pegar o relato de uma ocorrência por telefone é bem diferente - um acidente que é a coisa mais básica, eu acho, digamos assim, sem falar quando tem um assalto, um assassinato - se você vai até o local, você percebe uma pessoa escondida lá no canto e vai falar com ela, ela já vai dizer: "Não, eu não quero falar, eu escutei um tiro, eu ouvi um carro saindo mas eu não quero falar". Isso você não vai ter quando você faz uma entrevista por telefone porque por telefone você vai entrevistar a fonte oficial e talvez a mãe da vítima se foi um assassinato, se ela quiser falar. Se você vai no local, tem pessoas ali, e alguém vai falar alguma coisa, o simples fato de a pessoa dizer "eu vi um carro branco sair, mas eu não quero falar isso", tu já coloca na matéria, e já enriquece o teu material. Esse contato é o que foi me enriquecendo mais, e o que me marcou muito, nessa fase, foi essa questão da curiosidade porque eu não me contentava quando eu lia matéria e via assim: "ah, o fulano vai progredir do regime fechado para o semiaberto". Agora então vai ficar na rua e não sei o quê. Eu não me contentava com isso. Então como a gente, naquela época, a gente estava começando a ter mais recurso de busca na internet, então o que eu fazia, eu ligava para um juiz, por exemplo, no

Fórum, como eu acompanhava juris também, e como eu era muito curiosa então eu ligava para um juiz e dizia: "Ah, tu tem meia hora hoje para me atender? Porque eu preciso entender mais o que que é regime fechado, semiaberto, regime não sei o quê". "Ah, tenho". Aí o juiz já separava material, tirava cópia, e ele me dava uma miniaula. Aí depois eu queria entender melhor qual era a função do Ministério Público em determinado caso. Então muitas vezes eu nem usava isso para as minhas reportagens, mas era para conhecimento, porque uma falha no curso de jornalismo - eu não sei se mudou ou não mudou - eu não tive cadeira de Direito. Eu acho que Direito é uma cadeira que você tem que ter por pelo menos dois anos. Dos quatro anos que você faz, por pelo menos dois anos. Porque tudo o que você faz é direito, tudo envolve legislação, se você vai cobrir política, se você vai cobrir a parte policial - os próprios policiais às vezes, na correria, eles acabam não tendo tempo ou como te explicar bem o que que eles querem dizer - e eu acho que isso me marcou muito. Essa busca de saber mais, de conhecer mais. E sem contar a adrenalina que é. E como a gente não ficava na redação, fazia rondas nas delegacias, no presídio e nos postos policiais, em vários pontos a gente pegava o carro e saía rodar. Até para criar esse vínculo com delegados, juízes, para que a gente pudesse ter fontes para construir melhor. E toda essa adrenalina, esse conhecimento que eu fui tendo, fazer reportagem de geral, cidade, eu gostava também, mas não era algo que me encantava porque era algo mais tranquilo, mais calmo, e eu gostava do agito, da correria, da adrenalina mesmo. Não sei se eu te respondi.

### **9. Você percebe alguma diferença entre a cobertura do fato policial e a cobertura de outros fatos?**

Hoje os jornais, os grandes jornais ainda são diferentes, mas os jornais das cidades menores, como é o caso de Joinville, que tá muito restrito, muito pequeno, não existe mais o setorista. Quando eu comecei existia o setorista. A desvantagem de você ser setorista é que você fica com o olhar só para aquilo. Você não amplia o seu olhar, em muitos casos, depende da pessoa também. Você ser setorista te dá a possibilidade de você criar vínculos - no bom sentido da palavra, fonte-repórter, mas não naquele sentido de que vá influenciar no teu texto, na tua produção de texto - mas o vínculo no sentido de que, aconteceu uma ocorrência, a fonte vai te ligar, você vai conseguir buscar uma informação, você consegue informação, você consegue o furo de reportagem. Eu acho que essa é a diferença de você ser um setorista de polícia, de política, de economia, até de cultura.

Agora, quando você faz geral ou faz cidade, você tá muito pelo... Como é que eu posso dizer? É algo muito mais sereno, tranquilo, você vai buscar uma pauta, vê uma situação... Eu acho que essa é a grande diferença. E o setorista, além de você criar essa grande afinidade com as fontes, você tem oportunidade de dar continuidade às suas reportagens. Então você cria memória. E isso falta também no jornalismo hoje. Se a gente vai ler um jornal, você vai ler o fato, o que aconteceu hoje, o factual, mais a memória se perdeu dos jornais. Muito pela rotatividade de profissionais, muito pela redução de espaço dos jornais, mas eu acho legal, por exemplo, você contextualizar economia. Quando tem um colunista é diferente, mas quando é só os textos de reportagem a gente não tem mais essa contextualização, essa memória. A única coisa que se faz hoje em dia é, por exemplo, o número de assassinatos, aumentou ou reduziu. A única memória que se tem são os números. É difícil a gente ver uma reportagem em que traga uma questão social, em que diga porque que numa época muitos homicídios, ou grande percentual acontecia no bairro Fátima, depois migrou para o Jardim Paraíso e porquê que do Jardim Paraíso migrou para o Morro do Meio e o porquê que hoje saiu do Morro do Meio de novo, mas isso tá na memória eu também de quem vive a cidade. E essa questão por um lado melhorou, e por outro não quando se criou o curso de jornalismo aqui. Porque quando se criou, quando eu fiz o curso de jornalismo, uma grande parte dos alunos eram de uma idade já mais velha, porque já atuavam, mas não tinham o curso. E aí começaram a fazer o curso, mas já viviam a cidade. E aí, por ter o curso aqui as pessoas deixaram de sair da cidade e começaram a fazer o curso em Joinville e conseguiam emprego aqui em Joinville. Então, a memória da cidade estava presente. Depois de um tempo, começou a vir muita gente de fora para fazer o curso aqui, e que ficou aqui.

### **10. Como você vê a diferença entre as gerações formadas pelo curso de jornalismo?**

Que pergunta difícil. Olha, o que eu vou te dizer? Na época que eu fiz a faculdade, realmente era muita gente mais velha, que já vinha de uma cultura de jornalismo, e ela sobreviveu ainda durante algum tempo. Era uma cultura em que eu tive dificuldade, e olha que eu sou... Eu não me considero velha, sou nova, mas eu tive dificuldade de me adaptar porque... Acho que até porque eu vim de uma família mais conservadora em muitas coisas. Então, por exemplo, quando eu fiz a faculdade, o que que era o jornalismo, os meios de comunicação, era TV, rádio e impresso. Não

existia outro. Eram esses três meios. Depois vieram as redes sociais. Veio Facebook, Instagram, Twitter, que é mais informativo, e vários outros meios de comunicação. Eu acho que a geração que fez a faculdade comigo, que é uma geração mais velha e que uma parte também já tinha a minha idade - porque eu saí do ensino médio e fui direto para a faculdade - essa geração teve que se reinventar e tem tido que se reinventar em muitas coisas. Já a geração de hoje eu acho que ela já entra na faculdade com um outro olhar, com uma outra visão. Porque eles já são da era digital, eles já estão ali, ele já nascem com o celular na mão, digamos assim, eles já vão buscando outra coisa, eles não buscam o que a gente buscava. A gente buscava a melhor forma de escrever um texto, um grande texto. Texto de duas, três páginas para um jornal. Hoje se você fizer isso ninguém vai ler. Dois mil caracteres já é muito para um texto de jornal. Naquela época cinco mil caracteres você tava fechando um texto de abre. Umas coisas absurdas assim, que a gente vê. Mas a gente teve que se reinventar e se readequar. Acho que aí tá uma das principais diferenças entre as gerações, eu acho.

### **11. A faculdade mudou a tua forma de ver o jornalismo?**

Não sei se mudou a forma de ver. Eu acho que aprimorou muito, até porque eu não tinha intenção de fazer jornalismo. Eu me decidi no último ano do ensino médio, na metade do ano. A minha intenção até então era fazer medicina. Nada a ver uma coisa com a outra [risos]. Mas como a minha família não tinha condições de me manter e não existia ainda medicina aqui na Univille, não tinha condições nem de me manter fora da cidade para pagar uma Federal ou alguma coisa assim ou muito menos uma paga, uma particular, então eu acabei buscando outras profissões, e lendo mais, então eu sempre digo o que eu acabei decidindo fazer jornalismo por acaso... A minha ideia era fazer medicina, daí fui observando as profissões, e eu sempre gostava de assistir Jornal Nacional, porque era normal na minha casa, era corriqueiro, era rotina assistir Jornal Nacional, meu pai toda noite sentava para assistir. Então a gente acabava assistindo junto, tanto é que de repente eu disse: "Ah, vou fazer jornalismo, vamos ver o que vai dar". Até inicialmente pensava em fazer Jornalismo, e tentar Letras também. Como eu passei em Jornalismo nem tentei fazer Letras e fui para o Jornalismo. E quando eu entrei na faculdade de Jornalismo a minha ideia era fazer TV. Fazer jornalismo para fazer TV. Com o passar dos meses eu fui gostando muito da parte impressa e acabei indo para o jornal impresso. Ah, esqueci de falar na

minha trajetória profissional que eu tive um ano em uma emissora de TV, a única coisa que eu não fiz foi rádio. Só que passei na TV. Depois de eu estar... Aí, porque eu consegui trabalhar no impresso, eu nem queria mais TV. Aí, depois de um tempo surgiu uma oportunidade, depois da aquisição do jornal, que a gente começou a fazer uns trabalhos em conjunto, e resolvi fazer essa experiência na TV, fiquei um ano trabalhando na TV, quase um ano. Foi assim que eu decidi fazer o jornalismo. Comecei a fazer e me apaixonei e fiquei.

## **12. Como você vê hoje o jornalismo em Joinville?**

Eu acho que ainda falta muito para a gente chegar num radiojornalismo. A gente vê que tem quem tente, mas aquele radiojornalismo só de notícia não vai ter audiência, a gente sabe, então tem que se adaptar também. Mas eu acho que falta muito ainda. Tem muita ligação com um, com outro, ainda é muito tendencioso algumas coisas. O jornal impresso é lamentável, eu acho, porque os pequenos jornais de bairro ainda é muito jornalismo à moda antiga, não digo nem em relação a texto. Os textos... Realmente eles reduziram muito os textos. Nisso eles tentaram melhorar, mas a forma como é feito, como são feitos os textos, a forma como são... Enfim, o jornal como um todo ele não é aquele profissionalismo do jornalismo em si. É uma forma de fazer jornal. Grande jornal hoje em Joinville a gente só tem um, muito reduzido também, e que eu acho que perdeu muito principalmente essa memória que eu falei antes, que eu acho que isso enriquece muito. A gente não precisa mais trazer memória com grandes textos, dá para fazer de várias outras formas, com infográficos ou pequenos textos, só para lembrar algumas coisas. Eu acho que a gente perdeu muito nesse sentido. Eu acho que em questão de TV a gente tem emissoras - dá pra gente falar das duas maiores - que hoje tem mais jornalismo local, e que tentam fazer algo mais profissional, a RIC e a NSC, a NSC perdeu muito espaço local, e a RIC tem bastante e se aproxima bastante hoje da comunidade, de um jornalismo que tenta aproximar a comunidade, que conversa com a comunidade. Isso eu acho talvez até que seja um avanço do jornalismo. Quando eu comecei a fazer a faculdade a gente via ainda um jornalismo que não estava tão próximo da sociedade. Talvez nisso a gente conseguiu avançar muito. Mas eu acho que o nosso jornalismo ainda é muito distante. Muito distante do povo em si. A gente tem muito a melhorar. Por um lado, é reflexo do que a gente vive. Acredito que em outros municípios também estejam passando por isso. Como a gente tem avançado muito na questão tecnológica, acho que

a gente não conseguiu se reinventar, principalmente o impresso. O impresso tenta migrar para internet, mas ele não sabe de que forma migrar. Então a gente vê que eles tentam alterar as suas plataformas de várias formas, mas não se conseguiu ainda criar uma fórmula, talvez não exista uma fórmula, talvez é realmente se reinventar dia após dia. Mas eu acho que a gente tem muito avançar ainda. A gente tá muito longe do povo, do povo em si, sabe. A gente não tá conseguindo conversar muito com o povo ainda. E quando consegue, a gente foge daquele jornalismo que é o jornalismo sério, não naquele sentido de ser sério, sisudo, mas no sentido de ser sério de passar uma informação realmente correta, de credibilidade. É isso que eu acho que a gente tem que se reinventar. Eu acho que a gente precisa buscar alternativas. Eu também não sei a resposta. Eu acho que é tentar estar mais próximo do povo, mas de que forma? Porque eu lembro que quando eu trabalhava no jornal, ligação para o jornal falando de uma situação da sua rua ou do seu bairro. Quem atendia simplesmente anotava, mas esquecia aquele papel ali jogado, então você voltou à estaca zero. Você deu um passo à frente, atendeu um cidadão, mas você voltou para trás porque você não fez nada com aquilo. Só que, ao mesmo tempo que você pode aproximar mais da comunidade, ir lá, ouvir, entender que aquela demanda ali pode ser a mesma de outra região, você corre o risco de você atender uma vez aquele cidadão ali, aquela comunidade e amanhã vai chover de ligação. A cidade é muito grande, como é que você vai dar voz para todo mundo? O quadro do Jornal do Almoço, aquele, como é que era? JA nos Bairros. Aquele quadro eu acho que é uma forma de você ouvir a comunidade, sem personificar, sem ser uma pessoa numa ligação. Você pode anotar vários recados, você junta eu não faço só do bairro, daquela situação, daquela rua. Por exemplo, temos uma situação de roubo de duas lojas no Centro. Então vamos ver como está o Centro como um todo, vamos fazer algo maior, mais abrangente. Talvez dessa forma a gente consiga aproximar. Há algum tempo atrás, os jornais estavam tentando fazer isso, e agora eu acho que justamente por conta desse avanço da tecnologia, e essa tentativa de se reinventar eles se distanciaram de novo. Essa é uma fuga desse jornalismo sério, que é o jornalismo que passa credibilidade, que você passa informação, mas ao mesmo tempo você está próximo da população. Você está conversando com eles de fato.

**13. Se você tivesse oportunidade, você voltaria esse jornalismo mais clássico?**

Hoje eu me sinto realizada onde eu estou. Eu gosto do que eu faço. Essa experiência de gestão, por mais que seja uma gestão de uma equipe, eu acho que me fez crescer muito também, porque era uma experiência que eu também não tinha. Eu acho que me fez ver muita coisa diferente. Quando eu entrei, de tentar agir de uma forma, e depois ver que o caminho não é esse. De quebrar a cara em alguns momentos, realmente, de reconhecer os erros, isso fez eu crescer muito e fez também eu entender e crescer justamente nessa questão dessa comunicação integrada, de olhar as várias frentes de comunicação, não ficar só ali, bitolada naquele jornalismo clássico. Abriu mais os horizontes. Então hoje eu gosto muito mais do que eu faço por causa da sua possibilidade de estar num guarda-chuva muito maior. De poder ser um guarda-chuva que tem frentes de trabalho. Mas eu não vou dizer que eu nunca vou voltar para esse jornalismo clássico, até porque a gente não sabe o dia de amanhã. E na situação que eu estou hoje eu não sei o que vai ser de mim daqui alguns meses. Então, se eu não tivesse mais condições de ir estar aqui, sem a possibilidade de estar aqui, eu poderia voltar sim para o jornalismo clássico, com certeza. Hoje com muito mais experiência e com uma visão do outro lado. O que eu acho que falta também. Eu digo que todo mundo deveria passar pela experiência de estar no jornalismo diário, naquele jornalismo diário de ter que todo dia fechar uma página, um jornal, ou duas vezes por dia fechar um programa de TV, todo mundo deveria passar pela experiência de assessoria de imprensa empresarial, que te faz também entender muita coisa. Quando você tá só na redação você critica e fala muita coisa porque não entende. E também pela parte política, porque também Quem tá lá do outro lado crítica e fala muita coisa mas não entende realmente como funciona a máquina. E é muito fácil você criticar e falar. E quando você está na parte, por exemplo, de assessoria de imprensa, mesmo, se não passou pelo jornalismo diário você não entende o que que é o deadline, você não entende o time do negócio, você pensa de uma forma mas nem sempre é aquilo. Então eu acho que se todo mundo tivesse oportunidade de passar por todas as áreas eu acho que a gente poderia ter um grande crescimento e aprendizado no jornalismo. Então eu acho que hoje, se eu tivesse essa possibilidade e voltasse para esse jornalismo, eu acho que eu já olharia e lidaria com várias situações de formas diferentes. Até na forma de construir texto, de buscar informação, eu saberia muito onde buscar, como buscar, por que buscar, acompanharia de forma diferente os momentos, as discussões. Por exemplo, acompanhando uma questão política eu acompanharia diferente

as discussões políticas. Uma ocorrência policial eu faria diferente muita coisa. Até porque eu teria que me reinventar em muita coisa pelo atual momento com o que a gente vive hoje. Em quatro anos, você estando longe, muda muita coisa.

#### **14. Alguma vez você já cogitou a hipótese de mudar de profissão?**

Não. Até porque quando eu cogitei mudar eu só fiquei longe e eu não aguentei e voltei [risos].

#### **15. O que é jornalismo para você?**

O que é jornalismo? Eu acho que jornalismo é uma frente de trabalho da comunicação. O jornalismo é muito mais você reportar, contar uma história. Eu acho que em resumo é isso.

#### **16. Assessoria de imprensa é jornalismo?**

Eu acho que o jornalismo é uma parte da assessoria de imprensa. De uma forma geral, nas experiências que eu já tive, o jornalista não está preparado para ser assessor de imprensa. E o relações públicas também não está preparado para ser assessor de imprensa. Eu acho que precisa das duas coisas porque o jornalista sabe reproduzir uma informação, sabe contar uma história, ou pelo menos deveria saber [risos]. E o relações públicas teoricamente tem a parte do relacionamento, do entrosamento, ou deveria ter. Para ser assessor de imprensa você tem que juntar as duas coisas. O relações públicas nem sempre tem um texto que o jornalista tem. E o jornalista nem sempre tem a facilidade de interação que o relações públicas tem. Embora o jornalista precisa de ter essa facilidade de comunicação, de conseguir se comunicar para fazer, só que o assessor de imprensa vai muito além de um relações públicas e de um jornalista. Ele precisa ter um pouquinho de cada coisa. Acho que o jornalismo faz parte da assessoria de imprensa, mas não é assessoria de imprensa.

#### **17. Você diria que só se aprende jornalismo na prática?**

Só se aprende na prática? Não. Acho que só com a teoria você não aprende. Acho que eu inverteria. Só com a teoria você não aprende. Eu acho que você aprende com a prática, com a discussão e o debate e com a teoria. Acho que preciso de todos. Até porque a teoria te fazem entender muitas coisas. A prática te faz o dia a dia. Aquela prática de como buscar informação, de como fazer, mas muita coisa você vai conseguir fazer se você tiver essa teoria, esse histórico.

**18. Você diria que o jornalismo deve monitorar os poderes estabelecidos como um cão de guarda?**

Eu acho que se não tivesse jornalismo – acho que eu estou invertendo todas as perguntas [risos] – a gente estaria muito pior do que está hoje, Brasil como um todo. Eu acho que graças ao jornalismo a gente conseguiu avançar. Mas talvez não seja só o jornalismo porque hoje parece que a sociedade em geral está na cola do jornalista. Porque em vez de a sociedade lutar e buscar aquilo que ela quer. Como as grandes manifestações, sem defender um lado ou outro, A, B ou C, as grandes manifestações que tem no Brasil, em que a gente já viu muito forte, de décadas, são quase como ondas, então vai todo mundo para rua e eu também vou para rua. Porque principalmente hoje, no momento que o Brasil vive, eu acho que antes, lá atrás, a gente teve muito mais mudanças em função disso do que hoje. Hoje, momento que a gente vive... Vamos pegar quatro ou cinco anos atrás, aquelas grandes manifestações que tivemos, 2013, 2014, todo mundo foi para rua, todo mundo manifestou, e era caminhada - aqui em Joinville mesmo - na época eu tava no jornal e acompanhava como repórter. A gente andava quilômetros, mas para quê, meu Deus, para dois anos depois ninguém fazer mais nada? Eu acho que o povo desiste e acaba confiando muito no jornalista. Porque o jornalista vai investigar. Porque o jornalista vai atrás. Se o povo lutasse mais eu acho que a gente poderia avançar muito mais no Brasil, eu acho que o jornalista tem que continuar nessa batida, nessa missão de fiscalizar, mas acho que ele tem que refletir muito na forma que ele está fazendo seus questionamentos por quê a partir desse momento que o Brasil viveu agora nas últimas eleições, e se a gente acompanha as entrevistas que a gente tem visto, tanto em nível nacional, estadual - e estadual eu não digo só em Santa Catarina, digo em outros estados também - os jornalistas vão para o questionamento, vão para entrevista, mas como se estivessem indo para o embate. Eles perguntam: "vai liberar o armamento ou não vai?", por exemplo, eles não perguntam de que forma você vai atuar, como é que você vai agir assim. Você pode perguntar a mesma coisa de várias formas. Quando você vai para o embate você tem uma resposta grossa. Até pelo perfil das pessoas que a gente elegeu, de uma forma geral. A gente teve mudanças em vários estados e no Brasil. E são pessoas que, muitas delas, têm uma postura mais firme. Uma resposta mais grosseira, não que seja certo ou errado, também não estou questionando isso. Então se o jornalista não souber fazer o trabalho dele e ir para o embate, porque tá

todo mundo só indo para o embate, só para o ataque, ataque, ataque, de todos os lados, a resposta vem como um ataque. E aí assim o jornalista não vai conseguir tentar ajudar na construção de uma mudança de fato do Brasil. O Jornalismo é importante, ele tem que continuar agindo como um quarto poder, mas saber se colocar no seu lugar também, porque não é o jornalista que vai salvar tudo, como a gente sempre acha que somos nós que vamos mudar tudo. Mas não é.

### **19. Que valores você diria que são mais importantes para o exercício do jornalismo?**

Isso que a gente acabou de falar, que vai mais do perfil, começa por aí. Porque ter um perfil de ataque não vai levar a nada. Mas você tem que ter, se for transformar isso em valor... Eu acho que tem que se libertar das nossas culturas. Eu não sei como colocar isso nos valores. Porque eu venho de uma cultura, de uma família tradicional, mas na hora de ser jornalista eu não posso carregar isso comigo, eu tenho que ser humilde, tenho que ouvir e relatar todos os fatos.

### **20. O que você acompanha atualmente de jornalismo?**

Sites de notícias. Jornal A Notícia está sempre aberto o site, o portal deles, até por ser local, por ter bastante informações para a gente saber. Os grandes portais de notícias eu dou uma olhada no G1, no R7, para não pegar só de um ou de outro. De site os grandes sites de notícias, olho todos mesmo. Jornal impresso é o olho mais os locais. E telejornal, vez ou outra, assisto até Globo News, até o Jornal Nacional, aí depende o que tem, eu vou zapeando no controle remoto.

### **21. Você viu algum veículo como referência para área?**

[silêncio] Todos têm alguma coisa que é bom ou que não é bom. Eu não sei.

### **22. E você tem algum jornalista em particular que você considera como referência?**

É que aí depende o que a gente vai ver. Um grande veículo tem, a gente olha a Folha de São Paulo. É que a gente tem que olhar hoje o que é mais multimídia. E aí um acerta de um lado ou erra de outro. E grande jornalista, não sei te dizer agora.

### **23. O que é, para você, ser jornalista?**

O que é ser jornalista? Eu acho que é tudo isso que a gente falou. Querer saber comunicar, saber buscar informação, saber fazer as perguntas corretas, e eu acho que ter curiosidade - você disse que quase não ouviu falar essa palavra - eu acho que é ter curiosidade e querer contar histórias. Eu acho que se a gente for ficar só no jornalismo em si, eu diria que é isso: é ter curiosidade, mas aquela curiosidade sadia, e querer contar histórias, saber contar histórias.

**APÊNDICE 5 - Autorização de pesquisa****AUTORIZAÇÃO**

Eu, Silvio L. Melatti, abaixo assinado, responsável pelo curso de Jornalismo da Associação Educacional Luterana Bom Jesus/Ielusc, autorizo a realização do estudo "Configurações de Identidade Profissional de Estudantes e Egressos do Curso de Jornalismo da Associação Educacional Luterana Bom Jesus/Ielusc", conduzido pelo pesquisador abaixo relacionado. Fui informado pelo responsável do estudo sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento.

Joinville, 27 de maio de 2017

Prof. Silvio Melatti  
Coordenador do Curso de Jornalismo  
BOM JESUS/IELUSC

Assinatura e carimbo do responsável institucional

**PESQUISADOR**

Sidney Marlon de Azevedo  
Mestrando - Programa de Pós-Graduação em Jornalismo  
Universidade Federal de Santa Catarina  
sidneymarlondeazevedo@gmail.com  
(47) 996-562-154